

VICTOR LEITE CORDEIRO URURAHY PADUA

## **Como te Conheci**

Monografia apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do título de bacharel em Artes Visuais/ Escultura

Orientador: Prof. Dr. Antônio Gabriel Gonçalves Ewbank

Rio de Janeiro

2019

Esse trabalho de conclusão de curso, intitulado “Como te Conheci”, é composto de duas partes: uma narrativa que conta a história de duas personagens, passando pelas diversas fases da vida, problemas culturais e religiosos, e uma monografia que mostra as ideias e inspirações para a construção do enredo desta mesma história.

## Sumário

Como te Conheci .....	2
Capítulo 1 – Família.....	3
Capítulo 2 – O Lago das Fadas.....	7
Capítulo 3 – Vou com Você .....	12
Capítulo 4 – Somos Heroínas .....	20
Capítulo 5 – Nossa Primeira Missão.....	24
Capítulo 6 – O Ataque dos Lobos .....	28
Capítulo 7 – Confie em Mim.....	33
Capítulo 8 – Eu te Amo, Minha “Flor” .....	38
Capítulo 9 – Pôr do Sol .....	44
Capítulo 10 – Juventude.....	50
Capítulo 11 – Novo Dia, Novas Aventuras.....	61
Capítulo 12 – Os Caçadores.....	67
Capítulo 13 – 5 Anos Depois... ..	75
Capítulo 14 – Independência .....	81
Capítulo 15 – Verdadeira Natureza.....	91
Capítulo 16 – Reencontro Inesperado .....	99
Capítulo 17 – Antes de te Conhecer.....	104
Capítulo 18 – Salvem Minhas Amigas .....	109
Capítulo 19 – Vamos Jogar? .....	120
Capítulo 20 – Dor e Desespero.....	134
Capítulo 21 – Vingança.....	151
Capítulo 22 – Guerra .....	161
Capítulo 23 – Controle .....	177
Capítulo 24 – Selamento .....	189
Capítulo 25 – Despedida .....	203
Capítulo 26 – Novamente com Você.....	219
Capítulo 27 – Festival .....	232
Capítulo 28 – Perdas e Ganhos .....	245
Capítulo 29 – Depois de Você .....	258
Capítulo 30 – Vida .....	267
Vida, Ideias e Outros Dados .....	277
Infância .....	277
Adolescência .....	278
Adulto.....	280

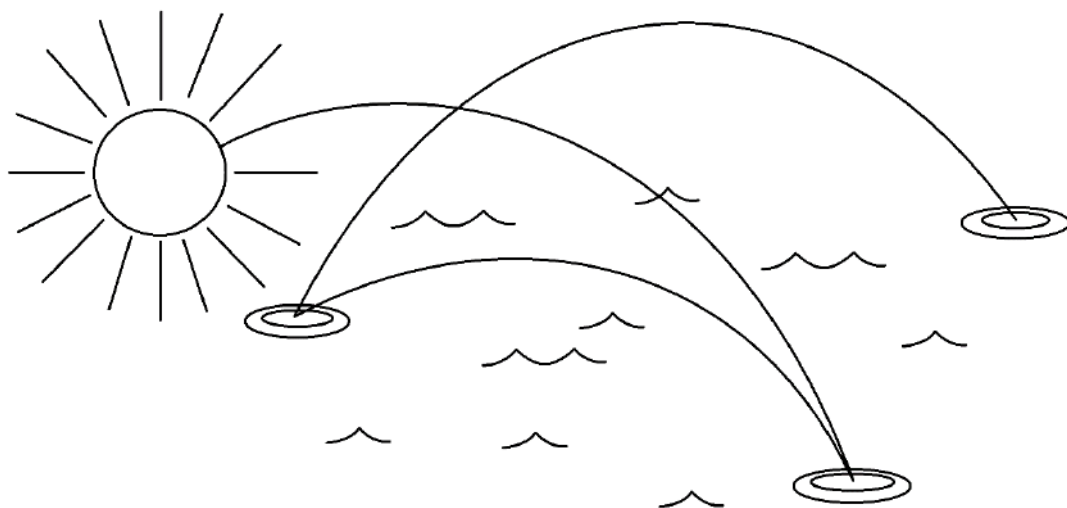
Ideias .....	281
Inspirações .....	283
Relações com Minha Vida .....	284
Resumo da História .....	287
Capítulo 1 – Família .....	287
Capítulo 2 – O Lago das Fadas .....	287
Capítulo 3 – Vou com Você .....	287
Capítulo 4 – Somos Heroínas .....	287
Capítulo 5 – Nossa Primeira Missão .....	287
Capítulo 6 – O Ataque dos Lobos .....	288
Capítulo 7 – Confie em Mim .....	288
Capítulo 8 – Eu te Amo, Minha “Flor” .....	288
Capítulo 9 – Pôr do Sol .....	288
Capítulo 10 – Juventude .....	288
Capítulo 11 – Novo Dia, Novas Aventuras .....	289
Capítulo 12 – Os Caçadores .....	289
Capítulo 13 – 5 Anos Depois... ..	289
Capítulo 14 – Independência .....	289
Capítulo 15 – Verdadeira Natureza .....	289
Capítulo 16 – Reencontro Inesperado .....	290
Capítulo 17 – Antes de te Conhecer .....	290
Capítulo 18 – Salvem Minhas Amigas .....	290
Capítulo 19 – Vamos Jogar? .....	290
Capítulo 20 – Dor e Desespero .....	290
Capítulo 21 – Vingança .....	290
Capítulo 22 – Guerra .....	290
Capítulo 23 – Controle .....	291
Capítulo 24 – Selamento .....	291
Capítulo 25 – Despedida .....	291
Capítulo 26 – Novamente com Você .....	291
Capítulo 27 – Festival .....	291
Capítulo 28 – Perdas e Ganhos .....	291
Capítulo 29 – Depois de Você .....	291
Capítulo 30 – Vida .....	291
Seres, Espécies e Subespécies .....	292
Seres ou criaturas .....	292

Espécies.....	293
Subespécies.....	293
Espécies que Surgiram na História.....	293
Súcubo e íncubo.....	293
Sereias.....	294
Gigantes.....	295
Fadas.....	296
Fadas Elementais.....	296
Relação com os Sete Pecados Capitais e os Dez Mandamento.....	298
Tipos de Fadas Elementais.....	298
Fogo.....	298
Gelo.....	298
Água.....	299
Natureza.....	299
Luz.....	300
Escuridão.....	300
Amor.....	301
Espécies pouco mencionadas.....	301
Arachne.....	301
Centauro.....	302
Gosma (ou limo).....	302
Ciclope Backbeard.....	303
Harpia.....	303
Vampiro.....	304
Cupido.....	305
Elementos.....	306
Primários.....	306
Secundários.....	308
Elementos da Imagem à Esquerda.....	308
Elementos da Tabela à Direita.....	309
Compatibilidade e rejeição.....	309
Ficha técnica dos personagens.....	310
Personagens principais/protagonistas.....	310
Hasuno Hana.....	310
Chisana Kurisutaru.....	311
Personagens principais/antagonistas.....	312

Açougueiro .....	312
Rei demônio .....	312
Personagens secundários.....	313
Rost.....	313
Steven.....	314
Sirena Sirem .....	314
Matheus Montes.....	315
Rogers Martins .....	315
Sérgio.....	316
Estela .....	317
Hino Kagayaki .....	317
Shira Yuki .....	318
Kuroi Hana .....	318
Shiroi Hana .....	319
Rubens.....	319
Katarina .....	320
Jéssica.....	320
Elisa .....	321
Figurantes.....	321
Serena Sirem .....	321
Chisana Koritohi .....	322
Tsuki no Kagayaki .....	322
Yoru no Kage .....	323
Pedro Dontin .....	324
Donald .....	324
Rose .....	325
Anna .....	325
Maria .....	326
Momo e Nono .....	327
Caslo Bento.....	328
Carlos Bento .....	328
Mago Nostalagi .....	329
Pais de Hasuno .....	329
Pais de Pedro.....	330
Referências e Outros Dados.....	331
Referências.....	331

Glossário.....	344
Curiosidades.....	345

# Como te Conheci



Victor Leite Cordeiro Ururahy Padua



## Capítulo 1 – Família

– Bom dia querida – meus pais me acordando.

– Bom dia – eu desejando o mesmo acordando na minha cama.

Era mais um dia em minha casa no vilarejo, como outro qualquer. Acordei de minha cama improvisada com panos velhos sobre chão em minha casa que era mais como um galpão velho e abandonado em que meus pais haviam encontrado como refúgio. Naquela manhã, como qualquer uma outra, comi meu café da manhã ao lado deles: eram alguns pedaços de cascas de pão mofado e água suja do poço. Não era muito, mas era o suficiente para poder sobreviver. Enquanto tentava engolir aquela coisa dura e suja, me dava vontade de vomitar. Mesmo assim, ver meus pais sorrindo ao meu lado, era a melhor coisa do mundo. Nada poderia substituir aquele momento.

– Esta gostoso, querida? – papai sempre se preocupava comigo.

– É pouco, mas eu sei que você entende – mamãe sempre tentava ser positiva.

– Está um pouco duro, não consigo comer – como uma chorona, sempre reclamava da comida.

– Molhe na água que vai amolecer – papai sempre tinha uma solução para tudo.

– E então, está melhor? – mamãe preocupada.

– Uhu! – sempre respondia inclinando um pouco o rosto com um sorriso, os olhos fechados e a boca entupida de comida, enquanto tentava segurar meu choro de alegria e tristeza.

Após comer, meus pais me pediam para ir conseguir comida, enquanto eles tentavam arrumar um trabalho. Antes de sair, enrolava um pano mofado em minha cabeça e ia em direção ao centro comercial do vilarejo. Eu não tinha nenhum amigo ou amiga, também nem podia, pois, minha família mudava de lugar constantemente. Nunca me sentia como uma criança, e sim como uma escrava passando mais um dia para tentar sobreviver as chicotadas sangrentas de seus donos. Minha barriga doía de tanta fome e de vermes que tinha. Mal conseguia andar. Mas olhar para meus pais se despedindo de mim toda manhã, me dava forças para seguir em frente em não cair no desespero.

Chegando discretamente no centro comercial, começava a procurar emprego e comida. Era um lugar sujo e imundo com várias casas e hotéis velhos fedendo a estrume de cavalo, pólvora e carvão. Suas ruas eram de lama e esterco de animais que passavam por ali. Seus moradores vestiam trapos que fediam mais que o seu próprio vilarejo, por conta de doenças adquiridas por suas condições precárias. Mas sempre tentavam manter o otimismo mesmo em dias tão sombrios. Lá eles também tinham muitas crianças pobres que trabalhavam nas lojas em condições muito precárias. O salário era muito baixo, quase não dava

para comprar uma bala de mel, ou nem recebiam, mas mesmo assim sempre tinham um tempo para serem crianças.

Me aproximo da primeira loja. Uma loja cheia de partes decapitadas e esquartejadas derramando sangue de vários animas suspensos por ganchos com pontas cegas enferrujados cheias de moscas a sua volta, como prêmios. Era o açougueiro. Um homem velho, alto, gordo e forte cheio de sangue pelo corpo, usando um avental cinza sobre trapos e que não gostava de crianças.

– O senhor pode me dar um pedaço de carne? – eu pedindo comida.

– SAIA DAQUI! Seu rato imundo! – o açougueiro me expulsando da loja como se eu fosse um animal.

Fui até uma pequena e velha loja com vários pães em exposição. Era o padeiro. Lá tinha um homem aparentemente jovem e magro com uma mulher grávida ao seu lado que eu achei que era provavelmente a sua esposa. Estendi minhas mãos em formato de bacia...

– Podem me dar um pão velho, por favor? – pedi com um olhar de sofrimento.

– Me desculpe, mas mal temos para nos sustentar – respondeu o padeiro com um olhar triste.

Fui até uma senhora que tinha uma barraquinha improvisada com caixas velhas e panos pendurados por quatro varetas no meio da rua que vendia frutas. Olho para aquelas maravilhas com água na boca: maçãs que brilhavam mais que o sol, melancias tão grandes que não cabiam direito em cima das caixas, uvas que pareciam jóias mágicas e bananas grandes e grossas. Tudo parecia incrivelmente saboroso. Quase não conseguia me conter para não pular e comê-las de uma vez só. Mesmo assim mantive controle sobre minha fome e desespero.

– Pare de babar nas minhas mercadorias, seu verme demoníaco! – a velha senhora brigando comigo, mesmo diante da minha situação.

– Me desculpe. Estou morrendo de fome! – eu me contendo para não fazer besteira em sua salada de fruta.

– Você está espantando meus fregueses! Sai logo daqui sua criança imunda! – gritou a velha senhora, enquanto brigava comigo. Pelo menos, ela estava certa sobre um ponto.

Tentei ir na loja ao lado. Na fachada tinham muitos tipos de frutos do mar dentro de caixas de madeira velha cheias de farpas. Lá haviam duas crianças dissecando as pobres criaturas com sangue nos olhos.

– Por favor, me de algo para comer. Estou morrendo de fome! – eu implorando por comida a velha moça da peixaria.

– Me desculpe, mas já temos crianças demais trabalhando aqui – a gentil senhora respondendo com um olhar triste.

– Não precisamos de mais crianças aqui! FORA! – gritou o jovem alto e forte que estava ao lado da senhora. Provavelmente era seu neto ou filho.

Sai um pouco triste, tentando derramar lágrimas de dor, mas estava com tanta sede que mal conseguia derramar uma gota, enquanto perdia as esperanças de sobreviver. Foi quando de repente escutei uma voz me chamando...

– Garotinha, espere! Tome. Não posso ajudar a todos, mas é o que posso fazer – era a velha peixeira me dando uma pequena sardinha fresca.

– O-obrigada! Snif! – Nunca tinha ficado tão feliz na minha vida por conta de uma sardinha.

Olhei para aquela pequena criatura de olhar frio e comecei a chorar. Mas foi o suficiente para me fazer erguer a cabeça e seguir em frente. Nem deu para mastigar de tão pequena que era. Engoli de uma vez só. A sardinha caiu na minha garganta como uma criança caindo em um poço profundo. Mesmo tremendo de fome, fui andando mais um pouco até chegar num homem que parecia ser um jovem marinheiro com sua bandana velha em sua cabeça que vendia grãos e especiarias.

– Pobre garotinha. Tome um pouco disso – sem eu falar absolutamente nada, o gentil homem me entrega um pequeno saco com dez grãos de arroz.

– E tome esta maçã – aceitei sem ponderar, e comi a fruta igual a um cão desesperado por um pedaço de carne.

– Snif! Obrigada – agradei.

Voltei para casa, e vi que meus pais ainda não haviam voltado. Para passar o tempo e esquecer da fome, ficava olhando para o teto, as paredes e tudo que havia ao meu redor, sem pensar em nada.

– Ai, ai, ai, snif – me remoía de tanta dor de barriga. Algumas vezes escorriam pequenos fios de diarreia por minhas pernas. Não suportava meu próprio cheiro de podre, era raro conseguir tomar um banho num lago ou riacho. Sentia vergonha e frio em ficar nua ao ar livre e tentar tirar aquela inhaca de mim.

– Snif. Não aguento mais. Quero morrer – estava prestes a desistir de minha vida, mas quando lembrava do sorriso de meus pais toda manhã, eu conseguia forças e continuava feliz, mesmo naquela miséria.

Já era muito tarde, o sol já havia sumido, como minhas esperanças de receber um “boa noite”. A escuridão da noite toma conta do céu, como meu desespero ao ficar num lugar tão úmido e sombrio. Mas ver suas estrelas iluminando o céu, eram como luz de esperança no meio daquela solidão.

Quando me cansava de esperar, ia dormir torcendo com que eles me acordassem novamente pela manhã. Girava para um lado e para o outro, mas não adiantava. O frio úmido de minha casa era tão forte que meus pesadelos eram como estar presa dentro de um barril cheio de água gelada sem poder respirar. Sempre pensava nos gritos dos moradores da cidade, enquanto urubus

comiam lenta e dolorosamente meu corpo. Às vezes acordava gritando toda mijada com o barulho das goteiras de minha casa que levemente me atormentavam como chutes em meu estomago.

Minha vida foi assim, até que poucos dias depois...

– MONSTROS, MONSTROS, MONSTROS! VAMOS ACABAR COM ELES! – andando pela cidade vi um grupo de pessoas com garfos, tochas e outras ferramentas agrícolas, gritando palavras de guerra. Ignorei e fui andando para continuar a minha rotina de mendiga pedindo esmola. Passando pelo comércio, ouvia comentários sobre uma tal peste que estava atacando as pessoas...

– Já são vinte pessoas mortas só essa semana. O que nós vamos fazer – ouvia mais e mais vezes sobre essa tal peste que deixava as pessoas como múmias magras que era causada por monstros que atacavam pela noite. Preocupada, fui até meus pais...

– Mamãe, papai! O que nós vamos fazer? – perguntei com medo de perdê-los.

– Calma filha! Vamos conseguir superar isso. Eu prometo – meu pai tentando ser positivo.

No dia seguinte, recomeço minha rotina e vou novamente ao açougueiro.

– Sua peste! Já disse que não quero crianças xeretando minha loja! – sem paciência o açougueiro puxa um pedaço de madeira velha e podre de traz do balcão, e começa a correr atrás de mim. Sem forças para correr, caio no chão de lama. Ele me alcança e começa a me bater sem piedade. Seus golpes eram como um chicote sangrento, enquanto seus gritos de ódio eram como os da morte me chamando.

– JÁ DISSE QUE NÃO QUERO CRIANÇAS AQUI! – tentei por minhas mãos sobre a minha cabeça para me proteger. Quando, em um de seus golpes, o pano que estava enrolado em minha cabeça sai.

– DEMÔNIO! DEMÔNIO! – ele gritou bem alto, enquanto me suspendia no ar puxando meus longos e prateados cabelos com muita força, como um animal morto após um dia de caça.

– AAAAH! ME SOLTE, POR FAVOR! – comecei a gritar de tanta dor, até que as pessoas do protesto que estavam ali perto, escutassem e viessem ver.

– Chifres e orelhas pontudas? EU SABIA! SÓ PODIA SER OBRA DOS DEMÔNIOS! – uma senhora gritou no meio da multidão após me jogarem no chão.

– SÃO COMO VAMPIROS: SUGAM A ENERGIA VITAL DE SUAS VITIMAS ATRAVÉZ DE SEXO PARA VIVEREM! SÃO SÚCUBOS! – nesse momento, não sabia o que fazer. Fiquei paralisada de tanto medo que comecei a urinar.

– Verme maldito! Ainda tem coragem de mijar em mim! VAMOS, PEGUEM ELA!  
– gritou o homem que chutava minha barriga.

Ajoelhada no chão, toda cheia de feridas, suja de sangue e urina pelo corpo, fico chorando enquanto olhava para os carrascos a minha volta prontos para tirar minha vida. Fechei meus olhos e esperei. Foi nessa hora, quando tudo parecia perdido. Eis que o mercador que me deu a maçã, entra no meio da briga e me puxa para fugir da multidão enfurecida.

Quando comecei a correr para avisar meus pais que fomos descobertos, o mercador diz que vai ficar para trás para ganhar tempo para que conseguisse fugir. Olho para trás e vejo meu amigo sendo pisoteado e esquarterado. Quando sua bandana cai, é revelado que ele também não era humano.

– VAI, SALVE-SE! VAI... – ele gritou bem alto nos seus últimos suspiros.

Chegando exausta em casa, digo o que aconteceu aos meus pais e saímos imediatamente de lá para fugir mais uma vez.

– ALI, ALI! – era bom demais para ser verdade. Os aldeões haviam me alcançado. Tentamos correr o mais rápido possível até uma montanha ali perto.

– Vamos filha! Mais um pouco! Você consegue! – meu pai tentando ser positivo, mesmo naquela situação.

De repente, o tempo muda e começa a chover, ficando cada vez mais difícil de correr e enxergar o caminho. Correndo numa estrada do lado de um barranco na floresta da montanha, o chão se desloca e caio girando pelo escorrega mortal e me separo de meus pais.

Papai, SOCORROO... – grito desesperada, enquanto caia.

FILHA NÃOO... – essa foi a última vez que eu vi e ouvi meus pais.

## **Capítulo 2 – O Lago das Fadas**

Após parar de cair, me cortando nas plantas e me machucando nas pedras que haviam pelo caminho do barranco, desmaio de tão exausta e ferida que estava após gritar várias vezes – MAMÃE! PAPAI! ONDE VOCÊS ESTÃO!

Quando acordo, percebo que a chuva já havia terminado e começo a caminhar cambaleando sem rumo pela floresta densa e fechada. Tentava chamar por meus pais, mas minha garganta estava seca demais para isso...

– PAPAI! MAMÃE! AH! – andava pela lama da chuva em meio a floresta tentando encontrá-los. Às vezes escorregava na lama ou tropeçava nas raízes das árvores pelo chão, e me escorava nas árvores, pedras ou qualquer coisa que eu achava que pudesse usar para me levantar e recomeçar de novo e de novo minha caminhada sem fim, rumo ao desconhecido.

Após horas de caminhada, percebo uma neblina densa na minha frente e começo a ir em sua direção sentindo um grande frio na barriga. Alguns minutos depois, chego a um lago escondido no meio da floresta. Mesmo meio

inconsciente, eu conseguia ver uma pequena luz pulando sobre o lago com um som de goteira bem calma e suave. De repente, escuto uma risada bem alegre e inocente de uma criança assim como eu – hihi.

– Alguém, por favor, me ajude! – começo a chamar ajuda sem saber, o que ou quem era que estava a minha frente.

De repente, a luz começa a se aproximar e a tomar forma de um humano com olhos de cor vinho e brilhantes, e asas transparentes. Nesse instante, desmaio – P-p-po-or fa-a-vor, me ajudee...

Quando acordo, percebo que estou dentro de uma casa feita a partir do interior de um tronco de árvore. Ainda com dificuldade de abrir meus olhos, percebo que alguém esteve cuidando de mim, enquanto estava desmaiada. Olho para os lados e vejo uma cesta de frutas numa mesinha feita artesanalmente no centro da casa. De imediato, fui descontrolada tentar comê-las, mas meu corpo estava tão frágil que mal conseguia ficar de pé e caio no chão chorando desesperada para comer.

– La la la laaa – de repente, escuto a mesma voz de antes cantando suavemente cada vez mais se aproximando da porta a minha frente. Não sabia o que fazer. Não tinha nem forças para levantar ou gritar por socorro. Quando a porta se abre, um clarão branco ilumina toda a casa. Não conseguia ver. Não sabia o que fazer, a não ser, esperar pela minha morte. Tentei rastejar sem rumo. A luz foi aos poucos diminuindo, até que minha visão se acostumou com a claridade. Vi que era um ser com a mesma altura que eu, num corpo híbrido, como um ser humano de pele branca e clara como a neve, olhos brilhantes de cor vinho, como os de um inseto, orelhas pontudas e cabelos com a mistura de branco com prateado.

– Hey! O que está fazendo! Você ainda não está totalmente recuperada! – de repente, aquele ser começou a falar comigo com uma voz linda de uma criança inocente.

– Venha. Você tem que deitar – ela me deu uma bronca que nem os meus pais, enquanto tentava me ajudar a levantar.

Ela era tão frágil quanto eu, mal conseguia me levar de volta para a cama. Após isso, ela me deu água e frutas como comida. Quando me recuperei e comecei a andar de novo, ainda com dificuldade, ela me leva até o lago em que eu havia desmaiado para tomar um banho junto a ela.

– Pronto. Agora vamos dar um banho em você – ficamos completamente nuas. Com suas leves e delicadas mãos, começou a me lavar em todas as partes do meu corpo, enquanto tentava me animar puxando assunto.

– Quem é você? – perguntou, enquanto esfregava meu cabelo.

Sentia aos poucos minhas feridas se fechando, até virarem cicatrizes e depois sumirem por completo.

– Eu sou Hasuno Hana – respondi meio envergonhada por estarmos tomando banho tão próximas.

– Hihi. Que nome mais engraçado – respondeu com um pequeno e suave riso.

– Significa, “flor de lótus” – um pouco envergonhada, quis informar o significado do meu nome, enquanto escutava aquela linda voz.

– O meu é Chisana Kurisutaru que significa “pequeno cristal” – se apresentou carinhosamente, enquanto tocava levemente meus seios e minha barriga com uma folha.

– Mas, você não é humana? – quando ela disse isso, meu coração parecia sair pela boca de tanto medo dela querer me matar por saber que eu era uma demônia.

– Você é uma súcubo, não é? – fiquei ainda mais surpresa e nervosa por ela identificar tão rápido o tipo de demônio que eu era.

– Por que está tão nervosa? – ela esfrega uma planta branca, macia e arredondada em minhas costas, como uma esponja – Calma! Eu não vou fazer nenhum mal a você! Fica calma, eu sou boazinha – aquele cheiro era muito bom. Me sentia numa plantação de rosas.

– Você não vai me matar, só por que eu sou um demônio? – decidi ser direta.

– Por que eu faria isso? – surpresa, ela respondeu.

– Mas, todos odeiam os demônios – comecei a tremer de medo.

– Quantos anos você tem? – ela tentou ser amigável mudando de assunto.

– Eu tenho dez. E você? – respondi com um pouco mais de segurança.

– Que coincidência! Eu também tenho dez anos – respondeu fechando os olhos, inclinando a cabeça um pouco para o lado, com um leve sorriso.

Quanto mais a gente conversava, mais eu sentia que meu corpo estava mais leve. De repente, vi uma aura escura saindo do meu corpo e indo para a água lentamente, como se estivesse sendo purificada.

– O que é isso? – perguntei espantada.

– Quando alguém toma banho com uma fada nesse lago, tem todas as suas doenças retiradas do seu porco – explicou, enquanto tocava levemente nas minhas costas com uma folha. Sua pele era lisa, suave e um pouco geladinha.

Não demorou muito para parar de sair toda aquela sujeira do meu corpo e me sentir bem fisicamente pela primeira vez na minha vida: sem fome, dores, cansaço, medo ou vontade de morrer. Então decidi continuar a conversa...

– Como você descobriu que sou uma súcubo? – fui direta.

– Hihi. Isso foi fácil. Depois que eu juntei nossos corpos, eu descobri – respondeu com a maior naturalidade.

– Como é que é? Sei que sou uma súcubo, mas ainda sou muito nova para fazer sexo para sobreviver – achei que tinha sido estuprada.

– Hihi. Você não entendeu. Eu fundi nossos corpos em um só para poder te levar para a minha casa. E sem querer, vi suas lembranças – e continuou explicando...

– Você achou mesmo que eu ia conseguir te levar para a minha casa com esse meu corpo frágil – respondeu com a maior naturalidade de olhos fechados, sorrindo e com o rosto um pouco inclinado para o lado.

– Você é o que então? – fiquei curiosa e um pouco nervosa.

– Sou uma fada. Mais precisamente, uma de gelo e fogo. Você não reparou? – olho surpresa sem falar nada por uns segundos.

– Mas, se você é uma fada de gelo e fogo, como você fez para se fundir comigo e como é que você solta fogo e gelo, e cadê suas asas para poder voar – comecei a ficar curiosa e perguntar logo tudo de uma vez.

– Ah! Isso? Bem eu posso esconder as minhas asas e antenas. Olha só – fiquei chocada quando ela mostrou com delicadeza suas asas e antenas.

– Quando toco em algum ser vivo com as minhas asas reveladas, eu posso sentir os seus sentimentos e elas mudam de cor e brilho de acordo com os seus sentimentos – de repente ela começou a falar sobre suas habilidades.

– E minhas antenas servem para rastrear e também para fundir o corpo do indivíduo vivo que estiver próximo a mim e poder compartilhar os poderes, tanto seus quanto meus. Podendo até criar uma nova forma física com o corpo ou corpos de outros indivíduos fundidos ao meu. Mas eu sempre estarei no controle, mesmo que deixe ele ou eles assumirem meu corpo. E essa é a minha forma normal. Sem fogo e sem gelo – explicou passo-a-passo como eram os poderes básicos dela.

– Posso ver como é você nessas formas? – perguntei curiosa.

– Está bem. Essa é a de gelo – de repente, o corpo branco dela foi rapidamente tomado por uma cor azul clara, seu olhos e roupas agora, eram azuis e ela começava a emitir uma aura congelante a sua volta.

– Bruuuu! Que frio! – na mesma hora, toda a temperatura do ambiente em sua volta tinha uma queda na temperatura e eu estava congelando.

– E essa é minha forma de fogo – agora ela estava toda vermelha e um pouco de rosa, seu cabelo agora estava todo arrepiado e em cores de chamas.

– AAAH... QUENTE, QUENTE, QUENTE! – parecia que eu ia torrar naquela água.

– Bem... Tem um terceiro modo. Mas, ele drena minha mana muito rapidamente, quando uso os dois modos ao mesmo tempo – respondeu meio tímida.

– Quando te vi pela primeira vez, você estava como uma luz bem forte pulando sobre o lago – continuei perguntando.



– Ah! Aquilo? – ficou surpresa.

– Nós fadas podemos ficar na forma de uma pequena luz e caminhar sobre as águas – ela então ficou animada.

– Bem, naquele caso, eu estava pulando. Não só podemos andar ou pular sobre a água, como na terra e no ar também quando quisermos. Quando fazemos isso, deixamos uma pequena onda sonora, como se estivéssemos andando sobre a água. E é possível ver essas ondas. Já nossa forma de luz, é só para poder nos escondermos de predadores. Fora que é o meio mais fácil e rápido de se mover – achei incrível quando ela me contou mais sobre seus poderes.

– No início fiquei com um pouco de medo – ela começou a contar como foi me ver pela primeira vez.

– Medo? Pensei que você não tivesse nenhum problema com demônios – estranhei a resposta dela.

– Bem... é que nós fadas somos muito tímidas quando nos encontramos com outras espécies. Pensamos que todas as outras espécies querem nos devorar, matar ou escravizar, e utilizar nossos poderes para o mal – ela explicou um pouco tímida.

– No começo eu achei que era só uma armadilha, mas quando vi suas memórias, percebi que você era uma boa pessoa e que estava precisando de ajuda. E você? Como são os seus poderes? – ela também estava curiosa.

– Bem, nós súcubos somos demônios femininos que se alimentam da energia vital dos seres vivos através do sexo. Podemos entrar, mudar ou criar sonhos, hipnotizando usando nossos olhos. Podemos esconder os chifres, asas e calda. Mas, quando se é uma súcubo jovem como eu, ainda não preciso fazer sexo para sobreviver. Só na puberdade que é necessário. Antes disso, não conseguimos utilizar certos poderes: poder esconder os chifres, calda e asas. Os chifres e calda vem desde o nascimento, enquanto as asas só vêm na puberdade. Cada demônio tem um dom diferente – explicando para ela.

– Que tipo de dons? – ela perguntou.

– Super força, magia e velocidade. Meus pais eram do tipo magia, mas eles estavam tão fracos e desnutridos que nem davam para usar seus poderes direito – expliquei meio triste.

– Nós fadas também temos isso – então ela fez uma comparação.

– Eu sou de fogo e gelo. Tem outras fadas que só de gelo ou fogo. E também tem as da água, natureza, luz, escuridão e amor – e nós ficamos o resto do dia conversando e brincando.

Após aquele dia lindo no lago com ela, fomos dormir. Ela tenta me carrega com seu corpo frágil até sua casa novamente e parecia que iria quebrar que nem vidro.

– Está confortável? – ela me deita em sua cama e me cobre com uma coberta fina e com um travesseiro tão fofo que me sentia encostar minha cabeça numa nuvem.

– Sim – agradeço, como uma criancinha mimada.

– Lalalaaa... – ela vai cantarolando pulando gentilmente até uma folha grande com suas pontas penduradas no canto das paredes, formando uma rede.

– Obrigada – ainda envergonhada, agradeço pela ajuda.

– De nada. Boa noite – ela parecia muito feliz.

– Boa noite – fico com um pouco de medo de sua gentileza.

No dia seguinte, acordo bem devagar, percebo que estava pelada na cama e a vejo costurando minhas roupas que estavam rasgadas, enquanto cantava.

– O que você está fazendo? – pergunto meio sonolenta.

– Hã? Acordou? Bom dia. Estou costurando suas roupas – ela se distrai e espeta seu dedo na agulha.

– Se machucou? – pergunto o óbvio vendo sair uma pequena gota de sangue verde azulada de seu dedinho.

– Um pouco, mas vai sarar – ela responde chupando o dedo.

– Obrigada – agradeço chorando com um sorriso no rosto deitada em sua cama.

– De nada – ela volta a costurar.

Ela parecia saber um pouco de costura, mas se furava algumas vezes. Rimos um pouco ao ver seus descuidos. No final, ela entrega minhas roupas. Pareciam novas.

– Levante os braços – ela tentava me vestir, comigo de pé.

– Ah! – caio no chão.

– Vamos mais uma vez – ficamos tentando me vestir a tarde toda.

– Ficou linda – ela me elogia.

– Agora procure descansar – ela me deita na cama ao ver que eu ainda estava fraca.

– Obrigada – olho para aquele pequeno ser branco que nem um anjo acariciando minha testa.

### **Capítulo 3 – Vou com Você**

Pela primeira vez, eu me sentia como uma criança: pude me divertir e comer bem, mesmo que fossem só frutas ou legumes com minha nova amiga. Também

não fiquei com medo de um ser de outra espécie perto de mim. Eu estava feliz. Mas era hora de procurar meus pais, agora que tinha recuperado minhas forças.

– Então... você vai procurar seus pais? – perguntou preocupada.

– Sim. Estou preocupada com o que possa ter acontecido com eles – respondi a ela.

– Então eu vou com você – respondeu animada.

– Mas... – ela me cortou.

– Sem, mas. E antes que você me pergunte: eu tenho pais e família, sim! E eu já perguntei a eles e posso ir! – respondeu ainda mais animada – Um dia eu te apresento a eles.

– Mas, por que você quer tanto vir comigo? – estranhei a atitude dela.

– Hihi. Poder conhecer o mundo! – respondeu, enquanto voava ao meu redor.

– Antes eu pensava que todas as outras espécies eram hostis, mas depois que eu a conheci, vi que não era bem assim, como nós fadas pensávamos – vi que ela era realmente incrível.

– Nossa! Você é mesmo um espanto! – falei isso, enquanto ela ria de mim e me dava um abraço muito carinhoso.

– E também... é porque você é minha melhor amiga – abracei ela bem forte depois de tanta emoção.

– AHH! Só não me aperte muito por favor. Você é muito forte – Falou quase sem ar, enquanto a abraçava.

– Como assim? – não tinha entendido.

– É bem simples – falou quase sem ar

– Quando me juntei com você, descobri que você era uma súcubo do tipo força. E isso já estava acontecendo desde um pouco antes de nos conhecermos – explicou recuperando o folego.

– Como assim, antes? – fiquei surpresa.

– Quando vi suas memórias e depois você me falou dos poderes ocultos, percebi que você ganhou os seus, pouco tempo depois de completar dez anos de idade – fiquei espantada.

– Não percebeu que sua força ficou um pouco fora do normal? – perguntou como se nós fossemos uma só antes – Não sentiu nenhuma dor nas costas, justo na área das asas?

– Sim. D-digo... não! Mas estava com tanta fome que nem percebi – fiquei realmente de boca aberta.

Quando terminamos de conversar saímos do Lago das Fadas e fomos procurar meus pais. Ela com suas antenas brilhando e fazendo movimentos com as mãos de braços esticados, parecia um tipo de dança, aos poucos ia abrindo o caminho a nossa frente e ao mesmo tempo ia fechando atrás de nós. Me sentia numa bolha de ar passando por aquela neblina densa. Após sairmos da floresta, descemos a montanha e vimos a primeira vila. Pensamos em começar a procurar por lá, mas primeiro tínhamos que arranjar um lugar para ficar e estávamos sem dinheiro. Não sabia como resolver esse problema. Foi quando ela revelou as asas dela e ficou de costas e agachada, para mim...

– Vai... – disse um pouco nervosa.

– Vai o que? – não tinha entendido nada e começamos esse ziguezague.

– Arranca...

– Arrancar o que?

– Vai! Arranca!

– Arrancar o que?

– Arranca logo!

– Não estou entendendo nada.

– Arranque uma parte das minhas asas!

– Como é que é? Você está maluca? – fiquei espantada.

– Não, não! Minhas asas valem muito, e se você as vender, vamos conseguir não só um quarto, como uma suíte – ela falou isso, como se fosse normal.

– M-mas... você não vai poder voar mais! – comecei a me tremer toda.

– Ai, ai. Se eu as recolher e depois as revelar, elas voltam ao normal, como se nada tivesse acontecido – fiquei com receio quando ela falou isso

– Minha subespécie de fada pode fazer isso. Não se preocupe – ela respondia com muita segurança.

Então, com muito medo, tomei coragem e arranquei. Nisso, ela deu um pequeno gemido de dor, enquanto sua asa era arrancada de suas costas. Recolhi alguns pedaços que haviam caído no chão. Logo em seguida, ela recolheu e revelou as suas asas. E elas voltaram ao normal, como havia dito.

– Você está bem? – perguntei preocupada.

– Sim – respondeu um pouco ofegante – Sinto um pouco de dor, mas depois tudo volta ao normal. Como sou um ser que pode mudar de forma, minhas asas, mesmo que quebradas ou arrancadas até a raiz, se regeneram com um pouco de minha mana.

– Essa sua subespécie realmente incrível! – respondi com uma certa culpa, enquanto segurava sua asa esquerda com alguns fragmentos dela em minhas mãos. Estava muito assustada e tremendo de medo ao fazer tal ato.

– Me empreste isso aqui! – ela pegou alguns fragmentos de sua asa, como se não fossem nada e começou a quebrar em mais alguns pedaços.

Fiquei observando como ela era cuidadosa, enquanto modelava aquilo que um dia fez parte de seu corpo, com suas pequenas e delicadas mãos de criança.

– Tome isso – ela me entregou um pequeno fragmento com um formato triangular – Agora você e eu saberemos quando uma estiver bem ou em perigo. É só você ver ou sentir o cristal. Você também vai poder utilizar parte de meus poderes: atirar gelo e fogo ou ver os sentimentos de outros indivíduos.

– Mas por que você está me dando isso? – não sabia o que dizer direito.

– Há! Isso é só nossa prova de amizade. E também, é uma das formas de benção de uma fada. Caso esteja com risco de vida ou com pouca energia, você pode quebrá-lo em seu corpo que sua vida e energia serão restauradas. Caso vire um ser mal, ela vai perder o seu brilho até virar pó e sumir – fiquei tão feliz dela ter dito aquelas doces palavras que dei um abraço nela.

– Só cuidado para não me sufocar – ela explica um pouco sem ar.

– Ah! Desculpe. Ainda não estou acostumada com minha força – respondi em quando a soltava rapidamente envergonhada.

Depois ela me mostrou como quebrar os fragmentos de um modo que pudéssemos manuseá-los e negociarmos. Em seguida...

– Mas, como é que nós vamos entrar na cidade? Os humanos não estão acostumados com súcubos ou fadas! – perguntei preocupada.

– Isso é fácil! – afirmou animada, enquanto revelava suas antenas.

– O que você vai fazer? – fiquei com um pouco de medo.

– Isso! – de repente suas antenas brilharam em sua ponta, e em questão segundos esse brilho veio em minha direção me envolvendo até eu ser sugada para dentro dela, enquanto ela as encostava na minha cabeça. E quando percebi, estava dentro de um espaço vazio com uma janela de luz na minha frente que dava para ver o local em que nós estávamos.

– Onde estou? – pergunte para qualquer direção.

– Está dentro de mim! Ou melhor... Dentro de nós – ela responde, como se fossemos irmãs.

– O QUE É ISSO? – fiquei desesperada.

– Foi assim que consegui te levar do lago até minha casa – respondeu rindo.

– Vou deixar você assumir – ela afirmou.

- Hué? Estou do lado de fora e com o meu corpo? – fiquei sem saber o que havia acontecido.
- Esse agora é nosso corpo. Você pode me pedir para separar nossos corpos e voltar ao normal, quando quiser. É só pedir mentalmente ou falar – ela explicou.
- Mentalmente? – tentei compreender meu novo corpo.
- Sim. Agora somos uma mente coletiva. Meus pensamentos, seus pensamentos. Podemos ver o que cada uma pensa ou rever memórias de cada uma – ela continuava a explicar para que eu não surtasse.
- Mas, e nossas almas? – perguntei com medo.
- Isso é só uma fusão de corpos, não de almas. Tanto é que, quem não estiver no controle pode só observar.
- Está falando daquela sala vazia que estive?
- Sim. Quando fundo mais de um corpo, cada indivíduo tem sua própria visão de sala vazia. Mesmo assim, ainda é possível se comunicar mentalmente com todos os que estiverem fundidos.
- Mas, o que é aquela sala?
- Aqui é a área neutra de sua mente. Tanto que, se você quiser viajar pelas memórias, tanto suas, quanto minhas ou até de mais seres fundidos, sua sala se transformará naquela memória que você quiser ir.
- Se transformar?
- É como entrar num mundo dos sonhos. Um exemplo: tendo você ou eu uma lembrança de um campo de flores, e você ou eu não está assumindo o corpo e não quer só ver essa lembrança, mas quer entrar nela. Então a sua ou a minha sala vira esse campo de flores e ela se modifica de acordo com essa lembrança – ela explicou detalhadamente esse poder.
- Agora estou mais segura – fiquei aliviada.
- Mas lembre-se, eu que controlo tudo nesse corpo. Até mesmo o que você quer ver – me lembrou do que havia me dito antes.
- Agora deixa eu ver aqui. Deixo seu corpo normal, mas o problema são a calda, as orelhas pontudas e os chifres. Bem, vamos eliminar a calda e os chifres. As orelhas vou por igual a de um ser humano. Pronto! Como se sente? – parecia que eu era uma cobaia do jeito que ela falou.
- Um pouco diferente – tentei me acostumar com minha nova forma.
- Não sinto minha calda ou os chifres. É estranho não ter orelhas pontudas – tento pegar nos meus chifres e na minha calda, mas eu só encostava diretamente em minha cabeça e na minha bunda.

– Você não é a única que possui dons especiais. Na minha idade, as fadas da minha subespécie não conseguem mudar todas as partes do corpo quando estão fundidas com alguém. Isso porque meu poder mágico é o mesmo de uma fada adulta. Menos a quantidade de mana máxima que posso ter em meu corpo.

– Mana? O que é isso que você tanto chama de mana? – não sabia nada sobre magia.

– Mana? Você não sabe o que é? – ela pergunta espantada.

– Não – respondo.

– Mana é como a energia vital de todos os seres vivos ou de tudo a nossa volta. Só que ela é a fonte de energia essencial para magos, fadas ou outras criaturas mágicas poderem conjurar seus poderes mágicos. Há dois tipos: mana interna que vem de nós mesmos, e a mana espiritual ou externa que vem do ar ou de outros seres ou objetos inanimados. Como na energia vital, se nós a esgotarmos, podemos desmaiar, ficar fracos ou até mesmo morrer. Cada criatura ou espécie tem seu próprio modo de utilizar mana. O modo mais comum, de liberar ou absorve mana é através de um portal que criamos em nossos corpos. Existem seis tipos elementais de mana que formam o “Circulo Elemental”: fogo, água, ar, terra, luz e escuridão. Entendeu? – ela explica.

– UAU! Que elemento você tem? – fiquei espantada.

– Bem, o meu... ou meus elementos, são: o fogo e o ar. Eles são os meus primários, enquanto o meu elemento secundário é a luz – ela responde.

– Como assim, primário e secundário? – pergunto curiosa.

– Bem, o elemento primário: é aquele que você mais explora ou dobra, enquanto o elemento secundário: você só pode explorar um pouco sem poder dobrá-lo. Eu posso virar luz, mas não posso fazer nada mais além disso com esse elemento. Todas as fadas de minha subespécie podem se tornar luz, menos dobrá-la, enquanto as fadas de luz podem dobrá-la como quiserem. Elas variam de cor para cada tipo de fada elemental. Entendeu? – ela continua a explicar como uma professora.

– E qual o meu elemento? – pergunto dentro da mente coletiva.

– O seu... Deixa eu ver aqui. O seu é a terra – ela responde.

– Terra? Mas eu não consigo manipular terra! Como assim? – fico curiosa.

– Hihi. Calma! O elemento terra não tem só, como característica dobrar terra ou pedras. Ele também pode significar força física. Em outras palavras: a terra é força bruta e sempre determinada a conquistar seus objetivos, enquanto o ar, é seu oposto: suave e puro, porem imprevisível. Fogo é forte, conquistador e orgulhoso, passando por cima de tudo ou de todos para conquistar seus objetivos, enquanto a água é preguiçosa e delicada. A luz guia e instrui, mas por ser orgulhosa, sempre seduz aqueles de mente fraca ou cegos por ganancia,

enquanto a escuridão é oculta e tímida, porém muito vingativa e trapaceira, guardando dor é ódio dentro de si.

– Nossa! E qual é meu secundário? – falo animada.

– Bem, primeiro... seu primário é terra, por isso seu poder mágico é pequeno, mas seu poder físico é enorme – continuamos a conversar, enquanto andávamos em direção ao primeiro vilarejo.

– Mesmo que as súcubos não possuam as mesmas características, elas sempre terão habilidades em comum. Como: a hipnose que é uma magia característica do elemento escuridão. No seu caso, ela é sua secundária junto com as trevas que a define, como um ser demoníaco. Em outras espécies, como: sereias, também é encontrado como secundário, por conta de seus cantos hipnóticos – era meio óbvio, mas eu não sabia nada de magia naquela época.

– Nossa! – fiquei feliz em descobrir mais sobre mim mesma e aprender um pouco sobre magia.

– E então, vamos? – falou ansiosa, cortando o assunto para entrarmos logo no vilarejo.

Chegando no vilarejo percebo que era muito maior e limpo do que qualquer outro vilarejo que já havia visto. Suas estradas eram de pedras quadriculadas, as lojas eram bem arrumadas e limpas, enquanto seu povo parecia ser mais alegre.

– É tão grande! – quase cai de tanto virar a cabeça para trás de tão altas que eram as construções, e também de ficar girando de tanto olhar para tudo.

– Hey, cuidado ai! – Chisana me chamando a atenção mentalmente.

Ficamos olhando tudo no vilarejo. Até que decidimos aonde devíamos ficar.

– Esse parece ser um bom lugar – falei mentalmente.

– Só não precisa ficar falando o que você pensa – ela me alertando.

– Ainda não me acostumei a ficar em mente coletiva – respondi rindo.

Quando entramos na pousada, vimos um pequeno salão de entrada onde tinha umas pessoas descendo ao lado de um lindo balcão de madeira, onde tinha um homem com uma roupa de mordomo tomando conta das chaves dos quartos e administrando a lista de hóspedes.

– Olá. Bem-vinda a Pousada Dois Irmãos da Cidade de Monastel. Posso ajudar?  
– apresentou-se formalmente o homem atrás do balcão.

– Isso daqui é uma cidade? Nunca imaginei que fosse tão grande! – falei da boca para fora sem pensar impressionada.

– Hey! Cuidado com o que você fala – ela me alertando mentalmente de novo.

– Desculpe. Nunca havia conhecido uma cidade antes na minha vida! – desta vez falei mentalmente.



- Há? – O homem não tinha entendido.
  - Há? Sim. Eu gostaria de um quarto – disfarcei, um pouco tímida.
  - Qual você deseja? – perguntou o homem, enquanto abria um livro com a descrição de cada quarto disponível.
  - Tem que ser um discreto e que possamos conversar sem que desconfiem que somos duas – ela falando mentalmente comigo.
  - Que tal este? Parece bem simples e não é caro ou barato demais – falei mentalmente com Chisana.
  - Nós podemos pagar o melhor, temos bastante dinheiro – ela fala, como não se importasse com suas asas arrancadas.
  - Temos que manter a descrição. Não sabemos o que farão se nos descobrirem – explico para ela.
  - Está certo – concordou meio desanimada.
  - Nossa! Como conseguiram isso? – ele perguntou espantado.
  - Eh... Bem... – não sabia o que responder.
  - Não imaginava que eram tão raras assim – ela respondeu surpresa.
  - Aaah...O que vamos fazer? – respondi mentalmente, enquanto desesperadamente pensava em uma desculpa.
- Olho para tudo ao meu redor, e vejo um cartaz que dizia: Ajude-nos a salvar o mundo! Seja um herói e ganhe recompensas em dinheiro fazendo missões. Venha! Aliste-se hoje mesmo! Só procurar um dos Pontos de Guilda do Reino mais próximo de você.
- Ganhei numa recompensa de uma missão de herói que fiz esses dias! – respondi rapidamente com uma cara de confiante, enquanto nós duas estávamos apavoradas por dentro.
  - Que legal! – respondeu o homem com uma grande animação – Deve ter sido uma grande missão para conseguir isso?
  - Não enrola! Se não ele vai acabar descobrindo! – Chisana me alertando.
  - Ah, sim! Foi... Mas, estou muito cansada. Hihi! – respondi, como uma pessoa muito confiante com um sorriso na cara.
  - Sim, sim! Tome suas chaves e bom descanso – ele falou com um pouco de admiração, enquanto nos entregava rapidamente as chaves.
- Tínhamos escolhido um quarto simples. Subimos para o segundo andar e fomos para o quarto no final do corredor. Quando entramos, vimos que era um quarto limpo, com uma cama de solteiro simples e bem arrumadinha com um barril grande com água para tomar banho.

Quando terminamos de ver como era o quarto, nos separamos e pulamos juntas na cama. Rimos um pouco e fomos tomar um banho. Éramos tão pequenas e magras que cabíamos certinho dentro do barril. Não era tão confortável quanto no lago, só que era bom tomarmos banho juntas.

– Bruuu! Que água mais fria! – resmunguei após pôr o pé direito dentro d'água.

– Deixa que eu resolvo esse problema – de repente, as mãos dela ficaram rosas e a água ficou quentinha.

– Aaah... Que água boa! – fiquei satisfeita com a temperatura da água.

– Hihi! – ela sorri para mim com os olhos fechados enquanto nos banhávamos.

Quando saímos do barril, ela se exhibe acendendo uma pequena chama na ponta de seu dedo indicador em sua mão direita, e dispara um fio de chama em direção a pequena lareira que foi o suficiente para uma chama bem forte.

– Que música linda! – logo depois, ela abre a janela e fica observando como era bela a cidade.

– Música? – estranho sua admiração pela noite.

– Ouça – ela estende sua delicada mão me chamando para observar com ela.

– É mesmo. Que musica linda – ficando ao seu lado, percebi o que queria dizer com isso.

– Escute! Que música linda! – acostumada a ficar em lugares fechados, húmidos e aterrorizantes sozinha a noite, sempre ficava triste. Mas, as luzes dos postes eram como vagalumes trazendo esperança na escuridão e revelando as belezas noturnas da cidade.

– Ahh... que linda! A noite canta! – ver o céu estrelado com ela, me fazia ficar mais calma e segura.

– Isso mesmo. A noite canta! – isso até dava um excelente título para uma história de amor.

## **Capítulo 4 – Somos Heroínas**

No dia seguinte, depois de dormirmos abraçadas sobre aquela cama macia, como pelo de ovelha, travesseiros leves, como nuvens e um cobertor quentinho para nos proteger do frio, abro um pouco meus olhos bem devagar e dou bom dia para Chisana, fazendo um leve cafuné em seu grande cabelo macio.

– Oi. Dormiu bem? – aos poucos, ela também abre seus olhos e me diz isso com uma voz bem baixa e sonolenta.

Observar aqueles dois olhos de cor vinho com uma faixa cinza em formato de raio que parecia dividi-los em dois na minha frente, me deixavam muito feliz,

porque era a primeira vez que eu havia dormido com uma amiga. De repente, alguém bate na porta...

– Café da manhã! – uma voz masculina começa a nos informar atrás da porta.

– Já vou! – respondi, enquanto trocamos de roupa desesperadamente.

– Está bem! – respondeu a pessoa atrás da porta.

– O que vamos fazer? – perguntei, enquanto me trocava.

– Deixa comigo! – ela respondeu, enquanto começava a nos fundir.

– Pronto! – respondi após terminar de nos disfarçar.

Abrimos a porta e vimos que era o atendente da pousada com uma grande bandeja com leite fresco, frutas brilhantes e pão quentinho sobre um pano com a logo da pousada estampada. Então ele caminha em direção a lareira e a deixa sobre a mesa que havia ali.

– Se precisar de alguma coisa, é só avisar – o homem saiu do quarto e fechou a porta com delicadeza.

– Obrigada – depois que eu tranquei a porta, desfizemos a fusão e começamos a rir de boca fechada bem baixinho com nossos dedos da mão sobre a boca e com os olhos fechados, uma de frente para a outra.

Pegamos duas cadeiras e sentamos a mesa. Parti o pão ao meio com as mãos e entreguei uma parte para ela. Chisana cria um pequeno copo de gelo com suas mãos rapidamente e despeja atentamente parte do leite dentro dele. Mordemos devagar o pão para poder degustar aquela maravilha. Fomos pegando cada fruta, revezando com o pão e completando com o leite para fazer descer tudo mais suavemente pela cachoeira de nossas gargantas, até repousar em nossas pequenas barriguinhas. Pela primeira vez na minha vida, eu comi bem, e estava satisfeita. Chorei após ter comido com tanto prazer. Chisana então, sorriu e pôs sua mão em minha cabeça e a massageia delicadamente.

Após nos fundirmos de novo, saímos do nosso quarto e desço as escadas, até vermos o homem da recepção de novo...

– Obrigada pela comida – agradei.

– De nada! Mas quem serviu sua comida foi meu irmão gêmeo: Sebastian. Eu sou: Gustaf, gerente da pousada, enquanto ele é quem cuida da limpeza e da comida – respondeu com um sorriso no rosto.

– Hihi! Que legal – respondi sorridente.

– Tenha um bom dia – Gustaf respondeu, enquanto Sebastian entrava pela porta ao lado enxugando um copo com um pano de prato tão branco que a luz do sol refletia sobre ele.

– Olá – cumprimentou elegantemente – Gostou do café da manhã?

- Estava uma delícia! – respondo com o rosto vermelho de timidez.
- Mesmo? Que bom. Tenham um bom dia – e os irmãos acenam, enquanto saímos de sua pousada.
- Andando pela cidade, pergunto a Chisana – Gostaria de se alistar como herói?
- Bem, não sei... – ficou sem saber o que decidir.
- Se quisermos continuar procurando pelos meus pais, temos que ter dinheiro para irmos para vários lugares – expliquei.
- Bem, isso não é problema. É só arrancar minhas asas que não teremos problemas com dinheiro – aquilo me deu tanta raiva que gritei.
- Nada disso! Você não dá valor ao seu próprio corpo, NÃO? – falei em voz alta, e nesse instante, todos a nossa volta ficaram olhando para mim.
- Hihi – sai rindo tentando disfarçar.
- Ai, ai. Ainda não me acostumei com a mente coletiva – falei mentalmente rindo.
- Mas voltando ao assunto. Você é doida?! Você não dá valor ao seu próprio corpo? – dei uma bronca nela mentalmente.
- Mas, por quê? Isso é algum problema? – tentei me segurar para não falar em voz alta de novo. Era a primeira vez que eu dava uma bronca em alguém, principalmente em uma amiga.
- Só porque sou uma súcubo, isso não quer dizer que eu vou me aproveitar de você. Vamos ganhar nosso dinheiro honestamente e assim aproveitar para começar uma nova vida como aventureiras. Não era isso que você tanto queria? – expliquei meio nervosa.
- Sim – respondeu um pouco tímida.

Então fomos procurar pelo Ponto de Guilda. Quando vimos, era uma construção bem grande que parecia um pequeno castelo com um brasão estampado em uma grande bandeira sobre sua fachada acima de sua entrada. Tinha uma grande porta dupla de madeira com um anel em cada lado como maçaneta que estava aberta.

Quando entramos vimos outras construções, e pensamos ser uma cidade dentro da outra. Então fomos para o que parecia um pequeno bar logo à frente. Lá, fomos recebidas por uma garçonete que usava um uniforme bem chamativo. Ela vestia um mini short mostrando suas largas e grossas pernas, uma camisa que mostrava um grande decote que exibia seus vastos seios do tamanho de uma melancia e que segurava uma prancheta em suas mãos.

- Seja bem-vinda! Eu sou Rose. Quer alguma coisa? – perguntou, enquanto eu olhava impressionada para aquelas enormes caixas de leite balançando na minha frente, me deixando sufocada.

– Que-que-queria me-e-e tor-na-nar um herói! D-digo... uma heroína! – afirmei um pouco tímida.

– É sua primeira vez aqui? Você quer saber como uma guilda funciona? – Rose pergunta sorridente.

– S-sim! Quero – ainda estava um pouco nervosa.

– Guilda é uma associação onde são administrados os vários trabalhos exercidos por heróis: guerreiro, mago, arqueiro, espadachim, artesão, vendedor, ferreiro, alquimista, cozinheiro, banqueiro, garçom, dentre outros. Na guilda também é onde são registradas as missões onde os heróis podem fazer para ganhar recompensas, status, títulos e fama. Entendeu? – ela explica.

– Sim – respondo balançando a cabeça.

– Siga-me! É por aqui – respondeu, enquanto a cada passo que dava, parecia que o chão estava tremendo, por conta de um terremoto causado por seus seios balançando.

– Esses humanos não têm pudor nenhum. E depois ficam falando de como nós súcubos nos vestimos – falei com um pouco de inveja.

– Hihi. Calma. Ainda somos jovens. Quando ficarmos mais velhas, nossos corpos irão crescer e ficar bem grandes – Chisana tentou me animar – E de repente, eles até podem ficar maiores do que os dela – mal sabia ela que estava certa sobre isso em relação ao meu corpo.

– Aqui. Bote sua mão sobre o símbolo – rose explicando sobre o objeto estranho a minha frente.

– Só isso? – perguntei.

– Sim. Agora espere o escaneamento – nunca tinha ouvido tal frase em minha vida. Quando o símbolo em que minha mão começa a se iluminar cria um pó brilhante que caía numa espiral em forma de funil, e alimentava um pequeno feixe de luz que saía de uma pequena agulha fazendo uns desenhos numa folha.

– Pronto, aqui está seu certificado de herói – informava, enquanto começava a ler as informações que aquele pequeno pedaço de papel continha.

– Nossa! Incrível! – Rose ficou admirada após ver nossas informações.

– O que foi? – perguntei.

– Você tem muito poder mágico e físico. Fora que possui um grande poder intelectual e possui uma grande facilidade de aprendizado. Sem falar nos seus atributos: fogo, gelo e terra, e suas secundárias: luz e escuridão – explicou quase sem ar – É quase como se você fosse duas pessoas num mesmo corpo. Inacreditável!

– De repente, ela começou a chamar as outras garçonetes – Olhem, olhem! – No mesmo instante, todas as outras pessoas ali dentro do bar escutaram e começaram a comemorar, e nós ficamos meio envergonhadas.

## Capítulo 5 – Nossa Primeira Missão

– Nossa! Você é mesmo impressionante! Podemos sair em missão juntos um dia desses? Quer ir treinar comigo? – essas foram umas das muitas coisas que as pessoas naquele estabelecimento diziam.

– Hã? – de repente, fui tomada por uma multidão a minha volta. Não sabia o que dizer naquela hora, a não ser, sorrir e acenar.

Fiquei toda espremida naquele rebanho que não parava de me perturbar. Quando olho para um lado, vejo uma figura familiar meio embaçada... era um dos aldeões da vila de onde fugi com um tridente nas mãos. Parecia estar gritando alguma coisa... não dava para ouvir direito. De repente, alguém dá um esbarrão em mim, e vejo que era mais um dos aldeões. Esse estava com um sorriso entre os dentes, e parecia estar feliz em me encontrar só para me torturar novamente.

Olho para outro lado e vejo ao meu lado o açougueiro com o pedaço de pau que havia usado para me bater até a morte, entre as mãos – Pensou que ia fugir de mim? – num piscar de olhos, um a um foi virando um dos aldeões da vila que havia fugido.

– MORRE DEMÔNIO! PEGUEM ELA! COMO OUSA URINAR EM MIM? – de repente, comecei a ouvir todas as ameaças daquele dia infernal novamente.

Todos pareciam aos poucos ficarem gigantes e a me olhar com cara de desprezo e ódio – PEGUEM ELA! – as criaturas pulam de uma vez só em minha direção, e me sentia em uma correnteza violenta, enquanto escutava – VAI FUJA! – me vejo em lugar escuro e sombrio com uma luz no fundo. Quando vi, era meu amigo que havia me salvo de uma morte certa, e de novo ele tenta me proteger do povo.

– Eu vou ganhar tempo para voc... – após levar um golpe de uma ponta afiada de um prego num pedaço de pau, uma mancha vermelha começa jorrar dele, cobrindo tudo ao seu redor. Era sangue. Tento correr das pessoas que tentavam me capturar juntamente com a mancha de sangue que dominava toda aquela escuridão. Tudo começa a embaralhar e se tornar formas sem sentido pedindo minha morte.

– Calma! Calma! Eu assumo daqui! – escuto uma voz no meio daquela bizarrice sem fim. Era Chisana me chamando, enquanto tudo quilo sumia instantaneamente e me vejo na sala escura de nossa mente coletiva.

– Descanse um pouco – Chisana tentando me acalmar, enquanto troca de lugar comigo.

– Obrigada – caio inconsciente dentro da sala da mente coletiva.

Após ir para um lugar discreto, Chisana nos separa – Não precisa se preocupar, eu sei de tudo – falou preocupada, enquanto estávamos ajoelhadas de frente para a outra – Sei que você ainda está traumatizada com a sua vida, antes de me conhecer. Vai ser difícil. Mas vamos tentar superar isso. Está bem? – disse isso, enquanto colocava suas mãos em meus ombros.

– Sim. Snif – respondi enxugando minhas lágrimas.

Quando levantei, vi que estávamos num banheiro. Um lugar a princípio, limpo e que cheirava a rosas. Encostamos nossas testa uma na outra e nos fundimos de novo. Só que desta vez, Chisana é quem estava no controle – Deixe que eu assumo pôr enquanto.

– Está bem! – digo isso, enquanto sento ajoelhada e a observo naquela sala vazia da mente coletiva.

Sáimos do banheiro e fomos pedir informações a uma das atendentes usando roupas sem vergonha que ali estavam.

– Como e onde escolhemos as missões? – Chisana pergunta para a mulher que parecia mais uma vaca do que um ser humano.

– Bem fácil. É só ir até o painel ali na parede e escolher uma missão e registrasse nela no balcão inscrição que fica ali. Quando tiver concluído, mostre algum certificado de conclusão ou algo que prove que você a fez e receberá sua recompensa, também no balcão de inscrição.

Então, fomos até o painel e ficamos decidindo...

– Qual escolher? – Chisana perguntou.

– São muitas – fiquei sem saber o que escolher, quando Rose, a atendente que havia criado nossa identidade aparece.

– Já que você é uma novata... que tal estas missões mais simples para iniciantes? – sugeriu a vaca.

– Essas daqui? – perguntou Chisana apontando para o papel pendurado no painel.

– Sim. Elas não pagam tão alto quanto as outras, mas são boas para pegar o ritmo da rotina de um herói – a vaca começou a ficar nos inspirando a seguir uma carreira, como um padre ou um pastor de uma igreja.

– Que tal está? – Chisana perguntou mentalmente.

– Impedir um ataque de uma alcateia a uma fazenda. Recompensa: 100 pts. Pode ser – respondo mentalmente.

– Vamos fazer essa – Chisana responde para a vaca.

– Boa escolha. Venha comigo para te registrar – falou a atendente sem vergonha, enquanto balançava seus enormes seios quase pulando para fora de sua camiseta, enquanto sua bunda parecia nos dar um coice ao rebolar na nossa

frente com aquele mini short, mostrando suas longas e grossas pernas até chegarmos na recepção.

Finalmente, saindo do Ponto de Guilda, fomos em direção ao nosso objetivo com o panfleto da missão em nossas mãos. Olhamos o endereço e vimos que a fazenda ficava no alto de uma colina beirando o mar. Era próxima a cidade, mesmo assim ainda era um pouco longe. Então decidimos pedir uma carona.

– Senhor. Poderia nos dar uma carona, por favor? – Chisana pergunta a um homem numa carroça que levava umas sacolas, puxada por um burro.

– E para onde você vai, minha jovem? – perguntou o homem da carroça com uma cara de “quem não liga”, enquanto parecia mastigar um pedaço de palha em sua boca.

– Vamos fazer uma missão de herói numa fazenda que fica em uma colina a leste daqui, e não sei como chegar lá direito – Chisana respondeu ansiosa.

– Hu?! Uma fazenda na colina, hein? Eu sei onde isso fica – respondeu o homem deitando no acento de sua carroça, enquanto seu chapéu de palha caía tampando seu rosto.

– Acho que ele não vai nos ajudar – fiquei preocupada.

– Sei onde isso fica. Ia lá agora mesmo cobrar uma dívida – respondeu mastigando a palha em sua boca.

– Sério mesmo? O senhor pode me levar? – Chisana parecia ficar mais animada a cada segundo que passava.

– Sim. Pode subir – respondeu o homem se preparando para sair com a carroça.

– Obrigada – Chisana, subiu animada na garupa da carroça.

Alguns minutos haviam se passado e Chisana começa a puxar assunto com o moço.

– O senhor estava vendendo seus produtos na cidade? – ela pergunta curiosa, enquanto o vento do campo a nossa volta batia em seu rosto.

– Sim. Tenho um ponto de venda na cidade. Vendi boa parte da mercadoria. Chegando em casa, minha esposa deve ter preparado o seu famoso ensopado de cenoura, e meu filho deve estar ajudando com os afazeres – parecia delicioso falando daquele jeito.

– Sua esposa e filho? – Chisana perguntou o óbvio.

– Sim. O senhor da fazenda que vocês querem ir ver é meu fornecedor, mas está ficando cada vez mais difícil ele me entregar sua parte no acordo. Por isso, estou indo cobrar essa dívida – ele não falou como se fosse sócio, mas sim com patrão.

– Nossa. Isso deve ser um problemão. Lidar com lobos e cobranças. Isso deve ser torturante – falei em mente coletiva.



Continuamos conversando pelo caminho, onde ele não parava de falar das comidas de sua esposa e de seu filho. Quando, no alto de uma pequena colina avistamos a pequena fazenda ao lado do mar. Era uma construção simples, com pequenas plantações espalhadas pelas pequenas ondas de relevo, e um pequeno galpão onde provavelmente guardavam suas colheitas. Uma pequena fumaça saía da pequena chaminé indicando comida. Estávamos famintas, após ouvir cada tipo de prato de comida que sua esposa podia fazer, e que nossos pequenos estômagos começaram a roncar.

Parando lá, o homem desce de sua carroça andando meio estranho, parecendo um soldado. A porta da casa se abre, e uma mulher de roupas simples e avental sai. Ficamos nervosas ao ver ele se aproximando da jovem moça, pensando que ia dar uma bronca nela. Quando a grande porta do galpão se abre, sai um garoto aparentando ter a mesma idade que nós duas.

- Papai! Papai! – ficamos supressas ao ver que era seu filho.
- Venha cá, meu garotão. Cuidou bem da mamãe? – perguntou o homem.
- Sim! – o menino responde feliz.
- Bom garoto – agradeceu dando um cafuné nele.
- Oi, querido – não tínhamos dúvidas. Aquela era a família dele.
- Como foram as vendas? – perguntou sua esposa.
- Foram bem – respondeu o homem.
- Querido. Quem é aquela garota que veio com você? – perguntou a jovem mulher.
- Ela? Ela é a pessoa que se propôs a nos ajudar a acabar com o problema dos lobos – Chisana sai da carroça pronta para se apresentar, mas sua barriga ronca tão auto que dava para ouvir de longe.
- Hihi. Meu marido contou sobre meus pratos de comida de novo, enquanto conta mentiras de que vai cobrar dívidas com alguém com toda aquela pose! Mas, ele é na verdade um homem gentil e simpático. Sempre faz isso quando dá carona a alguém. Entre. Você deve estar faminta – enquanto nós entrávamos, o garoto ficou olhando desconfiado atrás de seu pai o tempo todo.

Quando entramos, vimos que era uma casa simples com poucos móveis, uma sala, dois quartos e uma cozinha. Sentamos a mesa e começamos a comer, enquanto o garoto não parava de olhar para nós desconfiado.

- Qual é o seu nome? – perguntou a jovem mulher.
- Sou, Chisana – Chisana quase não conseguiu responder de boca cheia.
- Meu nome é Estela, e esse brincalhão é meu marido: Sérgio. E esse é meu filho de dez anos: Matheus – a jovem mulher apresentou toda a família.
- De onde você veio? – Sérgio perguntou.

– Vim de um vilarejo próximo às montanhas – Chisana respondeu uma meia verdade.

– Você não me parece uma heroína forte. Será que consegue dar conta dos lobos? – Sérgio começou a nos testar.

– Pare com isso, querido! Não ligue para ele. Ele só está brincando com você – deu uma leve bronca no marido.

– Que tipo de habilidades você tem? – Matheus perguntou com uma atitude malcriada.

– Mais respeito, meu filho! – não sabíamos quem era a criança: o pai ou o filho.

Era a primeira vez que comia a mesa com tanta gente. Depois daquele delicioso jantar, percebemos que a dívida a que aquele homem bobo e gentil estava se referindo, não era dinheiro, mas sim que era chegar em segurança em casa e ver sua família o receber de braços abertos.

## **Capítulo 6 – O Ataque dos Lobos**

Após terminarmos de comer, Sérgio e Estela explicam o problema com os lobos.

– A três meses que lobos atacam nossa fazenda: matando nosso gado e destruindo nossa plantação de trigo – explicou Sérgio.

– Ficamos escondidos dentro de casa esperando que eles fossem embora – explicou Estela com uma expressão de tristeza.

– São monstros enormes, com dentes muito afiados. Papai tentou lutar contra eles, mas quase foi devorado – Matheus falava timidamente, enquanto tentava se esconder atrás de seu pai.

– E quando eles atacam? – perguntou Chisana.

– Eles... – fala Sérgio.

– Esses filhos do demônio resolvem atacar a noite, quando é mais difícil de ver!  
– Matheus interrompe seu pai na conversa – Eu gostaria de acabar com cada um deles, só para proteger meus pais! Mas ainda não tenho forças e nem idade o suficiente para isso. Um dia, irei ficar forte e ser um grande e respeitado herói que ajuda os fracos e necessi...

– Tá bom! Só que agora esse pequeno herói tem que fazer suas tarefas de casa  
– Estela interrompe seu filho.

– Está bem! Posso ir com você? Eu posso aju... – sem ligar para a ordem de sua mãe, Matheus persiste em seu discurso.

– Vai logo fazer seus deveres! – Estela dava uma bronca, enquanto puxava seu filho pela orelha. Naquele momento, rimos diante daquela cena cômica.

– Bem. Vou te mostrar onde você vai ficar – Sérgio me guia até o seu galpão onde eram depositadas todas as suas colheitas.

– Não temos muito a oferecer, mas espero que goste – afirmou após abrir o portão e nos mostrar seu depósito de grãos – E se precisar se banhar, é só usar esse balde com água do rio aqui do lado.

Depois de nos mostrar tudo, fomos descansar um pouco após a viagem. A noite cai. Chisana e eu batemos papo deitadas em cima do trigo, rindo e brincando, como duas bobas.

– Hihi. Que menino estranho – ri.

– É mesmo. Ele não parava de olhar para mim. Digo... para o seu corpo – ela riu.

– Mas ele parecia assustado – perguntei meio receosa.

– Nunca viu uma menina antes – achei que ele nunca tinha saído dali e visto outras pessoas além de seus pais.

– Ele não parecia confiar na gente – Chisana falou isso, enquanto olhava para o teto.

– E seu pai? – pergunto animada.

– No início ele parecia um cara meio estranho e não ligava pra nada – ela relembra de quando conhecemos Sérgio.

– Ele começou com aquele papo só para que provássemos a comida de sua esposa de qualquer maneira – olhei para ela.

– Mas no final das contas, foi uma excelente comida – ela vira para o lado e faz um gesto circular com o dedo na palha onde estava deitada.

– Huum... aquela sopa de cenoura estava muito boa mesmo! – gritei de boca fechada, enquanto me lembrava daquela delícia – Ele é um bobão, mas também um grande pai de família – ri.

– Sua esposa é o humano mais bonito que já vi em toda a minha vida – ela elogia Estela.

– Sim. Ela é um humano que não fede e nem tem um corpo avantajado quase todo de fora – ri, enquanto botava meus dedos de minha mão sobre minha boca com os olhos fechados.

– Mas, falando de outra coisa. Como vamos lutar? – perguntou cortando o assunto – Eu até agora não vi você usando os seus poderes.

– ... – fiquei sem o que falar.

– Você tem sua força, mas nunca a usou ou nem sabe como usar, né? – ela foi direta.

– Bem... Eu poderia até bater neles, mas... não sei como ativá-los... – comecei a gaguejar.

– Quando quero usar os meus poderes, penso em coisas boas e os canalizo em meu corpo. No seu caso, podem ser ativados com raiva ou a vontade de ajudar alguém. Pode ser também quando tenta aumentar a sua massa muscular – Chisana parecia uma treinadora.

– Pode até ser, mas será que vai funcionar? Sempre fugia ou me encolhia, enquanto urinava de medo – fiquei receosa.

– Bem. Eu nunca vi um ser de modo força como você. Só ouvia histórias de meus pais sobre os vários tipos de dons que cada espécie podia adquirir – contou Chisana.

– Está bem! Vou tentar fazer o meu melhor! – me levantei fazendo uma pose de confiança fechando minhas mãos, enquanto dobrava meus braços para trás com os cotovelos em minhas costelas.

– Eu também, minha “flor”! – ela do nada, me dá uma apelido.

– Sua “flor”? – perguntei curiosa.

– Sim. Não gostou? Combina com o seu nome: Hasuno Hana que significa “flor de lótus”, não é? – perguntou com o rosto levemente inclinado para o lado.

– Já que é assim... Eu também vou te chamar de “flor”! – respondi animada colocando minha mão esquerda fechada em minha cintura e apontando com a mão direita para ela.

– Hihi. Você é engraçada – riu, enquanto colocava seus dedos de sua mão em sua boca fechada.

– Amigas para sempre! – falei animada, enquanto mostrava o dedo mindinho para ela.

– Amigas! – ela junta seu dedo mindinho com o meu, e começamos uma grande amizade que duraria para sempre, como um lindo conto de fadas.

– Hihi – rimos.

– Vamos estar prontas para esses lobos quando resolverem aparecer! Podemos com qualquer um! – ela se levanta fechando suas mãos, enquanto dobrava seus braços para trás com um brilho nos olhos.

– Tá, né? – olho ajoelhada dando um pequeno riso de felicidade.

De repente, ouvimos um ruído estranho do lado de fora do depósito.

– Ahh... – ela grita bem alto pulando em minha direção.

– O que foi isso? – pergunto assustada com ela braçada em mim com os olhos fechados se tremendo toda de medo.

– Não sei! Mas parece que tem alguém nos observando! – Chisana assustada, rapidamente nos funde e sai para ver o que era. Ela abre o portão bem devagar  
– Não vejo nada.

– Deve ter sido o vento do mar – supus sem poder afirmar nada.

Olhamos um pouco ao redor. E voltamos para dentro do depósito para dormir. Antes que pudesse pegar no sono, escuto passos bem longe de nos cada vez mais se aproximando em alta velocidade.

– O que é isso? – ela pergunta com medo e assustada.

– Saiam daqui monstros! Ninguém vai pegar minha família! – começo a ouvir Matheus gritando, enquanto ouço rugidos e grunhidos por toda a parte.

– AAAH... – Chisana grita quando um gigantesco lobo entrar violentamente no galpão com uma cabeça de boi em sua grande e sangrenta boca, enquanto nos encarava no chão grunhindo.

– SAIA DAQUIII! – Chisana estende suas mãos e solta um poderoso feixe de gelo que congela instantaneamente a criatura.

Sem fôlego, sai em direção a casa. Estava cheia de criaturas gigantes que se movimentavam rapidamente pelas sombras destruindo tudo o que viam pelo caminho. Chisana pede então para me preparar para lutar, enquanto nos fundia  
– Como? Eu não sei lutar! – fico nervosa e sem saber o que fazer – Ainda não sei usar minha força.

– Pense em simplesmente socar, e pronto! – ela me encorajando.

– Mas... – no início, eu era muito medrosa por não saber usar ainda meus poderes.

– Vai! É só você lembrar do que falamos. Ative-os com a raiva ou a vontade de ajudar alguém. Tente pensar em aumentar a sua massa muscular. Eu sei que você consegue! – me interrompeu com o seu grande otimismo.

– Não consigo! – falei mentalmente isso, enquanto ela retoma o controle do corpo.

Ela começou a lutar com as criaturas, enquanto eu acordava em minha sala escura da mente. Ela usou várias magias para congelar as criaturas, quando começou a se cansar.

– Estou quase sem mana para lutar. Preciso de sua ajuda! – grita mentalmente comigo, enquanto os lobos continuavam a sua destruição.

– Ahh... – Gritou Matheus caído no chão pelos lobos.

– Nãoooo... – Sérgio gritou, enquanto pulava em sua frente para protegê-lo.

– Socorro! – Estela grita com três lobos a cercando em uma parede.

– Querida! – Sérgio grita para Estela.

– Mamãe! Snif! – Matheus gritando, enquanto começava a chorar.

– Minha “flor”, nos ajude, por favor... – Chisana fala bem baixinho, enquanto fica caída de joelhos vendo a família de Sérgio ser cercada.

– Filha, nos ajude, por favor... – ouço a voz de meu pai.

– Filha, corra... – ouço minha mãe gritando comigo, enquanto me deparo com suas imagens na minha frente correndo. De repente, começa a chover e o chão vira lama e por instinto, começo a correr de mãos dadas com meu pai.

– PEGUEM ELES! – quando percebo, estou dentro de uma lembrança de meu passado de minha fuga com meus pais pela montanha, antes de conhecer Chisana. Caio novamente e me vejo em frente ao Lago das Fadas, e vejo Chisana acenando. De repente, atrás dela surge os aldeões. Tento gritar, mas minha voz não chegava a ela.

Enquanto sorria olhando para mim, o açougueiro corta a garganta dela. Grito de desespero e começo a chorar, enquanto seu pequeno corpo cai diante de meus olhos, chorando enquanto sorria. Os aldeões somem e o sangue de Chisana começa a consumir todo o lago.

Minhas memórias começam a se embaralhar e fico ouvindo todos que conheci falando comigo, enquanto estavam cobertos de sangue pendurados por ganchos sendo vendidos na vila pelo açougueiro.

Pensei que era tudo minha culpa. Então uma luz começou a iluminar minha mente tomada pelas trevas de minha vida. Escuto uma voz tentando falar comigo. Então, me deparo comigo mesma...

– Você é forte. Não desista de seus amigos ou de sua família. Ainda temos um longo caminho pela frente para percorrer. Vamos! Não pode desistir assim tão fácil! – disse eu mesma na minha frente, enquanto estendia sua mão. Pego em sua mão e começo a levitar em direção ao ponto de origem da luz de onde ela, ou eu mesma veio.

– Não vou deixar ninguém mais sofrer por minha causa! – penso positivamente, enquanto eu mesma me abraço.

– Isso! – Chisana passa o controle do corpo, após falar baixinho quase sem forças.

– AHH... – de repente, os músculos de meu braço começam a dilatar, fazendo um pequeno barulho, como uma batida de tambor. Quando parei de gritar, fui em direção aos monstros e comecei a dar uma sequência frenética e descontrolada de golpes.

Aos poucos eliminava os gigantescos lobos, como se fossem moscas esmagando seus crâneos com meus punhos e pés. Quando o restante da alcateia fugiu, vejo que estava cansada e cheia de sangue. Olho para Matheus e seus pais e sorrio.

Sem palavras. Eles se abraçam – Filho! Querida! – Sérgio abraçar sua família e chora.

Dou um leve sorriso, enquanto fico cheia de sangue por meu corpo, em cima de uma poça de sangue coberta de restos dos cadáveres dos lobos.

– Conseguimos! – Grito mentalmente e percebo que Chisana não respondia. Então olho para sua mente e vejo que ela estava desmaiada após ficar sem mana – Descanse minha “flor”, você já fez muito por mim. Agora é hora de eu cuidar de você.

## **Capítulo 7 – Confie em Mim...**

Após a batalha dura batalha, meio ofegante de exausta começo a me aproximar de Sérgio e sua família rodeada de sangue e destruição, bem devagar mancando um pouco. Olho para eles e...

– Vocês estão bem? – pergunto preocupada.

– ... – por um breve momento eles ficam em silêncio e olham um para o outro e depois para mim. Fico com receio de que fiz algo errado.

– Obrigado por nos proteger! – Sérgio fala com lágrimas em seu rosto e me abraça junto com sua família. No final das contas, me senti por um breve momento que estava entre meus pais de novo.

– De nada – agradei com a cara toda ensanguentada.

– Nunca pensei que você fosse tão forte mesmo nesse corpo tão magro e pequeno – Matheus fala isso para me provocar, mas sua mãe lhe dá cascudo bem forte em sua cabeça.

– Por que fez isso? – falou Matheus chorando, enquanto colocava suas mãos em sua cabeça onde sua mãe havia lhe dado o cascudo.

Antes que sua mãe pudesse dar alguma resposta, sinto uma dor insuportável por meu corpo todo. Caio no chão me remoendo de dor, quase, como um chilique.

– Ahh! – gritava muito, reclamando de dores musculares.

– Vamos! Pare de falar mal dela e vamos carregá-la até dentro do depósito! – gritou Estela para Matheus.

– Eu vou arrumar água! – Sérgio começa a se mobilizar para me ajudar.

Aos poucos o garoto e sua mãe conseguem me levar para dentro do depósito. Ainda sentindo muita dor muscular, Estela resolve fazer uma massagem em meu corpo.

– O que é isso? Ela é muito dura! – Estela ficou surpresa quando tocou em meu braço e sentiu que estava muito duro, como pedra.

– Deixa eu ver – Matheus aperta meu braço e sente a mesma coisa – Nossa! Como ela ficou tão dura assim? – falou, enquanto apertava meu outro braço.

– Aqui está a água e o pano! O que houve? – Sérgio não consegue entender o porquê da situação.

– Ela está muito dura! – Estela falou, enquanto tentava apertar minhas pernas – Bem que eu senti que tinha algo errado quando a carregamos.

– Sério mesmo? Deixa eu ver – Sérgio então resolve dar uns pequenos petelecos – Nossa! Mas como?

Meu corpo não parava de doer e continuei a gritar.

– Nunca tinha usado tanto meus poderes antes e agora não sei como voltar ao normal – tentei mentir para manter o disfarce, enquanto me remoía de tanta dor.

– Tente se acalmar e respire fundo! – falou Sérgio – Vamos lá, tente relaxar seu corpo. Se seus poderes são seus músculos, tente aliviá-los! Se acalme! – enquanto me dava conselhos, ele tentava massagear os músculos de meu corpo.

Aos poucos comecei a relaxar e a parar de pensar em socar. Sérgio continuou a me ajudar até que ele começou a sentir meus músculos ficarem normais novamente. A dor havia passado, mas sentia uma leve coceira nas minhas costas e peço para ele ver.

– Não sei o que era, mas não é nada. Só duas marcas de nascença – falou isso após fazer um carinho e por um pano úmido na minha testa.

Desmaiei de tanto cansaço que estava. Pela manhã, acordo e tento falar com Chisana...

– “Flor”! “Flor”! Acorde! – a chamei mentalmente.

– Ai! – resmungou de dor – Oi. Ganhamos? – pergunta ainda meio tonta.

– Sim – respondo mentalmente.

– Não aguento mais. Vamos nos separar para esticar os nossos corpos – imediatamente nos separa.

– Ai! Ai! Que dor de cabeça! – Chisana reclama, enquanto bota sua mão sobre a cabeça.

– Assim está bem melhor! Ficar muito tempo fundido é meio cansativo! – reclamei sentido novamente a dor nas costas.

– É mes... o que você tem? – ela perguntou, enquanto olhava para as minhas costas.

– Não sei o que é, mas Sérgio disse que era marca de nascença – expliquei.

– Deixa eu ver aqui... – Chisana tira minha camisa – AHH! – ela grita, enquanto cai para trás.



- O que houve?! – senti um leve vento, enquanto tentava olhar para trás.
  - Vo-vo-voc-ce-cê – Chisana gaguejou.
  - O que? – fiquei ainda mais preocupada.
  - Su-su-suas a-a-a-asas – continuou a gaguejar, enquanto apontava para minhas costas.
  - Hã? – sinto algo a mais. Algo que fazia parte de meu corpo.
  - Suas asas! Elas nasceram! – ela finalmente consegue falar tudo o que queria.
  - Ahh! Não acredito! Finalmente tenho minhas asas! – comemoro, enquanto começo a mexer minhas asas pela primeira vez com muita felicidade. Elas eram pretas como minha calda e chifres.
  - Sabe o que isso significa? – ela pergunta.
  - Que posso finalmente voar pelos céus! – respondo, enquanto tento dar meu primeiro voo.
  - Bem, é que... – ela fica um pouco tímida.
  - YAHOOO! – a interrompo, enquanto voo por debaixo do teto do depósito.
  - Deixa para lá – ela desiste de falar comigo para não acabar com a minha felicidade.
  - Viu que legal? – paro de voar e damos as mãos.
- Enquanto admirávamos minhas asas novas, a porta se abre lentamente, e Matheus entrar. Ele deixa a bandeja com comida cair no chão e começa a apontar com a boca aberta olhando para nós duas. Demoramos para perceber.
- Vo-vo-vo... – Matheus começou a gaguejar.
  - Hã? – ficamos surpresas quando percebemos que éramos observadas.
  - O que são vocês? Demônios? – reparei que todo indivíduo diferente ou muito diferente dos seres humanos, era sempre chamado ou associado a demônios.
  - Espere, por favor! – falei quase gritando.
  - Ma-ma-mas... – ele cai de costas, enquanto tenta entender o que éramos nós duas.
  - Por favor, não nos entregue! – imploramos ajoelhadas.
  - Esses chifres, calda e asas. Eu sabia! Você é um demônio! – ele estava tão apavorado que não conseguia gritar.
  - Sim. Eu sou sim, uma súcubo. Mas eu não faço mal a ninguém – comecei a chorar.
  - É verdade. Acredite em nós! – falou Chisana.

– Mas você é o que? Tem uma pele branca e clara, olhos estranhos e um cabelo branco com um penteado muito estranho – Matheus se acalma um pouco.

– Hehe. Eu? Eu sou uma fada. Uma de gelo e fogo – ele enxuga suas lágrimas se vai em direção de Chisana.

– Uma fada? E uma súcubo? Vocês são uma combinação bem estranha – ele olha para nós duas quase esfregando seu rosto em nós.

Sempre ouvi dizer que demônios são cruéis, e que torturavam ou matavam por diversão suas vítimas – agora ele estava mais calmo.

– É verdade, mas eu não sou assim – falo um pouco nervosa.

– Sim. Sim. Ela na verdade é uma medrosa e gentil súcubo. Antes de nos conhecermos, ela se separou de seus pais após ser perseguida por aldeões furiosos. Ela também mendigava todo o dia para sobreviver – Chisana explicou tudo a ele.

– Mas você ainda confia nela? Não acha isso tudo uma mentira? – continuou desconfiado.

– Uma de minhas habilidades, é de ver as emoções no coração de cada um. Quer ver só? – ela abre suas asas e se vira de costas para ele. Então suas asas começam a brilhar.

– O que é isso? – Matheus fica novamente desesperado.

– Pelo visto você é uma boa pessoa, mas é um cabeça dura – ela ri graciosamente após ver os seus sentimentos de Matheus.

– Hey! Eu não sou cabeça dura! – ele de repente fica um pouco nervoso – Você fez isso com ela também?

– Sim. Quer ver o passado dela e ver que não estou mentindo? – ela pergunta, e instintivamente revela suas antenas para eles.

– O que é isso? – ele perguntou.

– Isso, é como eu vou te mostrar. Chamo isso de: mente coletiva. Posso te mostrar? – ela pergunta graciosamente para ele.

– Está bem – ele aceita, e em pouco tempo ela o devolve a sua forma normal, depois de mostrar suas lembranças e tudo o que havia acontecido até chegarmos naquele momento.

– Me desculpe por duvidar de vocês. Não vou contar o seu segredo para os meus pais. Eles não iriam acreditar como eu – então ele sai e vai buscar outra bandeja de café da manhã.

– Após tomarmos o café da manhã, nos fundimos de novo para manter o disfarce, e fomos ajudar na reconstrução da fazenda. Ficamos três dias sem um ataque das feras, enquanto Matheus parecia mais amigável a cada dia. Até que no quarto dia...

– Gruunn... AU! AU! – os lobos resolvem atacar pela manhã e nos pegam de surpresa.

– Sumam daqui! – Sérgio gritava.

Então, eu e Chisana começamos o contra-ataque em revezamento. Era mais fácil lutar com eles pela manhã, pois não tinham muitas sombras para se esconder e pareciam estar mais fracos também. Mesmo assim não paravam de lutar.

Eles vão embora de novo, mas sem causar muito estrago desta vez. E nisso tudo, percebemos que eles tinham um ponto fraco. Um deles era maior e mais forte. Todos surgiam dele. Então pensamos que era um único lobo que criava vários clones menores de si mesmo, e que devíamos derrotá-lo para acabar com esses ataques. Então decidimos esperar o próximo ataque.

A noite cai, e fomos comer o jantar de Estela. Enquanto comíamos, me sentia um pouco estranha. Mas disfarcei e continuei a comer. Terminamos, demos boa noite, e saímos da casa de Sérgio em direção ao galpão.

– Arf, arf! – estava cansada, mesmo após comer muito.

– O que houve? – preocupada, Chisana encosta sua testa na minha.

– Desde que eu comecei a usar meus poderes, comei a sentir fome – falo ofegante sem saber ainda o que era aquilo.

– Mas acabamos de comer – ela preocupada.

– Sim! Mas é uma fome que nunca havia sentido antes. É estranho. Não é vontade comer algo... – fiquei tentando adivinhar.

– Não posso mais esperar. Eu ia contar para você quando tinha ganho suas asas, mas decidi não estragar seu momento de alegria – Chisana ficou um pouco nervosa.

– O que que você queria me contar? – fiquei preocupada, enquanto sentia aquela fome estranha.

– Minha “flor”. Isso é o sinal que você está se tornando uma súcubo completa, e é hora de se alimentar – ela foi curta e grossa.

– Não! Não! Nunca pensei que esse dia chegaria. Não quero fazer aquilo com ninguém! – fiquei apavorada.

– Meus pais só falaram disso uma vez, quando perguntei de onde viam os bebês, mas não explicaram como era feito isso: os bebês nasciam de plantas mágicas ao desabrocharem – Chisana fica tímida e me conta aquilo sem perceber que havia caído na mentira de seus pais.

– Eu só vi aquilo uma vez, numa noite em que fiquei sem sono. Vi meus pais fazendo tal ato selvagem bem na minha frente. Gritei muito e tentando correr, pensando que eles iam me pegar para fazer o mesmo, mas depois eles me explicaram tudo. Que um dia, quando estivesse na puberdade e meus poderes

começassem a surgir, eu teria que fazer isso para sobreviver – conto sobre o que tinha presenciado.

– Não! Não! Nã... – caio no chão sentindo fraqueza.

– Calma, aguente firme! Eu... Eu... – Chisana ficou olhando para os lados sem saber o que fazer.

– Eu não quero usar ninguém da família do Matheus! – tento ser sincera no que seriam meus últimos suspiros de vida.

– Tá! Eu te ajudo! Eu tenho mais mana para queimar, então não tem problema!  
– ela se dispõe a me ajudar.

– Mas, essa vai ser minha primeira vez – fiquei cada vez mais nervosa.

– Mas, essa vai ser a minha primeira também – ela fica com a cara toda vermelha, enquanto tenta juntar seus dois dedos indicadores.

– Com você, minha melhor e única amiga? Não! Não! Tem que haver outra maneira... – enquanto eu falava, Chisana toma iniciativa e dá um beijo na boca bem molhado em mim.

– O que foi isso? – pergunto nervosa, enquanto tentava me afastar dela, me arrastando de costas no chão.

– Hum! Isso foi bom! – ela lambe seus lábios babados com satisfação. Até pensei que ela fosse a súcubo e eu que fosse a fada.

– Mas... Mas... – estava sem palavras, quando ela se aproxima de mim e olha nos meus olhos com um sorriso sedutor em seu rosto, enquanto botava sua mão em meu rosto.

– Minha “flor”. Confie em mim... – ela diz isso para mim, enquanto olho que nem uma boba chocada para ela. Nisso, tornamos a nos beijar novamente.

## **Capítulo 8 – Eu te Amo, Minha “Flor”**

– Uhh. Uhh! – Sentindo seus lábios molhados sobre os meus e sua língua penetrante roçando na minha, comecei a sentir uma sensação que nunca tinha sentido antes em minha vida. Era o amor.

Meu coração estava em chamas. Não sabia o que fazer, estava em uma situação onde me sentia bem, mas por outro lado estava apavorada. Violar aquele ser puro, me fez lembrar de quando peguei meus pais transando no meio da madrugada. Isso me fez sentir vontade de parar e chorar.

– Vai sua vagabunda! Vai! – era o que meu pai dizia, enquanto metia seu enorme pênis na vagina de minha mãe, como se fosse um carrasco batendo com um chicote em um escravo, enquanto gritava.

– Vai! Vai! Isso! Isso! AHH! – minha mãe parecia estar satisfeita com aquele ato macabro, com seu corpo todo coberto de suor, como sangue de um boi sendo abatido, enquanto meu pai a segurava pela cintura e enfiava seu pênis em sua bunda com ela de quatro. Eles suavam muito e não paravam de gritar e gemer. Era um verdadeiro inferno.

Naquela noite, atrás da porta do quarto de meus pais, pus minhas mãos em minha boca para não vomitar.

– Não! Não! Se afastem de mim! – corro chorando com medo de ser a próxima.

– Filha, espere! – meus pais percebem que estava os observando, param e vão correndo em minha direção.

– Filha! Filha! Nos escute! – papai consegue me agarrar e me abraçar ainda com seu pênis duro e cheio de esperma, e seu corpo suado.

– NÃOOO! ME SOLTE! – pensei que ia ser a próxima a ser estuprada. Dou uma grande e forte mordida nas mãos de papai, mas eles conseguem me acalmar.

– Desculpe, por não te contar como nossa espécie vive. Você ainda é muito nova para fazer... digo... você ainda é muito nova, não necessita disso para sobreviver – meu pai explica tudo mesmo com suas mãos sangrando após eu a ter mordido.

Começando a lembrar daqueles momentos, e começo a soar. Chisana logo percebe.

– Eu te amo, minha “flor” – ela diz isso com um olhar penetrante e sedutor, ajoelha, enquanto colocava sua mão em meu rosto.

De repente, todas aquelas lembranças somem e começo a entrar no clima. Avanço nela e fico de quatro sobre ela, enquanto ela fica deitada olhando para mim com um sorriso tímido, com seu rosto vermelho.

– Eu também te amo, minha “flor” – digo isso também com o rosto vermelho de felicidade e timidez.

– Uhuh! – Voltamos a nos beijar. Minha bunda fica empinada, enquanto nossas línguas se entrelaçavam.

Viramos e trocamos de lugar. Chisana começa a acariciar minha barriga. Sua mão vai subindo lentamente e apertando meus pequenos seios retos e planos como os dela.

– Você é tão macia... – ela põe sua língua entre meus peitos e começa a lambê-los.

– Ah! – Dou um leve gemido, após ela apertar meus mamilos. Então, Chisana começa a escorregar lentamente sua mão gelada até minha barriga e depois até minha virilha, no meio das minhas pernas até chagar em minha vagina.

– Ah – sinto seus leves e penetrantes dedos entrarem, e acariciarem meu corpo. Era como receber facadas em minhas costas. Sentia muita dor, mas era uma dor diferente e nova para mim. Era o prazer.

– Você é deliciosa. Está gostando? – ela pergunta lambendo todo o meu corpo.

– AH! AH! – ela então começa a enfiar e a retirar com delicadeza seus dedos de minha vagina, como um martelo batendo em um prego, enquanto gemo de dor e prazer.

Ela morde meus mamilos, enquanto me segura com sua outra mão. Então, ela desce sua língua lentamente até minha vagina. Ela parecia lambe uma folha, como uma abelha tentando abrir suas pequenas camadas até chegar ao pólen. Com a outra mão, pega minha calda e começa a repetir o mesmo, até a enfiar na minha vagina. Não parava de gemer. Sentia meu corpo atacando a mim mesma.

– Hum! Que duro – Chisana acaricia meus chifres.

– Mais! Mais! – implorava como no vilarejo pedindo por comida, só que dessa vez era para continuar sentindo aquele prazer.

– Agora é a sua vez – ela para e nos vira ao contrário.

– É?! E o que eu faço? – fico sem ação.

– Tente me imitar. Lamba meu corpo – começo a lambe seu umbigo e sua barriga. Sentia um gosto doce, era uma pele macia e geladinha. Fiquei com água na boca e comecei a lambe seu umbigo até sua pequena e delicada vagina. Eram como pétalas de rosa, fui abrindo uma a uma cuidadosamente e recomecei a lambe. Era como sua barriga, doce e úmida.

– Ah! – ela dá um pequeno gemido, enquanto tento ir até o final do túnel com minha língua.

Com minhas mãos, acaricio suas pequenas e delicadas pernas. Pareciam ser de pano, de tão lisas que eram. Então pego em seus peitos e tento os puxar para cima, mas eram tão pequenos como os meus que só dava para lambe. Então aperto e puxo bem devagar seus mamilos e depois eu os mordo e puxo de novo.

– Uhh! – ela tenta segurar o gemido com todas as suas forças.

Penteio seus longos e lisos cabelos com as mãos que tinham um penteado um pouco estranho. Por conta de suas antenas, ela parecia ser um pouco careca onde elas ficavam. Ela então, faz o mesmo com os meus que eram longos e prateados.

Então eu peço para que revele suas antenas. Nisso, começo a fazer movimentos com cada uma mão em cada uma de suas antenas, lembrando muito minha mãe segurando o pênis do meu pai e fazendo movimentos para cima e para baixo. Meus pais o chamavam de boquete. Quando chegava até a ponta que era a maior parte, como uma fruta peluda presa na ponta de um galho, tentava colocar minha boca e chupar toda a antena dela, revezando de uma para a outra. Só conseguia ir até a ponta, minha boca não abria o suficiente, mas já era o bastante. Lembrei então que minha mãe lambia a ponta do pênis do meu pai, e tentei fazer o mesmo. E deu certo.

Chisana então pega minha calda e começa a fazer o mesmo. Ficamos as duas fazendo boquete uma na outra. Eu com suas antenas e ela com minha calda. Ela então abre o meio da minha calda como se fosse uma flor ou uma vagina e começa a lamber de novo.

Ela para de lamber e me bota deitada no chão, enquanto ficava de quatro sobre mim, começando a aproximar sua vagina da minha até que elas se encontrassem. Quando se encostaram, ela começou a levantar e a abaixar sua parte de trás do corpo. Seus movimentos faziam com que sua bundinha fosse para cima e para baixo, suas pernas inclinavam e faziam nossas vaginas se baterem ao encontro, como uma massa de pão sendo batida.

– UH! – ela começa a chupar meus chifres.

Viro ela e começo a bater nossas vaginas uma na outra também. De repente, um liquido sai de nossas vaginas. Gozamos.

– Humhum! – ela começa a lamber meu gozo.

– Que gostoso! – bebo aquele liquido pastoso e gosmento saindo de dentro de sua vagina. Mas que era muito delicioso, era.

– É mesmo! – ela começa a beber também.

Sentadas com as pernas abertas de frente uma para a outra, esfregamos nossas vaginas uma na outra. Era como se estivessem passando uma pedra de gelo em nós.

– Humhum! – pegamos os restos de gozo que estava espalhado nos nossos corpos e começamos a dar na boca, uma da outra com as pontas dos dedos e começamos a fazer desenhos em nós.

Fico de quatro, enquanto ela ajoelha e abre minha bundinha para ficar batendo nossas vaginas uma na outra. Ela pega minha calda e tenta imitar um pênis, a colocando entre minhas pernas e começa a enfiar em mim. Trocamos de posição e tento fazer o mesmo na vagina dela com minha calda. Depois, deito e pego uma de suas antenas e meto em minha vagina. Troco para a outra posição, fazendo os mesmos movimentos com ambas, para dentro e para fora, para dentro e para fora.

– Posso pegar suas asas? – fico deitada com a barriga no chão e ela monta em minhas costas, enquanto começa a esfregar e a lamber minhas asas no seu corpo.

– Posso também? – pergunto excitada.

– Sim – então os papeis se invertem.

– Agora, seus chifres – ela me deita em um canto, enquanto deita com suas pernas abertas sobre minha cabeça. Então ela começa a enfiar um de meus pequenos e grossos chifres redondos com uma pequena ponta em sua vagina.

– AH! AH! Que duro! – ela parecia estar com um pênis duro e grosso penetrando em seu corpo: entrando e saindo, entrando e saindo. Continuei pensando que estava violando aquele lindo e frágil corpo, mas ficava com cada vez mais e mais vontade de continuar.

Estava me sentindo melhor. A fome ia aos poucos passando, mas nossa vontade de parar, não. Parecíamos estar mais agitadas a cada movimento. Não era como o sexo violento de meus pais, mas sim, um prazer delicado e juvenil.

Quando paramos, ficamos olhando uma para a outra, deitadas no feno vendo a noite passar...

– Se sente melhor? – ela pergunta, enquanto botava sua mão em meu rosto e me olhava com satisfação depois de transar com sua melhor e única amiga.

– Sim. Obrigada. A fome já foi embora – olho para ela com as minhas mãos em sua cintura.

– Por incrível que pareça, eu também me sinto melhor – falou, enquanto me olhava com uma expressão de felicidade, um pouco surpresa.

– Hihi – ri, enquanto olhava para o seu lindo rosto.

– Essa foi minha primeira vez – falou feliz olhando para o teto.

– A minha também – respondi também feliz, olhando para o teto junto com ela.

– É muito raro uma fada da minha idade transar. Principalmente com uma súcubo medrosa e tímida de mesma idade que eu – para sua subespécie, só era comum transar na fase adulta, enquanto nas súcubos, era bem mais comum transar bem mais cedo, atingindo a puberdade a partir dos dez anos de idade, juntamente com suas asas e poderes que surgem, e a necessidade de se alimentar através do sexo sugando a energia vital de suas vítimas para sobreviver, deixando-as como múmias magras dependendo da intensidade. Chegando até a matar. Mas naquele caso...

– Escuta – ela fala delicadamente.

– O que? – perguntei admirando o teto.

– Por que não foi só você que ficou recarregada, e sim nós duas? Eu devia estar cansada e exausta, mas estamos nos sentindo com mais energia – ela estranhou.

– Quando meu pai explicou sobre o sexo das súcubos e dos incubos, disse que: quando o amor é verdadeiro e forte, a energia vital da vítima ou do parceiro ou da parceira, é bem menos sugada pela súcubo ou incubo. E ela vem com mais intensidade e força, e retorna de onde foi retirada com a mesma intensidade. Resumindo: é criado um ciclo que recarrega ambos – explico.

– Então, talvez tenha sido isso. Senti uma grande atração de você. Principalmente depois de ficarmos juntas esse tempo todo, cuidando uma da outra – falou isso com uma felicidade.



- Então, isso quer dizer que criamos um laço amoroso entre nós? – pergunto.
- Pelo visto, sim – ela afirma.
- Mas mudando um pouco de assunto. Só falta uma coisa para você ficar uma súcubo completa – ela diz isso com muita ansiedade.
- E o que é? – pergunto.
- Seus poderes oculares – respondeu.
- Ahh... É?! – respondi como uma tonta.
- Você tem que aprender a hipnotizar e a mudar os sonhos das pessoas – ela estava muito ansiosa.
- Mas, meus pais disseram que certas espécies não são hipnotizadas por súcubos, como algumas fadas e criaturas da noite. Será que consigo te hipnotizar? – fiquei preocupada.
- Não sei. Quer tentar? – ela senta na minha frente ajoelha.
- Ahhh... Não Consigo! – falho ao tentar hipnotizá-la.
- E agora? – ela pergunta.
- Não sei. Quem poderia nos ajudar? – pensei em voz alta.
- Matheus? – perguntou.
- Ele não! Ele ainda é uma criança – fiquei um pouco brava.
- E se pedirmos com jeitinho? – ela fala isso com a maior naturalidade.
- Ele é muito jovem! Ele não vai aguentar! – fiquei nervosa.
- Desculpe, mas eu posso ajudar, sim – de repente, a porta se abre lentamente e Matheus entra.
- AHHHH! – gritamos bem alto.
- Calma! Calma! Eu vi tudo! – ele fala um pouco tímido.
- Tu-tu-tudo? – gaguejamos.
- Sim. E ouvi vocês duas conversando, dizendo que só falta ela aprender a usar seus poderes oculares para ser uma súcubo completa, certo? – Matheus explicou que estava passando por ali por perto para ver o gado, quando ouviu alguém gemendo. Ele havia ficado curioso e foi ver. Ele ficou até o final observando tudo e resolveu tomar coragem, enquanto ouvia nossa conversa sobre os meus poderes.
- Você tem certeza disso? – ela perguntou com cautela.
- Sim. Afinal de contas... somos amigos, certo? – confiante, deita no feno e eu fico de quatro em cima dele.

- Lá vou eu! – com um pouco de medo, me concentro para tentar hipnotizá-lo.
  - Se concentre – disse Chisana bem entusiasmada.
  - Seus olhos estão brilhando... – Matheus para de falar, enquanto parece ficar paralisado sem nenhuma ação.
  - Agora tente dar algum comando – disse Chisana.
  - Tá! É um pouco difícil! – respondi tentando me concentrar.
  - Mandei mentalmente e depois oralmente ele ir para algumas direções, enquanto fazia algumas ações. Depois mando ele voltar para a posição que estava no início e faço ele dormir, enquanto tentava entrar em seus sonhos. Como já estava um pouco acostumada com a mente coletiva de Chisana, não foi muito difícil penetrar em seus sonhos.
- Onde estou? Essa deve ser a mente de Matheus – me pergunto, enquanto passeio pela mente dele.
- Hasuno! É você? – ele pergunta dentro de um de seus sonhos.
  - Sim. Sim. Agora, vou tentar criar um novo sonho para você. Tem algum em mente? – pergunto um pouco animada.
  - Bem... Faça um bem simples. Tente fazer um onde esteja jantando com meus pais em casa. Só isso. Bem simples – respondeu também animado.
  - Está bem. Vou tentar – começo a me concentrar.
  - Bom dia filho – Sérgio do sonho de Matheus.
  - Está gostosa a comida, filho? – Estela do sonho de Matheus.
  - Está sim – Matheus responde para seus pais de seu sonho criado por mim.
  - Está muito bom. Até mesmo para um sonho, parece muito real. Poxa! Você é boa nisso, Hasuno! – falou, enquanto comia a comida e era acariciado por sua mãe imaginária de seu sonho.
  - Ela conseguiu? – pergunta Chisana curiosa.
  - Sim! – Matheus e eu respondemos juntos.
  - Ela é muito boa! – ele fala admirado.
  - Hihi. E essa é só a minha primeira vez – respondo mostrando a linguinha, enquanto sorrio de olhos fechados e coçando minha cabeça.

## **Capítulo 9 – Pôr do Sol**

Após minha primeira experiência hipnótica, Matheus sai do depósito em direção a sua casa e vai dormir.

– Hihi – rimos com os dedos em nossas bocas de olhos fechados de frente uma para a outra.

– Ele é uma graça, não é? – ela pergunta bem alegre.

– É! É mesmo – respondo com um pouco de sono.

– Não acredito que ele te ajudou a como hipnotizar – ela comenta bocejando.

Não aguentando ficar de olhos abertos, fomos dormir. Pela manhã vemos Matheus e Sérgio fazendo a colheita. Curiosas, fomos até eles...

– Posso ajudar? – Chisana pergunta.

– Pode, sim – Sérgio responde com o rosto todo suado – Mostre a ela como se faz, tá?

– Está bem, pai – Matheus responde.

– Aproveite e treine um pouco para controlar sua força – Chisana falando mentalmente.

Ficamos a tarde toda colhendo e organizando tudo. Após colocar tudo em sacolas no depósito. Estávamos muito cansadas e fomos dormir. Por incrível o que pareça, os lobos nos deixaram em paz por um tempo.

Na manhã seguinte, ajudamos a botar as sacolas na carroça. Eram grandes e pesadas, mas Chisana deixava que eu as carregasse. Aproveitando aquele momento, uso um pouco de minha força. As grandes e pesadas sacolas, agora pareciam leves travesseiros.

– Ah! Ufa! Essa foi a última – falo um pouco cansada.

– Obrigado – Sérgio agradece, enquanto sobe com Estela na carroça.

– Hey! Vocês dois vão para a cidade? – Matheus, como uma criança atrevida, pergunta olhando para seus pais.

– Sim – seu pai responde.

– Eu preciso comprar algumas coisas para casa e vou ajudar seu pai nas vendas

– Estela responde.

– Mas... e se os lobos atacarem de novo? – como uma jovem criancinha virgem que não sai da proteção de seus pai, Matheus pergunta.

– Vocês já mostraram que podem tocar a fazenda sozinhos e lidar com o perigo

– Sérgio olha para seu filho com uma expressão de confiança.

– E vocês, formam um lindo casal! – Estela nos deixa envergonhados.

– Eu? Com esse aí? – respondemos com um tom de desgosto.

– Hihi – rimos após olhar um para o outro.

– Haha. Essas criança de hoje – Sérgio e Estela riem, enquanto começam a sair de fazenda.

– SE CUIDEM! – Estela grita, acenando com a mão.

– PODE DEIXAR! – gritamos juntos.

– E NADA DE AÇANHAMENTOS! OUVIRAM? – Sérgio tenta dar um puxão de orelha, mesmo naquela distância.

– Hihi – rimos após ver Estela dar um golpe na cabeça de Sérgio.

Após eles sumirem nas montanhas, fomos cuidar da fazenda. Algumas horas depois...

– Acho que eles não devem voltar tão cedo? – pergunto.

– Sim. Eles costumam demorar uma semana para voltar – Matheus responde.

– Então podemos ficar separadas por um tempo, enquanto eles não voltarem? – Chisana toma controle do corpo e pergunta.

– Acho que sim – ele respondeu guardando o material agrícola.

– AH! Como é bom ficar com o próprio corpo! – disse Chisana se espreguiçando, depois de nos separar.

– Matheus. Tem uma praia aqui do lado. Podemos ir? – pergunto curiosa.

– Sempre quis ir a uma praia! – Chisana fica animada.

– Sim. Sem nenhum problema. Ninguém vem ou vai a essa praia, a não ser eu e meus pais – ele respondeu.

– EBAAA! – Chisana dá um grande grito de animação.

– É!? – concordo um pouco envergonhada.

– Tá!? – ele também fica envergonhado. Isso porque ele nunca saiu com uma ou nem mesmo com duas meninas na praia sozinho.

– Vamos! – Chisana sai correndo puxando-o pelas mãos.

– Tá! Tá! Devagar para não escorregar na ladeira! – ele responde tímido, como um jovem virgem.

Descemos a colina cuidadosamente. Chisana quase voava, tentando chegar o mais rápido possível na praia.

– Que legal! Que praia enorme! Isso tudo aqui é de vocês? – Chisana pergunta, enquanto admira a paisagem.

– É enorme mesmo! – também fico admirada.

– Bem. Não é como se fosse nossa. Mas fica aos arredores da propriedade de minha família. Então... pode se dizer que sim – ele fica surpreso com a empolgação dela.

- Que legal! – respondo empolgada.
  - Vamos entrar na água! – animada, Chisana começa a tirar suas roupas indo em direção a água da praia.
  - PAREEE! – grito impedindo que ela ficasse totalmente nua na frente do garoto.
  - O que foi? – pergunta como se tudo estivesse normal.
  - E VOCÊ AINDA PERGUNTA? – continuo gritando. Matheus fica nervoso, enquanto tenta tampar seu rosto com suas mãos.
  - Aqui não é o Lago das Fadas e não estamos sozinhas! Matheus está com a gente! Uma pessoa de sexo oposto! – tento chamar sua atenção.
  - Mas, qual o problema? – ela pergunta ainda mais sem pudor.
  - Ele é um menino! Nós meninas ou mulheres, temos vagina. Os meninos ou homens, tem pênis – explico bem nervosa a ela.
  - Qual o problema? – ainda perguntava, como uma lesada.
  - Matheus! Posso te pedir um fav... – cochicho no ouvido dele.
  - Sério? – ele fica nervoso.
  - Por favor! É o único jeito dela entender – implorei.
  - Está bem! – ele aceita, enquanto começa a tirar suas roupas.
  - Olhe bem, “flor”. E veja, o porquê que estou dizendo isso! – ela olha para Matheus, enquanto ele tira suas roupas.
  - Pronto! – ele ficou completamente nu na frente dela.
  - I-i-isso é um pê-pênis? – sua expressão de segurança começa a sumir, dando lugar para uma expressão tímida e envergonhada, com o rosto todo vermelho – Não consigo entender. Sinto como se... não sei... é como... se...
  - Vergonha? Pudor? – pergunto a encarando. Ela olha para Matheus com uma expressão de nojo e medo.
  - É! É! Agora cubra isso, por favor! – ela grita, tampando seu rosto, enquanto virava para traz.
  - Já posso me vestir? – ele pergunta como se eu fosse a mãe dele, e não tomasse as suas próprias decisões, sempre perguntando o óbvio.
- Após resolvermos esse pequeno problema, fomos nos banhar nas águas do mar da praia. Brincamos um pouco...
- Tome isso! – Chisana tacando água em mim.
  - Ah, é? – revidei.
  - Vocês não são páreas para mim! – ele começa a nos jogar água.

Enquanto estávamos nos animando bastante com a brincadeira, meus músculos se estalam e se dilatam. Então, sem perceber, mando uma super onda na direção deles, os mando para a areia.

– AH! DESCULPE! – não sabia o que podia ter acontecido.

– Haha! – Matheus e Chisana começam a rir sentados na areia, após serem carregados pela grande onda que eu causei. Olhando um para o outro, dizem para eu não me preocupar, e entram novamente na água começando a jogar água em mim, juntos com um ataque combinado.

Mesmo com minha força ativa, conseguia manter cada vez mais o controle. Ficamos brincando a tarde inteira de pega-pega, de construir castelos de areia, de enterrar uns aos outros na praia, e no final, caminhamos pela praia.

– Ah... isso foi divertido! – Chisana não escondia sua empolgação.

– É! – Matheus fica feliz, pois nós não éramos as únicas que ficávamos sentindo solidão.

– Me responde uma coisa – pergunto.

– Sim? – ficou curiosa.

– Você não sabia a diferença de homem ou mulher? – fui direta.

– Não é bem isso. É que eu sempre fui acostumada, a me banhar só com aos meus pais, enquanto eles estavam nus. Nunca havia visto outros seres nus na minha frente. Você foi a primeira a ficar nua depois deles. Mas... ele foi uma surpresa – respondeu com vergonha.

– Nossa! – Matheus e eu ficamos espantados.

– Nunca me banhava com outras fadas. Só com eles ou sozinha. E nunca tinham me dito essas diferenças. Agora que eu sei, vou tomar mais cuidado. Vocês me perdoam? – ela fica toda envergonha.

– Que isso! A gente sabe que você não fez de propósito. A final, somos amigos, certo? – após ouvir isso, Chisana pula em cima da gente e nos dá um abraço, enquanto chorava.

De repente, percebemos que a praia estava ficando amarelada e escura. Olhamos para o horizonte e nos deparamos com um magnífico pôr do sol. Sentamos na beira da praia e ficamos olhando até que a noite chegasse.

– Nunca irei me esquecer desse momento – falei chorando por dentro.

– Hihi. Eu não, minha “flor” – Chisana responde com um leve sorriso.

– Estar com vocês aqui hoje, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Muito obrigado, minhas amigas! – ele agradeceu começando a chorar de felicidade.

– Sim. Eu também. Antes de conhecer vocês... estava numa vida de dor e sofrimento, mas agora estou aqui, junto a meus amigos! – falo, enquanto relembro de quando os conheci.

– Sempre tive que ficar excluída de outras espécies. Desde que sai daquele lago, pude conhecer outras espécies e ser livre. Agora sou amiga de um humano e uma súcubo. Sou muito grata por tê-los conhecido. Agora pretendo embarcar em novas aventuras e conhecer o mundo. Obrigada, meus amigos! – aquilo foi tão lindo que os puxei para um abraço.

A tarde foi aos poucos indo embora junto com o pôr do sol. Voltamos para a fazenda e fomos para o depósito dormir.

– Venham – Matheus nos chama.

– Hã? – não entendemos.

– Enquanto meus pais estiverem fora, vocês duas podem dormir na minha casa – ficamos muito felizes em poder dormir na casa dele.

– Vamos, não sejam tímidas. Entrem! – ele reforça seu convite.

– Está bem – corremos felizes.

– Aqui, vamos comer um lanche – ele nos oferece uma comida antes de dormir. Após comermos, fomos para o quarto dele. Era um pouco apertada a cama dele, mais foi divertido.

– Boa noite – falo para ele.

– Boa noite para vocês – Matheus fala para nós duas.

– Pra você também – Chisana responde.

– Boa noite, minha “flor” – ela fala carinhosamente para mim, enquanto fecha seus olhos.

– Para você também, minha “flor” – respondo.

– Uma coisa. Por que vocês se referem, como “flor”? – ele ficou curioso.

– É porque ela se chama Hasuno Hana que significa: “flor de lótus”. E é por isso que decidi chamá-la somente de: “flor”. E ela achou que ficaria legal se ela também me chamasse de “flor” – Chisana responde delicadamente, enquanto bocejava de sono.

– BOA NOITE! – todos demos boa noite de uma vez só e dormimos todos agarradinhos naquela cama de solteiro.

Pela primeira vez, estava dormindo ao lado de amigos. Comecei então, finalmente a sonhar coisas boas. Pensava nas brincadeiras, nas batalhas contra os lobos e nas pessoas que conhecemos desde nossa partida do Lago das Fadas. Olhar para meus amigos dormindo apertada com eles ao meu lado, era a melhor coisa do mundo.

## Capítulo 10 – Juventude

- Bom dia, minha “flor” – Chisana acordando ao meu lado da cama.
  - Bom dia, “flor” – repito o que ela diz, enquanto boto minha mão sobre a cabeça dela e faço um carinho.
  - Bom dia, Matheus – olho para a cama e não o vejo.
  - Cadê ele? – ela percebe que a cama estava mais espaçosa.
  - Hã? – ainda meio sonolenta, tiro as remelas de meus olhos, levanto minhas costas com dificuldade e olho ao redor – Matheus? – começo a chamá-lo bem baixinho, mas ninguém respondia.
  - Hã? – ela leva um susto, quando a porta se abre e Matheus entra segurando uma bandeja com comida.
  - Bom dia! Estão com fome? – ele oferece um café da manhã: quatro pães com margarina, quatro maçãs frescas e dois copos com leite de vaca quentinho.
  - Bom dia – respondemos, enquanto ele colocava a bandeja em nossas pernas.
  - Meus pais me serviam assim quando era pequeno – falou isso com um sorriso no rosto, sendo que ele era um tantinho de nada maior que nós duas.
- Após comermos, fomos o ajudar a colher o trigo. Visto um pano em minha cabeça e boto umas roupas mais avacalhadas e luvas para poder ajudar. Chisana por outro lado, continuava com seu pequeno vestido que parecia uma camisola de mangas compridas que aumentavam até o final de seu braço, parando antes de suas mãos. Sua parte de baixo da camisola, tinha um formato que lembrava pétalas de flor.
- Ah! Que linda manhã! – ela estica os braços abertos para se espreguiçar e põe um chapéu de palha que Matheus havia lhe dado.
- Começamos a arrancar cada espiga de milho. Estava um dia bem ensolarado e terrivelmente quente. O tempo passa e Matheus começa a soar, enquanto passava sua mão em seu rosto para tirar o suor. Também fico cansada.
- Ufa! Esse calor está de matar! – falo toda molhada de suor.
  - É mesmo. Essa época, é a mais quente do ano. E também a melhor época para a colheita – falou isso quase sem folego.
- Fomos falar com Chisana, para ver como ela estava. Mas o que vimos...
- Lalala laaaa! – Chisana parecia alegre e feliz, ao mesmo tempo completamente seca e com bastante energia, enquanto cantarolava arrancando cada espiga de milho com delicadeza.



– Co-cómo? Não está cansada? Está um calor infernal e você parece estar no paraíso! – fico espantada com sua alegria sem fim.

– Não quer beber uma água? – ele tenta compreender.

– Não. Não. Estou bem. Isso aqui até que é divertido! – ela respondeu com um sorriso no rosto.

– O que houve com vocês dois? Foram tomar banho e esqueceram de se secar?  
– ela sempre foi uma sem noção, mesmo.

– Está um calor muito forte aqui. Não está sentindo nada? – perguntamos para ela bem ofegantes de cansaço e suor.

– Não. Pra mim, está tudo normal – ela continuava a colher, como se nada estivesse acontecendo.

– Vamos beber uma água. Já voltamos! – íamos saindo.

– Esperem! Vou resolver esse problema! – de repente, ela muda de cor, do branco para o azul claro e coloca suas mãos juntas na frente do seu rosto em um formato de bacia e começa a assoprar um leve vento gelado em nossa direção.

– Ahh... – em questão de segundos, ficamos aliviados e o calor some.

– Obrigado! – Matheus agradece caído no chão de cansaço.

– Obrigada! – agradecia abanando meu rosto com minha mão.

– Se só queriam se refrescar, era só ter pedido. Hihi – diz isso sorrindo com o rosto levemente inclinado para o lado com os olhos fechados.

– Esqueci de dizer que por ser uma fada de gelo e fogo, posso suportar altas e baixas temperaturas extremas. Posso até mesmo mudar a temperatura ao meu redor, enquanto tiver mana o suficiente para isso – ela explica.

– Nossa! – ficamos de boca aberta sem saber o que falar sentindo aquele frio refrescante.

– Então, já que você pode mudar a temperatura. Pode deixar aqui onde nós estamos, um pouco fresco? – Matheus pergunta, enquanto começa a sentir novamente o calor penetrar seu corpo.

– Sim – nisso, todo o ambiente da colheita fica fresco.

– Ah! Assim está bem melhor! – ele fica aliviado ao receber um pequeno vento gelado que surgiu com a queda de temperatura.

Continuamos a trabalhar o resto da manhã. Estávamos tão cheios de energia da juventude que não queríamos parar. Apesar de que, eu conseguiria arrancar mais espiga e fazer mais rápido do que nós três juntos naquela época com minha força atual. A Chisana, nem tanto, quanto eu, mas faria um pouco mais que ela mesma daquela época.

- Ah! Está esquentando! – começo a sentir a temperatura aumentar.
- Ah! Está mesmo! Chisana! – ficamos preocupados com ela.
- Podemos parar um pouco, por favor? – Chisana estava exausta e toda suada de tanto trabalhar e usar sua mana ao mesmo tempo por tanto tempo.
- Deixa que nós te ajudamos a chegar em casa – tentamos levá-la para casa, a seguramos pelos braços e a carregamos. Seu corpo ainda estava na forma de gelo e levemente ia voltando a sua forma neutra. Aproveitamos seu corpo gelado para nos refrescar, enquanto a carregamos. Não foi difícil levá-la, pois seu corpo era (e ainda é) muito leve.

A colocamos no sofá, e fiquei ao seu lado, enquanto Matheus ia buscar água. Ela parecia estar muito cansada e não imaginávamos que ela não sabia o limite de sua mana.

- O-O-Oi – com muita dificuldade, Chisana tenta sorrir.
- Calma. Eu estou aqui, minha “flor” – seguro a mão dela.
- Aqui, beba! – Matheus lhe dá um copo que acaba de encher com o balde cheio de água que trouxe correndo.
- O-bri-ga-da – ela cai no sono.

Fico ao seu lado, enquanto Matheus ia buscar um pano úmido para pôr na testa dela. Algumas horas se passam...

- Ah. O que houve? – ela acorda meio tonta e olha ao seu redor – Minha “flor”?
- olha para mim do seu lado dormindo ajoelhada no chão, e tenta me acordar.
- HÁ! O QUE?! – ela toma um susto ao me acordar.
- Está melhor? – Matheus fica preocupado.
- Sim. Desculpe por preocupar vocês! – ela fica um pouco envergonhada – Dá próxima vez, tento controlar mais meu limite de mana.
- Hã? Já está melhor, “flor”? – acordo meio sonolenta vendo Chisana bem melhor.
- Estou com fome – Chisana era uma criança mimada.
- Eu também – meu estomago sempre me traia.
- Aha! Esse é o grande momento para mostrar minha receita secreta que eu mesmo inventei! – esperamos ele ir preparar e só ficávamos cada vez mais famintas.

Matheus nos oferece um almoço após o despertar de Chisana: bolo de carne com pedaços de frutas com suco de frutas. Era sua receita secreta. Nunca havíamos comido algo igual. Cada pedaço era mais delicioso a cada mordida e sua vitamina era uma verdadeira cesta de frutas. Sinto saudades de sua culinária e principalmente dele: meu querido e amado Matheus.

Após devorar tudo, estávamos cheios de energia e fomos brincar um pouco lá do lado de fora, já que agora a temperatura havia baixado.

– Há, há! Você não me pega! – grito para Matheus, brincando de pique-pega.

– Te peguei! Tá com você! – ele pega Chisana.

– Ah! Lá vou eu! – uma coisa que percebemos logo de cara, é que ela não tinha muito folego para brincadeiras que ela tinha que correr. Para não desanimá-la, íamos um pouco devagar.

Como era uma fada elemental, ela não se dava bem com atividades físicas. Decidimos que ela poderia usar suas asas para voar baixo e poder nos alcançar, e também ficar pulando, enquanto deixava pequenas ondas sonoras no ar que davam para serem vistas.

Rapidamente ela começa a seguir nosso ritmo. Na brincadeira de esconde-esconde ela usou sua habilidade de virar uma pequena esfera de luz para se esconder melhor.

– ... quarenta e nove... cinquenta! AI VOU EU! – Matheus começa a nos procurar.

– Hihi – rio ao vê-lo nos procurar.

– Achei! – Matheus acha Chisana e começa a correr dela.

– Dim dim dim! – ela, em sua forma de pequena luz, começa a fazer pequenos sons, como as de um sininho.

– DIM! DIM! – o som de sino parece ficar mais forte depois que ela se salva na parede.

– O que você disse? – ele não sabia o que ela estava falando.

– Dim! Dim! Dim!

– Não estou entendendo – ele fica com cara de bobo ao tentar entendê-la.

– O que foi? Por que parou? – pergunto curiosa e ofegante.

– Dim! Dim! Dim!

– Ah! Isso? Quando vira isso, ela só faz esses sons de sino quando tenta falar algo. Só outras fadas compreendem o que elas dizem quando estão assim – explico o que ela havia me dito no Lago da Fadas.

Depois, fomos brincar de voar pelos arredores da fazenda. Tentei carregar Matheus, só que ele era um pouco pesado e não aguentava ele. Pensei em usar minha super força para levantá-lo. E dá certo. Logo em seguida, Chisana pergunta se ele queria voar com suas asas. Ela então se funde a ele e empresta sua habilidade de voar para começarmos um pique-pega no ar. No início, ele era meio desajeitado, mas em pouco tempo ele começa a pegar o jeito.

Vínhamos em alta velocidade em direção ao chão e pousamos juntos ao nos descuidarmos. Chisana imediatamente se desfunde de Matheus. Caídos ali, um

pouco machucados, começamos a rir, enquanto olhávamos para o céu. Depois olhamos um para o outro e recomeçamos a rir ao ver nossos corpos todos sujos.

– Matheus. Tenho um pedido a fazer – ela parecia estar muito feliz.

– O que foi? – ainda rindo, ele fica curioso.

Ela vira de costas e revela suas lindas e transparentes asas para ele...

– Tire um pedaço, por favor – ao contrário da outra vez, só era necessário um pequeno pedaço de sua asa.

– M-m-m-mas... – ele fica gaguejando sem entender nada, apontando para ela.

– Ai, ai! Eu também fiquei assim, quando ela fez a mesma coisa comigo – tento tranquilizá-lo – Não se preocupe. Elas voltam ao normal se ela as recolher e depois as revelar de novo. Ela usa um pouco de sua mana para isso. Isso que ela vai te dar, é o nosso símbolo de amizade, ou como as fadas dizem: é a prova de que ela te abençoou.

– Sim. Sim. Vai! Tire! – ela o encoraja!

Com seus dedos em formato de pinça, ele tira um pequeno fragmento, enquanto ela novamente dá um pequeno gemido de dor.

– Agora, me dê isso aqui! – ela realmente não parecia dar valor a seu próprio corpo.

– Nossa – ele a observa atentamente, enquanto ela modelava o fragmento.

– Isso. Está pronto! – ela entrega um fragmento triangular igual ao que ela havia me entregue antes – Agora você também pode saber quando uma de nós estiver bem ou em perigo. É só você ver ou sentir o cristal. E você também vai poder utilizar parte de meus poderes: atirar gelo e fogo, ou ver os sentimentos das pessoas.

– Caso esteja com risco de vida ou com pouca energia, você pode quebrá-lo em seu corpo que sua vida ou energia será restaurada. Caso vire um ser mal, ela vai perder o seu brilho, até virar pó e sumir. – explico tudo o que ela havia me dito antes.

– Ver os sentimentos dos outros? – ele fica curioso.

– Veja só! – ela encosta suas antenas na cabeça dele e suas asas começam a brilhar bem forte – Nossa! Você é realmente uma pessoa muito gentil.

– É mesmo? – ele fica todo bobo – Há! Me empreste o seu fragmento aqui um instante! – ele foi até o seu quarto e pega uns cordões – Pode? – perguntou para Chisana.

– Acho que sim.... Até fica melhor de carregar – ela responde.

Ele coloca os fragmentos em um pequeno recipiente num cordão e entrega o meu.

– Nossa! Ficou lindo! – ficou toda feliz.

– De agora em diante, somos melhores amigos para sempre! – Chisana grita bem alto, levantando nossos braços para cima.

– É! – Matheus e eu gritamos bem alto e damos um abraço bem forte uns nos outros.

– AHHH... – os dois gritam, após eu abraçá-los usando sem querer minha super força.

– Desculpe. Ainda não me acostumei a isso! – falo rindo com o rosto vermelho de vergonha.

– HAHA! – eles começam a rir de mim.

– HAHA! – também começo a rir junto a eles.

Depois fomos tomar banho juntos...

– Agora você sabe que não pode ficar nua na frente de um garoto com sua idade? – pergunto tomando banho com os dois, com um pano cobrindo nossas vaginas e seios, enquanto o dele cobria seu pênis.

Depois fomos novamente dormir. Estávamos mais à vontade. Passamos um tempo sozinhos cuidando da fazenda e de alguns ataques dos lobos. Matheus me ajuda a treinar com meus poderes físicos e hipnóticos. Tive alguns treinos de voo junto com Chisana e aprendemos mais sobre o trabalho de uma fazenda, além de um pouco de culinária.

Uma semana depois, estávamos mais íntimos e felizes...

– Ufa! Que calor! – passo a mão em meu rosto para tirar o suor.

– É mesmo! – Matheus também estava todo suado.

– Hã? Tá! Já sei! – ela fica na sua forma de gelo por pouco tempo para nos refrescar.

– O que é aquilo? – ela vê uma pequena carruagem se aproximando.

– Rápido! Rápido! – ele nos alerta. Na mesma hora, nos fundimos para voltarmos ao disfarce.

– Papai! Mamãe! – ele entra na estrada e vai na direção da carroça.

Ficamos muito felizes ao ver que eles estavam de volta. Mas quanto mais a carruagem se aproximava e Matheus chegava mais perto, víamos que algo estava errado...

– Mamãe? – ainda feliz, ele pergunta a sua mãe que estava ao lado de um velho homem conhecido na carroça – Cadê o papai? – pergunta um pouco assustado.

– Snif – sua mãe dá um pequeno choro, enquanto bota suas mãos fechadas em seus lábios.

O velho homem para a carroça e desce. Vai até a traseira da carroça com a cabeça para baixo com uma cara triste e séria, e levanta um grande pano que estava cobrindo algo. Sentimos um grande fedor de podre: eram os corpos de Sérgio e do burro que levava a carroça da família que estavam em decomposição.

– AAAAAAAH... PAPAI! – Matheus entra em desespero ao ver o cadáver de seu pai cheio de moscas ali na sua frente.

– Hu! – boto a mão em minha boca para não vomitar, com aquela cena tão macabra e nojenta.

Seu corpo estava todo esquartejado e banhado em sangue seco. Seus olhos estavam deformados, como se algo tivesse os perfurado de dentro para fora. Era possível ver suas tripas espalhadas e esmagadas, seus pulmões estavam abertos, suas mandíbulas foram puxadas até quebrarem, suas costas pareciam estarem queimadas e seus braços e pernas estavam ao seu lado do corpo após serem brutalmente arrancadas e mordidas. E era possível também ver alguns dos seus ossos expostos. O burro também estava em condições parecidas.

– Snif – começo a chorar.

– Como isso foi acontecer? – Matheus pergunta para sua mãe.

– Garoto. Isso vai ser difícil de aceitar – o velho homem começa a explicar – Quando seus pais estavam na praça vendendo seus produtos, um grupo de bandidos, denominados os “caçadores”... fizeram uma grande invasão na cidade. Exigiam todos os lucros de cada comerciante, mas seu pai se recusou a entregar sua mercadoria e tentou proteger sua mãe a todo custo, se metendo em sua frente. Vendo isso, ele pede que a levasse para um lugar seguro. Corremos para dentro de minha casa e ficamos trancados lá até o final da carnificina.

– Papai... Snif... – Matheus chora deitado com os braços e a cabeça sobre o corpo de seu pai.

– Ele foi um verdadeiro herói! – aquelas palavras do velho caíram dentro de minha consciência, como uma pessoa que percebe que fez algo de errado e se arrepende, mas não pode voltar atrás e reparar o seu erro.

– “Flor” – falei mentalmente com ela. Pensei no verdadeiro significado da palavra: herói. Não era apenas alguém que sempre está lá a disposição para salvar as pessoas quando o chamassem, sempre esperando ou ganhando algo em troca: dinheiro, recompensa, riqueza, título ou honra. O herói de verdade ajuda os necessitados quando puder, sem esperar algo em troca, a não ser saber que ajudou e que fez a diferença.

– Calma, minha “flor”. Fique tranquila. Eu posso resolver isso – ela troca de lugar comigo.

– O que você vai fazer? – dentro de minha sala da mente, começo a chorar, enquanto a vejo ir em direção aos corpos.

- Hã? – Matheus, olha para Chisana – Ele morreu. Snif.
  - Posso dar um jeito nisso. Se afaste! – ela fica séria e determinada.
  - O que você vai fazer? Não há mais nada o que fazer. Ele já está morto! – fala, enquanto chora em frente ao cadáver de seu pai.
  - Hei? O que está fazendo? – eles falam com medo do que ela poderia fazer e tentam agarrá-la para impedi-la.
  - Vocês não me deixam escolha! – ela usa minha super força para afastar os três e lança um raio congelante para imobilizá-los.
  - Não! O que você vai fazer? – Estela começa a se desesperar.
  - LARGUE MEU PAI! PENSEI QUE FOSSEMOS AMIGOS! SUA MENTIROSA!
  - aos berros, Matheus fica totalmente louco de desespero.
  - Confie em mim! – determinada, ela concentra toda a sua energia nos dois cadáveres e começa a restaurá-los.
  - O QUE ESTÁ FAZENDO! – ele ainda tenta impedi-la gritando bem alto.
  - Está quase lá! – ela usa toda sua mana para ressuscitá-los.
  - O que? – os três ficam olhando os corpos deles aos poucos voltando ao normal.
- Depois de poucos minutos, Sérgio e o burro dão uma tosse e começam a respirar novamente. Os três ficam espantados após verem os dois voltarem a vida diante de seus olhos.
- O que? Onde estou? Chisana? O que está fazendo? – Sérgio acorda, vendo ser envolvido por uma aura branca e transparente que Chisana estava fazendo com suas mãos.
  - Consegui... – ela desmaia de tanta mana gasta.
  - “Flor”? – fico presa na sala escura, até que ela acordasse.
- Algumas horas depois, ela desperta deitada sobre a cama de Matheus, olha para os lados e vê Matheus deitado com os braços e cabeça em cima da cama e ajoelhado no chão do lado da cama.
- Hã? Finalmente acordou! – ele percebe que ela estava acordada e consciente e lhe dá um grande abraço – Obrigado! – em seguida seus pais e o velho homem entram em seu quarto e a abraçam.
  - De nada. Estão, me apertando! – fala sufocada.
  - Haha! Desculpe! – eles a soltam.
  - Obrigado! Você salvou minha vida! – Sérgio chora ao olhar para ela.
  - Ela precisa descansar mais. Vamos deixá-la sozinha – todos eles saem do quarto.

– Obrigado por terem salvo a vida do meu pai! – Matheus sussurra, enquanto sai por último de seu quarto.

– Tinha me esquecido que você podia ressuscitar aqueles que morrem – falo feliz mentalmente com ela.

– Bem... não é bem assim. Se parte do corpo principal estiver intacto, posso restaurá-lo. Mas se o corpo já estiver bem decomposto ou só restarem os ossos, a magia não irá funcionar, – ela explica – e se o indivíduo estiver morto a vários dias ou mais, não poderei ressuscitá-lo, pois, a alma demora uns dias ou menos para sair do corpo e ir para o mundo dos espíritos ou ficar vagando pelo nosso mundo esperando reencarnar ou possuir alguém ou algo. Mas dependendo de seu estado, gasto mais mana para a magia. Seria bem mais fácil se fosse só um indivíduo, mas dois: um homem e um animal grande. Tive que esgotar toda a minha mana. Por isso desmaiei.

Dormimos mais umas horas, e quando acordamos, já era de noite. Começamos a escutar barulhos estranhos e vimos o céu ficar vermelho pela janela.

– O que é isso? – ela pergunta acordando assustada.

– Vamos ver! – fico preocupada.

Fomos ver o que era. Quando abrimos a porta, vimos que eram os lobos atacando. Fomos ajudar. Quando saímos, vimos um grande e monstruoso lobo que soltava fogo e fazia surgir os lobos a partir de si mesmo. Aquele era o líder.

– Deixa comigo – Chisana toma o controle e começa a absorver as chamas que ele soltava.

– Gruuunnn... – o líder percebe que é inútil tentar queimá-la, e parte para o ataque físico.

– Use toda a sua força! E tente acabar com um único golpe! – ela troca de corpo comigo.

– Está bem! – canalizo meus pensamentos e meus músculos ficam ainda maiores do que da última vez. Era uma criança com um corpo de um ser todo musculoso. Nem chega perto do meu corpo atual, mas para o corpo de uma criança, isso era demais para mim, naquela época.

Mesmo sendo uma súcubo do tipo força, meu corpo ainda era muito jovem e não estava acostumado ou preparado para tal força. Meus braços pareciam grandes bolas com os nervos gritando ao serem sufocados por meus músculos. Todo meu corpo fervia de tão grande que estava. Nem Chisana ou eu, poderíamos controlar tal poder. Minhas roupas rasgam de tanta pressão.

– É só um golpe – dei um grande pulo em direção ao líder. A força foi tanta que uma cratera surgiu de onde está no momento que dei impulso para pular.

Com um único golpe, a criatura colossal é esmagada por meu punho e explode em mil pedaços. Ele se despedaça completamente e seu sangue vai para muito



longe com cada parte de seu corpo. Imediatamente toda a alcateia evapora, após a morte de seu líder.

– Isso conseguimos! – Chisana comemora mentalmente. Mas ela percebe que eu estava caída no chão me remoendo de dor por utilizar tanta força de uma vez só.

– AAAAAIII... – contida, gritava de dor dentro da enorme cratera de lava que havia se formado com a pressão. Todos os meus músculos doíam muito, como se estivesse sendo cortada de todos os lados.

– Chisana! – Matheus, grita tentando chegar perto de nós, mas a pressão e o calor que haviam se formado na cratera eram tão intensas que mal ele podia se aproximar.

Só meu corpo musculoso podia aguentar tais condições, não conseguia conter tanto poder, tentando voltar ao normal. Meu corpo não se mexia.

– Vou trocar com voc... – ela se oferece.

– NÃO! – interrompo ela mentalmente.

Sabia que se ela trocasse comigo, iria provavelmente, sentir uma dor insuportável e não iria aguentar. Então ela tem uma grande ideia.

– Já sei! Tente conter seus músculos! – ela passa a deixar nós duas controlarmos o corpo ao mesmo tempo.

Aos poucos meus músculos, a pressão, a lava e a temperatura vão diminuindo e voltando ao normal. Ela usa seus poderes para resfriar meu corpo e o ambiente.

– Há, há! Conseguimos! – digo mentalmente.

– Sim. Só havia esquecido de dizer que posso deixar mais de um ser assumir o corpo ao mesmo tempo – fico surpresa por ela ter dito essa informação, e desmaiamos juntas no mesmo corpo.

Pela manhã, acordamos e vemos que estamos novamente no quarto de Matheus. Percebo que ainda estávamos controlando juntas o mesmo corpo ao mesmo tempo, mas ela diz que queria descansar mais um pouquinho. Então ela deixa eu ficar no controle.

– Olá! Dormiram bem? – Matheus abre devagar a porta e entra.

– Sim. Sim – damos a mesma resposta, enquanto revessávamos do controle do corpo.

– Trouxe café da manhã! – ele traz uma bandeja com: quatro pães com manteiga, quatro maçãs frescas e dois copos de leite de vaca quentinhos.

– Podem se separar. Meus pais estão muito longe ocupados com a reconstrução da fazenda – ele sussurra, enquanto trancava a porta.

– Está bem – sussurrámos e nos separamos.

Comemos com lágrimas escorrendo em nossos rostos. Estava muito delicioso. Ele nos observa com satisfação e felicidade no rosto. Depois fomos ajudar a reconstruir a fazenda. Ficamos três dias reconstruindo tudo e mais três dias depois, ajudando na colheita que não havia sido destruída.

No final do dia, comemos a nossa última refeição com eles, e fomos dormir juntas com Matheus em sua cama. De manhã cedo, Sérgio se prepara para partir para suas vendas e me oferece uma carona até a Cidade de Monastel.

– Adeus! – Estela e Matheus se despedem de nós.

Agora Matheus estava mais confiante e maduro, e não se escondia mais atrás dos pais.

– Adeus! – Sérgio e eu, nos despedimos deles.

Pelo caminho, Sérgio volta a fazer brincadeiras comigo e alamos sobre sua ressurreição – Tomem muito cuidado com esses tais “caçadores” que estão atacando.

– Mas onde eles te atacaram? – Chisana pergunta.

– Na Cidade de Freit – era uma cidade não muito longe a Cidade de Monastel.

Continuamos indo pelo caminho por dois dias, até chegarmos no centro comercial de Monastel.

– Sou grato pela ajuda. Se não fosse por você, nunca teríamos acabado com o problema dos lobos e provavelmente, eu e minha família estaríamos mortos – ele agradece com uma alegria em seus olhos.

– Que isso?! Não foi nada! – ficamos felizes por ajudá-los.

– Esperem um pouco – ele vai até o Ponto de Guilda, enquanto tomamos conta de sua carroça – Aqui está! – ele nos entrega o comprovante de conclusão de missão.

– Obrigada – agradeço.

– Até um outro dia! – Sérgio se despede saindo da cidade.

– Até – me despeço, vendo aos poucos ele sumir no horizonte.

– Espero revê-los algum dia – ela falou mentalmente.

– Eu também – concordei, enquanto iam receber nossa recompensa no Ponto de Guilda.

## Capítulo 11 – Novo Dia, Novas Aventuras

- Ahh... Nossa primeira missão foi concluída! – Chisana dá uma grande espreguiçada de felicidade, enquanto andava em direção ao Ponto de Guilda.
- É mesmo. Ficamos quase três semanas lá, e parece que foi uma eternidade – falo mentalmente com ela.
- Vamos logo pegar nossa recompensa! – ela foi correndo que nem uma criancinha para ganhar um brinquedo.
- Tá – estávamos muito felizes.
- Ela corria, pulava e cantarolava. Passando pelas ruas de Monastel, vimos uma linda carruagem puxada por dois lindos cavalos brancos que pareciam dois anjos. Ela para, e de dentro sai um garoto loiro de olhos azuis bem vestido.
- Então esse é o povo de Monastel – o garoto fala com quem parecia ser o seu mordomo ou criado. Ele também vestia uma roupa muito elegante e refinada.
- Sim, meu caro príncipe. Esse será o lugar que irá governar quando herdar o trono de seu pai – o criado fala elegantemente e com classe.
- O que está fazendo? – fico preocupada ao ver a grande curiosidade de Chisana em ver mais de perto o príncipe.
- Eu quero ver – ela não conseguia conter sua curiosidade e fica atrás da carroça.
- Donald – o príncipe chama a atenção de seu criado.
- Sim, vossa alteza – Donald responde se inclinando um pouco pondo seu braço na frente de seu corpo com a mão aberta.
- Tem algo atrás de nossa carruagem – o garoto aponta para nossa direção, como um menino mimado.
- Hã. Desculpe – ela sai bem tímida de trás da carruagem.
- Qual é o seu nome mocinha? – Donald pergunta elegantemente a ela.
- ... – ela estava tão apavorada que não conseguia dizer nada.
- Qual o seu nome mocinha? – Donald ainda tenta se comunicar. Eu por outro lado tentei ficar no controle, mas ela estava imóvel de tanta timidez.
- O que foi? O gato comeu a sua língua? – o príncipe tenta tirar algumas palavras dela com umas provocações, mas nada adianta.
- Hey, garotinha. Fale alguma coisa – ele chega bem perto de seu rosto falando, como se fosse um pirralho mimado.
- Me-me-me ch-chamo Chisana – ela finalmente responde.

– Muito prazer. Eu sou Pedro Dantin, e esse é meu criado: Donald – ele fala como um verdadeiro príncipe.

– Meu senhor, já está tarde. Temos que ir – Donald avisa.

– Sim. Foi um prazer em te conhecer, Chisana – ele se despede entrando na carruagem e parte.

– O que houve? – pergunto preocupada mentalmente.

– Nunca tinha visto humanos tão bem arrumada na minha vida – ela fica imóvel por uns segundos.

– Vamos! Temos que pegar nossa recompensa! – lembro a ela.

– Hã? Como? Ah, sim. Vamos! – ela volta andar em direção ao Ponto de Guilda bem menos alegre, por conta do príncipe.

– Aqui está. E obrigada – recebemos 100 pts da atendente sem vergonha que estava atrás do balcão que entregava as recompensas.

– Nosso primeiro pagamento! Yohuu! – ela imediatamente volta a ficar hiper alegre, após receber o dinheiro, como se nunca tivesse encontrado o pequeno príncipe.

– Calma! Calma! Se contenha! – falo mentalmente com os olhares curiosos a nossa volta.

– Hihi. Não foi nada – ela acena e vai saindo do Ponto de Guilda.

Antes que saíssemos, algo nos chama a atenção. Vimos um grupo de aventureiros em frente ao painel, discutindo algo muito preocupante. Ela chega bem perto para escutar a conversa.

– Semana passada foi a cidade do norte! – fala o jovem guerreiro nervoso e preocupado.

– Soube que já foram três cidades atacadas! – fala a bela menina, parecendo ser uma maguinha.

– Por onde passam, só há morte e destruição! – fala um outro guerreiro.

– De quem vocês estão falando? – cortando a conversa, Chisana pergunta curiosa.

– Você não sabe? Foi um grupo de vândalos, chamados de “caçadores” – ao ouvirmos isso, lembramos da morte de Sérgio e de seu burro.

– Eles invadem as aldeias e as cidades dizendo que procuram por demônios e cobram para isso. Se não os pagar, eles saqueiam e destroem tudo o que tem!  
– fico horrorizada com tais palavras.

– Um homem até foi morto ao tentar salvar suas mercadorias, mas foi brutalmente espancando e torturado até a morte! – outra maguinha fala sobre Sérgio.

– São como demônios! Usam poderes mágicos para intimidar as pessoas, e são muito poderosos! – começa uma grande discussão, até ser interrompida por uma das atendentes.

– Pessoal! Pessoal! Acalmem-se! Estamos construindo um muro ao redor da cidade para conter o avanço deles. Quem quiser ajudar na construção do muro, é só se inscrever que serão pagos 25 pts por dia de trabalho.

– Chisana foi saindo de fininho, enquanto víamos as pessoas indo se inscrever.

– Buaaa... Estou um pouco cansada – ela dá um pequeno bocejo, enquanto caminhava.

– Aah... Eu também. Vamos parar naquela pousada de novo – também estava cansada, e fomos andando com um pouco de sono até a Pousada Dois Irmãos.

– Olá. Bem-vinda a Pousada Dois Irmãos da Cidade de Monastel. Posso ajudar?

– Gustaf apresentou-se formalmente atrás do balcão como da outra vez.

– Olá – ela sorri.

– Como foi sua primeira missão? – ele pergunta, como se já soubesse de nosso disfarce.

– Primeira? – ela tenta disfarçar – Acabei de vir de mais uma missão de resgate.

– Como foi sua primeira missão, Chisana? – ele continua a perguntar, como se soubesse de nosso disfarce.

– Olá, Hasuno! – Sebastian surge novamente com um pano branco enxugando um copo.

– Quem é Hasuno? – ela ainda tenta ficar no personagem.

– Pode parar de se esconder – Gustaf ainda com um ar de bondade.

– Sabemos de vocês duas. A súcubo, Hasuno e a fada Chisana – eles nos descobriam.

– Como? Quem é Hasuno? Não sei de nenhuma fada ou súcubo. Sou só uma maga, como qualquer uma outra – ela tenta uma última cartada.

– Pode parar de fingir – Gustaf olha para ela.

– Nós vimos que se separam, dormiram juntas e usavam seus poderes – Sebastian olha para ela.

– Co-co-como? – ela se entrega completamente ao gaguejar de medo.

– Percebemos que tinha algo de errado e você estava muito nervosa, mas o que mais me chamou a atenção, foram os fragmentos de asa de fada – Gustaf fala sobre como nos descobriu – Achei estranho você dizer que as recebeu como recompensa numa missão de herói. As recompensas de herói são só pagas com dinheiro do reino, e não por fragmentos de asa de fada.

– Elas são só encontradas pelos aventureiros, e por serem muito raras, valem uma fortuna. Se vocês não tivessem dito que ganharam em missão de herói, e sim durante a missão, não teríamos desconfiado – Sebastian complementa a explicação de seu irmão.

– E como temos nossos meios de descobrir... – Gustaf mostra duas chaves iguais às do quarto que havíamos usado.

– AH! Por favor! Não nos mate! – gritamos de medo após nos separarmos, enquanto nos arrastávamos de costas sentadas no chão.

– Não! Por favor! Nos perdoe! – imploramos depois de esbarrar na parede e ficarmos cercadas por eles.

– Snif! Buaaa! – Chisana dá grandes gritos de choro.

– Não! Ahhh... – grito desesperada, enquanto urinava de tanto pavor.

Quanto mais eles se aproximavam de nós, os via se distorcendo em seres malignos com garras grandes e compridas, corpos alongados, chifres misturados ao rosto, com um sorriso de uma fera e olhar vermelho penetrante vindo em nossa direção. Estendem suas mãos e...

– Calma. Calma. Não vamos te machucar – Gustaf bota sua mão sobre minha cabeça.

– Não precisam se preocupar. Sabemos que são duas garotinhas gentis e bondosas – Sebastian bota sua mão sobre a cabeça de Chisana.

Após nos acalmar, vejo eles voltarem ao normal de minhas imagens distorcidas de minha mente.

– Não se preocupem, podem ficar aqui o tempo que precisarem, mas desde que continuem fazendo ações de heróis, como haviam dito para nós.

– Mesmo? – pergunto levantando toda fedendo a mijo.

– Sim – Gustaf responde com um sorriso no rosto, enquanto nos leva para um banho junto de seu irmão.

– Obrigada – ela responde, enquanto Sebastian jogava água em sua cabeça com uma pequeno balde.

Me sentia envergonhada por mentir. Sentadas e peladas num banquinho no banheiro feminino, eles nos dão um grande banho para tirar o cheiro de mijo de nós. Eles nos tocam e nos lavam da cabeça aos pés, como se fossem nossos pais. A princípio pensei que iam abusar de nós, mas logo vi que eles só estavam querendo nos ajudar, mesmo limpando cada parte íntima de nossos corpos. Sentia suas boas intenções, foi quando olhei para baixo e vi que o meu colar com o fragmento de asa de fada estava com o brilho mais intenso, e ver o sorriso e a alegria de Chisana, me fizeram acreditar nos dois.

Depois eles nos deram roupas limpas que cheiram a um mar de rosas. Fomos para o mesmo quarto que havíamos pego antes.

– Obrigada! – agradeço toda feliz pelo banho.

– Obrigada! – ela agradece gentilmente com um ar mais infantil e generoso. E entramos no quarto...

– Ahh... Que dia! – ela pula na cama e fica de braços abertos olhando para o teto.

– É! – olho para o cair da noite da cidade pela janela com uma expressão de felicidade, com o cotovelo na borda e o queixo sobre minha mão.

Conversamos um pouco e fomos dormir. De manhã Sebastian oferece café da manhã em nosso quarto, como da última vez. Depois descemos...

– Bom dia – Gustaf sempre gentil.

– Bom dia – animadas com o novo dia, fomos até o Ponto de Guilda ver qual era a próxima missão que iramos pegar.

– O que ouve? – pergunto preocupada a uma das atendentes sem vergonha.

– As missões foram canceladas por conta do risco de ataque dos “caçadores” – a atendente vem em nossa direção balançando seus enormes peitos que pareciam que iam me dar um golpe e me mandar para longe, como um coice de cavalo.

– No momento a maioria dos heróis estão ajudando na construção do muro e outros estão treinando para derrotar os “caçadores” – a vaca explica a situação.

– O que você acha? – pergunto mentalmente.

– Bem... Você poderia aproveitar e treinar para aprender e aprimorar seus poderes – Chisana explica com um pouco de dúvida.

– Pagamos 25 pts por dia de trabalho – a vaca explica tentando nos comprar a qualquer custo. Era uma quantia até que razoável.

– Tá. Eu aceito. Onde me inscrevo? – respondo.

– É só você entrar na fila de inscrição – era uma fila enorme que ia até no pátio do Ponto de Guilda. Ficamos horas esperando a nossa vez chegar, e mesmo assim, Chisana parecia gostar da ideia de trabalhar numa construção.

– Que demora! – eu estava enjoada de ficar tanto tempo naquela fila.

Depois de nos inscrevermos, voltamos para a pousada cansadas de ficar em pé na fila o dia todos.

– Boa noite, meninas – Gustaf nos recebe, enquanto nos separamos na sua frente.

– Boa noite – cansadas, subimos até nosso quarto.

No dia seguinte, fomos até a obra do muro. Ele era imenso, e haviam vários heróis trabalhando em sua construção.

– Oi – cumprimento um homem alto e forte com roupas sujas de matérias de construção que estava trabalhando e supervisionando o rendimento da construção.

– Há. Você deve ser um dos heróis que vieram ajudar na construção – ele nos encara com uma voz grossa e intimidadora.

– Sim. Sim – fico um pouco intimidada com aquela atitude hostil.

– Que isso, Rost. Não precisa pegar pesado com os novatos – um jovem rapaz alto e bonito tenta acalmar o homem que estava falando conosco.

– Tá! Tá! Você pega muito leve com esses novatos. Essas crianças, pensam que podem fazer o trabalho de um adulto! – Rost fica falando bem alto.

– Tenha paciência. Eles são bem fortes e experientes, e podem nos ajudar a levantar esse muro – calmo, como a brisa do mar, o garoto continua a tentar acalmar o homem.

– Fortes? Experientes? Há! Não me faça rir! Eles ainda devem estar usando fraudas! – Rost ainda caçoava de mim.

– Não ligue para ele. Ele fala assim porque na sua idade as crianças viviam implicando com ele – o jovem fala apontando para Rost, enquanto estava de costas para ele – Me chamo Steven, e esse é meu colega Rost.

– Dispense apresentações! Olhe só esses bracinhos de bebê! Tão magros que nem devem aguentar levantar um pequeno balde com água! – Rost pega meu braço com força e quase me levanta junto.

– Há?! – ele fica surpreso ao apertar meu braço. Uso meus poderes para ficar com os músculos do meu corpo, duros que nem pedra.

– O que foi? – Steven não entende.

– Como? Como você pode ter um braço tão forte e duro? – Rost aperta meu outro braço e depois minhas pernas.

– Pare. Ele vai descobrir nosso segredo – Chisana fala mentalmente, enquanto toma o controle do corpo de mim.

– O que? – Steven fica preocupado.

– Esses músculos dela, não são normais! Estão duros e fortes que nem pedra!  
– Rost fica com um pouco de medo.

– Deixa eu ver aqui. Posso? – gentilmente, Steven pede para tocar e apertar meus músculos.

– Sim – Chisana gentilmente o deixa apertar.

– Hum. Deixa eu ver aqui... – ele a examina.

– E então? Sentiu? – Rost ainda espantado.



- Tudo normal pra mim – Steven conclui.
- O que? Isso deve ser um engano! – Rost aperta novamente nosso corpo – Mas, como?
- Você anda nervoso demais esses dias. Tente esfriar a cabeça – o rapaz o aconselha.
- Venha. Eu mostro o que você deve fazer – Steven nos guia.
- Eu devo estar muito nervoso mesmo, por esses dias – Rost sai preocupado com sigo mesmo, sem entender nada.
- Ufa! Mais cuidado minha “flor”. Quase que nos pegam – ela dá uma bronca em mim mentalmente.
- Desculpe. Achei que com meus poderes, não deixaria ninguém mais implicar comigo – falo triste para ela.
- Sim. Mas você deve tomar cuidado com eles. Você pode acabar machucando alguém. Uma coisa que meus pais sempre me diziam, era: grandes poderes, grandes responsabilidades – ela me dá mais bronca, como se fosse meus pais.
- Sim – fiquei feliz por ela estar se preocupando comigo daquela forma.

## **Capítulo 12 – Os Caçadores**

- Ufa – enxugo meu suor do rosto com minha mão.
  - Vamos. Isso é perfeito para treinar sua força – Chisana fala, como uma treinadora.
  - Hora da boia! – o chefe de cozinha anuncia que a comida estava pronta. Cansada, vou até a mesa me servir. Era basicamente arroz, um pedaço de carne de boi, batata e uma vitamina de frutas. Para uma comida de pedreiro, já estava em outro nível, me sentia num restaurante três estrelas.
  - Deixa eu experimentar um pouco – ela não resistia em só olhar e pedia para assumir o corpo.
  - Humm... Mas que delícia! – ria mentalmente, enquanto admirava ela comendo que nem uma porquinha.
- Era nessas horas que sua educação e boas maneiras, como fada eram deixadas de lado. Sempre me perguntava: “quem era a súcubo e a fada”, toda vez que testemunhava certas atitudes dela que fugiam da realidade das fadas que ouvia tanto falar.
- BOARRR! Quero mais! – ela solta um grande arrotto, enquanto não parava de pedir mais. Não sei como não engordava.

– Estou cheia! – terminando a refeição, ela vai até uma parte da obra e começa a pintar o muro.

– Eu assumo daqui! – carregar muitos tijolos a manhã toda foi muito cansativo, mesmo usando um pouco de minha super força. Ela realmente estava muito animada.

– Está bem – eu a deixo assumir o controle do corpo.

– Ha, ha! Obrigada – falo mentalmente um pouco sem ar.

Trabalhar naquela construção era puxado, mas era bem divertido observar e dar palpites, enquanto uma trabalhava e a outra só assistia. Aproveitava para aumentar e treinar minha força, carregando materiais pesados: pedras, sacos, ferramentas e água. Por outro lado, Chisana pegava trabalhos mais leves que necessitavam apenas de habilidades manuais por conta de seu frágil corpo, como: pintar o muro e limpar.

Mesmo assim, Rost não parava de nos observar trabalhando, desconfiado e sempre pegando no nosso pé. No entanto, Steven ficava feliz em vir nos ajudar no trabalho. Fizemos algumas amizades ao longo dos dias. Voltando para a pousada e éramos sempre tratadas, como filhas dos dois irmãos. Até chegamos a ganhar roupas novas.

Chisana era um pouco chata, quando o assunto eram roupas. Ela preferia manter seu estilo de fada, com roupas longas e brancas. Chegava até a pedir o material de costura deles para dar seu próprio toque de estilo. Mas na maioria das vezes, vestia sua roupa que usava desde que saiu do Lago das Fadas.

Algumas vezes antes de dormir, olhávamos para as estrelas e a cidade ou íamos transar para recuperar meu poder durante a noite. Na maioria das vezes, era por amor.

– Que noite linda, não acha? – da janela, Chisana olha para o céu estrelado.

– Sim – respondo sentada na cama com as costas encostadas na cabeceira, e com as pernas esticadas, a admirando.

– Sabe... Quando transamos, senti uma enorme energia fluir em meu corpo – ela relembra.

– É. Naquela noite, senti que minha fome era vontade de ter prazer. Sentir cada ponto sensível do corpo – expliquei começando a ter vontade de sentir prazer novamente.

– Sentir cada ponto sensível do corpo? Nunca tinha pensado nisso. Se fosse pensar no meu... seriam minhas orelhas – ela olha para mim, se aproximando bem devagar tocando no ar com um olhar sexy.

– O meu... seria a calda. Naquele dia, não exploramos isso... – respondo com um pouco de receio de sua aproximação sexy.

– Eu também não. Gostaria de experimentar? – com o olhar penetrante e sedutor, ela vem em minha direção subindo na cama.

Aos poucos ela vai descendo com sua mão da minha barriga até minha calda. Chisana a pega com delicadeza e começa a fazer carinho.

– Que calda maravilhosa – ela massageia a ponta de minha calda que tinha um formato de coração.

– Aha. Que linguinha gelada minha “flor” – ela dá um leve gemido quando lambo a ponta de sua orelha pontuda de fada.

– Humhum. Que gostosa – ela baba na ponta da minha calda ao botar sua boca nela, quase como um beijo.

– Shh...Shh... – lambo seu ouvido, enquanto acaricio a outra orelha.

E então, transamos novamente. Essa era a nossa segunda vez.

– Está gostosinho? – ela pergunta.

– Sim. Está muito gostosinho. Quero mais, MAIS! – e continuamos pelo resto da noite. Mas ainda assim, me perguntava: quem é a súcubo e a fada? – Até que um dia...

– UOO... OS “CAÇADORES” ESTÃO SE PROXIMANDO DA CIDADE! – a sirene faz um grande barulho, enquanto uma das atendente do Ponto de Guilda anunciava –**TODOS OS HERÓIS DISPONÍVEIS, VÃO PARA O PORTÃO PRINCIPAL DA CIDADE, E NOS PROTEJAM!**

– Buaa... O que foi isso? – acordo meio sonolenta.

– Hã? O que houve? – Chisana não entendia o que era aquilo tudo.

– UOO... OS “CAÇADORES” ESTÃO SE APROXIMANDO DA CIDADE! **TODOS OS HERÓIS DISPONÍVEIS, VÃO PARA O PORTÃO PRINCIPAL DA CIDADE, E NOS PROTEJAM!** – a sirene continuava a repetir a mensagem.

– O QUE? Vamos lá! – falo levantando o mais rápido o possível da cama.

– Só mais cinco minutinhos – ela parecia uma criança mimada, estava muito fofa.

– Vamos! Vamos! Precisamos levaaantar! – começo a puxá-la da cama.

– Só mais cinco minutos, por favor – ela ainda estava com muita preguiça.

– “Flor”! Acorde, por favor! – tento de todas as maneiras.

– O QUE? Os caçadores? Vamos lutar? – ela muda rapidamente de atitude e começa a me puxar pelas mãos.

Sem comer, fomos até o lado de fora do portão da cidade. Lá encontramos muitos heróis esperando a chegada do grupo.

– Ruu... – minha barriga roncava de fome. Pensando nisso, ela puxa duas maçãs dos bolsos e me entrega uma. Já um pouco aliviada, olhamos para o horizonte.

– São eles! – o guerreiro aponta para os seres que iam surgindo.

Eram cinco: um guerreiro, um espadachim, um mago, uma arqueira e um ogro gigante. Usavam roupas pretas com detalhes em vermelho, e pareciam sedentos por sangue. Esperando o primeiro ataque, ficamos olhando um para o outro por uns instantes...

– O que é isso? – fala o guerreiro. Parecia ser o líder dos “caçadores”.

– Só viemos aqui para protegê-los dos demônios – fala o espadachim.

– Não precisam se preocupar – o mago fala com uma voz aterrorizante.

– Para que isso tudo? Um festival de boas-vindas – fala a arqueira com uma voz sedutora lambendo seu arco.

– Só queremos em troca, sua cidade – o ogro falando com uma voz grossa e boba.

– Nunca iremos entregar nossa cidade – fala um herói guerreiro determinado.

– Sua tirania acaba hoje! – fala uma garota heroína.

– Como ousam falar assim de nós – a arqueira fala.

– Vocês assassinaram muitas pessoas por motivos egoístas – fala outro herói guerreiro.

– Egoístas? Há! Eu nunca ouvi tanta besteira. Ele não queria entregar o que tinha e pagou por seu pecado. Nia haha! – o mago solta uma risada maligna olhando estranhamente e fazendo caretas com a língua de fora, para os heróis.

– Chega de papo. Quero logo fazer vocês de meus lindos escravos – fala a arqueira.

– NUNCAAAAA! – os heróis partem para o ataque.

Foi uma verdadeira carnificina. Eles eram muito bons. Chisana não se mexia de jeito nenhum de tão apavorada que estava. Sua agitação acabou no momento em que os vimos. Eu também não sabia o que fazer, também estava apavorada.

De repente, o espadachim se aproxima de Chisana. Ela tenta reagir e cai para trás.

– Garota boba. Nem deu pro cheiro – ele diz isso apontando sua espada entre os peitos dela. Depois de olhar para ela, ele vai em direção à cidade.

– Vamos lá! – um grupo de heróis que mal podiam se levantar, vão em direção aos “caçadores”.

Vendo aquela carnificina, começamos a ter coragem e fomos para o ataque. Não adiantava muito. Eles eram fortes demais. Chisana cai no chão e começa a chorar.

- Saíam daqui! AH! Socorro! – o povo gritava, enquanto era exterminado, um por um.
  - O que nós vamos fazer? Não somos páreas para eles – falo mentalmente.
  - Não sei. Snif – ela estava muito abalada.
  - Não vamos deixar. Vamos irmão! – vimos Gustaf e Sebastian protegendo sua pousada.
  - Morram seus nojentos! – Rost gritava, enquanto tentava lutar.
  - Não vão passar por mim! – Steven os ataca com tudo que tem.
  - Juntas não está dando certo. Vamos nos separar – falo isso mentalmente.
  - Mas nosso disfarce – ela fica com medo do que pode acontecer.
  - Se não fizermos isso, todos vão morrer. Não tem outro jeito – explico.
  - Está bem – ela concorda.
  - Assim a gente pode se movimentar melhor, pegar mais área e usar todos os nossos poderes livremente – ela nos separa no meio da praça.
  - E-e-eu sabia que tinha algo de estranho nela! – Rost gagueja, enquanto apontava para nós. Só que o espadachim corta o seu braço – AHH...
  - Uhuhu! Uma súcubo e uma fada? – fala a arqueira espantada.
  - Quem iria imaginar que encontraríamos, duas espécies tão raras aqui? – fala o mago surpreso.
  - Seus... Seus... – ficamos muito nervosas.
  - Pronta? – pergunto para Chisana dilatando meus músculos.
  - Sim! – respondeu revelando suas asas e antenas.
  - AHHH...! – dou um grito tão forte que chamamos a atenção de todos, enquanto ia em direção a um deles. O impulso foi tão forte que o chão quebrou um pouco a minha volta.
- Chisana voa para os céus e se transforma na sua forma de gelo. Ela abre os braços e começa a criar pequenas estacas de gelo no ar, e as lança por comando da mente. A cada uma lançada arremessada, outra era criada a sua volta.
- AHH...! – avanço em direção a cada um deles deixando uma grande pressão a minha volta.
  - Não pode ser! Como duas crianças tem esse poder tod...? – o espadachim nem tem tempo de reagir.
  - Cala a boca! – dou um soco que faz com que ele voasse até uma parede.

Chisana muda para a sua forma de fogo. A temperatura começa a subir muito, e mesmo eu tendo um corpo mais resistente, sentia a temperatura subir.

– Vocês irão pagar – ela lança bolas de fogo de suas mãos. Então ela desce e começa a caminhar em direção a arqueira, derretendo tudo o que tocava.

– É mentira. Como duas criancinhas tão saborosas, tem todo esse poder? – a arqueira fica com medo de Chisana, e vai se arrastando até um canto na parede, pois sua perna havia sido atingida por uma das estacas de gelo, e sangrava muito.

– Somos saborosas? Então experimente nossa carne – Chisana com um olhar maligno e frio, se aproximava cada vez mais da arqueira.

– N-n-não. Por favor! – a arqueira com muito medo, fecha seus olhos.

– Está bem – Chisana para de caminhar e fica frente a frente com ela.

– Ahhh... – a arqueira tenta feri-la, mas sua faca derrete instantaneamente ao tentar se aproximar de Chisana para cortar sua garganta – AHHH... – seu braço queima, e ela tenta apagar o fogo com um pano.

– Você ainda me acha saborosa? – Chisana aproxima seu rosto deixando a arqueira toda vermelha da alta temperatura – Vamos, não tenha medo... – ela aproxima sua mão bem devagar, enquanto o rosto da arqueira começa a queimar e a pegar fogo.

– Ahh... – a arqueira grita desesperadamente com o rosto ficando cada vez mais vermelho.

– Tome meu corpo – Chisana a abraça.

– SOCORROOO! – seu corpo estava em chamas, quando vira uma enorme pedra de gelo.

– Gostou? Hihi – Chisana troca de forma, a congelando completamente.

– Como? Ahh! Vocês irão pagar caro por isso – o gro vem em nossa direção, destruindo tudo.

– Não vou deixar – dou um soco em seu grande tronco de madeira que usava como bastão, fazendo com que ele se destruísse por completo.

– Seu verme. Vou te quebrar e devorar cada parte do seu corpo, até não sobrar nenhum osso! – ele fica com muita raiva e parte em minha direção.

– Tome isso! – nossos socos dão empate no meio do ar. Continuamos... mas o resultado era o mesmo: empate.

– AHHH... – então penso em usar mais do meu poder, igual quando derrotei o líder dos lobos na fazenda do Sérgio. Meus músculos se dilatam mais e mais, chegando ao mesmo ponto que antes e minha roupa rasga nos meus braços e pernas.

– Hã? – fico admirada – Sinto um grande poder, igual a daquela vez, mas sinto que agora posso controlá-lo melhor.

– Isso mesmo. Foi graças ao treinamento na construção do muro que agora você pode controlar melhor seu poder – Chisana fala toda contente lutando com o mago.

– Qu-qu-que pressão é essa? – o ogro fica apavorado – l-isso deve ser um truque – ainda com medo, vem em minha direção com um soco.

– Hu – paro o soco dele com minha mão.

– Não pode ser. Tome isso! – ele tenta dar mais um soco com sua outra mão.

– Incrível. É só isso? – debocho segurando cada gigantesca mão dele com minhas mãos.

– HEY, MAGO! Qual é o poder de luta dessa garota? – ele pergunta espantado a seu companheiro.

– Hã?! É de mais de... – Chisana o interrompe, enquanto luta.

– Me solte! – ele tenta recuar, mas minha força era tanta que quebro suas mãos – Ahhh... – ele grita de tanta dor.

– Você quer meu corpo? – olho para ele, o deixando imóvel de tanto medo.

– Não! – ele implora.

– Tome isso! – dou um soco tão forte que ele voa para o alto e cai em cima de mim.

O seguro como se fosse um travesseiro leve e o jogo no chão. Pego em seu pescoço e começo a voar, o erguendo no ar.

– Ainda quer me comer? – falo com uma voz intimidadora, enquanto começo a hipnotizá-lo.

– Não! Nã... – ele fica paralisado. Começo a invadir sua mente para aterrorizá-lo, mas o que sinto, é uma presença maligna e muito poderosa que parecia os controlar.

– O que é isso? – saio da hipnose e jogo ele no chão.

– Não vai escapar! – o guerreiro dá um enorme salto em minha direção. Só que seguro sua espada e a quebro em dois.

– Ha, ha! – com uma parte de sua espada em suas mão, ele fica apavorado, enquanto olha para Chisana.

– Tome isso! – ela o congela.

Olho para o ogro e fico me perguntando, o que era aquilo que tinha visto. Chisana toca com o dedo em mim e chama a atenção. Vejo o povo da cidade nos observando após derrotar os “caçadores”.

– Esperem por favor... – ainda com os músculos gigantescos, fico aterrorizada vendo aquela gente se aproximar de mim.

– OBRIGADO! – o povo grita de alegria ao ver que vencemos.

– Mas? – Chisana fica imóvel sem entender, após voltar a sua formar normal.

– Buaa... Snif. Snif – algumas pessoas gritavam de tristeza por perderem os entes queridos ou aqueles que estavam feridos.

– QUE DOR! – Rost gritava de dor depois de perder seu braço.

– Deixa que eu posso ajudar – ela se aproxima de Rost.

– Você... – ele não sabia o que dizer naquele momento deitado no chão no colo de Steven.

– Eu sou uma fada. Não se preocupe – ela se ajoelha ao seu lado.

– Eu sou um fracasso mesmo. Nunca pude me torna um herói por conta de uma lesão na perna. Agora fico implicando com os mais jovens por minha incompetência – ele conta seu segredo.

– Calma. Eu posso ajudar. Fique quieto, por favor – ela tenta acalmá-lo, enquanto tenta curá-lo.

– AH, AH! – ele grita muito.

– Prontinho – ela não só coloca seu braço no lugar, como cura sua lesão.

– Isso é um milagre! – Steven grita.

– Hã? Como? Buaa... – Rost chora ao abraçá-la de emoção.

– Não foi nada – exausta, ela dá um abraço de retribuição e começa a chorar.

– Socorro! – escuto vozes nos escombros e vou ajudar.

Após ajudar a pessoas o máximo que podia, olho para os cadáveres dos “caçadores” e noto uma pequena fumaça roxa saindo de trás deles. Viro um deles, e vejo uma massa roxa e estranha saindo de suas costas. Logo ela evapora.

– O que foi isso? – já com meus músculos de volta ao normal, caio no chão exausta olhando para Chisana também caída no chão de cansaço.

Pela manhã, acordo ainda dolorida pela batalha. Olho ao redor, e vejo que estava no quarto da Pousada dos Irmãos e com Chisana do meu lado da cama.

– “Flor”! “Flor”! – a balanço para ver se estava viva.

– Ai! Que dor! – ela ainda recuperava sua mana e sentia um pouco de dor por usar quase toda a sua mana na batalha – Oi, “flor”. Bom dia.

– Oi – dou um leve sorriso olhando para ela com emoção.



Com um pouco de dificuldade, levantamos e vimos que tinha uma bandeja com o café da manhã na mesa do quarto. Comemos com um pouco de dificuldade. Após comermos, descemos as escadas bem devagar com um pouco de dificuldade...

– Ué? Cadê Gustaf? – olho para o balcão vazio.

– E o Sebastian? – ela abre a porta da cozinha, de onde normalmente ele saia.

– O que é isso? – de repente, escuto uns barulhos.

– É! O que deve ser isso? – ela fica nervosa.

Abro a porta bem devagar, e um enorme clarão bate em nossos olhos. Quando nossa visão se acostumou com a luz do sol, vimos todos da Cidade de Monastel trabalhando em sua reconstrução.

– BOM DIA! – todo o povo de Monastel nos agradece.

Ficamos espantadas e caímos ajoelhas com as mãos dadas olhando uma para a outra com um sorriso de felicidade.

– Minha “Flor” – falamos fechando os olhos e rindo.

## **Capítulo 13 – 5 Anos Depois...**

Depois de nos recuperamos da batalha, fomos ajudar a reconstruir a Cidade de Monastel e a recuperar as pessoas feridas. Infelizmente Chisana não pode ressuscitar ninguém, pois sua mana máxima era muito baixa para fazer isso. Se com uma pessoa e um burro já foi muito difícil a deixando exausta, imagine com várias.

Depois de investigar a origem da mancha roxa nos “caçadores”, descobrimos que se tratava do poder do rei dos demônios que estava os possuindo. Agora o povo de Monastel confiava na gente e passamos os últimos cinco anos conquistando mais a sua confiança.

– Bom dia, “flor” – Chisana e eu acordando.

– Um novo dia, uma nova missão! – ela acorda cheia de energia.

– Vamos lá... – cinto algo húmido debaixo da coberta.

– O que fo... – ela também sente.

– AH! – estávamos todas cheia de sangue.

– O QUE ISSO? – tínhamos sangue por toda a cama saindo de nossas vaginas. Gritamos tão alto que Gustaf e Sebastian vem ver desesperadamente o que havia acontecido.

– O QUE HOUE? – eles gritam ao entrar, quase arrombando a porta.

- Alguém veio aqui e nos feriu! AHHH... – Chisana grita desesperada segurando a coberta em suas mãos, fazendo um maior escândalo, enquanto chorava.
- VOU MORRER! – grito junto com ela, pondo minhas mãos na minha vagina com a coberta por cima.
- Vocês estão feridas? – Gustaf fica desesperado ao ver a grande mancha de sangue na cama.
- Quem pode ter entrado aqui? – Sebastian procura por pistas do tal agressor pelo quarto, começando pela janela.
- Deixa eu ver aqui – Gustaf começa a levantar a coberta para ver.
- Não tem nenhum sinal de arrombamento – Sebastian ainda procura pistas, mas nada.
- IRMÃO! Pode parar. Já sei o que houve – Gustaf fica surpreso.
- O que houve? – ficamos com medo do que eles viram.
- Aiai – eles olham para nós, como se tivéssemos feito algum crime.
- Elas menstruaram – não entendemos o que tinham dito.
- Venham aqui! – eles nos puxam da cama e arrancam nossas roupas a força, deixando um caminho de sangue a cada passo que fazíamos.
- NÃO, NÃO! – gritávamos de terror ao ver aquele sangue caindo da cama e de dentro de nossas vaginas.
- O que vão fazer com a gente? – pergunto desesperada ao vê-los nos levar a força. Tento ativar minha super força, mas quando tentava, me sentia cada vez mais fraca e cansada.
- PAREM COM ISSO! – Chisana tenta ficar em uma de suas formas, mas o resultado era o mesmo do meu.

Depois da batalha contra os “caçadores”, Gustaf e Sebastian começam a nos tratar, como suas filhas. Passamos a morar em sua pousada no mesmo quarto desde então, lutando como heroínas e ajudando a cidade, e quando não fazíamos isso, ficávamos trabalhando na pousada com eles, para ajudar.

– Por favor, falem o que estão fazendo! – ela tentava entender, chorando e gritando pelos corredores da pousada.

– Nãooo... – me sentia, como um escravo sendo levado para o abate.

Peladas e arrastada para o quinto dos infernos, gritávamos. Chegando no banheiro da pousada, eles nos lavam.

– Não! Não! – grito desesperada, chutando Gustaf.

– Hai. Ahhh... me solte! – ela esperneia num canto da parede, toda encolhida.

- P-p-pare! – Eles tentam nos dominar. Tentamos resistir, mas no final, eles conseguem nos dar um banho com muita dificuldade.
- Me desculpe – ficamos tristes e envergonhadas ao ver seus rostos machucados por nossos golpes e arranhões.
- Ai, ai! Vocês estão menstruadas – Gustaf fala.
- O que é isso? – ela pergunta.
- Não foi alguém que veio nos ferir? – pergunto que nem uma boba segurando o choro.
- Claro que não! – Sebastian responde nervoso.
- Mas, é claro que não. Ainda são muito novas para saber o que é isso, mesmo uma de vocês sendo uma súcubo – Gustaf explica.
- O que é isso? – pergunto curiosa com lágrimas ainda caindo dos meus olhos.
- Menstruação é a época em que vocês mulheres derramam sangue de suas vaginas, após um tempo sem transar – explica Gustaf.
- Seus corpos se preparam para receber o esperma de algum homem, mas se isso não ocorrer num determinado período, seus corpos ficam cansados de esperar e jogam tudo fora, o que haviam preparado para engravidar – Sebastian, explica mais detalhadamente.
- Isso quer dizer que, seus corpos estão maduros e evoluídos, prontos para terem filhos – Gustaf foi direto.
- Ou seja, vocês agora são adultas – Sebastian responde com firmeza.
- Bem. Pelo menos, só os seus corpos – eles falam ao mesmo tempo.
- Isso vai acontecer de novo? – Chisana fica preocupada.
- Sim. Isso deve acontecer com frequência de agora em diante – Gustaf responde.
- Olha, não sabemos, enquanto, enquanto tempo, isso vai acontecer. Não somos médicos. Desculpe – Sebastian responde.
- Podemos pedir para uma conhecida nossa, explicar para vocês – eles falam de uma vizinha deles.
- Poucos dias depois, a vizinha vem e nos explica. Ficamos surpresas ao descobrimos mais sobre a puberdade. A partir dali, passamos a olhar mais atentamente nossos corpos e a ter mais prazer sexual cada vez que transávamos.
- Olha como seus seios cresceram – Chisana toda assanhada, acariciando meus seios.

– Sim. Eles cresceram um pouco, mas os seus cresceram menos – falo acariciando os seus seios.

– É mesmo. Logo, logo, os nossos seios vão ficar gigantescos. Vão ficar até maiores do que aquelas atendentes da guilda – falou isso com uma expressão prazerosa, tocando os seus próprios seios. Em relação aos meus, ela acertou, mas os dela, não cresceram muito até agora.

E ficamos transando pela madrugada.

No dia seguinte, fomos até o Ponto de Guilda pegar uma nova missão e beber um pouco de leite fresco. Desde o fim da batalha de cinco anos atrás, passamos a beber no bar da guilda. As atendentes nunca nos deixavam beber nada alcoólico, por sermos muito novas. Só nos deixavam beber leite.

– Eu quero beber! Eu quero beber! – Chisana sempre insistia em querer beber algo alcoólico.

No final de nossa bebedeira, fingíamos estar bêbadas até chegar em casa. Quando chegávamos na pousada, Gustaf e Sebastian nos davam uma bronca, batendo em nossas bundas para que parássemos com a palhaçada, mas o que sentíamos mesmo era muita dor de barriga por beber tanto.

Certo dia, quando chegamos no Ponto de Guilda, vimos um grande grupo de heróis reunidos...

– ISSO NÃO É JUSTO! COMO PODEM FAZER ISSO COM A GENTE – vimos um grande grupo de heróis em frente a bancada da guilda reclamando com as atendentes.

– O que está acontecendo? – Chisana pergunta para uma maga que fizemos amizade.

– Oi, Chisana! Oi, Hasuno! Estamos aqui querendo saber, porque as missões foram suspensas – a maga nos explica.

– O que? Como assim? – fico curiosa.

– É isso mesmo! Estão dizendo que suspenderam as missões por conta de uma epidemia! – um rapaz que conhecemos a dois anos atrás, explica.

– CALMA! CALMA! AHH... QUE DIA! – uma das atendentes sem vergonha tenta acalmar a multidão. Ela desiste e vai se sentar numa mesa no bar dentro da guilda.

– Oi. Poderia nos contar o que houve? – pergunto curiosa.

– Oi, Hasuno. Bem, vocês lembram de quando lutaram contra os “caçadores” e viram que eles tinham a marca do rei demônio? – ela pergunta um pouco exausta com um grande copo de cerveja nas mãos.

– Sim. Foi nesse dia que vocês viram quem nós éramos de verdade. – lembrei a ela.

– Pois é. Essa marca está começando a reaparecer nas pessoas da cidade e até fora dela. Só que ao invés de transformá-las em assassinos, ela está criando pesadelos e as deixando indispostas. É uma praga. Por isso que estamos suspendendo as missões, enquanto não resolvermos esse problema – ficamos espantadas.

– Nossa! E como estão tentando resolver esse problema? – pergunto.

– Olha... impedir que ela entre na mente de alguém, não é o problema. O problema é tirar a maldição delas. Estamos pedindo para que todos os alquimistas disponíveis, criem poções para aqueles não infectados. Mas eles ainda não conseguiram tirar a marca daqueles já infectados. O que nós vamos fazer? Snif. Snif – Ela explica chorando.

– Isso é muito grave – Chisana fala preocupada.

– Só mais uma coisa. Parece que quem for do elemento luz ou escuridão, magos ou feiticeiros, não são afetados pela marca tão facilmente – ela nos explica.

– Missão suspensa – lemos o que estava escrito no painel.

– E agora? – sem saber o que fazer, saímos do Ponto de Guilda e fomos conversando, enquanto caminhávamos pela cidade.

– Isso é preocupante – ela fica repetindo isso o tempo todo.

– Tem que haver alguma solução para isso – fico pensando em uma solução.

– Ai, ai! EU QUERO FAZER MISSÃO! – ela começa a gritar de raiva.

– Só afeta a mente... estranho... – fico pensando alto.

– Espera! Vem cá! – ela me chama para um canto.

– O que foi? – pergunto espantada.

– É isso aí! – ela fica animada com a ideia que teve.

– O que foi? O que foi? – fico curiosa.

– Se o problema, são pesadelos. Você pode resolver isso fácil, fácil! – ela explica bem animada com seu plano.

– E-eu? – fico sem palavras.

– Sim. E é uma ótima oportunidade para se tornar uma verdadeira súcubo. É só você ir visitar cada pessoa e entrar em suas mentes para tirar a marca – para ela parecia muito fácil, já que eu quem era a súcubo e ela a fada.

– Mas, eu tenho você. Você tem a mim. Temos nossas forças ao máximo... – tento explicar.

– Pare com isso! Um dia posso não estar ao seu lado para te acompanhar ou te ajudar! E uma hora vai precisar se alimentar da energia vital dos outros para sobreviver! – ela me dá uma bronca.

- Mas... – tento falar.
- Nada de, mas! Você precisa ser independente! – ela estava certa.
- Eu tenho medo de sugar demais a energia vital das pessoas e matá-las, as deixando que nem múmias, como meus pais faziam. Todas as súcubos e os íncubos normalmente fazem isso, e eu não quero isso! Por isso prefiro ficar com você. Nosso amor é mais forte e... – falo descontroladamente. Chisana pela primeira vez perde a paciência e me dá um tapa bem forte na cara!
- PARE COM ISSO! – ela com certeza estava com muita raiva pela minha atitude.
- Snif. Snif. Por que fez isso? – fico olhando para ela, chorando.
- Você é muito egoísta! Pare de pensar que vai dar tudo errado! – pela primeira vez a vejo com muita raiva.
- Mas... nossa amizade não basta? – tento falar. Eu realmente era uma criança mimada.
- Pessoas podem viver sem amigos. Amigos não são como o ar ou a água, eles estão mais para bens de luxo. Se você tem amigos, você terá uma vida plena, e se você não tiver, você pode ainda administrar isso de alguma maneira. Não é diferente do café ou do charuto... em outras palavras, seus amigos de hoje, podem até mesmo te prejudicar. Você não precisa se preocupar com os amigos que estão ao seu redor. Se você está com medo da solidão, morra jovem. Gaste seu tempo com outras preocupações. Pense e reflita sobre o que você quer – ela respira fundo e fala para mim olhando para o alto.
- Pensar e refletir... – falo colocando meu dedo indicador em meu queixo.
- Bem... Você nunca vai saber se não tentar, né? – ela me puxa pela minha camisa.
- Está bem! Está bem! – eu concordei.
- Eu te amo, minha “flor”, mas já faz um tempo que vejo você muito agarrada a mim e sempre dependente do nosso amor. E queria que você aprendesse a se virar sozinha – nunca havia recebido uma lição tão valiosa quanto aquela que iria me seguir até os tempos de hoje.
- Muito obrigada, “flor”. Mas posso lhe pedir um pequeno favor em troca? – fico com um certo receio dela recusar, mas mesmo assim pergunto.
- O que? – ela fica um pouco mais calma.
- Pode me ajudar nas primeiras vezes, até eu me acostumar? Por favor! – pergunto de cabeça baixa com os olhos fechados.
- Mas é claro, minha “flor”. Eu sei que ainda não tem prática com isso. Então vou te acompanhar sim, em suas primeiras idas – ela volta usar sua voz carinhosa.
- Obrigada – agradeço enxugando minhas lágrimas com uma cara de felicidade.

– Também, você ainda não tem pratica nenhuma em transar com mais ninguém além de mim, tanto homens, quanto mulheres. E também não posso deixar que faça nenhuma besteira – ela ri brincando com a realidade da situação.

– Hey?! – fico com a cara inchada de raiva ao ouvir isso.

– Hihi – realmente, aquela foi a primeira vez que ela briga comigo, mas seu bom humor volta instantaneamente.

– Não sou assim tão ruim. Não sou? – falo, como uma criança boba chateada.

– É sim! – ela aperta minha bochecha que tinha a marca dos dedos da mão dela após seu tapa.

– Ai! Ainda dói! Hihi – brinco com ela usando um pouco a dor que sentia.

– Mas primeiro, não podemos falar com Gustaf e Sebastian e nem para ninguém sobre isso – ela não queria que ninguém soubesse. Seríamos realmente independentes.

## **Capítulo 14 – Independência**

A noite cai! Abro a janela, olho para a escuridão, as estrelas no céu e as lamparinas iluminado as ruas. Sinto o cheiro do ar e vejo que não havia ninguém na rua por causa da epidemia que as deixavam com medo e acovardadas em suas casas. Era o momento ideal para começar.

– Vamos! – olho para ela atrás de mim já com nossas asas abertas.

– Se por um acaso, você sugar demais a energia vital, eu interiro e recupero sua energia – ela me avisa.

– Sim! Pensamento positivo! – fico confiante, mas com um leve toque de desconfiança.

– Vamos lá! – falo para ela. E saímos da pousada voando e procurando alguém com a marca do rei demônio.

Não demorou muito, até acharmos a primeira pessoa tendo pesadelos...

– Ali! Parece que não tem ninguém acordado. Vamos lá – ela sussurra. Fomos até a janela da casa da pessoa, estava destrancada. Com isso, foi muito fácil de entrar no quarto onde a pessoa estava.

Chisana fica observando sentada na janela tomando conta de mim e se alguém ia nos ver pela rua. Chego perto da pessoa bem devagar, olho atentamente e percebo que era...

– “Flor”! – a chamo bem baixinho, fazendo movimento com as mãos.

– O que foi? – ela chega do meu lado.

– É o Steven! – falo espantada. Era nosso companheiro de trabalho que nos defendeu quando o conhecemos na construção do muro.

– É isso aí! Não tenha medo! Vai! – ela volta para a borda da janela e me observa atentamente.

– Ah! Ah! Ai! – Steven se remoía de tanta dor por causa de seus pesadelos.

– É agora! Lá vou eu! – tento tomar coragem olhando para seu rosto jovem e gentil, e para Chisana na janela.

– Vai, confio em você – ela sussurra.

– Está bem! Lá vai! – e consigo tomar coragem.

Meus olhos roxos começam a brilhar quando abro eles ao máximo me concentrando.

– Ele está de olhos fechados – sussurro para ela.

– Use seus lábios – ela pede para que eu o beije.

Nós súcubos, não precisamos de muito para poder hipnotizar alguém. Basta um pequeno olhar que nosso poder magico resolve o resto. Outro meio de se entrar na mente de alguém, é por contato físico: beijar ou transar, por exemplo. Mas se o alvo estiver alcoolizado ou sobre efeito de alguma coisa que deixe sua mente perturbada, fica difícil de manter o controle sobre a mente dele. Não importa se não olho mais diretamente para ele, a hipnose só é quebrada se a súcubo ou o íncubo quiser, e mesmo estando bem longe, o alvo ainda obedece suas últimas ordens. É chamado de “o encanto das súcubos”.

Após hipnotizá-lo com sucesso, começo tirar suas roupas lentamente, começando por suas roupas de baixo. Olho para aquela coisa mole e grossa com um pouco de nojo, pois só havia chupado a vagina da Chisana, não um pênis de um homem. Seria minha primeira vez.

Chisana faz um gesto igual ao que meus pais haviam me ensinado, usando suas antenas. Um movimento onde suas mãos pareciam agarrar algo cilíndrico indo para frente e para trás, se aproximando e se afastando, várias e várias vezes, enquanto chupava com a boca bem aberta e a língua deslizava sobre ela. Era o “verdadeiro” boquete.

– Tá! – faço com que ele deixe bem duro e grosso o pênis dele com minha hipnose.

Sinto uma grande diferença entre chupar uma vagina e um pênis. Começo a gostar, e chupo seu pênis com cada vez mais prazer. Depois, vou deslizando minhas mãos abertas de cima para baixo no corpo dele. Agarro seus músculos, os lambo e os chupo. Vou até sua boca, e sinto que seu cheiro também era diferente. Não era mais doce como o da Chisana, e sim um grande fedor azedo e sedutor de mau hálito.



Seu corpo também tinha um cheiro diferente, não era limpo e cuidadoso, de um jardim de rosas como o da Chisana, e sim um cheiro de suor e inchaço de um trabalhador. O beijo novamente. Seus lábios eram mais fortes e brutos, mas ao mesmo tempo carinhosos. Me sentia culpada por estar violando seu corpo. Era muito gostoso sentir pela primeira vez o sabor de um macho jovem, forte e maduro.

Pela janela, Chisana só observava com uma cara de satisfação e felicidade. Entrando em sua mente, vejo suas antigas memórias...

– Papai, papai! Olha! – Steven quando era pequeno.

– Esse é meu garoto! – seu pai o levantando para o alto com felicidade.

Quando me deparo com suas memórias, percebo que estava dentro de uma sala igual a de Chisana. Só que desta vez, eu estava flutuando e vendo esferas luminosas mostrando suas memórias passando por mim.

– Há. Você deve ser um dos heróis que vieram ajudar na construção.

– Sim. Sim.

– Que isso, Rost. Não precisa pegar pesado com os novatos.

– Tá! Tá! Você pega muito leve com esses novatos. Essas crianças, pensam que podem fazer o trabalho de um adulto!

Rio ao rever aquela cena, de quando nos conhecemos.

Quando vou mais a fundo em sua mente, vejo a aura escura o tomando. Rapidamente domino essa aura e a expulso do corpo de Steven. Olho para a aura sombria saindo dele igual à dos “caçadores” a cinco anos atrás.

– Ah! Isso foi bom! – limpo minha boca com minhas mãos, mesmo ele não tendo gozado ou enfiado seu pênis em minha vagina. O visto de volta e o cubro com sua coberta e desfaço a hipnose. Saímos de seu quarto e fechamos sua janela.

– E então? O que achou? – ela olha para mim gentilmente, enquanto voávamos.

– Gostoso! – lambo meus lábios, como se quisesse mais.

– Vamos para o próximo – ela fica muito feliz em ver que sabia limitar meus poderes para não matar, e sim sugar o mínimo de energia vital e expulsar a marca do rei demônio das pessoas.

– Mais? – pergunto.

– Lógico. A noite só está começando. Hihi – ela havia percebido que eu tinha gostado e que queria mais e mais.

Fomos até a próxima casa. Estava totalmente trancada. Chisana resolve se transformar em uma luz, fraca e pequenina. Ao passar pela janela volta ao normal e a destranca, abrindo-a para mim.

Entro no quarto da casa e vejo...

- Ele?! – fico com um pouco de medo.
- Ele, sim! Pode começar! – ela sussurra.
- Tá! – eu estava com receio, pois era Rost.

Não sabia por onde começar, olho para seu enorme e volumoso pênis quase rasgando seu pijama velho que nem ele. Sobrevoou ele para poder hipnotizá-lo, pois seu corpo era muito grande e robusto em relação ao de Steven. Conseguindo hipnotizá-lo com sucesso, pousei em suas grandes e musculosas pernas grossas. Uso um pouco do meu poder muscular para abri-las. Tiro suas roupas de baixo e seu pênis cai sobre minha cabeça.

Sentindo um pouco de nojo o ordeno que ficasse com o pênis o mais duro que pudesse. Seu pênis era tão grande que quase fui arremessada para trás com sua força. Sem coragem, seguro “aquilo” olhando para Chisana com nojo. Ela então, repete o gesto de antes. Tomo coragem e começo o boquete. Era enorme, quase não conseguia ir além de sua cabeça.

Lambo e mamoo seus músculos, enquanto esfregava os mesmos nos meus.

- Hey! – ela me chama a atenção com um pequeno sussurro, e faz outro movimento. Desta vez era um onde ela inclinava seu corpo para frente e para trás, da cintura para baixo dizendo para meter seu pênis em minha vagina.

Pego com certo receio e aproximo-o bem devagar.

- Hey! Vai logo! – ela sussurra.

Então meto aquilo bem lá no fundo. Não conseguia prosseguir além de um pouco depois da cabeça do pênis dele. Ia pra frente e pra trás segurando meu gemido para não acordar ou chamar a atenção de ninguém. Inicialmente fiquei meio tímida ao meter minha vagina nele, mas depois acabei gostando muito. Fui com um pouco mais de pressão e usei um pouco mais de minha força para sentir mais prazer e dominação sobre ele.

De repente, sinto uma pressão em seu pênis. Quando vi, saiu um líquido pastoso e branco, num jato muito forte. Ele acaba de gozar. Diferente de Chisana, era um gozo mais robusto e cremoso. Sentindo aquele cheiro azedo, começo a lamber aquele jato que aos poucos virava uma cachoeira e depois só ficavam os respingos.

Entrando em sua mente, percebo uma certa tristeza em seu coração...

- Um dia, serei um grande herói e te salvarei minha donzela – ele quando era criança conversando com sua amiga, a quem estava apaixonado.
- Espero que sim. Estou ansiosa por isso – ela lhe dá um beijo na bochecha.
- Você é um conquistador! Esse é o Rost! – seus amigos puxando o seu saco.
- Sou mesmo! Haha! – ele tinha uma promessa com uma garota de sua idade. Mas...

- CUIDADO! VAI CAIR! – um trágico acidente acontece...
- Quero me inscrever para ser um herói! – ele se inscreve na guilda.
- AIIII...! – mas sua lesão na perna por conta da queda de uma pedra, o impede de prosseguir.
- Sinto muito, mas você não pode ser um guerreiro com essas condições – a atendente explica a situação ao vê-lo com muletas nas mãos.
- Hihi – um grupo de heróis jovens, como ele riem ao ver seu sonho acabado para sempre.

Voltando para casa à noite depois de tentar se inscrever-se, ele vê sua amiga sendo sequestrada...

- Solte ela! – ele é arremessado e humilhado, enquanto via sua amiga sendo estuprada e sufocada até a morte pelos heróis que riram dele antes.

Depois daquele dia, ele nunca mais quis saber de ser um herói e começou a trabalhar em obras e a implicar com as novas gerações de heróis.

Entro mais profundamente em sua mente e retiro a marca do rei demônio. Depois choro ao ver suas lembranças e dou um sonho para ele...

- Hã? Onde estou? – ele não sabia que estava dentro de um sonho.
- Oi, Rost – faço com que tivesse um último encontro com ela.
- Anna, é você? – ele fica feliz em ver sua amiga na sua frente, igual à quando eles eram pequenos.
- Você ainda vai cumprir a sua promessa? – ela pergunta.
- Sim. Mas eu não posso por causa da minha lesão – ele fica triste ao informá-la.
- O verdadeiro herói, não é definido por salvar donzelas em perigo. O verdadeiro herói, é definido por suas ações – ela diz.
- Mas, como posso fazer isso? – ele pergunta.
- Ensine as novas gerações a como serem boas pessoas. Passe o que aprendeu para o próximo, e seja o verdadeiro herói que havia me prometido a anos atrás – ela explica.
- Está bem! Snif! – ele concorda.

- Haha – e eles saem de mãos dadas, andando para o infinito.

Terminando o sonho, lambo os restos de gozo, o visto e o cubro. E depois desfaço a hipnose. Então saio pela janela, enquanto Chisana fechava e saia em forma de luz pela janela.

- E então? – ela me olha com felicidade sobrevoando a cidade.

– Uhu! – respondo lambendo os restos de gozo no meu rosto.

Fomos a próxima casa. Vimos que suas janelas do segundo andar estavam abertas. Entramos e...

– Ela? – pergunto apontando para a atendente sem vergonha que nos atendeu pela primeira vez que entramos no Ponto de Guilda, dormindo nua em sua cama rosa toda enfeitada. Era a Rose.

– Vai! Vai! – ela queria que experimentasse cada um tipo de pessoa naquela noite.

Começo então a imaginar que era a Chisana que estava ali na minha frente deitada. Mas seu enorme corpo me fazia perder completamente a concentração na minha imaginação.

– UHh... – a hipnotizo e começo agarrando logo uma das partes dela que mais a destaca, seus seios.

Os levanto, como dois prédios sendo erguidos, os lambo e chupo de cima para baixo. Mordo seus mamilos com força, mas sem machucar, os puxando até onde podia, seu cheiro e gosto eram, como as de um bolo de baunilha saído do forno.

Descendo lentamente de seus seios até sua barriga para lamber seu corpo, quase caio com a distância e a altura entre eles. Sua vagina era extremamente diferente a da Chisana, mais aberta e grossa, parecia me sugar, como um tornado aquático.

Volto lentamente até seu rosto e dou um beijo bem molhado de língua segurando seus braços e enfiando vagina com vagina. Ela então goza. Lambo seu gozo, como se estivesse saboreando um creme de baunilha. Penetro em sua mente...

– Que-que-queria me-e-e tor-na-nar um herói! Digo... Uma heroína! – revejo a cena de quando fomos nos inscrever para sermos heroínas.

– Ai que fofa! Parece uma boneca! – vejo o que ela estava pensando naquela hora.

– Ai, ai! Aquele gato! – vejo ela e suas amigas ficarem apaixonas por um herói que havia entrado no Ponto de Guilda.

– Ai! E esses músculos! – depois de ouvir várias conversas dela com suas amigas paqueradoras, decido ir tirar logo a marca do rei demônio.

Após conseguir retirar, arrumo tudo e saímos em direção a outra residência...

– Hey! Agora para fechar com chave de ouro, temos que ver algo grande – penso logo em alguém mais forte e robusto do que Rost, após ela sugerir isso.

– Use isso – ela pega um pano e me venda.

– Aonde vamos? – pergunto voando às cegas.

– É surpresa – ela fica toda animada.

De repente, sinto que começamos a ganhar altitude, até pararmos...

– Ta-da! – ela tira minha venda.

– O que? Você enlouqueceu? – vejo que era o castelo da Cidade de Monastel.

– Ah... Vamos lá! Você é ou não é uma súcubo? – ela me pressiona.

– Tá! – não tinha escolha. “Quem sai na chuva, é para se molhar”, era o que meu pai sempre me dizia.

– Vocês súcubos são especialistas em entrar discretamente – ela queria me convencer a ir na toca do leão, de qualquer maneira.

– Aha?! – respondo com receio.

Mesmo com vários guardas rondando pelo castelo, procuramos uma brecha, até chegarmos num quarto que ficava numa das torres. Ao conseguirmos entrar, vimos...

– Ele? Mas por qu... – ela se funde comigo ao ver que era o príncipe Pedro Dantin que nós esbarramos da última vez a cinco anos atrás.

– Desde aquele dia, fiquei com vontade de conhecê-lo melhor, ou melhor dizendo, fiquei com tesão por ele – naquele momento fiz a pergunta para ela...

– Quem é a súcubo e quem é a fada? – riu quando lhe perguntei isso.

Ela deixa nos duas tomarmos o controle do corpo para poder sentir o prazer. O rapaz tinha quase nossa mesma idade, era só um ano mais velho.

Enquanto Steven aparentava ser mais maduro e experiente com uns vinte e cinco anos de idade, Pedro Dantin era muito mais jovem e era mais infantil e dócil com uns dezesseis anos de idade.

Hipnotizo e puxo suas roupas até deixá-lo completamente nu. Seu pênis e corpo eram jovens e em desenvolvimento, mas mesmo assim fui adiante e transei com ele. Chisana estava toda excitada e se controlava para não dar um gemido. Seu gosto era de uma flor prestes a abrir suas pétalas e seu cheiro era de um bebê.

Entrando em sua mente, me sentia sendo atropelada por uma carroça. Chisana passa a minha frente e começa a ver as memórias dele...

– Papai, olha só o que eu fiz – ele mais jovem falando com seus pais. Ou pelo menos tentando.

– Filho, estou muito ocupado. Vai brincar no pátio. Donald. Acompanhe-o – seu pai sempre vivia ocupado com os deveres de um rei.

– Mãe, olha só... – ele tenta falar com sua mãe, mas é logo interrompido.

– Tá, tá. É mesmo? E o que ele disse? – ela o ignora completamente, enquanto conversava com suas amigas fofoqueiras.

– Venha senhor – Donald era como um pai para Pedro, sempre o educando desde o seu nascimento.

– Que garoto insuportável. Nunca deveria ter nascido – vimos que Pedro escutava seus pais falarem mal dele e que só pensavam nele como herdeiro. Ele nunca pode brincar com outras crianças por conta de ser um príncipe, só algumas vezes quando algumas outras famílias nobres vinham visitar sua família, mas mesmo assim ninguém queria brincar com ele. O único que brincava com ele era Donald.

– Hã. Desculpe.

– Qual é o seu nome mocinha?

– ...

– Qual o seu nome mocinha?

– O que foi? O gato comeu a sua língua?

– Hey, garotinha. Fale alguma coisa.

– Me-me-me ch-chamo Chisana.

Vejo Chisana revendo o momento em que conhecemos Pedro. Após libertá-lo da marca, Chisana dá um beijo na testa de Pedro e fomos embora.

– Por hoje já está bom. Até que para sua primeira vez você foi excelente – ela agia como uma professora.

– Isso foi bom – chegamos na pousada, abro a janela e entramos cansadas e bufando.

– E amanhã vamos procurar outras pessoas que precisem de ajuda – ela diz isso caindo na cama de tanto sono.

– Boa noite – e fomos dormir.

No dia seguinte, fomos fazer o que ela disse.

– Onde vamos hoje? – ela estava muito ansiosa para me ver trepando – Hoje vamos pegar duplas.

– Duplas? – fico espantada.

– Sim. Você precisa saber pegar mais de uma pessoa por vez. E também de tipos diferentes – ela venda meus olhos novamente.

– Aonde você está me levando desta vez? – pergunto com receio.

– Ta-da! – ela tira a venda e me mostra uma casa onde vive um casal de velhinhos.

– M-mas... é aqui? – fico com vontade de ir embora.

– Pode voltar aqui! – ela me puxa pelas mãos.

Quando vejo o casal se remoendo de dor dormindo na cama, fico com pena e vou começar a transar com os dois. Depois de hipnotizá-los tiro sua cobertura bem devagar com o rosto virado para o lado com vergonha de vê-los nus.

– Ai! Ai! – tiro lentamente suas roupas com nojo.

Quando termino de tirar suas roupas de baixo, viro bem devagar a cabeça e vejo os seus corpos velhos, enrugados e murchos. Faço com que o senhor fique de pênis duro, mas estava tão velho que mal conseguia fazer isso. Tento fazer um boquete em seu pênis velho e murcho, mas quando olho aqueles pelos, igual a uma floresta queimada sobre o seu saco e debaixo do seu pênis, tive quase vontade de vomitar.

– Vai! Vai! – eu sei que ela queria me ajudar a ser uma verdadeira súcubo madura, mas minha vontade era de desistir.

Tomo folego, e começo a chupar. Não era tão ruim assim. Tinha um gosto meio podre, mas era bom no final. Então fui tentar lambe a vagina de sua esposa. Suas pernas gordas e enrugadas pela idade me davam mais nojo ainda do que o seu marido. Sua vagina também tinha mais pelos do que a do seu marido. Tentei abrir com cuidado para não machucá-la. Quando vejo, era seco e duro, como um carvão velho depois de queimado. Aproximo aos poucos, minha língua e sinto um gosto mais azedo e fedido do que uma água de posso.

Começo a ir mais fundo, enquanto seus pelos se enroscavam na minha língua. Sentia mais e mais vontade de vomitar. Tiro suas roupas de cima e começo a acariciá-los de cima para baixo. Os peitos caídos e murchos da senhora com aquela barriga enrugada eram difíceis de deslizar, me sentia andando por uma estrada de lama toda cheia de buracos. Já os pelos do senhor me impediam de acariciá-lo, me sentia presa num corredor de espinhos.

Vou até seus lábios para dar-lhes um beijo na boca. Eles estavam tão secos que quase perdi a respiração ao tocá-los com os meus. Suas línguas eram ásperas, como uma lixa grossa. Após isso tento enfiar o pênis mole dele em minha vagina...

Hihi! Haha! – Chisana cai na gargalhada ao me ver tentando manusear aquela maria mole na minha vagina e depois na minha boca. Era muito difícil, pois ela caía para os lados e nunca ficava parada no lugar, mesmo estando “dura”.

Tento esfregar minha vagina na da senhora, era como se eu estivesse me esfregando em areia de praia deitada no chão por causa dos pelos. Sinto um pouco de dor por esfregá-los um no outro, já que a minha e da Chisana não tinham um pelo sequer.

Entrando em suas mentes, vejo que eles tinham muitas lembranças...

– Aqui! É seu filho! – ela com o filho recém-nascido nos braços deitada numa cama.

– Ele é lindo – ele segurando seu filho com muita felicidade, por virar pai pela primeira vez.

– Aqui! Aqui! Vem isso mesmo! Está quase lá! – ele chamando por seu filho que dava seus primeiros passos.

– Haha! – ele brincando com seu filho.

– Quem foi que fez isso?! – ela dando bronca nos dois por terem feito besteira.

– Ops. Hihi! – eles rindo mesmo ela brigando.

– Você tem que ir mesmo? – ele se despedindo do filho que ia para a guerra.

– Sim. Tenho um dever com esse país. Adeus papai. Adeus mamãe – seu filho saindo com seus companheiros para a guerra.

– Tome cuidado – ela preocupada.

– Sinto muito. Snif – um dos colegas de seu filho retorna com a notícia de sua morte no campo de batalha.

Vendo aquilo, me deu mais determinação para livrá-los da marca. Após conseguir livrá-los, crio um sonho para eles...

– Papai! Mamãe! – seu filho voltando vivo da guerra.

– Filho! Ainda bem que você voltou – ela começa a chorar de alegria ao ver seu filho vivo.

– Filho! – ele dá um abraço em seu filho.

Faço com que eles tenham mais um dia feliz com seu filho...

– Tenho que ir – ele vê seus amigos o chamando no horizonte.

– Tem mesmo? – ela pergunta.

– Foi bom ter passado mais um tempo com vocês – o filho se despede.

– Obrigado, por ficar mais um pouco com a gente – ele se despede do filho.

– Obrigada, minha deusa, por deixar ter mais um momento com nosso filho – um pouco envergonhada, os visto e os cubro, enquanto desfaço a hipnose e fomos embora.

– Aaah! – tento tirar o gosto ruim da boca.

– Pare com isso! Agora você sabe como trepar com mais de uma pessoa de uma vez só, e ainda por cima, pessoas velhas – tinha vontade de chorar ali mesmo, mas percebo que ela estava fazendo aquilo para me ajudar.

– Vamos continuar em duplas! – a cada noite que passava, ela sugeria um tipo e gênero diferente de pessoas para ajudar.

E foi assim por uma semana, um dia após o outro. A cada noite que passava, sentia mais confiança e prazer. Era muito bom. Em algumas noites quando voltávamos, transamos entre nós.



## Capítulo 15 – Verdadeira Natureza

Fomos até o Ponto de Guilda e vimos que as missões foram liberadas. As pessoas comentavam que estavam sendo curadas misteriosamente a noite, mas que se sentiam um pouco fracas pela manhã.

– Olá – a atendente sem vergonha fala conosco.

– As missões voltaram? – pergunto fingindo não saber de nada.

– Sim. As pessoas estão se curando misteriosamente e com isso podemos reabrir as missões, mas só estamos liberando missões mais difíceis – ela explica preocupada.

– Missões mais difíceis? – Chisana fica preocupada.

– Recebemos relatos de criaturas possuídas pela marca do rei demônio atacando vários portos, cidades e vilarejos – ela fica com certo medo.

– Mas nós queremos missões menores – eu era muito teimosa.

– Sinto muito, mas devido as circunstancias é o melhor que podemos oferecer – ela explica indo atender outro cliente.

– E então? – Chisana pergunta olhando para mim.

– Vamos ver o que temos para hoje – fomos olhar o painel.

– Olhe! Estão atacando meu antigo vilarejo – fico surpresa ao ver a informação.

– Não tem medo que cheguem no Lago das Fadas, ou até onde sua subespécie vive? – pergunto a ela.

– Acho muito difícil eles chegarem até lá. Meu povo mora dentro da floresta, muito além do Lago das Fadas – ela explica.

– Nossa! – fico espantada.

– Lembra da névoa que você viu? – ela pergunta.

– Sim – respondo.

– Usamos aquilo, como um meio de camuflagem para nos esconder junto a floresta densa. Então, acho muito difícil eles acharem o local – ela explica – Foi pura sorte você ter me encontrado lá.

– Nossa. Então vamos ver o que tem aqui. Ogros atacando carregamento de grãos – leio cada cartaz no painel.

– Comercio marítimo de Monastel interrompido por conta de... – ela para de ler e fica de cabeça baixa e um pouco triste.

– Vamos nessa! – ela escolhe com muita firmeza.

– Essa? Está bem – vou até o balcão e pego nossa permissão. Fico um pouco preocupada com a atitude estranha dela.

Fomos até o porto para pegar o navio. Chegando lá, vimos uns marinheiros aprontando o navio e outros com medo de embarcar.

– Olá! Somos as heroínas que vieram ajudar – falo com um marujo.

– Olá?! Então são vocês que vão ajudar a nos livras dos monstros pelo caminho, não é? – ele fala tirando sarro da nossa cara.

– Sim! Somos sim! – Chisana fala firmemente com sua voz infantil.

– O pessoal! Quem chamou o jardim da infância pra cá? Haha! – ele continua tirando sarro.

– HAHA! – todos os marinheiros riem de nós.

– Olhem só. Uma fadinha vai nos ajudar com esse corpinho magrinho e delicado. Me sirvam um chá por favor – um marinheiro faz pose.

– Você chama isso de magrinho? Então olha só isso. Nem deve ter força para levantar um copo de leite – riem de nós.

– Vai pra casa da mamãe pedir seu leitinho do peito dela, seu bebezinho cuti-cuti – um deles nos expulsa.

– Olhem só, como são frágeis! – um deles tenta apertar meu braço.

– Olhem só... Hã? O que? – ele fica espantado, depois que fiz meu braço ficar duro com meu poder muscular.

– Que isso? – outro homem tenta apertar meu braço. Era como apertar uma pedra bem dura para eles.

– M-mas, o que é isso? – fico com o meu corpo todo musculoso diante de seus olhos e levanto um deles.

– M-minha mão! Ah! – Chisana congela a mão do marinheiro que encostou no ombro dela.

– E-elas são... – eles ficam com medo de nós.

– São nossas salvadoras de cinco anos atrás – o capitão aparece.

– Capitão?! – todos ficam parados e enfileirados prestando continência na presença dele.

– Elas nos salvaram das garras dos “caçadores”. Se não fossem por elas, talvez não estivéssemos aqui hoje – ela explica, enquanto todos o respeitam – Não a subestime, elas podem ser doces e gentis, mas tem um verdadeiro espírito e poder de um verdadeiro guerreiro.

– Senhor, SIM SENHOR! – eles falam juntos e ele os manda continuar com o trabalho.

– Olá! Desculpe por eles. Não sabem tratar uma dama com o devido respeito. Bem, nesse caso, duas – ele é bem gentil conosco.

- Que nada, já estamos acostumadas com isso – Chisana ri.
  - Eu sou Rubens, o capitão desse navio, “Horizonte Verde” – ele se apresenta.
  - Eu sou Chisana – ela se apresenta gentilmente.
  - Eu sou Hasuno – me apresento olhando aquele alto e forte capitão.
  - Vamos, entrem. Chegaram na hora certa em que estávamos quase terminando para zarpar – ele nos convida para entrar em seu navio.
  - Recentemente tivemos muitos ataques de criaturas marinhas em nossa frota. Vidas e mercadorias foram perdidas – ele fica um pouco chateado.
  - Não se preocupem, estamos aqui para ajudar! – ela se anima muito, parecendo uma criança mimada que acaba de receber a missão de lavar os pratos e depois vai ganhar uma recompensa que tanto queria.
  - Podemos ajudar no carregamento dos materiais? – nos ofereço para o serviço.
  - Isso que eu gosto! Todos ajudando e trabalhando. Tenho sorte de ter uma tripulação assim – ele se vangloria.
  - Há! Há! – carrego as enormes caixas, como travesseiros de pena com meus músculos todos arredondados e gigantescos.
  - Fumm... – Chisana fica em sua forma de gelo parada em cima de uma caixa e faz uns sopros gelados diante daquele calor infernal, no porto para animar os marinheiros.
- Depois de ajudar, zarpamos do porto...
- O que foi? – ela chega perto de mim preocupada.
  - Não é nada... buerrr... – fico um pouco enjoada nas primeiras horas velejando em alto mar, vomitando a cada instante.
- Ajudamos na limpeza do barco e em outras funções marítimas.
- Ufa... isso é muito cansativo – reclamo de descascar batatas.
  - Lalalaaa! – por outro lado, ela parecia estar bem alegre e disposta com aquele trabalho dentro do porão do navio.
  - Ach... – não demoro muito para começar a tossir sentindo aquele cheiro de mofo.
  - Lalalaaa... – por outro lado, fico com um pouco de inveja, pela resistência que ela tinha a certos ambientes húmidos ou secos.
  - Cof... – mesmo assim, ela não era de ferro e dava umas leves tosses sentindo aquela sujeira.
- Nas noites, ficamos algumas vezes no convés observando as estrelas e o mar calmo. Mas em algumas...

- Hey! Vamos... – escutamos sussurros.
- O que foi? – ainda um pouco sonolenta, ela acorda e percebe que alguém estava se aproximando de nós.
- Qual será o gosto de uma súcubo e uma fada? – escutamos alguns homens do navio se aproximando para nos abusar sexualmente.
- Ai, ai! Se era isso que vocês queriam, era só ter pedido – Chisana os surpreende com sua atitude autoritária.
- Hã? – eles ficam imóveis tentando entender.
- Olha. Ela é uma súcubo, e se vocês querem tanto transar com ela, era só ter pedido! Até é bom para ela – ela explica com a maior naturalidade.
- Como é que é? – eles ainda ficam espantados.
- Eu já até falei com o capitão sobre isso quando zarpamos do porto, e ele disse que não tem problema. Se quiserem um sonho bem gostoso e sexy, é só pedir que ela faz pra vocês, tá? Mas eu não posso me intrometer nisso. Só assistir. Pensem em mim, como se eu fosse sua dona. Podem transar com ela, como quiserem – essa fada era uma verdadeira safada.
- Eba! – todos ficam satisfeitos com seus termos.
- EU?! Como você pode? – fico espantada.
- Não se preocupe. Isso é para o seu próprio bem! Boa sorte! – ela vai para um canto do porão do navio começa a observar.
- M-mas... – fiquei sem palavras diante dos marinheiros.
- Vai logo, minha “flor”. Eu sei que você consegue – tomo coragem ao ouvir suas doces palavras.
- Hey que tal... Blabla... – alguns dos homens falam no ouvido dela.
- Há! E minha “flor” – ela me chama a atenção.
- O que? – fico nervosa.
- Tire suas roupas lentamente e jogue em direção a eles, fazendo uma dança bem sexy e provocativa, enquanto eles cheiram suas roupas. E depois deixe-os tocar em seu corpo até começarem a transar, está bem? – ela estava mais e mais animada.
- Como é que é? – fico com vergonha.
- Por favor, não tomem nenhuma bebida alcoólica. Se não, ela poderá criar sonhos para vocês, tá? – todos concordam com o que ela diz e guardam suas bebidas.
- E hoje dou minha benção das fadas para esse sexo! – ela abre os braços e falando isso bem alto.

– Que o Show comesse! – após ela anunciar isso, alguns homens começam a tocar uns instrumentos musicais bem alegres.

– Vai! Vai! Isso! Isso! – eles gritam para mim, enquanto tirava minha roupas lentamente numa dança rodeada por eles.

– Tira! Tira! – rebolo e abaixo minha bunda até que fosse visível a ponta de minha vagina.

– Sua gostosa! – acaricio de cima para baixo, meu corpo e abro minha vagina com os dois dedos agachada mostrando minha língua.

– Vai, sua vagabunda! – com vergonha, fico de quatro com minha bunda empinada e começo a caminhar fazendo um gesto com a língua para fora, como se quisesse engolir ou chupar algo.

– UHUU! – rebolo minha bunda empinada e abro minha vagina com os dedos, toda pelada na frente de mais de trinta marinheiros tarados e famintos por uma carne feminina.

– AAAAAAAH! – boto minha língua para fora e faço uma cara de dor e prazer ao sentir o pênis de um deles entrando em meu corpo pela minha bunda, gritando bem alto. Como estávamos em alto mar, ninguém além de quem estivesse no barco ira escutar meus gritos.

– Huhu, uuh! – outro enfia seu pênis enorme em minha boca sem piedade e começo a gemer.

– Huhu! – outro fica com o rosto debaixo de minha barriga e começa a me lamber, e gemo ainda mais.

Huuu... – outro mete seu pênis em minha vagina, e gemo de prazer.

Chisana ficava só olhando admirada, enquanto coçava sua vagina com os dedos de tanto olhar para aquele estrupo coletivo.

– AAAAH! – sinto que eles estavam aumentando a pressão sobre mim e eu não iria sobreviver a aquilo por muito tempo. Então resolvo usar minha super força ao máximo e começo a sentir mais e mais vontade de ter prazer, e a entrar no clima.

– Agora batam nela com toda a força que puderem! – Chisana sabia que meu corpo era muito resistente e que podia suportar muita dor sem sofrer quase nenhum dano.

– Mas você tem certeza disso? – os homens perguntaram ainda metendo em mim com força.

– Mas é claro. Ela é uma súcubo de força, e aguenta muita dor. Ela acaba de ficar na sua força máxima. Podem ir com tudo. Não se preocupem, ela vai adorar – mesmo escutando aquilo, eu sabia que era verdade e podia aguentar muita dor. Ela queria que pela primeira vez, eu usasse todo meu poder num sexo. E

também queria que eu não me segurasse, pois com vários homens, eu não poderia os matar em grupo.

Então começo a transar pra valer com mais de trinta homens de uma só vez.

– AAAh! Isso! Vai, seus gostosos! Enfiem mais em mim! – naquele momento, toda a minha inocência e gentileza de uma garotinha, sumiu com cinco pênis enormes e sujos tentando entrar em minha vagina, no meu anus e na minha boca de uma vez só.

Pela primeira vez estava feliz, por poder me soltar, usar todo o meu poder e ter o prazer sexual ao máximo que podia naquela época. Se fosse nos dias de hoje, eu teria os matado mesmo sendo mais de trinta, com meu corpo.

Eles me amarram na escada pelos braços e me dão muitas chicoteadas e porretadas sangrentas, mas meu corpo só sentia uma leve cosquinha.

– AH! AH! – fico que nem um animal com a língua de fora, enquanto eles começam a me jogar água em meu corpo.

Parto as cordas bem apertadas, como se fossem papel. Faço poses exibindo meus músculos gigantesco num corpo de uma adolescente. Meu corpo crescia um pouco quando usava toda a minha força, chegando a ficar do tamanho do corpo de um deles.

– SUA VAGABUNDA. SUA GOSTOSA! – eles gritam bem alto, tentando me estuprar e a me bater, como se fosse uma escrava.

Boto minha mão no rosto de um deles e o levando segurando o seu pescoço. Depois o seguro com as duas mãos debaixo de seus sovacos fedidos e peludos, e começo a lamber sua barriga musculosa, até seu pênis gigantesco e o esfrego em minha cara. Repito isso com todos eles, até que um por um, começam a gozar.

Era lindo aquele momento, uma chuva branca e gosmenta. Engolia levantando alguns deles, para poder chupar melhor. Tentava enfiar mais de cinco pênis jorrando sêmen em minha vagina, anus e boca. Às vezes botava um ou mais pênis em meus bíceps e os exibia, quase cortando-os, como uma guilhotina.

Enquanto me estupravam, os dava sonhos prazerosos que pareciam mais o paraíso.

Totalmente exausta e satisfeita, fico rodeada por toda a tripulação daquele navio com um monte de pênis murchos e duros, no meu corpo musculo deitado no chão imundo do navio.

– Muito bem! Gostou? – Chisana pergunta feliz com o rosto um pouco inclinado para o lado, com os olhos fechado e com um sorriso.

– Isso foi muito bom! – sem folego, respondo a ela, sabendo que naquele momento tinha me tornado não apenas uma adulta completa, mas também uma grande puta selvagem. Em outras palavras, uma súcubo madura.

– Está se sentindo melhor? – ela vem em minha direção voando e tocando o ar com a ponta dos pés, fazendo pequenas ondas sonoras que eram visíveis a olho nu.

– Sim. Essa sensação... – fico sem saber o que responder.

– Isso foi sua verdadeira natureza: o prazer. E eu queria despertar isso de você transando com várias pessoas e em situações diferentes para se tornar independente de mim. Como já disse antes: um dia posso não estar ao seu lado para te acompanhar ou te ajudar! – deitada como um animal, começo a chorar de felicidade ao ver que estava certa e tudo que ela havia feito desde quando transei com Steven, era tudo para me ajudar a me virar sozinha quando precisasse.

– Snif. Snif – choro mais e mais.

– Calma! Calma! O que foi? – ela pergunta para mim botando sua mão em meu rosto flutuando no ar fazendo uma expressão de preocupação e felicidade.

– Será que eu matei alguém?! Snif! – eu fiquei triste ao ver todos aqueles corpos a minha volta.

– Não. Você foi perfeita. Conseguiu dominar todo o seu poder e retirar o mínimo de energia vital deles. Só estão cansados. Logo pela manhã eles estarão melhor. Descanse um pouco também – ela era direta, delicada e carinhosa ao dizer a verdade para mim.

Na noite seguinte, o capitão nos chama para seus aposentos...

– Oi, nos chamou? – falo com o capitão.

– Sim. Já estamos a alguns dias em alto mar e estou um pouco enjoado de ficar na fadiga. Poderia me entreter? – ele me chama para transar com ele.

Ele era bem mais forte que os marujos juntos. Fico diante dele com uns trapos que estava vestindo. Ele os rasga e me despi completamente chupando meus seios. Chisana senta na janela fechada e nos observa novamente com seus dedos roçando sua vagina e fazendo expressões de prazer.

– Por favor, fique musculosa – ele sussurra em meu ouvido.

Ativo minha super força, e ele me põe em cima da mesa segurando minhas pernas.

– Ai! – gemo ao sentir seu pênis penetrar em minha vagina após ele abrir minhas pernas.

Seu pênis era tomado por seus pelos húmidos e grossos, e faziam cosquinha em mim. Ele me vira e me deixa de quatro e continua a enfiar em minha vagina. Depois, ainda de quatro, ele bota seu pênis em minha boca para fazer um boquete. Mesmo com a grande diferença de força entre nós, ele era mais experiente e conseguia me dominar facilmente.

Dessa vez Chisana não deu nenhuma opinião, só ficou observando, enquanto se masturbava. Diferente do prazer selvagem que senti com os marinheiros em que eu os dominava, era uma prazer maduro e experiente onde ele me dominava.

– Crie o paraíso para mim! – ele sussurra em meus ouvidos.

Meus olhos brilham, enquanto o hipnotizo. Estava me sentido livre, mesmo sendo totalmente dominada por ele. Era muito bom.

Quando termino de transar, Chisana e eu fomos dormir no porão do navio junto com os tripulantes...

– Chisana – chamo ela, sussurrando bem baixinho para não acordar a tripulação ao nosso redor.

– Buaaa... O que foi minha “flor”? – um pouco sonolenta, fala comigo.

– Me desculpe por duvidar de você. Eu não sabia que aquilo que você estava fazendo era para me ajudar. Me desculpe, você queria que eu aprendesse a me virar sozinha e a controlar meus poderes. Me desculpe – digo isso quase chorando, ouvindo os roncões dos porcos a nossa volta.

– Você não entende mesmo, “flor”? É muito mais agradável escutar um agradecimento do que um pedido de desculpa. Eu fiz isso... porque eu queria te ajudar, não porque eu queria um pedido de desculpa. Tá? – ela sorri para mim deitada, como uma linda margarida.

– Me desculpe por te causar tantos problemas! Me desculpe! Me desculpe! – fiquei tão emocionada por ter alguém que se importava comigo.

– Sabia que se você repetir muitas vezes a mesma palavra, ela acaba perdendo o seu significado? – sua gentileza, seu carinho e sua voz me deixavam muito feliz.

– Snif. Obrigada. Snif. Por ser minha amiga! – começo a chorar de emoção ao ouvir suas palavras leves e refrescantes, como o vento.

– Você também, minha “flor”. Boa noite – ela bota sua leve mão geladinha em minha cabeça fazendo um cafuné bem suave.

– Snif. Boa noite – durmo mais tranquila e feliz ao seu lado, até mesmo esquecemos do lugar imundo de onde estávamos.

Nos dias seguintes, após aquela noite, toda a tripulação passa a nos respeitar, sem tocar ou abusar de mim. Fazemos amizade com eles, enquanto os ajudávamos nas funções do navio. Alguns dias se passaram em alto mar...

– MONSTRO! MONSTRO! – o marinheiro pendurado no alto do maior mastro do navio avisa.

– Eles chegaram. Sabia que mais cedo ou mais tarde iam dar as caras – Rubens fica animado.



- Eu estou com um mau pressentimento sobre isso – um marinheiro fala.
- Aos seus postos! Preparem os canhões! – Rubens dá as ordens.
- Meninas, preparem-se! – um dos marinheiros fala conosco.
- Pronto! – ativo minha super força.
- Vamos acabar com eles! – Chisana fica no seu modo de gelo e com suas asas e antenas reveladas, enquanto sorria para mim.
- Lá vem ele! – Rubens avisa preparado.
- De repente, uma criatura híbrida de uma mulher humana com calda de peixe pula rapidamente sobre o navio e passa para o outro lado caindo na água. Era uma sereia.
- É-é-é... – Chisana fica assustada e imóvel.
- O que foi? – pergunto preocupada.
- M-mas como? – ela fica abalada.
- O que foi? Por que você parou? – o capitão pergunta em meio ao ataque.
- Si-si-sirena? – Chisana fala o nome da sereia como se já a conhecesse.
- Quem é Sirena? – pergunto confusa.
- Mi-minha antiga amiga de infância. Antes de te conhecer! – ela explica totalmente confusa e assustada, sem saber o que uma antiga amiga estava fazendo ali.

## **Capítulo 16 – Reencontro Inesperado**

Chisana olha para aquela sereia com conchas tampando seus peitos grandes, corpo de pele branca como as de um humano, guelras em suas costelas e com cabelo e calda rosa, usando uma tiara de espinhos em sua cabeça.

- Por que está fazendo isso? Você é delicada e amável, como eu! – Chisana grita tentando chamar a atenção de sua amiga. Só esperava que ela não fosse realmente como a Chisana: uma tarada e uma safada sem noção.
- ME RESPONDA! – Chisana grita bem alto, chorando de tristeza.
- AAAAAAAH! – Sirena grita, como um animal raivoso prestes a nos atacar, observando da água.
- N-n-não pode! Snif! Não pode! – Chisana fica desesperada com a atitude de sua antiga amiga domada pela marca do rei demônio.
- Você tem certeza que ela é sua antiga amiga? – o capitão pergunta nervoso.

– CUIDADO! – um dos marujos grita no momento em que a sereia pula e puxa um tripulante com um chicote feito com algas e o leva para o mar.

– AHHHH! SOCORRO! – ele grita sendo levado para baixo d’água.

– Ah! – vou voando em sua direção para salvá-lo.

– SRRRRRR! – a sereia faz um chiado igual a de uma cobra.

Usando minha super força, corto o chicote e levo o marinheiro para a o barco.

– SRRRRRR! AHHHH! – continuava pulando e tentando levar cada um que podia. Sua aura era maligna.

– Por que? Snif! – Chisana ajoelhada, continuava a chorar ao ver sua amiga agindo que nem um animal.

– Chisana! Nos ajude, por favor! – o capitão tenta chamá-la.

– “Flor” não vamos aguentar por muito tempo! Ela é muito rápida! – nem com meu apelo adiantava. Ela continuava imóvel olhando para a carnificina.

– Para. Para! – de repente, Chisana engole o choro e começa a ficar nervosa.

– Hã? – olho para ela e vejo que ficou de pé com os braços para baixo e suas mãos fechadas de cabeça baixa, com os olhos fechados.

– PARAAAAAAA! – o grito dela foi tão alto que Sirena para espantada dentro navio.

– Hã? – Sirena olha para ela.

– PARAAAAAAA! – Chisana voa em sua direção e lhe agarra num abraço a levando para o alto voando.

– SRRRRRR! AAAH! – Sirena arranha sem misericórdia sua velha amiga.

– Ah! Ah! – Chisana grita de dor, enquanto sua antiga amiga a arranha até fazê-la cair no barco.

– PAREM! – todos tentam ajudá-la, mas ela queria resolver tudo sozinha.

– Não se lembra de mim? Por que está fazendo isso? Você era como uma irmã para mim. E você era gentil, não matava e nem feria nenhum ser – ela tenta trazê-la de volta. Ao mesmo tempo tenta congelá-la. O poder congelante era tão grande que o tempo fecha e começa a congelar rapidamente.

– AAAH! SRRRR! – de nada adiantava, Sirena estava totalmente possuída. Golpeava e arranhava Chisana sem piedade.

– AAAAH! AAAH! – o chão rapidamente era banhado pelo sangue verde azulado saindo dos graves e mortais aranhões do corpo de Chisana.

– CHISANA! PARE! – tento impedir essa loucura, mas ela estava determinada em trazer sua amiga de volta.

– FIQUE AI MESMO! – com sangue caindo de seu rosto, ela permanece a segurando. Sirena a vira ao contrário, e fica com os braços sobre os ombros de Chisana, babando que nem um animal.

– AH! – Sirena dá uma sequência de socos no estomago de Chisana.

– ECH! ECH! – Chisana começa a tossir sangue. Seu corpo estava com aranhões gigantescos, mal podia falar.

– AH! AAH! AAAH! – Sirena segura o pescoço de sua amiga com as duas mãos e começa a enforcá-la brutalmente.

– Sirena. Minha melhor amiga... – Chisana dá seu último suspiro e desmaia.

– HÃ? – Sirena fica paralisada olhando sua amiga morta debaixo dela. No mesmo instante, o frio se torna chuva.

Todos do navio ficam chocados...

– AH! AH! “FLOR”? – fico olhando com muita raiva para o cadáver de minha amiga bem na minha frente debaixo da sereia.

– CHISANAAAAAAA! – vou em direção da sereia com tudo.

– SEGUREM ELA! AGORA! – grito bem alto para os marujos, enquanto começava a hipnotizá-la.

– Seu maldito! Snif! Sai dali!!! – sabia que a culpa não era da Sirena e sim do rei demônio. Tento tirar o mais rápido possível a marca dela para ir tentar salvar minha amiga.

– Cof! Cof! – Sirena é libertada da marca e começa a tossir e imediatamente desmaia no chão.

– Prendam-na! – o capitão ordena aos seus marinheiros.

– Chisana, minha “Flor”! – enquanto, eles a levavam para a cela do navio, rastejo desesperada até minha amiga.

– “Flor”. “Flor”. Acorde! Sou eu! Por favor, não me deixe! – ajoelhada na frente dela, seguro seus braços e balanço seu corpo, tentando reanimá-la, chorando e gritando de tristeza.

– NÃOOOOOOOOOOOOO! – abraço seu cadáver dando um grande grito. Nesse instante um trovão cai e faz um maior barulho junto ao meu desespero. Todos da tripulação choram ao me ver segurando o corpo todo ensanguentado e esquartejado de minha amiga.

– Hã? – de repente, vejo um brilho saindo do meio dos meus seios, dentro de minha camisa.

– O que? – era o cordão com o pingente que Matheus havia feito com o fragmento de asa de fada brilhando.

- Confie em mim... Eu te amo... Por incrível que pareça, eu também me sinto melhor... Essa foi minha primeira vez... A minha também... Hihi... – começo a me lembrar de quando transamos pela primeira vez e me lembro do poder de cura e ressurreição do fragmento.
- Você vai ficar bem! – boto o amuleto entre seus peitos rasgados e perfurados, enquanto começo a falar e a ficar com uma cara de louca desesperada.
- Essa foi minha primeira vez... Por incrível que pareça, eu também me sinto melhor... – em meio ao desespero e ao sofrimento, lembro-me de algumas de nossas palavras, após o nosso primeiro sexo.
- Por favor, FIQUE COM MEU CORPO! – começo a esfregar meu corpo no dela, tentando transar com ela, como última alternativa. A beijo em sua boca toda arranhada, esfrego minha vagina na dela e pressiono o amuleto no meio de seus peitos com os meus, dando-lhe um abraço.
- AAAAH! – enfio meus dedos em sua vagina arranhada, enquanto dava um enorme grito com o meu corpo inclinado para trás.
- NÃO ME DEIXE SOZINHA, POR FAVOR! – sem perceber, os ferimentos dela eram cicatrizados e logo fechados, como se não tivesse ocorrido nada.
- Cof! Cof! – Chisana totalmente curada, dá umas tosses após ressuscitar completamente inteira e ilesa. Parecia nova em folha.
- O que houve? – ela acorda inconsciente.
- Hã? MINHA “FLOR”, VOCÊ ESTÁ VIVA! – dou um grande abraço nela bem apertado, quase a matando de novo.
- Está me enforcando! – ela fala quase sem folego.
- Hã! Me desculpe! – paro de abraçá-la e a seguro entre meus braços musculosos.
- Cadê a Sirena? Tenho que... – boto o dedo indicador em sua boca para fechá-la.
- Calma. Já removi a marca do rei demônio, dela – explico com ela quietinha e mansa que nem um bebê.
- Pode ficar tranquila – no instante em que falo isso, ela estende sua mão para o alto e desfaz toda a magia de gelo, levando a chuva embora.
- A luz do sol brilha no céu, enquanto todas as nuvens de chuva eram desmanchadas. Era uma visão muito bonita. Nós duas sorrimos ao olhar para aquilo. Nisso a carrego para dentro e vamos dormir um pouco. No dia seguinte fomos até a cela onde Sirena estava presa.
- Sirena? – Chisana segura as grades.
- O que? Onde estou? – Sirena fica perdida.

- Sirena, sou eu, Chisana. Não se lembra de mim? – ela pergunta.
- Chisana? É você?
- Sim. Sou eu.
- É você mesmo?
- Sim!
- Hihi! Você cresceu!
- Hihi! Você também!
- Onde estou? E como vim parar aqui?
- Você não se lembra?
- Não.
- Você estava sobre o controle do rei demônio.
- R-rei... Rei demônio.
- Isso.
- A última coisa de que me lembro, foi estar nadando pelo mar de corais... e depois não me lembro de mais nada.
- Provavelmente foi o momento em que você foi tomada pela marca do rei demônio.
- Quem é ela?
- Essa? É minha amiga, Hasuno.
- Oi, Hasuno!
- Oi! – respondo.
- O que são esses chifres e calda? Você não é humana? – Sirena pergunta ainda meio confusa.
- Bem, pode não parecer, mas eu sou uma súcubo – respondo.
- UMA SÚCUBO?! POR FAVOR, NÃO ME MATE! – ela fica apavorada e se arrasta até um canto na parede de costas.
- CALMA! CALMA! Foi ela quem te salvou da marca! – Chisana explica.
- E também a mim e a todos nesse navio – Chisana fala feliz com uma cara de tristeza.
- Ela não vai lhe fazer nenhum mal – ela continua explicando.
- M-mas... Ai! – Sirena sente dores no corpo.
- Cuidado. Ainda não se recuperou completamente – agachada a seguro em meus braços.

– Obrigada... – Sirena agradece.

– De nada. Hihi – agradeço sorrindo, olhando para ela com o rosto um pouco inclinado de olhos fechados.

Após dormir em meus braços com Chisana ao nosso lado, Sirena finalmente acorda. Vendo que ela estava fora de perigo, e a levamos para fora para tomar um pouco de ar.

Com muita dificuldade, a carregamos...

– Sirvam-nas – o capitão ordena que seus marujos trouxessem comida.

– Humhum! – estávamos famintas, e avançamos como feras selvagens na comida.

– Escuta, Sirena – falo.

– Hum? – ela responde com a boca cheia de comida.

– Desde quando vocês conhecem? – pergunto.

– Desde os dois anos de idade – fico surpresa.

– As fadas e as sereias são grandes amiga a muito tempo – Chisana explica.

– Pode me contar como foi que vocês se conheceram? Você não se incomoda, Sirena? – pergunto engolindo um copo de leite para descer a comida toda empossada na minha boca.

– Claro que não! Chisana sempre foi uma excelente contadora de histórias – Sirena fala de boca cheia.

– Está bem... – Chisana puxa uma caixa e se senta para contar a história. Fico de pernas cruzadas e Sirena deita de barriga para baixo, com os cotovelos no chão e as mãos em seu rosto.

## **Capítulo 17 – Antes de te Conhecer**

Quando era mais nova... uns dois anos de idade, vivia cercada de amor e carinho dos meus pais. Vivia na Floresta da Harmonia com eles junto as fadas elementais. Era um lugar lindo: cheio de brilho e vida. Suas gigantescas árvores serviam como moradia. As casas eram feitas com um musgo branco retirado da seiva das árvores, e quando secavam, viravam lindos cristais. Pequenos feixes de luz passavam pelo denso teto da floresta, e refletiam nos cristais a nossa volta, deixando tudo mais belo e brilhante. Era cheia de plantas lindas que cheiravam bem e que soltavam delicados brilhos coloridos. Nosso rio era como um espelho de tão limpo e tranquilo que podia-se ver o nosso reflexo no fundo, junto a seus animais nadando nele. Ele passava suavemente por nós, como um vento refrescante sobre as nuvens.

Todas as formas de fada elemental estavam lá presentes. Cada uma com o seu papel, para trazer equilíbrio a aquele lugar de paz e tranquilidade. As fadas de luz, iluminavam nossos lares e nossa floresta, enquanto davam esperança a aqueles que procuravam a salvação. As da escuridão, distribuíam brilho por todo o lugar, principalmente à noite e ajudavam a aqueles que temiam a escuridão. As da natureza mantinham as plantas e os animais vivos e saudáveis. As da água deixavam o rio sempre vivo e limpo. As fadas do amor mantinham a harmonia entre os seres vivos, enquanto as do fogo e as de gelo mantinham o clima húmido e fresco.

Tinham aquelas que possuíam mais de um elemento, como eu que são muito raras. Meus pais sempre diziam que eu era uma benção da deusa Luminos depois que nasci, por ter dois elementos: fogo e gelo.

– Gaga gugu ah ah – eu era muito alegre, ficava observando aquelas lindas luzes passando sobre mim, sempre tentava pegá-las.

– Oi querida – mamãe era muito amável, sempre me via com um sorriso.

– Ela é maravilhosa – papai tentava manter sua pose, mas sempre acabava derretido ao ver minha fofura.

– Ah ah pa ah – dentro do berço feito com gosma cristalina, me sentia uma princesinha.

Nós fadas, sempre mantivemos um forte vínculo de amizade com as sereias. Elas sempre iam cantar e se embelezar num lago próximo onde vivíamos.

Certo dia, saio de meu berço e vou engatinhando, enquanto meus pais se distraíam ao fazerem um piquenique. Minhas asas ainda eram muito pequenas, não conseguia e nem sabia voar. Minhas antenas ainda não funcionavam e eu nem sabia fazer magia. Já nessa idade, era muito curiosa, e vou até um lago próximo de onde estava...

– Gaga ahah – engatinho até a margem, admiro aquela linda paisagem brilhante na minha frente.

Vejo algo na água. Resolvo me aproximar mais para ver. Naquela época ainda não me dava por gente e fazia as coisas por puro instinto.

– Aaah babaAAAAH... – caio na água e começo a me afogar. Vejo aquilo que estava observando vir em minha direção. Afundo tão rápido que mal podia chorar.

– Ech! Ech! Ah! Ah! BUAAA... – tossindo, tento respirar mesmo sem folego e começo a chorar bem alto na margem do lago.

– Hã? Bu? Gaga? – quando vejo, tinha uma sereia recém nascida ao meu lado que havia me salvo de me afogar.

– Hã? Eh, eh – toco em seu rosto macio.

– Hihi. Ba. Gu. Da. – ela ri sentindo uma leve cosquinha ao tocá-la.

Ficamos observando e tocando uma a outra na margem. Não sabíamos falar, mesmo assim esse foi nosso jeito de nos comunicarmos.

– CHISANA! AMOR! ONDE VOCÊ ESTÁ? – meus pais estavam me procurando, até chegarem ao lago.

– Ai está você, Chisana! – quando papai se aproxima de mim, vê a pequena sereia ao meu lado desorientada, como o bebê que era.

– Quem é você, minha queridinha? – ele me pega no colo e olha para o lago a procura de seus pais.

– Coitadinha, cadê seus pais? – mamãe a carrega pelos braços.

Nós duas tentávamos nos comunicar nos colos de meus pais, mas ninguém entendia nada. Eles ficaram o resto do dia esperando a margem do rio pelos pais dela.

– Que sereia bonita – meu pai faz cosquinha na barriga da dela.

– Onde os pais dela devem estar? – mamãe preocupada com ela, me dava de mamá.

Chegando a noite, eles nos põe juntas em meu berço para dormir. Mamãe dorme ao nosso lado e papai fica de guarda a espera dos responsáveis dela.

– Pode dormir – papai era muito gentil. Ele lança uma pequena esfera de luz no meio do lago, para poder visualizar melhor.

– Boa noite, durmam bem – ela lança um delicado sopro de gelo. Papai era uma fada de fogo e mamãe era uma fada de gelo.

No dia seguinte, eles veem algo vindo em nossa direção debaixo d'água. Eram os pais da sereia.

– Querida, ai está você! – a mamãe dela fica feliz ao ver sua filha sã e salva.

– Olá! Muito obrigado por achar nossa filha! – fala o papai dela.

– Não foi nada! Mas quem a encontrou, foi sua filha – papai fala colocando-a na água rasa.

– Ah! Ah! – resmungo tentando encostá-la, enquanto ficava nos braços de minha mãe.

– Que linda a sua filha – a mamãe dela elogia com sua filha ao seu lado tentando nadar.

– A sua também. Qual o seu nome? – mamãe pergunta.

– Sirena – ela responde.

– A minha é, Chisana! – mamãe responde.



A partir daquele dia, eles passam a se encontrar para conversar e a deixa eu e a Sirena brincarmos um pouco. Três anos se passam. E agora quase todo dia nos encontrávamos naquele lago para brincar.

– Lalalaaa... – ouvir Sirena praticar seu canto era muito relaxante.

– La... la... laaa...? – tentava acompanhar seu ritmo, mas era um pouco difícil.

– Tente relaxar. Vai – ficávamos o dia todo praticando. Sorte a minha que fadas da minha subespécie não eram afetadas pelos cantos hipnóticos das sereias.

– Ai! Quase lá! – estava aprendendo a andar sobre o ar na ponta dos pés.

– Quase lá! – ela sempre me apoiava.

– Só mais um pouco... Quase láAAAA... – morria de medo ao tentar aprender certas habilidades básicas de fadas, mesmo caindo tantas e tantas vezes.

– Você está bem? – ela vai até onde eu tinha caído no lago.

– Hihi! Toma! Toma! – brincado de tacar água nela.

– Há, é? Toma! Toma! – ela virava de costas e começava a mandar água com sua calda.

Alguns dias praticava meus poderes de gelo e fogo, e ela seu nado e canto. Outros, praticava minha fusão com a mente coletiva e ela praticava seus ataques, sendo o principal dela: o ataque com chicote de algas.

Os dias iam passando, e ficar com ela só despertava o meu desejo de explorar o mundo. Mais três anos se passam...

– Oi, Sirena! – chego até ela, bem alegre como sempre.

– Bom, snif, dia – ela estava triste com alguma coisa.

– O que houve? – pergunto preocupada.

– Meus pais vão se mudar. Snif. Snif – ela me dá a notícia, de que iríamos nos separar.

– Para onde você vai? – pergunto com meu coração batendo bem forte.

– Vamos para o mar – ela responde.

Depois daquele dia nunca mais a vi, e continuei seguindo minha vida. Eu já era muito estudiosa e curiosa, então depois de nossa despedida, fico ainda com mais vontade de sair e explorar o mundo. Mas meus pais sempre achavam perigoso e me alertavam sobre o que podia haver lá fora. Como eu era uma fada muito obediente e carinhosa, compreendia suas preocupações.

Passei meus dias seguintes estudando e observando sobre outras espécies e novas habilidades. No ano seguinte, meus pais veem que já havia aprendido muitas habilidades avançadas de fada em pouco tempo. Então, passo a acampar

algumas vezes no Lago das Fadas para praticar e a brincar sozinha. Até construir uma casa dentro de um tronco de árvore perto do Lago das Fadas e morar lá.

Poucos dias depois de completar dez anos, me divertindo sobre o lago, esperando uma oportunidade ou alguém para poder finalmente sair dali e explorar o mundo, escuto uma voz pedindo socorro entre as árvores e a neblina do lago.

Me aproximo bem devagar. Vejo alguém muito ferido e cambaleando até cair no chão pedindo por socorro, até desmaiar de cansaço. Quando fico de frente, vejo que era um indivíduo parecido com um humano, só que possuía chifres e calda que estava gravemente ferido. Percebo que se tratava de uma demônia. A princípio, fico com um pouco de medo, mas quando minhas asas brilham ao me aproximar, percebo que era uma boa pessoa. Tento levá-la, mas meu corpo era muito frágil. Foi então que tive a brilhante ideia de nos fundir, assim conseguindo levá-la até minha casa para cuidar de seus ferimentos.

Fundida com ela, vejo suas memórias, e percebo que ela estava tentando fugir com seus pais e que estava sofrendo muito pela fome e miséria. Uso meus poderes para não a deixar morrer e a deixo dormindo. Saio de casa para procurar plantas e ervas para fazer remédio. Quando volto, a vejo caída no chão ainda muito ferida, tentando alcançar a cesta de frutas que havia deixado para ela comer quando estivesse melhor.

Mesmo sendo uma teimosa, tento ajudá-la de qualquer maneira. Depois de dar comida na boca dela, como um bebê, levo-a até o lago e tomo banho com ela. Fedia muito. Mas no final, consigo curá-la completamente de todo o mal que tinha em seu corpo. Era bem tímida e curiosa como eu. Passamos um tempo juntas trocando ideias e ficamos amigas.

Alguns dias se passam e ela ia entrar em uma aventura para procurar seus pais que havia perdido. Percebo que aquela era minha oportunidade de finalmente poder sair dali e realizar meu sonho.

Andando pela estrada, ela fica espantada com minhas atitudes de depredação ao meu próprio corpo. Mesmo assim, compartilho meu conhecimento com ela e fomos parar na primeira cidade. Ficamos surpresas ao ver aquele novo mundo gigantesco na nossa frente.

Conhecemos alguns amigos que nos acolheram. Dormimos pela primeira vez juntas em um quarto humano. Criamos nossa primeira identidade, como um único indivíduo. Percebo que seus traumas ainda a atingiam, e tento ajudá-la como posso.

Fizemos nossa primeira missão juntas numa fazenda na beira de uma praia. Lá conhecemos um garoto muito gentil e amável, junto a seus pais. Lá passamos nossa primeira noite juntas, como amantes e perdendo nossa virgindade. Pela primeira vez utilizamos nossos poderes para ajudar alguém.

Ao terminar a missão, voltamos para a cidade e lá esbarro em alguém de nível social elevado. Fico com um pouco de medo, mas ele foi gentil comigo. Alguns

dias depois, lutamos contra pessoas amaldiçoadas e ganhamos a confiança do povo.

Passamos cinco anos protegendo-os do perigo. Ao ver minha amiga muito agarrada ao nosso laço de amizade, faço com que ela aprenda a se virar sozinha e a ser o que a espécie dela é sem machucar ninguém. Soubemos que a maldição de antes estava se espalhando e várias espécies estavam entrando em guerra por conta disso.

Fomos ajudar uma embarcação a chegar ao seu destino. Mostro a minha amiga que ela podia se soltar sem se preocupar com nada. E finalmente ela se torna madura. Dias depois reencontro minha velha amiga amaldiçoada. Luto com todas as minhas forças para salvá-la. Mas não resisto. Quem nos salva, é minha nova amiga.

## **Capítulo 18 – Salvem Minhas Amigas**

E com isso, chegamos onde estamos agora – Chisana termina de contar sua história. Foi muito divertido, parecia uma professora nos ensinando história.

– Caramba! Que história! – Sirena bate palmas.

– Hihi – Chisana fica envergonhada, esfregando sua mão atrás de sua cabeça.

– Nossa! Vocês sofreram e tiveram muitas aventuras! Queria poder embarcar em aventuras, como a de vocês – Sirena fica animada.

– Que isso! Hihi! Mas... o que foi que aconteceu para você ficar daquele jeito? – Chisana pergunta curiosa.

– Você estava toda descontrolada que nem um animal raivoso – explico.

– Bem... não me lembro de muita coisa, a não ser que estava treinando meu canto numa pedra do lado de uma ilha, quando sinto uma presença estranha no ar. Depois disso não me lembro de mais nada, até acordar presa no porão desse navio – ela explica – Foi como acordar de um pesadelo.

– E então? Já está tudo sobre controle? – o capitão nos interrompe preocupado.

– Sim – Chisana responde.

– Não há mais traços da marca do rei demônio nela – complemento a resposta.

– Mas, mesmo assim ela ainda é uma sereia, e elas são conhecidas por atrair e afogar os homens – ele explica com um pouco de receio.

– Pode ficar tranquilo. Eu a conheço desde que tinha dois anos de idade, ela é boazinha, e não é como as sereias das histórias – Chisana explica tranquilamente para ele.

– Eu sou uma súcubo e vocês confiam em mim, certo? Então, por que vocês não podem confiar nela também? Só por que é uma sereia? – fico irritada com ele.

– Desculpe. Ainda não me acostumei com o fato de uma sereia estar entre nós  
– ele explica.

– Por favor! Não briguem por minha causa! Sei que fiz coisas ruins com vocês, mas eu prometo vou ajudá-los no que puder para me redimir! – com um olhar triste e com suas mãos segurando uma a outra e sentada no chão, Sirena tenta acalmá-lo.

– Por favor! – fizemos o mesmo gesto com as mãos de frente pro capitão, com toda a tripulação observando atentamente.

– Está bem! Só não espero me arrepender disso depois! – ele sai meio ofegante em direção aos seus aposentos.

– EBA! – Chisana e eu gritamos de felicidade.

– Obrigada, senhor! – Sirena fica feliz em ouvir isso e agradece ao capitão.

Os dias se passam... Sirena tenta ser amigável com a tripulação, participando ou ajudando nas tarefas...

– Ahhhh! Perdi de novo! – os tripulantes jogando dados.

– Hehe! Quer apostar mais uma vez? – o vencedor se vangloriando.

– Assim eu vou a falência! – o marinheiro desesperado ao perder mais uma vez para seu colega.

– Hihi! Que legal. Posso jogar também? – Sirena estava muito curiosa.

– Her?! – todos ainda não haviam se acostumado com a presença dela.

– O que vocês acham? Não sei. Vamos dar uma chance – eles sussurram entre si.

– Está bem – eles dão uma oportunidade a ela.

– EBA! – ela fica muito feliz e quase num pulo, abre seus braços fazendo com que seus seios fartos balançassem muito, mesmo debaixo de seu sutiã feito de conchas.

– É bem simples: coloco esses três dados dentro desse copo e chacoalho. Boto o copo virado para baixo na mesa e tentamos adivinhar quais os números que vão estar nos dados. Caso ninguém acerte, valerá os valores ou o valor mais próximo. Entendeu? – ele explica ainda um pouco desconfiado.

– Beleza! – ela fica ainda mais animada.

– Pronta? – ele chacoalha os dados.

– 2 cincos e 1 de três – o homem aposta.

– Eu... eu... um, 2 de dois e 1 de três – ela diz seus números.

– Lá vai! – ele revela.

- Deu... 1 de um de um e 2 dois – ela vence.
- O que? Eu venci? – apesar de possuir um corpo bem desenvolvido, Sirena tinha a mentalidade de uma criança boba.
- Sim – ele anuncia.
- EBA! – ela solta um grito bem alto, e novamente seus fartos seios balançam e alguns dos marujos ficam babando e observando.
- Mais uma! Mais uma! – ela estava muito alegre com aquele jogo de sorte e azar.
- Nossa! Como ela é alegre – fico observando espantada ao lado de Chisana.
- Hihi. Ela sempre gostou de brincar. E sempre teve um vício por jogos. Às vezes cansava de ficar horas e horas brincando com ela – Chisana conta um pouco mais sobre seu passado.
- Nossa! – ficamos a observando.
- EBA! GANHEI DE NOVO! – ela ganhava todas.
- E que tal agora apostarmos algo? – agora era o verdadeiro jogo deles.
- Apostar? – as sereias não tinham um sistema de aquisição de bens ou cédulas. Juntavam o que achavam valioso e guardavam como troféus, principalmente objetos humanos. Era bem comum ver uma sereia carregando alguma jóia ou ouro pelo corpo.
- Apostar? Eu não tenho nada para apostar – ela usava dois brincos, um colar de rubis e uma tiara de espinhos, todas eram feitas de ouro.
- E que tal esses brincos? – ela não fazia ideia do tesouro que carregava em seu corpo.
- Isso? Hã... está bem! – ela retira um dos brincos de uma de suas orelhas que pareciam barbatanas amarelas e rosas.
- Beleza! Eu aposto 50 pts! – o homem aposta.
- Lá vai! Quero 2 de um e 1 quatro! – eles começam as apostas.
- Eu quero, quatro, cinco e seis! – ela lança sua aposta. Cada brinco seu valia uns 100.000 pts.
- Isso é estranho – Chisana comenta.
- 2 de dois e 1 quatro – são os números tirados nos dados.
- Parece que eu venci – o homem recolhe o prêmio.
- Ela estava com muita sorte ainda há pouco – ela ainda estava preocupada com sua amiga.
- De novo! De novo! – Sirena realmente era uma viciada em jogos.

- Eu aposto, meu outro brinco. Não tem como eu perder! – nunca tinha visto uma sereia. Muito menos uma tão agitada.
- Eu aposto 50 pts de novo – ele faz sua aposta.
- 2 cincos e 1 de um – ele dá seu lance.
- 3 seis – ela não usava a lógica. Só lançava números aleatórios.
- 2 quatros e 1 de um – ela perde de novo.
- Mesmo sendo uma viciada em jogos, ela costumava perder quase todas as partidas contra mim. Algumas vezes a deixava ganhar. É muito azarenta – Chisana explica.
- Nossa! – naquele momento, me aproximo da mesa de jogos para observá-la.
- Eu vou apostar 100 pts agora – ele aumenta as apostas.
- Eu vou com meu colar! EEEEEH! – ela realmente era uma criança boba. Mas tinha algo de errado. Então, só para ter certeza, só fiquei observando.
- Beleza. 3 trios – ele faz uma jogada arriscada.
- Um, dois e quatro! – ele estava cercado. Era a chance dela virar o jogo.
- Prontos? – o colar dela devia valer uns meio milhão de pts ou mais.
- Lá vai! – estava torcendo muito por ela.
- Deu... 3 trios – não acreditei quando ela havia perdido.
- Haha! Muito fácil – ele zomba dela ao vencer.
- Qu-querer mais uma! Não irei perder desta vez! – percebo que há algo de errado naquele jogo.
- Você não tem mais o que apostar – ele a olha com desgosto.
- Eu ainda tenho minha tiara, mas... – ela faz sua aposta mais alta. Chisana me contou que aquela tiara era passada de geração em geração na família de Sirena. Ela valia dois milhões de pts.
- Vai ou não vai? – ele tenta persuadi-la.
- Está bem! Eu vou! – ela cai na armadilha.
- “Flor” – vou até Chisana e sussurro no ouvido dela.
- Lá vai! Essa eu não tenho como perder! – era uma cobra sendo pega por um gavião.
- Há! – o capitão para, para assistir à partida.
- 3 seis! – ela grita bem alto.
- Três, quatro e cinco! – ela estava cercada.

- Hihi! – o capitão ri ao ver a derrota certa dela.
- Vai! Vai! – ela estava muito nervosa.
- E os números são... três, quatro e cinco! – ela perde feio.
- Co-cómo? – Sirena fica triste ao perder seu item mais precioso.
- Jogo é jogo – ele recolhe tudo e prepara para o próximo jogo.
- Jogo é jogo! Hein? – falo para ele de braços cruzados.
- Como assim? – ele não entende minha atitude.
- Como assim? – fico olhando mais um pouco para ele.
- O que? M-mas! – ele fica surpreso ao ver que tinha entrado em sua mente sem perceber na última rodada.
- Você realmente queria ter todo o tesouro dela. Então roubou! – falo seu plano.
- Você não tem como provar! – ele fica todo confiante, mesmo sabendo que havia invadido sua mente.
- Oi! – Chisana fala de trás dele, com suas asas reveladas brilhando.
- Você se aproveitou dela! Como pode? – dou uma bronca nele.
- Você está com muita ganancia em seu coração – Chisana fala com suas asas com um brilho cinza bem forte.
- Como castigo, vou transar sozinha com você essa noite com todas as minhas forças – para alguns não parecia uma punição, mas quando eles se lembraram de minha força, logo ficam com medo.
- Mas primeiro, devolva seus pertences! – Chisana fala com autoridade.
- Sim! Eu devolvo, mas não faça isso comigo – ele realmente não queria morrer.
- É marujo! Hihi! – capitão tira sarro.
- Capitão! Peça para ela não fazer isso! – ele implora, enquanto era arrastado por mim até o porão do navio.
- Jogo é jogo! – Chisana fala ao ver seu desespero.
- Me desculpe! – ele finalmente disse o que eu queria ouvir.
- Se arrepende? – o capitão fala.
- Sim – o homem responde ajoelhado.
- Eu não ouvi – o capitão queria vê-lo desesperado.
- Sim! – ele grita.
- EU NÃO OUVI! – capitão realmente queria que ele pagasse por seus atos.
- SIM! – ele grita mais alto ainda.

– Muito bom! Agora, pode continuar levando ele para o porão – era um capitão de poucas palavras.

– Mas... você disse... NÃOOOOO... – continuo arrastando-o pelo convés, enquanto ele tentava se segurar em qualquer lugar.

– Só de um susto nele, por favor – desconfiada, uso o mesmo truque para entrar na mente do capitão e ver o que ele queria mesmo.

– Tá! Hihi! – respondo mentalmente a ele.

Chegando no porão, jogo ele num monte de feno e exibio meus músculos se dilatando. Ele fica apavorado e tenta fugir. Chisana cria uma barreira de gelo na entrada do porão.

– Socorro! Por favor, não me machuque! – pela primeira vez, me sentia como um carrasco ao vê-lo em desespero.

Agarro pelo pescoço e o levanto. Foi nesse dia que aprendi um truque de súcubo, em que posso deixar o pênis de um homem excitado e duro, ou não excitado e mole, fazendo uma massagem no mesmo. Naquele momento só faço um boquete nele e finjo enfiar minha vagina em seu pênis. Ele estava tão desesperado que nem percebeu que eu não tinha tirado minha roupa e que ele só estava esfregando seu pênis em minha calcinha.

Depois do susto, dou um abraço nele...

– Nunca mais faça isso. Está bem? – com os meus bíceps que nem umas bolas gigantes em volta dele, pergunto.

– S-sim! – ele responde com o pênis todo dolorido.

Quebro a barreira de Chisana e volto para o convés lambendo os beiços. Nos dias seguintes, o clima começou a ficar muito quente e sem vento para mover as vê-las do navio.

– Ai, ai que calor – o capitão fala suando.

– É – abano meu rosto com minha mão.

– Lalala laaa – por outro lado, Chisana parecia estar alegre. Nesse momento pedimos a ela que refrescasse o navio um pouco.

Ela fica na sua forma de gelo e senta no meio do navio. Era muito refrescante. Todos da tripulação diziam ter sorte, por ter uma fada de gelo por perto. Mesmo assim o navio não se movia. Então, alguns homens decidem pescar...

– E ai? Teve alguma sorte? – um dos homens pergunta para o outro, sentados na beira do convés.

– Não – o outro mostra a isca ainda presa ao anzol.

– Deixa comigo! – Sirena fala determinada.

– O que você pretende fazer? – o homem pergunta todo exausto pelo calor.



- Se o problema é peixe... deixa comigo! – ela pula no mar e desaparece.
  - Há! Sabia que não devíamos ter confiado em uma sereia – o homem explica.
  - Sirena? – Chisana fica sem entender nada.
  - Cadê ela? – todos os tripulantes correm para o lado em que ela havia pulado, para procurá-la.
  - O que é isso? – de repente, vimos um cardume vindo para a superfície.
  - É um milagre! – o barco é rodeado por peixes.
  - VAMOS LÁ! – todos os marinheiros pegam seus materiais de pesca e começam a pegar cada peixe.
  - Ah! Prontinho – Sirena fala dentro d'água.
  - Muito obrigado! Hã? – os homens agradecem. Mas, uma sombra gigantesca surge e uma barbatana emerge ao lado dela, era um tubarão branco.
- Nesse instante, todos começam a gritar vendo o perigo que estava ao seu lado. Foi quando Chisana...
- Não precisam se preocupar. Sereias conseguem se comunicar com seres marinhos, e por isso são grandes amigos – ela explica.
  - É sim. Esse daqui é meu amigo, Gusmão. Foi sorte ele ter ouvido meu chamado e estar próximo – ela acaricia aquela criatura assassina.
  - M-mas... – os homens ficam com medo.
  - Calma. Ele é mansinho. E ele acaba de comer, então podem ficar tranquilos – ela abraça o tubarão, como se fosse um ursinho de pelúcia – Não é, meu cuti-cuti.
  - Ai, ai! Sereias. Nunca vou entendê-las – o capitão bota sua mão em sua testa.
  - Você está com o dente todo sujo. Deixa eu limpar pra você – na mesma hora meu coração dispara. Ela começa a limpar a boca aberta de Gusmão. Fiquei meio surpresa ao ver aquela criatura com a aparência assassina se comportando como um cachorrinho bobo.
  - Nossa! O que você anda comendo? Se ficar comendo besteiras vai ficar gordo!
  - fico ainda mais nervosa, quando ela entra na boca da fera. Seu corpo fica dentro da barriga de Gusmão, enquanto sua parte humana ficava em sua boca aberta limpando os dentes dele. Junta com alguns marinheiros, quase desmaio ao ver tal cena.
- Ela volta para o barco para comermos peixe assado e ela pede para o capitão deixar o Gusmão por perto, pois ele nos avisaria se algum perigo viesse, e também para poder ajudar a arranjar comida. Enquanto estava comendo aquele delicioso peixe, vejo Sirena comer que nem uma princesa, o peixe dela. Pensava que ela não fosse uma sereia carnívora.

A noite chega, todos os tripulantes vão dormir, menos Sirena...

– Lalala laaa – escuto a mesma canção de Chisana, vinda de sua amiga. Sirena tinha uma voz mais madura e encantadora. Acordo meio sonolenta e a vejo cantar para a lua.

– Lalala... Oi. Boa noite – ela percebe minha presença e sorri para mim.

– Aaaa... boa noite – bocejo sentando ao seu lado – Essa canção é a mesma que Chisana tanto canta.

– É! Foi eu que a ensinei – ela olha para a lua cheia.

– Apesar dela não possuir a voz de sereia... ela canta muito bem. Parece uma menininha mimada – olho para a lua.

– Hihi. Sim – rimos ao comentar isso.

– Os homens dizem que sereias tem uma voz linda e sedutora que os atrai para a morte – falo com um pouco de tristeza.

– Isso é verdade. Algumas subespécies de sereias carnívoras usam sua voz para hipnotizar os homens e levá-los para o fundo do mar para devorá-los. Mas calma, minha não come gente. Pelo contrário... Nós ajudamos quem precisar de ajuda – ela olha para mim fazendo um gesto com as mãos abertas, como se estivesse abanando de cima para baixo.

– Mas eu vi você comendo peixe – explico.

– Bem, minha espécie é onívora. Eu como tanto carne quanto vegetais – ela explica.

– É possível ver a diferença entre carnívoros e onívoros – Chisana completa ao entrar no convés.

– Nossa! – fico curiosa.

– Os carnívoros possuem todos os dentes pontudos e afiados, enquanto os onívoros só possuem dois dentes caninos pontudos. Esses daqui, oh – Chisana abre sua boca para mostrar seus dentes caninos – corm porntars – ela explica quase não conseguindo falar de boca aberta.

– Eu só como peixes e algumas subespécies de algas – ela explica.

– Sirena... como diferencio o canto normal e o hipnótico das sereias? – pergunto.

– Bem... Como posso te explicar... É um canto mais suave e sedutor... – ela fica um pouco nervosa juntando seus dedos indicadores.

– Posso escutar? – eu não media o poder do perigo.

– E-eu acho que não sei se posso... ele funciona melhor em machos – ela fica com medo.

– Vai, mostra pra mim – estava condenando as pessoas daquele navio.

– Está bem... La, la, la, laaa... venha meu querido amor. Venha... venha... – ela começa a cantar de olhos fechados. Percebo que a música que Chisana tanto cantava, era parte de uma canção hipnótica das sereias. Sua voz era linda, sentia meu corpo bem leve, quando vejo todos os tripulantes andando que nem zumbis na direção de Sirena.

– AI, ME DESCULPE! – Sirena percebe que toda a tripulação tinha entrado em seu encanto, sem querer.

– Hã? Onde estou? Como vim parar aqui? – todos ficam que nem bobos sem entender nada.

– Me desculpe! – ela se sentia culpada por usar seu poder.

– Você, o que? – o capitão pergunta.

– Ela me pediu para usar meu canto hipnótico, porque queria muito ouvir como era, e acabei me desculpando – ela senta de cara no chão pedindo desculpas.

– Está bem... só cuidado para não exagerar de novo. Ainda não me acostumei com os poderes de vocês três – o capitão volta para seus aposentos e o resto da tripulação volta a dormir.

– Hã? – fico sem palavras. Pensei que íamos levar uma bronca deles, mas eles já estavam tão acostumados com nossos poderes que nem ligaram para o incidente.

– Hihi – rimos.

A noite passa e escutamos ela praticar. Suas canções eram relaxantes, tanto que Chisana cai rapidamente no sono. Os dias se passam, e o vento volta a assoprar. Até chegarmos a uma ilha...

– O que houve, Gusmão? – Sirena fica preocupada com a atitude de sua mascote.

– Algo errado? – o capitão pergunta.

– Ele diz que tem perigo se aproximando! – ela explica gritando, enquanto Gusmão fugia.

– O que é? – pergunto.

Ela mergulha e observa, quando vê sereias emergindo...

– Olá, amigas! – ela cumprimenta suas amigas sem perceber que estavam possuídas pela marca do rei demônio.

– SIRENA, SAI DAI! – Chisana grita alertando sobre o perigo.

Ela não ia sair, então fui em sua direção e a puxo da água com minha super força. Ela se debate toda para que a soltasse. Suas ex-amigas começam a pular em nossa direção para nos arranhar. Pareciam estar iguais a ela, quando estava com a marca. Chisana não querendo mais derramamento de sangue, congela

tudo ao nosso redor prendendo todas na água. Imediatamente as hipnotizo de uma vez só, e com um pouco de dificuldade, as liberto. Ela suga seu gelo e as liberta. Nós as pegamos e as trazemos para o barco, antes que afundassem inconscientes.

– Há, há! – as amigas de Sirena ficam exaustas após as libertar da marca.

– Sirena? O que está fazendo aqui? – uma de suas amigas pergunta.

– Vocês estiveram possuídas pela marca do rei demônio – Sirena explica.

– Mas agora estão livres – concluo.

As sereias descansam no barco o dia todo. Elas ficam um pouco assustadas ao verem os humanos e a mim, mas ficam mais calmas após explicarmos a situação. Depois elas contam que uma a uma foram sendo tomadas pela maldição, ficavam babando e com os olhos vermelhos, começando a matar todos a sua frente.

Sirena pede para suas amigas nos acompanharem...

– Está bem. Vamos te acompanhar até nos aproximarmos do próximo porto. Sereias não são bem-vindas lá – as amigas de Sirena explicam.

– Compreendo – o capitão fala.

Viajamos por mais alguns dias sem nenhum problema na companhia delas...

– O que é isso? – uma delas pergunta ao ver o homem com o anzol para pescar.

– Vamos ver quem pesca mais? – eles competem.

– Não, não. Vamos ao meu modo – ele lhe dá uma vara de pescar e ficam sentados esperando uma fisgada.

– Aha! Eu venci! Quero mais uma aposta! – ao contrário de Sirena, suas amigas tinha muita sorte. E também os homens não trapacearam, pois tinha a mim por perto e elas era muito mais espertas que Sirena.

– Lalala laaa – houve competições de canto entre as sereias e os juízes eram toda a tripulação.

Foi muito divertido ficar com todos eles, até que avistamos terra...

– Obrigada, por nos ajudar amiga – as sereias se despedem de Sirena.

– Adeus – Sirena se despede.

– Tem certeza que quer ir conosco? – o capitão pergunta – Não acha que vai ter problemas no porto quando virem que você é uma sereia?

– Não tem problema. Eu quero ficar um pouco com minha amiga – Sirena estava feliz em ficar junta de sua amiga mais uma vez.

– Mas, e sua calda? – pergunto.

- E eu posso esconder minhas asas e antenas, mas e você? – Chisana pergunta com receio.
- Esqueci de dizer que você não é a única com habilidades especiais Chisana!
- de repente, a calda de Sirena começa a se transformar em duas pernas humanas, suas guelras somem, exceto suas orelhas com o formato de barbatanas rosa e amarela.
- Nossa! – todos do barco, inclusive, Chisana e eu ficam espantados.
- Eu posso ficar nas formas: humana ou sereia. É uma habilidade muito rara entre nós sereias – ela exhibe suas lindas pernas, mas esquecendo de cobrir sua vagina.
- SE CUBRA! – Chisana grita tentando cobri-la com seu corpo, enquanto todos os tripulantes do navio babavam.
- Parem de olhar! – uso meu olhar hipnótico para impedi-los de olhar para ela.
- Você não tinha nenhuma roupa antes? – Chisana pergunta nervosa levando sua amiga para o porão.
- Não. Eu sempre me transformava quando não tinha ninguém, então nunca me preocupei em me vestir, a não ser os peitos – Chisana olha de baixo para cima o corpo de Sirena...
- Os peitos... hein? – ela fica com inveja dos peitos gigantescos de sua amiga.
- Já? – pergunto ofegante por segurar toda a tripulação na hipnose.
- Ufa! Já! – Chisana havia posto uma roupa velha que tinha encontrado, em Sirena.
- Mas, escuta! Por que você não fez isso antes? – Chisana pergunta curiosa.
- Bem, lembra de quando tive que me mudar? – Sirena pergunta para Chisana.
- Sim! Como poderia esquecer aquele dia! – ela responde.
- O motivo de ter ido embora, foi justamente isso. Esse meu poder raro – Sirena fica triste.
- Mas, por que não me contou? – Chisana fica triste.
- Nós sereias somos muito preconceituosas, assim como a espécie humana – ela explica.
- Vocês sereias nos hipnotizam com seu canto para nos devorar no fundo do mar! – o capitão entra na conversa um pouco nervoso.
- Vocês sempre nos caçavam... – eles começam a discutir.
- Vocês nos puxam com seus chicotes para nos estrangular – ele fica muito nervoso.
- Somos torturadas, até morremos e depois vendem nossa carne.

- PAREEEMMM! – separo eles dois com minha super força.
- Por favor, se acalmem! – Chisana fala – Continue a história, por favor.
- Vocês, sereias, sempre... – ele resmunga ao olhar para Sirena.
- Vocês, humanos, sempre... – Sirena olha para o capitão.
- Ah! PAREM DE BRIGAR! – Chisana congela os dois – Vocês não são assim! Capitão Rubens, você é o maior capitão que já vi, aceitou uma súcubo e uma fada no seu navio, e acolheu uma sereia e suas amigas depois de saírem de uma maldição. É gentil e bondoso. Sirena, você é e sempre será minha amiga, sempre gostou de brincar comigo e a dividir nossos conhecimentos, mesmo eu sendo uma fada e você uma sereia. É carinhosa e amável. Ficamos esses dias todos juntos em alto mar, nos ajudando e nos divertindo. Sirena se arrependeu de ter usado seu canto hipnótico, enquanto Rubens teve empatia por ela.
- Mas.. – os dois falam ao mesmo tempo.
- Nada de mas! Essas briguinhas só estão sendo causadas por nossos ancestrais. Parem e pensem nesse tempo que passamos juntos – Chisana fala com autoridade.
- É mesmo! Me desculpe! – eles concordam e Chisana os descongela para poderem apertar as mãos.
- Agora, pode continuar? – Chisana, um pouco mais calma pede para prosseguir a história.
- Meus pais ficaram muito chateados quando viram que podia quase me transformar em um humano completo. Com isso eles resolvem me banir de casa para o mar, mas sem poder contar nada para ninguém, nem mesmo para você – ela explica chateada – quando ouvi sua história de aventuras, decidi continuar mantendo isso em segredo, com vergonha.
- Aiai! Não tenha vergonha de seu próprio corpo. Você é você, e ninguém pode te impedir de ser feliz, ou dizer o que deve ser, só por causa de uma briga antiga entre espécies. Seja você mesma. Agora você está comigo, e entre amigos – Chisana deixa Sirena feliz.

## **Capítulo 19 – Vamos Jogar?**

Chegando no porto, vimos várias embarcações atracadas...

Nossa! Que lindo! – Sirena nunca tinha chegado tão perto de um porto humano antes e achava aquilo muito lindo. Apesar de feder a podre que nem o vilarejo onde vivia antes de conhecer Chisana.

Era um porto velho que tinha muitas pessoas trabalhando carregando e descarregando as coisas dos navios. O capitão em agradecimento, dá umas roupas que tinha guardado de uma prostituta que havia ido ao seu barco uma vez, e entrega a Sirena. Não era grande coisa, mas era muito melhor que ela sair com um sutiã de conchas e um pano enrolado em sua cintura. Ele também lhe dá uma bandana velha para esconder suas orelhas de barbatanas.

Ele diz que ficaremos atracados por uma semana e que podíamos explorar a cidade, sem que nos perdêssemos.

– Vamos nos fundir – Chisana já se preparava para nos unir de novo.

– Aqui vocês não precisam fazer isso. Algumas espécies de não- humanos passam por aqui. É só vocês não se revelarem demais que não tem problema – ele explica.

– Hasuno, esconda seus chifres, suas asas e calda. E tampe suas orelhas. Tome essa bandana – ele me avisa.

– Está bem! – eu aceito.

– Chisana, não mostre suas antenas e asas – ele fala para ela.

– Tá! – ela sorri, escondendo as antenas.

– E Sirena... bem, você já sabe... – ele já havia dado as roupas para ela.

– Sim. Não devo expor minha calda e devo esconder minhas orelhas – ela explica.

Descendo pela rampa, Chisana estava muito ansiosa para pôr os pés em terra firme.

– Eca! Que isso? – ela pisa tão forte no chão que a lama e o cocô sujam toda sua roupa branca. A subespécie de fada dela costuma andar descalça, para se sentir mais livre.

– Hihi... HAHA! – sua expressão de nojo foi tão engraçada que não consegui resistir e comecei a rir dela.

– Chisana, o que houve? – Sirena era uma sem noção mesmo e não havia percebido que sua amiga estava toda suja de lama e cocô. Chisana sempre foi uma garota limpa que odiava ficar suja, exceto quando trabalhava ou era para ficar toda cheia de gozo após transar.

– Ca-calma, hihi! É só você andar com cuidado que não... hihi.... isso! – não conseguia parar de rir.

– Viu só? – mostro para ela como se andava.

– Ah, é? – ela se aproveita de que eu estava de costas e me empurra na lama.

– Ah, é? – com minha calda a puxo rapidamente pela perna, sem que ninguém visse.

– Tome isso! E mais isso! – começamos a brincar de atacar lama e fezes uma na outra, enquanto riamos. Fedíamos muito.

– Parem de brigar agora mesmo! – Sirena chama a nossa atenção e nos segura por trás de nossas camisas e nos joga no mar.

– Ai, ai! Essas duas! – ela fica muito chateada.

– Olhe só você! Hihi! – ficamos rindo ao vermos nos duas na água.

– Tomem logo um banho, suas porquinhas! – Sirena pula na água e entra na brincadeira.

Quando saímos da água, Sirena nos dá um banho usando suas habilidades de dobrar a água. No final, ficamos limpinhas de novo, e finalmente começamos a andar pela cidade.

– Ai que nojo! – Chisana ainda sentia nojo ao tocar naquele chão imundo.

– Tome isto – demos um par de sapatinhos para ela que Rubens havia guardado também de uma prostituta.

– Está bem melhor – fica aliviada por não sujar mais seus pés. Mas ela nem percebia que estava sujando do mesmo jeito, pois os sapatinhos estavam furados.

Andando pela cidade, vimos que era grande e cheia de prédios antigos bem sujos fedendo a fumaça de suas chaminés. Algumas de suas ruas eram feitas de pedra e outras de lama. Havia também muitos mendigos dormindo nas ruas. Tinham muitas carruagens passando pela cidade, e seus moradores fediam a cigarro. Então decidimos dormir em um hotel.

Procuramos algo que não fosse tão ruim quanto aquilo tudo. Vimos na fachada “Hotel Beijola”...

– Vamos nesse! – Chisana sugere.

Ao entrarmos, percebemos que era razoável. Fomos até o balcão...

– O que é isso? Festival de ninfetas? Não aceitamos criança! Vamos, saiam daqui! – me sentia sendo expulsa pelo açougueiro.

Andamos pela cidade a tarde inteira. Anoteceu e já estávamos cansadas de tanto andar, e não sabíamos como voltar para o navio, quando...

– Não aguento mais! Vamos dormir aqui! – estava muito cansada.

– Sério, isso? – Sirena e eu ficamos com receio do lugar que Chisana havia escolhido para passarmos a noite.

– Qual de vocês é a súcubo e a fada? – Sirena pergunta.

– Eu sempre me faço essa mesma pergunta quando ela faz isso – conto bem ofegante a Sirena.



Depois de tomarmos coragem, entramos. O ar era tomado e fedia a incenso. Vimos que tinham várias prostitutas com roupas bem curtas e provocativas sentadas em cadeiras bem desenhadas esperando por um programa e outras levando os clientes para trepar num lugar mais reservado, ou faziam ali mesmo.

– Olá sejam bem-vindas – uma prostituta nos recebe.

– O-oi. Só queríamos um lugar para passar a noite – Chisana tenta falar, mesmo estando com muita fome.

– Nos perdemos e não sabemos como voltar para o porto – Sirena fala.

– Não aguentamos mais! Nos ajudem por favor! – seguro uma mão na outra implorando a ela.

– Mamãe! Pode vir aqui um instante? – a prostituta grita.

– O que foi querida? – uma senhora vestindo uma roupa apertada e chamativa fumando uma piteira, sai de trás de umas cortinas vermelhas num canto do salão de entrada.

– Essas jovens vieram pedir ajuda. Dizem que estão com fome e que se perderam na cidade e que não conseguem chegar ao porto – a prostituta fala meio desconfiada com uma expressão sedutora para a senhora olhando para nós três.

– Primeiro: já disse que é para me chamar de “minha senhora”. Segundo: tenho que ver se são dignas de ficarem hospedadas aqui – a senhora fala também com uma expressão sedutora.

– Está bem, venham aqui – a prostituta nos acompanha até um quarto escuro e pede para sentarmos numas cadeiras.

– Vejamos... – a senhora entra no quarto – primeiro você... venha aqui minha jovem – ela me chama, enquanto sentava em uma cadeira no meio do quarto.

– Sim?! – fico meio desconfiada de pé, de frente para ela.

– Há! – fico assustada ao vê-la abaixar minha calças para ver minha vagina.

– Fique quieta! – ela tenta me segurar, quando caio no chão tentando fugir.

– Mas o que temos aqui? – ela fica surpresa ao ver minhas orelhas pontudas.

– Mã... digo... minha senhora! O que ela é? Já desconfiava delas quando vi aqueles olhos de inseto e pele branca dela – a prostituta começa a falar de Chisana – Deixa eu ver aqui! – ela retira a bandana de Sirena.

– O que são vocês? – a senhora termina de retirar minha bandana.

– Por favor, só queremos comida e um lugar para ficarmos – imploramos.

– Primeiro: respondam, quem são vocês. Segundo: vamos avaliá-las – a senhora era curta e grossa.

- Por favor, não nos... – somos interrompidas.
  - QUIETAS! Digam... quem são vocês? – ela grita conosco.
  - Eu sou Hasuno, e sou uma súcubo do tipo força – respondo, como se estivesse no exército.
  - Eu sou Chisana, e sou uma fada elemental de gelo e fogo! – Chisana responde como eu.
  - Eu sou Sirena, e sou uma sereia que pode virar uma quase-humana! – no final, todas nós revelamos para ela quem éramos, intimidadas por seu tom de voz.
  - Isso! Agora venha aqui de novo – sua autoridade era muito mais forte e intimidadora do que a do capitão Rubens.
- Uma a uma, nos revistava. Primeiro ela arreia nossas calças e calcinhas para ver nossas vaginas e depois tocá-las. Ela acaricia nossas pernas de cima para baixo. Ela então, levanta nossas camisas e começa a acariciar nossas barrigas e aperta nossos peitos e braços. Depois abre nossas bocas e olha nossos dentes e língua, e passa a mão por nossos cabelos que nem uma escova. Sua filha nos olha com atenção meio desconfiada.
- E então, mã... digo... minha senhora. O que achou delas? – sua filha a pergunta.
  - Elas podem ficar, mas só por uma condição. Que mostrem suas verdadeiras formas – ela ainda desconfiava de nós.
  - Mas, eu pensei que só eram duas condições... – Chisana é interrompida.
  - QUIETAS! E me mostrem logo, suas verdadeiras formas! – ela era aterrorizantes e bem autoritária.
  - Está bem! – eu mostro meus chifres, caldas e asas. Chisana mostra suas antenas e asas. E Sirena sem vestir sua calça e calcinha, transforma suas pernas virarem calda de peixe rosa, e revela suas guelras das suas costelas.
  - Nunca imaginei que teria uma visita de criaturas mágicas aqui no meu bordel. E como vocês fizeram tudo certinho, eu deixo vocês dormirem aqui essa noite – ela nos aceita.
  - Mas... Minha senho... – sua filha ainda desconfiava de nós.
  - Já disse que elas podem ficar aqui! – ela grita com sua filha.
  - Me desculpem pelas atitudes dela. Eu sou Katarina, dona e chefe desse bordel. Jéssica, as acompanhe até seu quarto – ela botava respeito nas suas prostitutas, e mesmo assim conseguia ter empatia conosco.
  - Mas primeiro, vamos dar um banho em vocês, ninguém entra em meus quartos fedendo dessa maneira – ela dá a ordem a sua filha.

Jéssica nos leva até o banheiro feminino. Lá vimos algumas outras prostitutas tomando banho numa banheira bem grande que parecia uma piscina. Era um lugar bem limpo e cheirava rosas. A água era quentinha e confortável, liberando um leve vapor que hidratava nossa pele. Naquela época não sabia o que eram termas, e também foi a primeira vez que entrei em uma.

– Olha só... – elas nos observam desconfiadas.

– Aqui está – Jéssica nos entrega sabonetes e toalhas limpas.

– Obrigada – agradeço um pouco tímida.

– Posso te perguntar uma coisa? – Jéssica de repente muda de atitude. Parecia bem curiosa a nosso respeito.

– O que? – fico com medo.

– Como é ser uma súcubo, uma fada e uma sereia? – ela estava muito curiosa e aproveitou o momento.

– Como é ser uma súcubo? – tento descrever.

– Como é ser uma fada? – Chisana também não sabia como responder.

– Como é ser uma sereia? – Sirena muito menos.

– Nunca tinha conversado com criaturas mágicas como vocês – ela explica.

– Jéssica! Sem conversa! – sua mãe a interrompe.

Ficamos com vergonha com todos aqueles olhares sobre nós. Ao terminarmos, Jéssica nos leva para nosso quarto. Ele ficava no segundo andar. Quando entramos vimos que estava um pouco bagunçado. Provavelmente alguém havia terminado de transar ali e cheirava à umidade. Tinha uma cama de casal num canto e uma mesa com cadeiras num outro lado. Ao nos aproximarmos da mesa para sentarmos sentimos um forte odor de vinho. Suas janelas eram tampadas por uns pedaços de madeira que só dava para ver umas pequenas frestas.

– Aqui está – não demorou muito e Jéssica nos traz uma bandeja com comida. Feijão, arroz, batatas e um bife em cada um dos três pratos, acompanhados com um suco. Nunca achei que um lugar daquele iria nos servir aquilo.

Estávamos tão cansadas que depois de comer, fomos dormir. A cama era bem elástica e quase não conseguíamos ficar direito nela, pois balançava muito. Depois de nos aconchegarmos, fomos dormir.

No dia seguinte...

– Uuuh... – levanto meus braços para o alto e me espreguiço.

– Buaaa... – Chisana acorda meio sonolenta.

– Oi, bom dia – Sirena esfrega sua mão em seu rosto.

– Bom d... – quando percebo que várias prostitutas estavam nos observando da porta, com ela meia aberta.

– O que é isso?! – Chisana logo fica toda nervosa e se encolhe em meio a coberta da cama.

– Calma, calma! – elas entram e ficam nos rodeando para nos fazerem perguntas.

– Só queríamos saber como é ser vocês, enquanto nossa senhora não acorda – percebemos que não iam fazer mal algum e só estavam muito curiosas.

– Vocês querem café da manhã? – outra nos oferece comida.

Sentamos à mesa e começamos a contar sobre nós e nossas aventuras. Elas ficam muito surpresas por cada momento que passamos para chegar até ali. Jéssica pede para mostrarmos nossas verdadeiras formas. Quando mostramos, ficam um pouco assustadas e logo começam a tocar em nossas partes não humanas. De repente...

– O que é isso? Voltem já para seus trabalhos! – Katarina entra e expulsa todas elas do quarto.

– Por favor, não brigue com ela por nossa causa – Chisana fala para Katarina.

– Elas não fizeram nada de mau. Eu sei que nossas espécies são muito raras por aqui. Por favor não brigue com elas – Sirena explica.

– Elas só queriam nos conhecer – explico.

– Ai, ai! Vocês jovens... Está bem! Se vistam e desçam! – ela compreende.

– Obrigada por nos ajudar! – agradecemos.

– Que nada! Posso ajudar em mais alguma coisa? – Katarina pergunta.

– Não sabemos como voltar para o porto. Nosso barco está lá – explicamos.

– Jéssica pode as levar para lá. JÉSSICA! – ela manda sua filha nos guiar pela cidade.

Depois de voltarmos até o porto, reencontramos o capitão e ele nos relembra que íamos ficar por uma semana atracados lá. Jéssica escuta e propõe que fiquemos no bordel até o dia da partida e que poderia nos mostrar a cidade, enquanto isso. Depois de concordarmos ela nos mostra cada parte da cidade. Apesar de ser bem suja, imunda e com vários ratos passando, todas nós estávamos gostando do passeio.

Contamos mais algumas histórias sobre nós três para Jéssica, até chegarmos num bar escondido num beco. Era cheio de esgoto e lama, mas mesmo assim entramos. Quando entramos, vimos várias pessoas gritando e bebendo ao som de música. Outras estavam jogando cartas ou sinuca.

– Cof, Cof – Chisana, Sirena e eu começamos a tossir ao sentir o cheiro de cigarro e outras drogas no ar daquele bar.

Jéssica nos apresenta a algumas prostitutas conhecidas que estavam atendendo ou trepando com homens ou mulheres. Ela nos deixa num balcão onde serviam bebidas.

– Olá! O que desejam? – o velho homem barbudo pergunta atrás do balcão.

– Quero leite – falo para ele.

– Eu também – Chisana responde.

– Quero água fresca – Sirena fala.

– Leite? Água fresca? Hahaha! Aqui só vendemos bebida! – ele caçoa de nós. Também éramos e agíamos como crianças num lugar daquele.

– E vocês tem como pagar? – ele fica meio desconfiado.

– Aqui. Fica tranquilo! – Jéssica nos paga uma rodada.

– As estrangeiras são novatas? – ele achou que éramos novas prostitutas do bordel de Katarina e estranha os olhos de Chisana, por não saber que ela era uma fada.

– Não. Só estou as acompanhando pela cidade. Essa aqui é uma súcubo, essa é uma fada e essa é uma sereia – ela nos apresenta.

– NOSSA! É sério isso? – ele fica surpreso.

– Sim. A súcubo é do tipo força, a fada é de gelo e fogo, e a sereia pode ficar numa forma quase-humana – Jéssica fala mais sobre nós.

– Pode cuidar delas por um instante? Só não deixe a fada exagerar muito na bebida e nem ninguém transar com ela – ela vai em direção ao palco para dançar, enquanto tirava, uma por uma as peças de suas roupas. Ele faz um sinal de que concordava.

– Se você diz. E quanto a elas duas? – ele pergunta.

– Você pode deixar fazerem o que quiserem com elas – ela dá carta branca para ele.

– Bem, aqui está – ele nos oferece bebidas alcoólicas.

– Mas não tem leite? – Chisana ainda insistia, como uma criancinha mimada.

– Não tem água fresca? – Sirena também fazia o mesmo.

– Se vocês querem tanto água e leite, é só beberem aqui no meu pau! Haha! Aqui só vendemos bebidas alcoólicas, suas patricinhas – ele nos ofende.

– Buaa! – Chisana começa a chorar. Foi a primeira vez que ela ouve tal ofensa.

– Calma! – tento acalmá-la.

– E então? Não vão beber? Seus bebês chorões! – ele nos observa.

– Não sou um bebê chorão! Snif! – Chisana percebe que se quisesse explorar e conhecer o mundo, ela teria que amadurecer. Então ela pega o copo com a bebida e olha atentamente. Sua mão tremia, tentando tomar coragem, então ela num gole só, bebe o líquido todo do copo.

– Hã?! – ela fica um pouco tonta e então vai até um canto para vomitar.

– Aha! É assim que gosto de ver. E vocês duas, aí? – ele fica satisfeito ao vê-la mais madura, esperando o mesmo de Sirena e eu.

– Está bem! – Sirena e eu tomamos como a Chisana. Essa foi a primeira vez que nós três bebíamos algo alcoólico.

– É assim que gosto de ver! Divirtam-se! – ele finalmente larga de nosso pé.

Depois daquilo, fomos andando com um pouco de tontura até a mesa de jogos de cartas.

– Ai, ai, minha cabeça! – Chisana só bebeu aquele único copo naquela noite toda. Nisso, percebemos que ela era mais frágil também com bebidas alcoólicas e se sentia um pouco tonta, enquanto Sirena e eu só sentíamos um pouco de azedo em nossas bocas.

Observamos as pessoas jogando: tinha um homem magro com uma prostituta sentada em seu colo, uma mulher toda cheia de maquiagem e roupa chique, um gordo cheio de jóias pelo corpo e um cara magro que estava perdendo tudo. Ele logo perde e é expulso do bar com muita violência.

– Quem vai ser o próximo? – o homem com a mulher no colo pergunta.

– Eu! Eu! – Sirena se oferece sentando na cadeira vaga.

– Sabe jogar, minha gracinha? – a mulher maquiada pergunta com um olhar sedutor.

– Não! – Sirena fica de cabeça baixa.

– Então, FORA DAQUI! – o homem grita com ela.

– Venha cá! Eu te ensino a jogar, minha garotinha – o homem gordo a bota em seu colo.

– Está bem – ela o observa a jogar pôquer. Nisso ele começa a roçar seu pênis duro nela, enquanto a ensinava a jogar.

Nisso, Chisana aprende e se oferece para jogar usando nosso dinheiro como aposta. Ela se diverte, enquanto Sirena dava alguns palpites que levavam a derrota do homem estava lhe ensinando. Começo a enjoar do jogo e vou para uma cadeira me sentar. De repente, um homem vem em minha direção e começa a acariciar minhas pernas e depois vai para minha vagina.

Sirena vê um homem tocando uma música num piano e pede para cantar. Ela começa a cantar e todos ficam maravilhados com sua voz.

– Venha! – Jéssica me chama para dançar num cano em cima de um palco.

– Posso? Mesmo? – deixo para trás o homem que quase consegue transar comigo para dançar para todos.

Todos estavam me admirando, gritando e jogando dinheiro em mim. Uso um pouco de minha força para fazer umas acrobacias no cano, revelando minha calda, chifres e asas. Refaço algumas poses que havia feito no navio e fico com minha super força ao máximo. Desço do palco com Jéssica e começamos a transar. Ela pega uns 3 homens, enquanto eu pegava uns vinte que havia ali, sem me preocupar em não usar minha hipnose. Sirena continuava a cantar, deixando o ambiente mais apimentado. Chisana parecia se divertir muito com os jogos de cartas, não se importava em vencer ou perder, só queria aprender se divertindo. E foi a única a ficar sobrea, pois ela só tinha bebido o primeiro copo que o garçom havia nos oferecido no início. O garçom manteve sua promessa e não deixou ninguém transar com ela, mesmo assim Chisana sabia se defender muito bem sem causar tumultos.

Jéssica, Sirena e eu saímos cambaleando de tontas pela cidade. Chisana não consegue nos guiar pelas ruas e resolve nos fundir para chegarmos mais rápido até o bordel.

– Oi. Se divertiram? Hue? Cadê elas? – Katarina fica preocupada.

– Sim. Foi divertido. E eu as fundi ao meu corpo para trazê-las melhor. Esse meu corpo é muito frágil para empurrá-las – Chisana explica com um pouco de sono.

Quando ela nos separa, Katarina vê que Jéssica, Sirena e eu estávamos dormindo e pede para levá-las para o quarto para dormirem. No dia seguinte tomamos um banho e limpamos o quarto da inhaca de cerveja que tínhamos deixado. Descemos e ficamos conversando com as prostitutas sobre a noite que passamos. Chisana escutando minha conversa com Katarina, vai até ela e...

– Você quer experimentá-la? – pergunta com uma voz bem sedutora, com os pés cruzados e os esfregando, um por um na Katarina mostrando sua calcinha.

– Claro! – Katarina aceita. Ela começa a transar comigo ali mesmo na recepção.

Todas as prostitutas ficam admirando nossa transa, até que...

– Tem para todas! Podem atacar à vontade – Chisana tenta dar o comando para elas.

– Quem disse que podia mandar em meu estabelecimento? – Katarina me beijando na boca e enfiando dois dedos de sua mão em minha vagina, interrompe a ordem de Chisana.

– Por favor – peço para ela com jeitinho.

– Ela é uma súcubo e queria muito experimentar todos esses gostos – Chisana tenta convencê-la.

– Se você trepou com mais de trinta no navio em que vocês vieram e depois com vinte no bar ontem, eu quero ver se isso é verdade. Podem vir meninas. Todas vocês. Inclusive vocês duas – Katarina olha para Sirena e eu ao lembrar e aceitar nosso pedido.

Naquele momento me sentia de volta a aquele dia no navio transando com todos os marinheiros, só que desta vez era com mulheres prostitutas. Elas eram bem bonitas: altas, magras, gordas, baixinha, peitudas, despeitadas, bundudas, sem bundas, jovens e adultas, tinha para todos os gostos. A única idosa era Katarina.

– Onde é? – uma das prostitutas tenta descobrir onde era a vagina da Sirena que estava na forma de sereia.

– É aqui. Hã! – Sirena dá um gemido após penetra o dedo da garota em sua vagina de sereia.

– Gosta do meu corpo. Vai! Vai! Isso! Me possua! – Chisana parecia estar mais solta ao transar com mulheres – Éeeeeeee... – ela lambe uma das garotas.

– Tem certeza que ela é uma fada? – Jéssica pergunta para mim.

– Eu me faço essa pergunta toda vez que ela faz algo parecido – explico uma expressão de desgosto.

Depois de todos nós transarmos entre si: Chisana, Sirena, Katarina, Jéssica e eu com todas prostitutas daquele bordel, fomos dormir. Depois de acordar e tomar o café da manhã, Jéssica continua a nos mostrar a cidade.

Andamos um pouco e vimos um grupo de pessoas reunidas perto do centro da cidade gritando algo. Chegamos mais perto, mas eles eram muitos.

– O que é isso? – pergunto para Jéssica.

– Isso são as lutas de rua. Você luta enquanto fica rodeada de pessoas torcendo e apostando no vencedor – ela explica.

– Eu quero ir – Chisana fica logo animada.

– Infelizmente só se pode usar força física, e pelo que vi, você é bem frágil – Jéssica responde.

– É. Eu sei – Chisana fica chateada de cabeça baixa.

– Bem. Eu não gosto de lutar – Sirena tira logo seu cavalinho da chuva.

– E que tal você, Hasuno? É uma súcubo do tipo força. Poderia vencê-los facilmente – Chisana queria me empurrar para a luta.

– Bem... Não sei – fico com um pouco de receio.

– Vai dar tudo certo! Vamos! – ela decide isso sem eu aprovar.



– Tá, tá! Espera! – ela me puxa toda ansiosa para me ver bater nos competidores.

Chegando perto da multidão, quase somos atropeladas por um dos competidores que foi lançado em nossa direção e que as pessoas haviam aberto espaço para ele ir longe. Olho para o homem todo arreventado e sangrando com um certo medo.

– Eu sou o vencedor! Quem vai querer me enfrentar? – o homem grita todo sujo de lama após vencer seu adversário tão facilmente.

Ela aproveita a brecha e me empurra na direção dele.

– E-eu! – ela fala como se fosse eu atrás de mim. Nisso, levanto minha mão, enquanto tremia de medo.

– Você? Uma garotinha? Essa ninfeta não dá nem pro cheiro! – ele me ofende no meio da multidão.

– Eu que vou lutar com você – insisto.

– Ai! Ai! Saia daqui! Isso aqui não é brincadeira de cri... Hã? – ele tenta me empurrar, mas eu o impeço usando um pouco de minha super força.

– O que é isso? – ele fica surpreso com minha força.

– Eu quero lutar! – fico mais confiante.

– Está bem! Depois não diga que eu não avisei... – interrompo seu soco com meus dois braços se cruzando na frente do meu corpo, fazendo meus músculos se dilatarem e ficarem gigantesco que nem bolas bem na frente de todos.

– Como uma garotinha pode... – dou um leve soco nele que o manda para longe, sem o matar.

De repente, todos começam a comemorar a minha vitória e começo a chamar o próximo competidor. Chisana só se aproveitava e ganhava muito dinheiro, até que decide entrar para lutar comigo. Sem perceber, dou um soco nela...

– Chisana? Como? – percebo que ela não tinha usado nenhum poder mágico e fico surpresa como ela defendeu facilmente meu soco com seus braços cruzados.

– Mas, como? Eu não entendo! Usei toda a minha força e você conseguiu se defender facilmente – não entendia como ela tinha feito aquilo.

– Eu também não sei, mas só sei que quero lutar com você, mesmo que eu seja frágil – ela fica com raiva e vem para cima me dar um soco. Fico parada e a deixo acertar o golpe em minha barriga toda musculosa de tanquinho.

– Ai! – o soco dela dói, e caio no chão. Não acreditava no poder físico que ela havia escondido de mim.

Cuspo sangue, sem entender muito bem. Corro em sua direção e dou um soco em seu rosto com muita raiva. Ao invés de voar para longe, ela só cai no chão, como se meu impacto fosse menor.

– Ai! Ai! Isso DOEU! – ela grita bem alto, chorando e sangrando pelo rosto.

Ela vem correndo com muita raiva em minha direção e me dá um soco na cara também. Caio no chão e começo a chorar com sangue escorrendo por meu rosto. Nós duas começamos a correr na direção um da outra...

– Você só me causa problemas! – dou uma sequência de socos nela.

– Sem mim você estaria morta! – Chisana me provoca.

– Snif. Snif – Sirena chora ao ver nossa briga.

Não me continha e usava toda minha força nela, mas mesmo assim parecia que nós estávamos lutando no mesmo nível. Meus golpes eram tão grandes que a cidade tremia.

– PAREMMMM! Vocês são amigas! Por que estão brigando? – Jéssica entra no meio da luta e nos interrompe.

Vendo que estávamos nos matando...

– O que estamos fazendo? – pergunto olhando para minhas mãos ensanguentadas de vermelho e verde azulado.

– Por que fiz isso? Só queria mostrar que eu também podia lutar! – Chisana chora ajoelhada na lama.

– Me perdoe! Eu nunca devia ter batido em você! E ter dito aquilo! – me arrependo do que tinha feito.

– E-eu só queria me divertir, mas acabei te machucando também! Snif. E te disse aquilo! Me perdoa, “flor”? – Chisana fala chorando.

– Sim, minha “flor”! – limpo minhas lágrimas dando um sorriso.

– Obrigada! Eu também te perdoo! – ela vem me abraçar.

– Minha “flor”! – completo seu abraço com o meu bem apertado.

– Hey! O que é isso? – as pessoas começam a ficar revoltadas com o termino da luta.

– Cadê a luta? Queremos mais sangue! – eles começam a jogar coisas em nós, e começamos a ser vaiadas e expulsas do campo de luta. Sirena e Jéssica nos carregam até chegar no bordel.

– O que isso? Por que vocês tão assim? – Katarina fica preocupada.

– Nós lutamos – explico.

– No centro da cidade – Chisana complementa.

– Vocês duas são amigas e não devem brigar uma com a outra só por causa de um jogo estúpido desses – Katarina estava desapontada conosco.

– Eu é que separei elas, antes que se matassem – Jéssica explica.

– E-eu não fiz nada. Só fiquei, Snif chorando – Sirena ainda estava triste.

– Fizeram bem em ajudar – Katarina fala.

– M-mas eu não fiz nada! – Sirena ainda se sentia culpada.

– Só de você sentir tristeza, mostrou como se importa com a amizade delas – Jéssica explica.

– Vamos parar com o papo e levar as duas para um banho – Katarina nos puxa com força para o banho.

– Ai! Ai! – grito de dor, enquanto no banho, ela nos dava uns tapas bem fortes em nossas bundas para aprendermos a lição.

– Venha aqui! – ela reveza, nos deixando deitadas de barriga para baixo em suas pernas, enquanto a outra era lavada por Jéssica.

– PARAAAA! – apanhamos muito para nunca mais brigarmos entre nós novamente.

– E nem tentem usar seus poderes! Vocês vão apanhar para aprender a lição, SIM! – sabíamos que estávamos erradas e precisávamos receber nossa punição.

– SOCORROOOO! – Chisana gritava bem alto tentando correr, mas é puxa pelo braço e jogada no colo de Katarina novamente e recebe muitas palmadas dolorosas.

– Vem cá! – ela nos dava muito medo.

– Para, por favor! AAAAAH! – ela puxa minha calda com força e me bota também em seu colo, enquanto tento fugir também.

Ela batia muito em nós duas. Sirena ficou assistindo horrorizada num canto do banheiro sem se intrometer, enquanto Jéssica nos banhava. Depois de tomarmos banho, elas cuidaram de nossos ferimentos e nos deram comida. Katarina ainda nos dava uns tapas de raiva e decepção. Quando terminamos de comer fomos dormir ainda chorando dos tapas fortíssimos dela. Sirena é ordenada a dormir junto à Jéssica em seu quarto.

– Me desculpe! – Chisana cochicha e chora ao meu lado, na cama.

– Me desculpe! – faço a mesma coisa.

– Vão dormir! AGORA! – Katarina nos vigiava.

Essa foi primeira vez que Chisana e eu brigamos.

## Capítulo 20 – Dor e Desespero

No dia seguinte, Chisana nos cura facilmente de nossas feridas, pois não havia utilizado uma gota de mana em nossa luta, somente força física. Nos desculpamos à Katarina por nossa briga e voltamos a ser guiadas por Jéssica pela Cidade. Quando a uma semana que o Capitão Rubens se passa, fomos para o porto pegar o “Horizonte Verde” e fomos embora...

- Adeus! – Jéssica foi a única a vir se despedir de nós no porto.
- Nos vemos num outro dia! – grito para ela do navio.
- Espero nos divertirmos na próxima vez que nos encontrarmos – Chisana grita.
- Muito obrigada por nos ajudar! – Sirena se despede.
- Adeus, minhas amigas! – Jéssica se despede balançando um pequeno lenço em sua mão.

Quando voltamos para o alto mar, uma pergunta ainda perturbava minha mente...

- Mas o que foi aquilo? – pergunto para mim mesma em voz alta.
- Aquilo o que? – Sirena pergunta se aproximando de mim.
- Eu ainda não entendo... Por que a Chisana conseguiu enfrentar minha força ao máximo. E ela só usou força física e nenhum poder mágico.
- Eu também não sei.
- E para piorar, parecíamos lutar de igual para igual. Sua força era de uma frágil criança, enquanto meus golpes ainda surtiam efeito em tudo a volta.
- Eu vi. Tudo parecia tremer a cada golpe que você dava e os golpes dela eram bem fracos, mas mesmo assim sentiu surtiram efeito em você.
- Eu acho que já sei o que pode ser. Mas é só uma teoria – Chisana escuta nossa conversa e se aproxima.
- Uma teoria? – pergunto curiosa.
- Meu pai contou uma vez que: quando o amor entre dois seres diferentes ou iguais for muito forte, pode criar uma troca de energia positiva entre eles. O que ele chamava de “O Ciclo” – Chisana conta.
- Hey! Agora que você falou... meus pais me disseram uma coisa parecida. Só que isso que você chama de “O Ciclo”, ocorre quando uma súcubo ou um íncubo se apaixona por um humano – estávamos mais confusas.
- Olha, para nós humanos, isso é chamado de “Amor Verdadeiro” e pode acontecer com qualquer um que se apaixone – o capitão entra na conversa.
- Sério? – Chisana olha para ele.

- Há! Me desculpe – ele fica envergonhado.
- É que quando estávamos lutando... – tento explicar.
- Eu sei disso! Eu vi a luta de vocês – ele me interrompe.
- Vocês estavam lá também? – fico envergonhada.
- Só alguns de nós, mas voltando ao assunto... eu também achei estranho. Era pra você ter pulverizado ela – ele fala.
- Uma coisa parecida já aconteceu antes, ou pelo menos, acontecia o tempo todo desde a nossa primeira missão – explico.
- Nós transávamos todos os dias – conto para eles.
- Vocês duas? – Sirena fica espantada.
- Esqueceu que ela é uma súcubo? – Chisana explica.
- Mas era pra você estar morta de tanto trepar com ela, pelo menos desde a primeir... espera... agora que você falou... em nenhum momento ela matou aquelas garotas do bordel e nem a nós duas. Como isso? – Sirena fica confusa.
- É porque ela só suga um pouquinho, e quanto mais gente tiver é melhor para ela – Chisana parecia feliz em contar isso – e já trepou com todos os tripulantes desse navio de uma vez só, antes dela te conhecer.
- Aquela foi a primeira vez que transei com você, e como estava nervosa com a senhora do bordel, eu nem percebi. E também não transei mais depois disso que nem me perguntei mais sobre isso – Sirena começa a entender.
- Me desculpe – falo com ela.
- Não precisa. Eu compreendo que precisa disso para sobreviver e se você sabe controlar seus poderes sem machucar ninguém. Não tem problema – ela fica feliz em me ajudar.
- Mas o que ainda não entendo, é porque toda vez que transo com a Chisana, sinto uma grande e pura energia fluir pelo meu corpo. Muito maior do que quando transo com vinte ou trinta homens – explico.
- E eu também sinto a mesma coisa comigo quando transo com ela. Me sinto cheia de vida e mana – Chisana completa.
- Isso é estranho, na maioria das vezes quando você me abraçou, sentia sua força me sufocar, mas quando tínhamos terminado nossa briga você me abraçou bem forte, mas desta vez não fiquei sufocada, mas sim, confortada e feliz – ela compara as situações.
- AIII! CHEGA! Eu vou resolver isso de uma maneira mais simples: “flor”, venha até aqui um instante, e você também capitão.
- O que você vai fazer? – nós dois perguntamos.

– Nós fadas podemos aprender e compreender pensamentos confusos ou similares quando nos fundirmos... não tenho muito a explicar, só fiquem na minha frente, por favor! – ela estava muito agitada.

Ela rapidamente funde nós três e começa a vasculhar nossas memórias. Para uma fada comum, isso seria muito difícil e complicado de se fazer na idade dela, mas como ela era um prodígio entre as fadas de sua subespécie, poderia juntar as partes do quebra cabeça e encontrar uma teoria a muito tempo perdida. Sua subespécie de fada é conhecida por trazer a harmonia e a paz entre as espécies, mostrando o lado de cada um ou dando empatia ao fundir corpos.

– E então? – Sirena pergunta após ver Chisana nos desfundir.

– Eu já sei o que é. É uma magia muito antiga que se fragmentou e se perdeu entre as várias espécies do nosso mundo. É quando o amor entre duas ou mais espécies iguais ou diferentes é muito grande e verdadeiro dando a possibilidade de criarem um vínculo mágico que os permitem compartilhar energia, e até criar uma aura onde reduz o dano e ou a defesa após dar ou receber um golpe de seu amado ou amada, ou seja, um escudo que equilibra os níveis de força tanto mágicos ou físicos dos amantes. Um exemplo disso: se a Sirena e eu dermos um golpe na barriga de minha “flor”... digo... de Hasuno, quando ela estiver com sua força no máximo, Sirena irá sentir uma grande dor, como se tivesse socado uma pedra muito dura, enquanto Hasuno irá sentir meu golpe, como se tivesse o mesmo poder físico que eu – ela explica o que encontrou em nossas mentes.

– Mas e quando transamos? – pergunto após rir dela tentando não me chamar de “flor”.

– Em súcubos e incubos com outras espécies ou não, permite que suguem bem menos energia vital e ela vem mais forte e pura, ao mesmo tempo que seu companheiro ou companheira receba a mesma quantia, criando um ciclo de energia. Para os humanos, é chamada de: “O Amor Verdadeiro”, enquanto para os outros seres, é chamada de “O Clico”. Quanto mais forte for seu vínculo, mais forte e pura será essa energia.

– Você descobriu tudo isso só entrando na mente deles três? – Sirena pergunta espantada.

– Sim. Eles possuíam os fragmentos principais sobre o assunto junto com umas memórias esquecidas. Eu sou uma fada e represento os seres mágicos, Hasuno é uma súcubo, e representa os seres demoníacos, e o capitão representa os seres humanos. Cada um dos três seres de nosso mundo – ela explica.

– E eu, sou de que tipo de ser? – Sirena pergunta o que era um pouco óbvio.

– Você pertence as criaturas ou seres mágicos. Eles são todas as espécies de indivíduos inteligentes não-humanos: fadas, sereias, elfos, anões, gigantes, dríades, gosma, harpias, ciclopes. A espécie demoníaca são: demônios, vampiros, súcubos, incubos e zumbis. Os humanos são: brancos, negros, amarelos e indígenas.

– Então basicamente, se Hasuno te der um soco, sua força será reduzida ao mesmo nível de Chisana, enquanto se Chisana fizer o mesmo, Hasuno terá sua defesa reduzida, não é isso? – ele pergunta.

– Sim – Chisana responde.

– Então vamos ver isso! – ele pede para testarmos a teoria.

– Mas... – fico com medo.

– Primeiro sou eu – Chisana não media o poder de suas palavras.

Ela dá um soco fraco em mim, com a minha super força ao máximo. Sinto seu golpe como se fossemos do mesmo nível. Depois dou um soco fraco com a minha super força ainda no máximo. Ela sente, mas ela tem a mesma reação que eu. Ficamos surpresas com isso.

– Isso é o poder do amor e por causa de vocês treparem tanto? – ele pergunta.

– Acho que sim – nós duas respondemos ao mesmo tempo.

– Vocês são umas putas lésbicas mesmo! Hihi! – ele nos ofende, mas sabíamos que era só uma brincadeira e não éramos mais criança, pois já havíamos passado por muita coisa juntas, até agora.

Depois de uns dias em alto mar chegamos à costa e nos separamos de Sirena...

– Adeus minhas amigas! Adeus pessoal! – ela se despede de todos pulando no mar.

– Adeus! – todos se despedem dela.

– E agora, você vai para onde? – Chisana pergunta.

– Vou voltar para meus pais. Depois do que me disse, refleti e pensei em voltar para casa e encarar meus pais de frente. Eles têm que me aceitar como eu sou: uma sereia com poder de virar uma “quase” humana – ela estava determinada.

– Que bom! Boa sorte! – Chisana se despede de sua amiga, quase chorando.

– Espero que ela consiga o que quer! – nesse momento começo a me lembrar de meus pais, com muita saudades e começo a chorar – Adeus!

– Tchau! – Sirena vai embora nadando até sumir no fundo do mar.

Chegando no porto, vimos várias gaivotas cantando. O capitão Rubens nos agradece e nos entrega o comprovante assinado para recebermos nossa recompensa. Parecia que haviam se passado anos desde que fomos pro mar, apesar de só termos passado três meses em missão. Andamos felizes pela cidade...

– Cof, Cof! – percebemos que algumas pessoas tossiam muito. Mesmo assim continuamos sem dar a mínima importância.

– Olá! Como foram na missão? – rose estava feliz com nosso retorno.

– Hihi! Conhecemos muitos lugares e pessoas novas. Fora umas sereias – conto com muita alegria.

– Sereias? Que lega... Cof! – ela tosse.

– Você está bem? – Chisana pergunta.

– Sim. É só uma tossezinha. Nada de mais – ela nos acompanha até o balcão e nos entrega a recompensa.

Ficamos felizes em receber uma recompensa tão gorda quanto aquela: 100.000 pts. Na volta para a Pousada Dois Irmãos, Chisana pulava e cantarolava, enquanto eu tentava cantar de boca fechada sua melodia, mesmo sabendo que era parte de uma canção hipnótica das sereias, mas como não tínhamos esse poder, não tinha problema em cantarmos. Chegando na pousada, demos um abraço em Gustaf e Sebastian...

– E como foram minhas garotas? – Gustaf pergunta bem alegre ao ser abraçado por mim.

– Foi muito legal! Conhecemos muita gente! – falo como uma criança mimada.

– Reencontrei minha antiga amiga! – ela conta.

– Uma amiga? Que legal! E quem era? – Sebastian pergunta com Chisana o abraçando.

– Ela se chama Sirena, e é uma sereia que pode se transformar em humana. Bem... pelo menos quase... ela pode virar uma... uma...? Como ela disse mesmo? – ela pergunta para mim.

– Uma quase-humana! – respondo.

– Isso! Uma quase-humana. Ela pode virar, uma quase-humana. Sua calda vira pernas humanas e suas guelras somem de suas costelas, só suas orelhas em forma de barbatanas rosas e amareladas ficam iguais – ela explica muito animada.

– Ela tem uma linda calda rosa e uma linda voz – explico muito animada.

– Nossa! Uma sereia?! – eles olham um para o outro como se não acreditassem.

– E transei muito! – não me contive.

– Transou? – eles perguntam espantados, mesmo sabendo que eu era uma súcubo.

– E com mais de trinta de uma vez só! – fala compulsivamente.

– Glup! Trinta? Aah... Isso não me surpreende muito – eles engolem a saliva ao escutarem a informação, depois cada um encosta um de seus dedos mindinhos em suas testas fechando os olhos e balançando levemente a cabeça para os lados sorrindo.

– E eu também! – Chisana também não se conteve.



– ATÉ VOCÊ? Mas você é uma fada! – eles a tratavam como a queridinha, quando o assunto é ela transar.

– Calma! Só transei com mulheres! Nenhum homem me tocou – ela explica com a maior naturalidade.

– Ufa! – eles ficam aliviados.

– Bebemos bebidas alcoólicas... – sou interrompida.

– CHISANA! VOCÊ BEBEU BEBIDA ALCOÓLICA? – Sebastian a segura pelos ombros e a balança, ainda a tratando como uma queridinha. Eu não ficava com ciúmes por isso, mas ficava feliz ao vê-los preocupados a nossa saúde.

– Só uma taça e nada mais! – após ela dizer isso, Sebastian a solta aliviado.

– Até brigamos! – conto mais.

– Briga... Ach! – Gustaf espirra bem forte.

– Algum problema? – pergunto preocupada.

– Não! Não! Hey! Vocês brigaram? – ele disfarça.

– Foi uma briga feia, mas graças ao poder mágico do “O Ciclo”, pudemos brigar de igual para igual – explico.

– Ai, ai! Vocês seres mágicos são mesmo imprevisíveis. Uma fada e uma súcubo lésbicas. Me lembro da primeira vez que meu irmão e eu brigamos feito – ele começa a contar suas histórias.

– Nossa mãe nos deu uma surra, naquele dia – eles começam a conversar entre si.

– E tudo porque você queria ficar com a única pipa que tínhamos – eles começam a discutir.

– Haha! – fomos tomar banho ouvindo eles discutindo sobre o passado deles.

Quando terminamos fomos direto para a cama e caímos no sono. De noite acordo com um pouco de vontade de transar e sugar a energia vital das pessoas, mas vejo que Chisana estava dormindo e resolvo sair sozinha. Saindo pela janela começo a procurar por pessoas com a marca do rei demônio, mas vejo que haviam algumas pessoas pelas ruas. Mesmo assim, continuo voando a procura de alguém.

Alguns minutos depois acho a primeira vítima. Tinham algumas pessoas por perto, não sabia como distrai-las, então as hipnotizo para conseguir entrar na casa.

– Boa noite, Hasuno! – o homem me cumprimenta.

– Olá! – nesse momento meus olhos brilham e o ordeno que saísse dali junto com as outras pessoas.

Naquela época já tinham aprimorado e me acostumado a hipnotizar mais de uma pessoa de uma vez só. Com o caminho livre fui retirar a marca e aproveitar para me divertir um pouco. Fui visitando cada uma pessoa com a marca pela noite. Foi a primeira vez que fui sozinha. Me sentia mais aberta e tranquila sem ela me pressionando e me observando. Estava num parque de diversões, era lindo: ria e pulava de tanta energia que conseguia coletar só sugando um pouco de cada pessoa.

Em algumas casas, aproveitava para me masturbar, enquanto realizava os desejos eróticos dos casais que não tinham coragem para se declararem. Vendo os casais trepando de amor verdadeiro, apertava meus próprios seios e massageava minha vagina com minhas mãos. Pegava meu gozo e comia olhando com prazer os casais se comendo. Gemia bem baixinho para não chamar a atenção e poder curtir o momento. Algumas vezes pegava meu gozo e dava para eles tomarem. Quando terminava, arrumava tudo e desfazia a hipnose, para não chamar a atenção ou ninguém desconfiar de mim.

Eu conseguia pegar muito mais pessoas em relação a minha primeira semana com a Chisana. Era muito rápida e esperta, todos da rua sequer sabiam que tinham sido hipnotizados ou tinham me visto, pois mudava suas memórias.

– Ufa! Isso foi muito bom! Agora, vou voltar para casa antes que notem minha falta – feliz da vida, lambendo um gozo bem gosmento e saboroso, voo de volta para a pousada.

– COF! COF! – de repente, escuto umas tosses bem fortes vindas de umas pessoas da rua.

– Cof! Cof! – escuto mais algumas e me escondo num beco para poder ver de mais perto. Percebo que as pessoas estavam muito doentes.

– Cof! – escuto algumas vindo de umas casas.

Curiosa hipnotizo e pego uma das pessoas com tosse com minha super força e a levo para um beco. Sem transar com ela, só entro em sua mente para ver o que era. Percebo que sua mente estava normal e concluo que era só uma epidemia “normal” na cidade.

– Me desculpe – a devolvo numa rua, desfaço a hipnose e saio da minha super força.

Volto para casa feliz, ficando despreocupada com isso. Ao chegar na pousada...

– Boa noite, Hasuno! – Gustaf estava do lado de fora da pousada em frente à porta com seu irmão me esperando.

– Como foi? – Sebastian pergunta como se estivesse tudo normal.

– Vocês já sabiam? – desço e fico diante deles assustada.

– Sim! – Gustaf responde.

– Desde o começo, quando saíram na primeira vez – Sebastian explica.

- Vimos vocês saírem do quarto e irem em casa, em casa – Gustaf completa.
- Vocês não foram muito silenciosas quando saíram.
- Já estávamos desconfiados de suas atitudes.
- E até vimos vocês irem no palácio.
- É! Resolvemos as acompanhar para ver se ia dar tudo certo.
- E também, porque estávamos curiosos para ver como era o trabalho de uma súcubo jovem e uma fada protetora.
- Foi divertido.
- Quando vimos que vocês haviam ido bem no seu primeiro dia, decidimos não ir mais atrás de vocês.
- Só esperamos que voltassem em segurança – Gustaf estava feliz em contar aquilo para mim.
- Não estão com raiva de mim? – pergunto com medo de levar bronca.
- Não! Estamos é, felizes por estar ajudando as pessoas da cidade. – Sebastian fala.
- E principalmente, por se tornar uma mulher adulta e que se importa com os outros, além de si mesma – quando Gustaf fala isso, começo a chorar de felicidade.
- E o mais importante, é que você finalmente aprendeu a utilizar seus poderes sem ferir ninguém e conseguir a energia vital que precisa – Sebastian completa.
- Então eu posso continuar agindo como uma súcubo? – pergunto.
- Sim – eles respondem ao mesmo tempo.
- Snif. Snif. Obrigada! – depois de enxugar minhas lágrimas com minhas mãos, vou em direção a eles e dou um abraço nos dois.
- Mas, sempre tome cuidado para não sugar energia vital demais – Sebastian fala.
- E sempre seja essa menina amável e gentil que conhecemos – Gustaf completa.
- Sim, eu prometo! – choro ao escutar tais palavras, enquanto os abraçava.
- Agora vá para seu quarto – Sebastian me ordena.
- Chisana está te esperando – Gustaf completa.
- Está bem. Hihi. Boa noite – voo para o segundo andar e entro pela janela.
- Hihi – fico feliz ao vê-la dormir.
- Boa noite – após me limpar, volto para a cama para dormir ao lado dela.

De manhã, acordamos bem tranquilas. Chisana logo percebe que fui de noite, sem ela.

– Minha “flor”, suas pétalas estão completamente abertas – ela havia fingido que estava dormindo e me observou saindo e voltando.

Quando descemos, os irmãos comentam para ela tudo o que haviam dito para mim quando tinha voltado para casa naquela noite. Ao terminarem de conversar, nos pedem para comprar algumas coisas no mercado. Ao sairmos, fomos caminhando conversando até chegarmos ao mercado. Lá compramos algumas frutas, verduras, legumes, carne e leite. As pessoas eram bem gentis...

– Nossa! Essas estão bem maduras – Chisana fica babando ao ver as frutas frescas na nossa frente.

– Chisana, não faça isso! – a seguro por trás da gola de sua roupa.

– Que menina adorável. Aqui, tome uma – a velha senhora dá uma maçã fresca à Chisana.

– Desculpe. Vou querer essas aqui – tento disfarçar.

– Hihi. Não tem problema – após ela dizer isso, começo a me lembrar do rapaz que me deu a maçã e o arroz há cinco anos atrás.

– Tenham um bom dia – a senhora se despede de nós.

– Obrigada – Chisana se despede de boca cheia.

– Olha só se não são as nanicas que usam fraudas! – uma voz nos ofende.

– Quem você está nos chamando de nanicas? – Chisana fica enfurecida e vira para trás para ver quem estava falando.

– Olá meninas! – Steven nos cumprimenta atrás do balcão.

– O-olá, Steven – Chisana o cumprimenta com um pouco de vergonha por gritar de raiva.

– Olá – os cumprimento.

– Haha! Vocês ainda continuam as nanicas de sempre – Rost ainda implicava conosco.

– Já falei para parar com isso – Steven dá um pequeno tapa com sua mão aberta em sua testa.

– Foi só uma brincadeira. Eu sei que elas são bem fortes – pela primeira vez, escuto Rost nos elogiar.

– E somos bem fortes mesmo! Olha só! – fico com minha super força ativa.

– Nossa! – Rost fica impressionado com meus músculos.

– O que achou? – fico exibindo meus músculos para ele.

– Impressionante. Na primeira vez, você já era bem forte só ficando um pouco forte sem exibir “isso” tudo. Imagine agora – ele comenta sobre nosso primeiro encontro.

– Quer ver só? – voo sobre o balcão e o seguro pela camisa o levantando para fora da loja.

– Está bem, bem! Você é forte! Agora, pode me descer, por favor? – ele se desespera ao ser suspenso no ar por mim.

– Hihi – Steven ri dele.

– Pensei que trabalhassem nas obras da cidade – Chisana pergunta.

– Ufa, obrigado! Nunca fomos pedreiros, e sim açougueiros. Mas quando foi anunciada a construção do muro, nos chamaram para coordenar os trabalhadores – deixo Rost atrás do balcão, e ele começa a contar sobre sua profissão.

– Obrigada! – após comprarmos algumas carnes, começo a me lembrar do açougueiro que me bateu quando estava faminta.

– Hum que cheirinho gostoso – vou voando até o padeiro.

– Espere, não vá babar na mercadoria do moço – os papéis se invertem eu que levo a bronca de Chisana.

– Mas... hum... – nem consigo falar direito sentindo aquele cheiro de pão recém-saído do forno.

– Ai, ai! Pode me dar um pão doce, por favor? – Chisana compra um pão doce para mim.

– Obrigado – o padeiro agradece.

– Se estava com tanta fome assim, era só ter comprado – ela conversa comigo sentada na barreira de um laguinho redondo com um chafariz no meio da cidade.

– Desculpe – falo de boca cheia – Comer esse pão, comprar essas frutas e carnes, me lembram da época em que passei fome e só comia casca de pão mofado. Era muito raro comer algo tão gostoso. Só quando meus pais roubavam ou matavam alguém para conseguir comida – conto um pouco sobre minha vida com meus pais.

– Quando vivia com meus pais, não comia carne, somente frutas, verduras, legumes ou cogumelos. Podemos dizer que nós fadas somos vegetarianas. Nunca passei fome na minha vida. Eles sempre me mostravam do que a natureza nos oferecia – ela também conta um pouco de sua vida com seus pais.

– Talvez seja por isso que você seja tão magrinha – começo brincar falando de nossos corpos.

– E você também! Hihi! – ela entra na brincadeira.

– Pelo menos meu corpo se desenvolveu mais que o seu – apalpo e depois aperto meus seios.

– Snif. Snif – ela finge estar triste apalpando os seus pequenos seios que nem uma planície.

– Desculpe, não queria magoar – chego perto dela preocupada.

– Te peguei! – ela me surpreende apertando meus seios.

– Ah! Para! – ela começa a apertá-los bem mais rápido com força e delicadeza ao mesmo tempo. Logo em seguida, ela nos funde e deixa seus seios do mesmo tamanho dos meus, nos deixando controlar o corpo ao mesmo tempo.

– Mesmo que os meus ainda demorem algum tempo para crescer, vou continuar apertando os seus até que os meus fiquem grandes. Eu ainda gosto muito dos seus – ela só não sabia que os dela não iam ficar grandes como os meus, mas iam ficar num tamanho considerado, “razoável”.

– Haha! Eu também gosto dos seus, mesmo que ainda sejam retos que nem uma planície! – aperto os seios dela com um pouco de dificuldade por serem pequenos, e depois os acaricio.

Continuamos a brincar de apertar os seios da outra, depois de nos desfundirmos, até que as pessoas a nossa volta começam a nos observar. Ficamos com vergonha, paramos e continuamos as compras.

Fomos até a peixaria...

– Olá, quanto está esse daqui? – pergunto ao rapaz que trabalhava na peixaria.

– Hum... Parece gostoso... – ela começa babar nos peixes.

– Você não disse que as fadas eram vegetarianas? – fico sorrindo para ela com uma cara de desconfiada.

– Bem. É que eu esqueci de dizer que algumas vezes, quando falávamos com as sereias, comíamos os peixes que nos traziam do mar – ela completa sua explicação.

– Obrigada – agradeço ao peixeiro.

– Por favor, leve este como uma cortesia da casa – o jovem rapaz nos entrega um peixe grande e fresco.

– Mas, por quê? – pergunto confusa.

– É que vocês já fizeram tanto por nós – ele explica o motivo – Há cinco anos atrás, quando os “caçadores” nos atacaram, vocês salvaram a vida de meus pais e de minha irmã recém-nascida.

– Olá – uma garotinha, linda e simpática sai de dentro da loja.

– Oi, meu amor – Chisana faz denço com a menina.

– Muito obrigado por salvar a vida de minha família e permitir que eu viva – choramos ao ouvir suas palavras doces.

Voltando para a pousada, fico feliz por estar ali com minha amiga, e vivendo uma vida que nunca imaginei que teria.

Ao chegarmos na pousada pusemos as compra na cozinha e fomos tomar um banho. Quando terminamos fomos para o quarto descansar um pouco antes prosseguir o dia. Entrando em nosso quarto, vimos umas roupas de empregada bem bonitas estendidas sobre a cama.

– Mas o que é isso? – pergunto.

– Olha, é do nosso tamanho – Chisana fica surpresa e segura a roupa delicadamente.

– É um presente para vocês duas – Gustaf entra no quarto com seu irmão.

– Por se esforçarem tanto, como heroínas – Sebastian completa.

– Por ajudarem os necessitados.

– E principalmente...

– Por serem as garotas amáveis que tanto amamos – eles falam ao mesmo tempo.

– Obrigada! – agradecemos.

– Vocês já ajudaram muito nessa pousada quando precisamos, e vocês queriam muito um uniforme de empregada – Gustaf fala.

– Então, costuramos uma para cada uma de vocês – Sebastian completa.

– E para você, Hasuno. Temos mais um presente especial para você – Gustaf faz suspense.

– Já que agora você é uma súcubo que precisa sair para se alimentar. Você não pode sair de roupa normal de casa e ficar de calcinha e sutiã, toda vez que for fazer... coisas de súcubo – ele fica meio tímido ao se referir a sexo.

– Criamos uma roupa especialmente para suas necessidades de súcubo – ele explica.

– Muito obrigada – choro muito ao receber aquele presente.

– E eu? – Chisana olha para eles, como se fosse um cachorrinho pidão.

– Não esquecemos de você – eles lhe entregam uma roupa branca bem parecida com que ela usava.

– Como você não aceita roupas que não sejam brancas, criamos uma roupa onde mostra menos suas pernas – Gustaf explica meio ofegante.

– Como assim? – Chisana pergunta.

– Essa roupa ainda tem as mangas compridas, só que elas não ficam mais alongadas no final. Agora elas têm um tamanho único que encaixa certinho em seu braço o deixando confortável, podendo movê-lo melhor. Ela não é uma camisola, como essa que está usando. É uma camisa e uma bermuda. Mantivemos o detalhe das pétalas na camisa – Sebastian explica, enquanto vestíamos nossas novas roupas na frente deles. Não nos importávamos muito em ficar peladas na frente deles, pois nos consideravam como filhas e nós os considerávamos como pais.

– Gostou? – Gustaf pergunta sorrindo.

– Se eu gostei? EU AMEI! QUERO POR AGORA! Você também “flor”! – fica muito animada com o visual de sua nova roupa, enquanto se vestia.

– Ta-da! – nos trocamos rapidamente.

– Ficaram lindas. O que acharam? – eles falam ao mesmo tempo.

– Bem confortável. Me sinto mais protegida – Chisana gostou muito daquela nova roupa.

– Sua antiga roupa mostrava muito sua calcinha. Então decidimos por algo para não mostrar mais que foi a bermuda – Gustaf explica.

– E a sua Hasuno? – Sebastian pergunta.

– Bem confortável também, e consigo sentir vontade em querer transar... digo... fazer sexo com alguém – falo muito animada e sentindo ansiedade.

– Haha! Criamos uma roupa curta e fácil de se vestir. Você pode mostrar suas partes sexuais com mais facilidade e conforto, e é bem chamativa e sexy, de acordo com os padrões das súcubos. Esse sutiã só tem uma alça elástica que passa nas suas costas e que não atrapalha na hora de mostrar suas asas. Sua calcinha é bem curta, e possui um buraco na frente, bem em cima de sua vagina que permite você mostrá-la melhor sem tirá-la. É só puxar a ponta e segurar ou prendê-la... er... na sua vagina. E por último, tem um par de meias pretas transparentes e de sapatinhos azuis escuros – Sebastian explica.

– O que fizemos, foi uma lingerie, toda elástica. Isso quer dizer que se você ficar na sua super força, ela vai se esticar ficando do seu tamanho certo – Gustaf completa.

– E se você quiser usá-la por debaixo de suas roupas normais, não tem problema. É tão curta que parece uma calcinha e um sutiã normais.

– Lingerie? – nunca tínhamos ouvido falar.

– Não sabem o que é? – Sebastian pergunta.

– Não. Posso ver como é? – ela nos funde com Sebastian e mostra umas memórias de quando eles foram a um bordel, quando era adolescentes.

– Nossa! Então isso que é uma lingerie – ficamos surpresas ao ver o que eram. Pareciam roupas de banho.



- Sabia que as mangas de sua antiga roupa lembram as mangas de um quimono, Chisana?
  - Quimono? Deixa eu ver aqui de novo – ela entra novamente na mente dele.
  - Nossa! É bem parecido mesmo! Hihi! – ela fica surpresa com as semelhanças.
  - Quem bom – eles sorriem.
  - Hum... Huum... ah! – ela revela suas asas, dobrando seus braços para trás, encostando seus cotovelos em suas costelas, com as mãos e olhos fechados, parecendo que ia cagar em pé.
  - Nossa! Uma coisa que ficamos nos perguntando, era “como você abre suas asas sem rasgar sua roupa” – Gustaf fala.
  - Sempre que as vejo, penso que fazem parte da roupa – Sebastian completa.
  - Hihi! – ela sorri.
  - Eu também pensava na mesma coisa – conto para eles, encostando o dedo indicador em minha boca.
  - Bem... algumas espécies que voam, como a minha ou alguns demônios, tem o tronco das raízes das asas muito pequeno, e quando as revelam, abrem um pequeno buraquinho para cada uma, quase imperceptível na roupa onde elas saem que depois volta ao normal ao escondê-las. A roupa que visto, se torna parte de meu corpo, deixando essa regeneração bem mais fácil – ela explica.
  - A roupa se torna parte de você? – eles perguntam.
  - É por isso que suas roupas mudam de cor e não viram cinzas ou congelam, quando fica de fogo ou de gelo? – pergunto.
  - Sim. Isso mesmo. Isso faz com que nossa roupa se misture ao nosso elemento e continue intacta. É tão fácil e rápido que nem percebemos esse pequeno furo em minhas roupas que cobrem minhas costas – ela completa.
  - Foi por isso que quando arranquei suas asas naquela vez, não vi nenhum buraco em sua roupa – conto.
  - Sim. É tão pequeno que mal dá para vê-los. Tire a minha asa e você vai ver – ela faz a mesma proposta ridícula da outra vez.
- Click. Puxo com cuidado até a raiz, a fazendo dar um pequeno gemido. Olhamos bem de perto e vimos um pequeno buraquinho onde sua asa esquerda ficava, com um pouco de sangue por ter tirado até a raiz, se fechando rapidamente.
- Nossa! Essa sua subespécie me surpreende a cada dia que passa – falo espantada.
  - Hihi. Por isso que todo mundo acha que nossas asas saem de nossas roupas. Vamos ver... você disse que ela pode abaixar seu sutiã ou outras partes íntimas com facilidade sem retirar a roupa? Então, vamos “VER”! – ela me olha meio

estranha, após esconder suas asas, enquanto fazia um gesto com as mãos querendo pegar algo em mim. Ela abaixa meu sutiã e puxa a abertura perto de minha vagina.

– PARE COM ISSO! – fico nervosa – Há é?

– Ahhh! – resolvo dar o troco, suspendendo sua camisa e abaixando sua bermuda.

– Haha! – rimos uma da outra, mostrando meus seios e minha vagina segurando uma ponta do buraquinho da parte de baixo de minha roupa, e ela fica só de calcinha e sutiã.

– Agora vamos experimentar as de empregada – Chisana fica meio desajeitada com o vestido e é ajudada por Gustaf, enquanto Sebastian faz o mesmo comigo.

– Nossa! Ficaram lindas! – eles ficam espantados.

– Ela é bem confortável! E não machuca – comento.

– É. Mas só queria que fosse toda branc... – ela para de falar, ao ver eles ficando com raiva do comentário dela.

No mesmo dia, passamos a trabalhar com nossas novas roupas de empregada. Todos olhavam para nós. Ficávamos felizes por ter roupas novas. Mesmo assim resolvi seguir o conselho deles.

– Aaah! – sentia meu corpo mais leve andando pela cidade com minha roupa de súcubo por baixo de minha roupa normal.

– Ah! – por outro lado, ela parecia meio desconfortável em usar roupas menos abertas do que as de antes.

– O que foi “flor”? – pergunto ainda feliz com o presente.

– Arg! Eu menti. Essas roupas são desconfortáveis e não me sinto tão aberta como antes – ela realmente era muito chatinha quando o assunto eram roupas.

Fiquei surpresa por ela estar se sentindo meio sufocada com elas. Mas não demorou muito para que se acostumasse com o novo visual. Eu por outro lado usava uma calça azul e uma camisa bege que eram o suficiente para esconder minha roupa. Só não escondiam as meias. Mesmo assim elas combinavam direitinho.

Os dias foram se passando, os ajudamos nas tarefas da pousada por uns dias: limpando, arrumando, fazendo comida e atendendo os novos inquilinos. Mas ao passar dos dias, fomos percebendo que a tosse das pessoas só piorava e rapidamente a cidade foi ficando deserta, pelo medo de uma nova epidemia.

– Cof! – Gustaf adoece como as outras pessoas da cidade e fica de cama.

– Ele está melhor? – pergunto a Sebastian que tinha acabado ver como seu irmão estava.

- Snif! Não – ele começa a chorar.
- Posso ver? – peço sua autorização para entrar na mente de Gustaf.
- Pode. Snif – fico do seu lado da cama.
- Gustaf... abra seus olhos por favor – com dificuldade, ele abre seus olhos bem devagar.
- Aqui vou eu – entro em sua mente, mas não vejo nada de anormal.
- Deixa eu tentar – Chisana me pede para arrancar um pedaço de suas asas, para tentar curá-lo.
- Não está funcionando – ela encosta o fragmento, mas nada muda.

Os dias foram se passando... e passamos a ficar tomando conta da pousada junto a Sebastian, enquanto seu irmão repousava na cama. Em algumas noites saio com Chisana para ver outras pessoas com o mesmo problema, e só percebemos que elas pioravam a cada dia.

- Cof! Cof! – de repente, elas começam a tossir uma secreção, e alguns dias depois sangue.

Seus membros começaram a ficar pretos e fedidos, até que os consumissem por completo. Gustaf também só piorava. Tento transar com as pessoas doentes, mas nada adiantava. Começo a perceber que o número de pessoas com a marca do rei demônio já havia chegado a zero. Mas não havia encontrado nenhum vestígio dela nas pessoas com tosse.

Chegando na pousada, após minha rotina de súcubo pela cidade com Chisana, percebo que as coisas só pioravam e Gustaf quase não se movia ou falava mais. A única coisa que faltava tentar, era transar com ele, como fiz com as outras pessoas. Mas não tinha coragem para fazer isso.

- Não! Não, quero! – imploro para Sebastian que não queria fazer sexo com seu irmão, pois os via, como pais.

- Faça! – ele chorava ao me pedir isso.

- Não! – tento resistir.

- Faça! – ele insiste.

- Nã... – ele me dá um grande tapa em minha cara.

- Faça isso logo! Sua súcubo maldita. É só para isso que vocês demônios servem! – ele me segura pela gola de minha camisa, me suspendendo no ar, enquanto chorava rios de lágrimas por seu rosto.

- C-calma! Aiii... Snif! – ele dá um tapa também em Chisana. Ela cai sozinha no chão assustada com a agressão feita por aquele que ela considerava como pai.

- Po-po... Shhh – ela chorava muito deixando escorrer meleca e lágrimas por seu rosto.

– Sua fada ingrata. Nada te satisfaz! Só pensa na cor de sua roupa e que sua amiga se foda, né? – ele vira outra pessoa ao ver seu irmão quase morto naquela situação.

– Buaaa! Por favor.. PARAA! – ela cai no desespero.

– Chisana! – tento chamar sua atenção.

– Meus pais tinham razão! Os humanos são cruéis! Snif! Nunca devia ter saído do Lago das Fadas... o mundo é realmente um lugar perigoso! BUAAA...! – ela corre para o nosso quarto chorando em desespero.

– VENHA CÁ SUA FADA INGRATÁAAAAA! – de repente, Sebastian começa a persegui-la.

– Não venha! Não! O que vai fazer, humano? AAAAH! – escuto seus gritos de desespero quando ele entra com violência no quarto.

– “Flor”! – vou correndo em sua direção ao escutar o barulho de objetos sendo lançados e quebrados.

– Sua fada ingrata, deve pagar por suas atitudes! – ele a encurralava contra a parede. Então ele começa a bater bem forte nela.

– AHhh! SOCORRO! SNIF! – ela tenta fugir voando, mas ele a pega pelas asas e a arremessa no chão.

– Vai pagar! – ele olha para ela com ódio e a chuta para virá-la de lado no chão e arrancar suas asas.

– Por favor, não faça isso! – ela implora a ele, vendo-o segurar suas asas com muita força.

– AAAAAAAAH! – ela grita muito alto.

– CALE A BOCA! SUA VADIA! – ele grita bem alto e quebra suas pernas com os pés.

– AAAAAAAAH! – ela grita bem alto ao sentir tal dor.

– Pare, por favor. Snif – não tinha coragem de atacá-lo e fico o observando caída na frente do quarto.

– Você é a próxima. Sua súcubo vagabunda! Sua puta, prostituta! Demônios como você devem queimar no inferno! – ele não parava de me ofender.

– Ach, ach! – Chisana começa a tossir sangue ao ser chutada por ele.

De repente escuto um barulho vindo de fora e resolvo abrir a janela para ver o que era. Quando vejo muitas pessoas correndo fugindo desesperadas por outras nas mesmas condições de Sebastian. Percebo logo que havia algo errado...

– Morra! Sua fadinha ingrata! – olho para trás e o vejo suspender um pedaço de madeira pontuda para matá-la.

- Por favor, NÃO! – ela implora desesperada.
- Cale a boca! – ele segura o pescoço dela com uma mão, enquanto segurava o pedaço de madeira pontuda na outra.
- Arg... por... favo... – mesmo sendo sufocada, ainda tenta implorar por sua vida.
- JÁ CHEGAAAAAAAAA! – ativo minha super força tão rápido que um vento fortíssimo sai de mim.
- É assim que vocês demônios são! Haha! Depois eu trepo com você e você me mata de prazer! – ele passa a me ameaçar apontando a madeira para o peito de Chisana.
- Para – começo a andar bem devagar de cabeça baixa em sua direção.
- O que foi? Quer comê-la antes de mim? Eu dou um pedaço dela pra você – Sebastian não parecia ele e começa a esfregar a ponta da madeira no corpo dela.
- Para – ainda ando em sua direção mais nervosa ainda.
- Vamos repartir! AAH... hã? – seguro ele a tempo, antes de matá-la.
- O que é isso me solte! – ele tenta soltar seu braço, mas o seguro bem forte, enquanto ele ainda tentava estrangulá-la.
- Já chega! – olho nos olhos dele e o hipnotizo.

## **Capítulo 21 – Vingança**

Ao entrar em sua mente, percebo que ela estava toda obscura. E suas piores lembranças estavam vermelhas em sangue. Tento ir mais a fundo...

- Uhaha! – escuto uma risada maligna diferente das que já tinha ouvido antes.
- Quem está aí? E o que está fazendo com Sebastian? – grito para o vazio sombrio a minha volta.
- Nos encontramos novamente, Hasuno! – a tal voz aterrorizante, se comunica comigo.
- Quem é você? – pergunto com muita raiva.
- Você não se lembra de mim? Nós já trepamos muitas vezes – ele tenta me amedrontar.
- Rei demônio? – desconfio.
- Exatamente. Como poderia esquecer seu lindo corpo: pequeno e musculoso – ele começa a falar como se já havíamos ficado frente à frente.
- Mas, como? – fico confusa.

- Lembro-me de seu pequeno corpo chupando meu pau e minha vagina! Sua pele fina e lisa – ele começa a descrever algo.
- Mas, como? – fico mais confusa.
- Pegando em meu corpo sujo e suado, todo peludo... – ele continua a me provocar.
- Não é possível! Você sentia cada pessoa que eu ia transando? – resolvo ser direta.
- Sim! Cada uma daquelas pessoas que deixei minha marca. Mas você era mais forte e rápida. Agora quero te ver sofrer com meus novos servos – ele conta.
- Então era você que estava por trás disso tudo? – pergunto já sabendo da resposta.
- Sim! Pare de viver com os humanos e faça o que nós demônios sabemos fazer: matar, estuprar, escravizar e ter prazer – a imagem de Sebastian surge em meio a escuridão e começa a me acariciar tentando me cativar com a voz do rei demônio. Ele tenta penetrar seu pênis em mim.
- Esqueça essa sua fadinha, ou qualquer outro indivíduo que já conheceu – começo a ser possuída por ele.
- Chisana! Sirena! Gustaf! Sebastian! Steven! Rost! Rose! Rubens! Kartirina! Jéssica! – vejo cada um deles passar por mim.
- Isso, minha criança! Ótimo! Ótimo! – ele insiste.
- Não, não quero! – tento resistir.
- Você tem saudades de seus pais! A vontade de revê-los é imensa, não é? – ele vasculha minha mente.
- S-sim! – tremo de medo e dor.
- Isso! Seus pensamentos a traem. Venha para o lado sombrio e juntos vamos descobrir o paradeiro de seus pais – a cada momento que passava, caía mais e mais, em suas palavras.
- Saia da minha cabeça! Saia da minha cabeça! – tento sair de sua dominação, pondo minhas mãos na minha cabeça.
- Venha e seja minha! Você terá um grande poder! Você terá muito amor e prazer quando quiser – sua voz aumenta cada vez mais, enquanto repetia as mesmas palavras.
- NÃOOOO! – quebro o seu encanto ao gritar bem alto.
- Pobre garotinha! Se não você não se converter, irá morrer! – ele me ameaça.
- NUNCA! – grito mais alto ainda.
- Que seja, sua pirralha! – ele tenta me prender em suas correntes sombrias.

– Aaaah! – fico com muita raiva e me liberto de seus poderes.

– Pobre súcubo! Só depois de morrer vai compreender o quão grande é o lado sombrio! Você será minha, uhaha! – sua aura maligna some aos poucos.

– Eu vou te procurar... eu vou te achar... e vou te matar! – falo bem ofegante ainda na mente de Sebastian.

– Boa sorte! UHAha... – essas foram suas últimas palavras antes de sumir completamente.

– Arf! Arf! Arf! – saio ofegante da mente de Sebastian e desfaço a hipnose.

– “Flor”! Você está bem? – machucada pelos golpes de Sebastian, Chisana rasteja até mim. Ela cai em cima de mim e começa a chorar.

– O que eu fiz? O que eu fiz? – Sebastian tenta compreender o tinha feito, olhando para o pedaço de madeira pontuda em sua mão toda cheia de sangue.

– Não chegue perto de mim! Ai! – ela estava apavorada com suas atitudes agressivas.

– Por favor, entenda... não era eu! – ele tenta se aproximar rastejando.

– Socorro! “Flor”, vamos embora daqui! Os humanos são cruéis e... – ela não parava de falar, toda desesperada.

– CALA A BOCA! – dou um tapa bem forte nela. Ela põe sua mão no local onde bati em seu rosto e começa a chorar.

– Até você, “Flor”? Minha amiga! BUAAAAAAAAAAAAAAAAA! – ela grita bem alto, ajoelhada no chão com as pernas quebradas.

– ... – olho para minhas mãos todas cheias de sangue vermelho e verde azulado que doíam e tremiam muito. Olho para ela que estava chorando no meio do quarto destruído, com Sebastian caído no chão em outro canto.

– Desculpe. Eu não queria... – tento falar com ela.

– CALA A BOCA! Você humanos e demônios, são todos iguais... – ela começa a me bater.

Deixo ela dar todos os seus golpes até perder o folego. Sebastian tenta falar conosco, mas estava muito fraco para se mexer.

– Aaah! Eu te amo, minha “flor”! Entre em minha mente e verá que estou dizendo a verdade – pego ela com força encosto nossas cabeças na outra – Vai, vai! – dou um beijo bem molhado em sua boca e tento a convencer.

– Está bem! Snif! – ela revela suas antenas e nos funde.

Ao entrar em minha mente, ela vê toda a minha discussão com o rei demônio e percebe que era tudo obra dele.

– Sebastian, me desculpe! Não sabia que estava sobre o controle do rei demônio  
– ela aproveita para recuperar nossos corpos e nos desfunde, confessando seu erro para Sebastian.

– Eu também não sabia! – eles se abraçam.

– AAAAAAH! – ao mesmo tempo, me lembro que as pessoas da cidade estavam no mesmo estado que ele, e escutamos Gustaf gritar do primeiro andar da pousada.

– Irmão! – Sebastian tenta correr em direção ao seu irmão.

O acompanhamos, mas quando chegamos, vimos uma aura sombria sair de sua boca. De repente, um tentáculo preto sai perfurando sua barriga e começa a rodeá-lo. O tentáculo abre um olho no meio dele mesmo e nos observa rapidamente. O corpo de Gustaf é então rasgado ao meio, mesmo assim ele parecia estar vivo. O monstro começa a tomar forma e cria uma boca e dentes onde seria o ombro dele. No final, quando já estava todo desenvolvido, só restou uma parte do rosto de Gustaf com a boca aberta e quebrada, parecendo uma espinha do ombro do monstro. Seus braços eram de tentáculos e seus olhos surgiam da boca que ficou na barriga.

– Aaa... aaa! – Gustaf tenta falar, mas era inútil, sua boca estava quebrada.

– Irmão! – Sebastian fica triste ao ver seu irmão possuído pelo demônio.

– Ah, ah! – caio de costas no chão e fico assustada com aquele tipo de demônio.

– O que foi “flor”? – Chisana fica preocupada comigo e nervosa ao ver a transformação do demônio.

– E-eu não quero me tornar isso aí, de jeito nenhum! – explico assustada.

– Tudo o que ele falou é mentira. Você é um demônio, mas um demônio bom e que ajuda as pessoas – ela põe suas mãos em meus ombros.

– Mas... – tento explicar.

– CALA A BOCA! – ela me dá um tapa bem forte e um beijo na boca bem molhado, como eu às dei antes – Agora estamos quites.

– As pessoas figuralizam muito o que acham diferente, mas você é uma boa demônia, muito melhor que qualquer anjo ou fada como eu, você é gentil, carinhosa e tem empatia pelos outros – ela me convence.

Sem percebermos, o demônio quebra a parede e vai destruir a cidade junto com outros que possuíram as outras pessoas que tossiam.

O sol acabava de surgir no céu, Chisana e eu resolvemos combatê-los.

– Traga meu irmão de volta, por favor! – Sebastian toca em minha mão com a sua, ajoelhado.



– Sim! Eu vou trazê-lo de volta, custe o que custar! Afinal, sou uma súcubos – pela primeira vez na minha vida, sentia orgulho em ser eu mesma, uma demônia.

– Essa é minha “flor”! – ela fica feliz ao ouvir aquilo de mim.

– Vamos lá! – grito ativando minha super força, enquanto ela ficava no modo gelo dela.

Fomos para cima deles com tudo, juntas com os heróis que começam a correr e a gritar indo defender o povo. O Chão tremia pelos meus golpes e congelava ou derretia com os golpes mágicos dela. Víamos as pessoas sofrerem muito ao serem possuídas. Tentamos penetrar em suas mentes, mas nada adiantava, era como lutar com uma carcaça vazia e sem mente. As pessoas a nossa volta tentam segurar alguns para que possamos hipnotizá-las, e eram brutalmente mortas ao serem perfuradas pelos tentáculos que criavam mais espinhos consumindo seus corpos até explodirem, ou eram comidos por eles. Tentamos avisá-los, mas de nada adiantou.

– O que nós vamos fazer? Eles são muito! – Steven pergunta para mim todo ofegante.

– Não sei! Já tentamos de tudo, mas eles não voltam ao normal! – explico a dura realidade.

– Saiam de perto! – Rost defende uma moça que estava prestes a ser morta.

– Cuidado! – a moça fica espantada quando ele a defende com um machado de açougueiro que fincou no olho do monstro.

– Não se preocupe, eu te protegerei – parecia até que foi ensaiado.

– Obrigada! Snif – ela o abraça.

– Ainda não acabou – e ele retira o machado do olho de dentro do da boca do monstro.

– Aaa... aaa... – vejo Rose e algumas outras atendentes sem vergonha possuídas chorarem.

– Rose, snif! – uma de suas colegas chora ao vê-la daquele jeito.

– Aaaa... aaa... – Rose tenta dizer algumas palavras – aaama mataaa... – ela consegue pedir para matá-la.

– Rose! – inconformada, sua amiga ainda tenta se aproximar.

– Cuidado! – fico em sua frente e bloqueio o ataque.

– ... aaama mata... – ele continua pedindo para matá-la.

– Não! Não pode! – ela fica ajoelhada inconformada, tremendo seu rosto com o choque emocional.

– Não tem jeito! – tomo a decisão.

- É! – Steven concorda.
  - Estou com vocês! – Rost estava determinado, ao mesmo tempo triste, vendo a carnificina de cinco anos atrás se repetir. Só que com mais intensidade.
  - Me desculpe. Não tem outro jeito – fui em direção ao corpo possuído de Rose.
  - NÃOOO! – a colega de Rose dá um grito bem forte.
  - Aaabragada... – a cabeça de Rose cai em frente de sua amiga e lhe diz suas últimas palavras.
  - ROSEEE! – ela chora ao ver a cabeça de sua amiga morta cair no chão.
  - SOCORRO! – tinha mais gente pedindo ajuda pela cidade.
  - AAAH! – vimos o capitão Rubens ajudando na batalha junto aos seus tripulantes.
- No final dessa batalha não ouve nenhum vencedor, e sim sobreviventes. Começa a chover e as pessoas choram por seus mortos: homens, mulheres, crianças, jovens, idosos e até heróis foram perdidos. Alguns dos marujos não tiveram sorte e morreram em combate. O capitão Rubens e os marujos sobreviventes fazem uma pequena oração pela perda de seus companheiros e todas as outras vítimas.
- Ahaaaaaaaaaaa...! – Sebastian chora ao ver seu irmão morto pelas suas próprias mãos.
  - Snif. Snif – olho para todas as pessoas chorando debaixo daquela chuva que não parava de aumentar.
  - Fique quietinho – Chisana cura uma a uma as pessoas feridas.
  - Arf! Arf! – fico ofegante.
  - “Flor”! – Chisana toda cheia de sangue e lama, olha triste para mim.
  - AAAAAAAAAAAAH! BUAAAAAA! REI DEMÔNIOOOOOO! – grito bem alto, chorando e depois dou um soco no chão bem forte. Formando uma cratera gigantesca no chão e fazendo a cidade inteira tremer muito.
  - “Flor”! – Chisana ainda estava muito triste.
  - EU VOU ACABAR COM VOCÊ, REI DEMONIOOOOO! AAAAAAAH! – dou uma sequência de socos no chão causando um grande terremoto na cidade.
  - “FLOR”! PAREEE! – ela vem em minha direção e entra no meio da cratera e segura meus punhos.
  - Arf! Arf! – fiquei ofegante e descontrolada. Tento dar mais uns socos.
  - PARE! – ela impede que mova minhas mãos. Nesse momento vejo meu fragmento de asa de fada que ela tinha me dado, perder o brilho.

– Ah! Ah! – meu corpo estava fervendo de tão quente, como a primeira vez na fazenda de Sérgio. E Chisana era a única pessoa que podia suportar aquilo.

– Não se entregue ao lado sombrio, por favor minha “flor”! – ela estava determinada a me salvar de mim mesma.

– AAAaaah...! Buaaa! – dou um grito que vai perdendo a força. Então, fico mais calma e dou um abraço nela bem forte, e ela retribui com o seu, dentro daquela cratera.

O fragmento volta a brilhar como antes, e desmaio de tanta raiva que estava. Meus músculos voltam ao normal e Chisana com a ajuda de Steven e Rost conseguem me tirar dali de dentro. Sou levada para uma casa para repousar.

– Deixa comigo que eu cuido dela, sou médica – a amiga de Rose fica tomando conta de mim e de meus ferimentos.

– Obrigada – Chisana então, vai ajudar aos outros feridos.

Sebastian, Steven, Rost e o capitão com sua tripulação, ajudam na procura de mais feridos e na reconstrução da cidade.

Quatro anos se passam... e desde então, a cidade volta a prosperar e a seguir seu ritmo de ser como era antes. Chisana e eu passamos todo esse tempo treinando incansavelmente junto com outros heróis e pessoas da cidade para que pudéssemos enfrentar o rei demônio. Desde aquele dia, Monastel e outras cidades e vilarejos que sofreram com esses ataques, declararam guerra ao rei demônio. As missões para combater os ataques dos exércitos do rei demônio eram as prioridades. Mesmo assim, às vezes pegamos algumas bem simples para tirar o estresse.

Nessa época, já tínhamos dezenove anos e nossos corpos estavam bem mais poderosos do que antes. Meu corpo já estava bem desenvolvido e crescido, minha força normal já era maior que quando estava em surper força a quatro anos atrás. Meus seios cresceram tanto com o meu corpo que tive que criar uma nova roupa para poder usar como súcubo, bem mais bonita e confortável que a anterior.

Chisana fica mais alta do que eu, enquanto aprende e aprimora novos golpes mágicos. Ao contrário de mim, seus seios e corpo não ficaram muito grandes como o meu. Ela continua magra como antes e suas asas aumentam como as minhas asas, chifres e caldas. Ela também cria umas roupas novas para ela. Eram iguais aos dois modelos antigos dela, só que maiores.

Nós aprendemos a costurar com Sebastian, apesar de que ela já sabia antes, contudo não mais se feria com a agulha. Até recriamos nossas roupas de empregada que foram destruídas na batalha, junto com nossas antigas roupas. Nisso, resolvo criar um novo visual para mim, quando fosse sair para missões ou guerra. Uma roupa preta, com uns babados brancos nas bordas, baseada em uma roupa de empregada que tampava o meu corpo, sem deixar nenhum decote. Só deixando minha cabeça e meus braços e mãos de fora. Era bem

confortável e escondia muito bem minha roupa de súcubo, além de ser perfeita para combates. Nós duas aprendemos uma magia de trocar de roupa apenas estalando os dedos. Basicamente, nossas roupas são convertidas em mana e ficam estocadas dentro de nossos corpos, como uma outra dimensão. Para liberá-las, basta se concentrar e pensar em liberá-las com estalar de dedos que conseguimos nos trocar perfeitamente. No início, foi bem difícil conseguirmos dominar essa magia, mas depois conseguimos até trocar uma roupa por outra facilmente. Essa magia é bem útil quando se está com problemas e não quer ficar nua na frente das pessoas.

Também aprendemos a ler e a escrever na língua dos humanos com Sebastian. Chisana também me ensina a ler e a escrever a língua das fadas, apesar dela não usar muito e eu também. Nós passamos a compartilhar nossos conhecimentos desde há quatro anos atrás. Sabíamos cada ponto forte e fraco, seus costumes, manias, desejos e culturas, tanto demoníacas, das fadas, quanto dos humanos.

Depois que enterramos Gustaf junto as pessoas mortas da cidade, a pousada “Dois Irmãos” foi reconstruída e Sebastian passa a comandar a pousada sozinho. Nos dedicamos a ajudá-lo nas tarefas. Certo dia, o encontramos na cozinha...

– Oi – Chisana o cumprimenta.

– Oi. Bom dia, meninas – ele nos cumprimenta.

– O que é isso que o senhor está escrevendo? – pergunto curiosa.

– Bem... como não tive filhos ou filhas, nem mesmo meu irmão. E sem parentes...  
– ele é dramático.

– O que? O que? – apesar de ser uma adulta feita, ela ainda agia como uma criança.

– Bem... isso daqui é um testamento que estou fazendo – ele explica.

– Um testamento? – ficamos surpresas.

– Bem... estou ficando velho... e não sei por quanto tempo mais vou durar. Então... Snif. Decidi deixar tudo o que tenho para vocês duas, quando não estiver mais aqui – ele sorri escrevendo aquilo. Sebastian já estava velho e seus cabelos já não eram pretos como antes, e sim brancos.

– Snif. Snif – ficamos tristes e felizes ao mesmo tempo e demos um abraço nele.

– Calma, minhas meninas... ainda tenho muito o que fazer, não apertem muito esse velho – além de sua aparência ter mudado, sua condição física estava mais fraca.

Ao contrário das súcubos e fadas que duram milênios como os dragões que são considerados imortais ou outros seres mágicos, os humanos têm um tempo de vida bem menor, durando uns cem ou cento e vinte anos mais ou menos, no máximo. E mesmo assim, sabíamos que para os padrões humanos, já éramos

consideradas adultas, enquanto para nossas espécies, ainda éramos consideradas muito jovens e que tínhamos um longo caminho pela frente.

Quando íamos ao Ponto de Guilda, víamos um mural com as fotos ou nomes de todas as pessoas perdidas naquele dia. Desde aquele dia, passamos a beber no bar para esquecermos do ocorrido e Chisana se acostumar a beber bebidas alcoólicas desde então. Mas sempre um pouco menos que eu e as outras pessoas, pois seu corpo não aguentava tanto álcool. E desta vez íamos bêbadas de verdade para a pousada. Sebastian passava um sufoco para tentar nos conter: dando banho e botando para dormir. Mesmo sendo adultas, ele nos punia, dando tarefas ou nos batendo bem forte, para aprendermos a lição.

A colega de Rose, vira enfermeira e passa a trabalhar no hospital que era seu sonho. Steven passa a ser um dos soldados de Monastel após se alistar para a guarda real. Rost se casa com a moça que havia salvo quatro anos atrás e tem duas filhas, e continua tocando sua vida como açougueiro. Rubens agora comandava a frota marítima de Monastel.

Quando a noite chegava, ia fazer minha ronda pela cidade para sugar energia vital das pessoas, sem matar que Chisana passou a chamar carinhosamente de “A Coleta”. Ao entrar em uma casa, transava com a pessoa ou as pessoas, ou simplesmente as ajuda em suas relações sexuais sem levantar suspeitas. Já houveram algumas vezes em que pessoas me perguntavam sobre como me alimentava sexualmente para sobreviver. Eu dizia que era lésbica e fazia sexo com Chisana que possuía mais energia vital para sugar sem precisar me conter. E todos acreditavam na mentira. Principalmente, porque eu altero suas memórias à noite para que não pensem mais nisso e me deixem em paz. Como eu era rápida, não foi difícil dar conta das mentes de todos na cidade, pois eu tinha a Chisana ao meu lado que me ajudava.

Chisana tinha aprendido um monte de magias diferentes com os magos e feiticeiros da cidade, e uma dessas magias foi justamente a hipnose e a mudança de memória com suas antenas. Ela também aprende a utilizar e a controlar melhor sua terceira forma, onde ela usa suas duas formas: de gelo e de fogo ao mesmo tempo sem gastar tanta mana quanto antes.

Nossos poderes aumentaram muito, enquanto meu poder físico ficou gigantesco, sua mana máxima e poder mágico aumentaram tanto que parecia não ter limites para suas conjurações mágicas. Em algumas missões de guerra, conseguíamos combater sozinhas com nossos poderes ao máximo, vários monstros colossais: gigantes titãs, hidras, ciclopes, dragões e outros. As pessoas de Monastel e de outras cidades e vilarejos, inclusive outras espécies, como: súcubos, fadas, elfos, anões e muitas outras espécies pelo continente, já nos consideravam a súcubo e a fada mais poderosas do continente. Mas faltava ainda derrotar o rei demônio.

Os dias iam se passando, até que...

– Pode chamá-las, por favor? – um grande grupo de heróis experientes estavam nos esperando na porta da pousada.

– Meninas! Ai, ai! – Sebastian fica bravo ao nos ver peladas com a cama toda bagunçada após transarmos.

– ACORDEM! – ele era violento, quando o assunto era nos acordar para fazer tarefas, mesmo estando com preguiça.

– Hã? O que foi? – acordo com minha mão tocando os peitos de Chisana.

– O que houve? – ela acorda com suas mãos segurando minha calda, enquanto a lambia, abrindo-a como se fosse uma flor.

– Tem uma pessoa te esperando ai fora! – ele conta.

– O que? – estava com muita preguiça.

– Só mais cinco minutinhos – ela também custava a levantar da cama.

Normalmente Sebastian tinha duas soluções para isso: a primeira era virar a colcha de nossa cama de casal para cairmos no chão, e a segunda era nos bater com uma colher de pau em nossas bundas. Mesmo sendo adultas (para os padrões humanos), agíamos que nem crianças mimadas e malcriadas. Finalmente levantamos depois de tanto reclamar em nossos ouvidos, e fomos comer. Saindo ainda com a comida na boca e em nossas mãos, ainda se vestindo, fomos falar com nossos companheiros de guerra.

– Vocês demoraram muito de novo – Raphael, um jovem guerreiro forte e experiente, que sempre nos chamava na pousada quando tínhamos que combater o exército do rei demônio de manhã cedo. Algumas vezes era para irmos em missões normais junto a um pequeno grupo formado por ele.

– Bom bia – falo de boca cheia.

– Babonde babos – Chisana não escondia seus maus hábitos e falava de boca cheia como eu.

– Vamos à leste na terra dos gigantes... mas primeiro... terminem de se vestirem – ele fica todo vermelho ao ver uma ponta de nossos mamilos aparecerem com nossa preguiça de se vestir direito.

– Ba? – engulo de uma vez só a comida em minha boca – Você gosta? – o provoço, chegando perto dele com uma expressão sexy e provocativa, mostrando um pouco mais meus seios.

– Eh?! – ele fica todo vermelho.

– Hihi – Chisana dá uns risinhos.

– Ai! – boto a mão em minha cabeça após Sebastian dar um golpe com uma frigideira.

– Olá, Sr. Sebastian – Raphael o cumprimenta gentilmente.

– Cuide bem de minhas garotas – Sebastian se despede de nós abanando sua mão para os lados.

- Deixa comigo – parecíamos ser objetos de aluguel para eles.
- Tchau! – nos despedimos e fomos andando com Raphael até o grupo de guerra na frente do portão de Monastel.
- Mesmo sendo filhas do Sr. Sebastian, vocês duas não tomam jeito! – ele comenta ainda meio envergonhado.
- Me desculpe. Mas você é uma gracinha mesmo... – me aproximo dele, exibo os meus seios pulando de minha roupa e os encosto nele para ficar mais nervoso ainda.
- Mesmo seu pai dizendo que você é uma súcubo gentil, você fica se atirando em mim o tempo todo – ele fica todo vermelho – Você não disse que ficava só com a Chisana?
- Sim. Mas agora, quero ficar com você! – o abraço, deixando-o mais envergonhado.
- Hey? E eu? Não esqueçam de mim. Guardem um lugar para mim – Chisana entra na brincadeira e o abraça do outro lado.

## **Capítulo 22 – Guerra**

Chegando no portão de Monastel, vimos um grande grupo que estava a nossa espera. Devia ter mais de trezentas pessoas. O grupo era formado tanto de heróis quanto soldados do rei de Monastel. Tinham vários guerreiros, magos, ferreiros, artesões e alquimistas. Ficamos surpresas por ter tanta gente e ver que éramos as únicas não-humanas...

- Bem, agora que tão todos aqui... – Raphael começa um discurso para encorajar o grupo.
- Vocês demoraram! – um colega nosso sussurra do meu lado.
- Agora que nossas maiores guerreiras estão ao nosso lado, não podemos perder! – Raphael grita bem alto.
- SIM! – todos gritam animados.
- É! E QUAL SUA PROFISSÃO? – ela grita bem alto no meio da multidão – HAU! HAU! – ela fica bem empolgada.
- Ai, ai! – ele bota sua mão em sua testa rindo com vergonha dela.
- Fica calmo! – olho com uma expressão provocativa e sexy.
- Essas suas namoradas... – um colega de Raphael bota seu braço sobre o ombro dele passando por suas costas, o abaixando um pouco e rindo.

– Ai, ai! Até você? – ele fica todo envergonhado. Corria um boato que ele nos namorava por sempre nos acompanhar nas missões, mas o que ele ficava mesmo era com uma cara de raiva e vergonha. Era bem divertido irritá-lo.

Quando terminamos de preparar tudo, saímos em direção à terra dos gigantes. Levava uns cinco dias para chegar lá com tanta gente. No caminho, conversávamos sobre nossas experiências e nos divertíamos cantando junto com Chisana na fogueira. Mesmo assim, ela era muito alegre e cantava todo o percurso, pulando e voando. Era muito divertido vê-la assim. Em algumas noites Chisana e eu, íamos transar num canto distante do grupo, mas alguns deles eram bem curiosos e vinham sorratamente nos ver fazer sexo. Em algumas vezes fingíamos ir transar com Raphael, só para ver sua reação e deixá-lo com mais vergonha.

Ao chegarmos na terra dos gigantes, percebemos que estava tudo desértico. Eles moravam nas altas montanhas de Mumbos. Fomos subindo, e vimos algumas pegadas grandes no chão de gigantes, mas sem sinal deles, até chegarmos no que seria “A Vila dos Gigantes”. Era bem grande e tinha vários buracos gigantes nas montanhas. Vimos algumas pistas que eles estiveram ali ainda há pouco: umas fogueiras recém apagadas feitas com troncos inteiros de árvore, uns materiais artesanais derrubados no chão e muito sangue fresco junto a umas partes decapitadas e esquartejadas deles. Era muito nojento e fedia muito, Chisana quase vomita ao ver e sentir tal local.

Andamos mais um pouco com cautela, de repente um dos soldados é puxado rapidamente por algo e em segundos só poucas partes de seu corpo são jogadas na frente do grupo. Um a um era puxado para dentro dos becos e cavernas sem deixar rastros e jogados de volta. Só era possível ouvir por uns segundos seus gritos de dor e desespero.

– TODOS JUNTOS! – Raphael ordena que todos fiquemos no meio da vila à espera do inimigo.

Um silêncio toma conta do local. Alguns de nós estavam apavorados.

– Cadê eles? – Chisana fica encolhida no meio das pessoas.

– Calma – dou um cafuné nela para tentar animá-la.

– Onde eles estão? Cadê eles? Não vejo nada – essas eram as frases que todos diziam ao esperar com um frio na barriga.

– Magos! Usem sua clarividência! – Raphael ordena.

– Eles estão ali! – os magos e Chisana indicam.

– Arqueiros... DISPARAR! – ele os ordena.

Nesse momento, escutamos uns gritos de dor vindo de onde tinham disparado. Então, escutamos alguns grunhidos e em questão de segundos, éramos cercados por vários demônios que possuíram pessoas e criaturas mágicas, vindo em nossa direção para nos matar. Os maiores que tinham possuído os



gigantes ou outros seres grandes, pisavam nos menores, sem se importar. O combate era intenso, era uma carnificina só. Mesmo com nossos poderes, eles eram muito maiores e numerosos que nós.

– Volte AQUI! – vou correndo atrás de um deles que entra na caverna.

– “Flor”, ESPERE! – Chisana voa atrás de mim.

– Hasuno, Chisana! ESPEREM! – Raphael tenta nos avisar de que poderia ser uma armadilha.

Fomos até o fundo da caverna que parecia não ter fim. Era como um buraco feito por minhocas, grande e longo que nem um labirinto. Chegando ao que parecia ser o fim, vimos uns gigantes feitos de refém pelos demônios. Na luta, conseguimos libertá-los. Gigantes não se socializam muito bem com outras espécies e por isso eles ficam um pouco desconfiados, principalmente ao me verem. Chisana se funde com um deles e mostra que viemos ajudá-los. Depois de uma discussão entre eles, alguns deles se juntam a nós na batalha. Guiando-nos pelas cavernas, libertamos mais gigantes.

De repente, nos separamos do grupo e dos gigantes que nos ajudavam, ao entrarmos em uma caverna.

– Não consigo ver nada – estava muito escuro e não tinha fogueiras iluminando o caminho como nas outras cavernas.

– Deixa comigo – Chisana faz a ponta de seu dedo pegar fogo para iluminar o caminho.

– Snif – escutamos uma voz.

Fomos seguindo ela, até o fundo da caverna. Já não ouvíamos mais os sons da batalha, porém ouvíamos o pequeno choro ficar mais próximo de nós. Foi quando vimos uma sombra no final da caverna...

– O que é isso? – olho atentamente.

– Snif – vimos que era uma gigante jovem que parecia possuir a mesma idade que nós.

– Espere! – Chisana me alerta ao ver que era uma gigante muito grande.

– Aaaah! – grito chegar bem perto e ver seu tamanho.

– Por favor, não me devorem! – ela parecia assustada com nossa presença e ficava encolhida num canto da parede.

– Calma, calma! Não vamos te fazer mal! Minha amiga só não está acostumada a ver um gigante – Chisana tenta explicar.

– Seus demônios, vieram aqui só para me devorar! Saiam daqui! – ela começa a jogar pedra gigantescas em nós duas com uma força incrível.

– Hey, para! Isso vai acabar matando alguém! – desvio das pedras que arremessa em mim.

– CALMA! – Chisana não vê outro jeito, a não ser fundir-se com ela.

– AAAAH! Hã? Onde estou? Como...? Ahhh... não me devore! – ela não percebe que estava do nosso tamanho e mesmo assim tenta jogar pedras em mim.

– Pode parar! Eu não vou te machucar! – seguro seu braço tentando acalmá-la.

– Me solta! Me solta! – ela tenta resistir.

– CALA A BOCA! – Chisana grita bem alto mentalmente.

– Quem está aí? – ela ainda não tinha percebido que havia sido fundida e que seu corpo ficou menor.

– Se acalme. Não viemos fazer mal a você – explico.

– Como você ficou grande e que voz é essa que escuto em minha cabeça? – ela toca em sua própria cabeça.

– Eu não fiquei grande. Você é quem encolheu e a voz que está escutando, é de minha amiga que se fundiu a você. E ela só te deixou do nosso tamanho para podermos falar melhor, antes que você nos mate com essas pedras – explico.

– Olá! Sou Chisana, uma fada de gelo e fogo. Muito prazer! – ela tenta ser amigável com a gigante.

– Olá?! Esteja onde estiver – ela fala para qualquer lado.

– Vocês são um só, não se preocupe. Depois de se acalmar, a deixamos voltar ao normal – tento acalmá-la.

– Está bem! Me desculpem, mas esses demônios possuíram meus amigos e os mataram. Eu e minha família, nos escondemos aqui – ela explica.

– Está mais calma agora? – Chisana pergunta.

– Sim – ao responder isso, Chisana vê que seu coração estava mais calmo e as desfunde.

– Uouu! – ela fica chocada quando vê tudo encolhendo ao voltar pro seu tamanho original.

– Eu sinto muito, sou Elisa, e sou uma gigante – ela se apresenta dizendo um ponto que era meio óbvio de se notar.

– Eu sou Hasuno, e sou uma súcubo – me apresento.

– Aaaah! – ela volta a se apavorar.

Chisana as funde novamente para acalmá-la. Foi um pouco mais difícil convencê-la de que não era como os outros demônios. Após Elisa voltar ao normal, percebemos que ela era uma gigante muito alta que tinha cabelos purpura claro e que seu corpo era bem volumosos e magro, como as atendentes

sem vergonha do Ponto de Guilda. Pedimos para que ela nos contasse o que tinha acontecido...

– Isso começou há alguns dias, quando meu povo resolveu atacar o castelo do rei demônio... – ela começa a explicação.

– Castelo do rei demônio? – Chisana fica toda afobada ao escutar aquilo que a interrompe.

– Modos, “flor”! – dou um golpe em sua cabeça para que não a assustasse novamente – Haha... Desculpe minha amiga, mas... pode continuar, por favor? – fico sem graça para ela.

– O meu povo planejava um ataque ao castelo do rei demônio há uma semana atrás, por conta da maldição que ele jogou em nós. Só que quando íamos fazer isso, aos poucos as pessoas começavam a ficar descontroladas e matavam cada um que via pela frente, ou nos prendiam para poderem criar mais dessas criaturas. Alguns que sobreviveram foram se esconder nas cavernas mais profundas a esperar de que fossem embora – Elisa explica com um pouco de medo.

– E seus pais? – Chisana pergunta.

– Meus pais e eu, nos separamos quando os monstros que possuíram nossos amigos começaram a dar socos nas paredes, fazendo tudo desmoronar e nos separamos em caminhos diferentes. Tento andar pelos túneis para procurá-los, mas não conseguia enxergar nada – ela continua.

– Mas como sobreviveu aqui esse tempo todo dentro da caverna? – pergunto curiosa.

– Bem... a minha sorte é que tinha nas minhas mãos um espeto de churrasco de boi que comia aos poucos todo esse tempo – ela olha para trás e vimos o tronco da árvore com os restos do boi grande que ela comia.

– Não sentiu sede? – pergunto.

– Nós gigantes, temos um olfato bem mais forte que outras espécies. Principalmente em relação aos humanos. Então, senti um pequeno rio que passava por aqui, matando minha sede – Elisa completa.

– Entendo. E se você ficasse mais tempo aqui, provavelmente iria morrer – deduzo.

– Snif. Sim. Mas não imaginava que uma fada e uma súcubo fossem me achar aqui – ela estava assustada, mas ao mesmo tempo feliz em nos ver.

– “Flor”, segure aqui um instante – Chisana estala os dedos e faz surgir em sua mão uma sacolinha com comida e me entrega. Nossa magia de transformar roupa em mana, também servia para guardar outros itens. Só que essa magia só funcionava com objetos inanimados e não com seres vivos. Dependendo do tamanho ou dos objetos, o espaço necessário em seu nível mana máxima para

armazenar, pode ter que ser maior ou menor em relação ao tamanho ou poder espiritual (mana) do que quer guardar.

– Está bem! – seguro a sacola.

– Vai nos fundir de novo? – Elisa pergunta um pouco assustada, enquanto Chisana as fundia de novo.

– Agora, coma – ofereço a comida que guardávamos na sacola, após ela ficar no nosso tamanho.

Nossa sacolinha era mágica que tínhamos ganho de um mago numa missão. Ela criava uma outra dimensão dentro dela onde podíamos guardar várias coisas. Era muito prática e bonita, toda azul e com umas estrelas amarelas desenhadas nela. Lá guardávamos comida e umas poções de mana ou vida, além de um pouco de dinheiro.

– Obri-yhã-gada-yhã – ela come descontroladamente.

– Nossa comida não ia dar para seu grande corpo, então resolvemos deixá-la do nosso mesmo tamanho – explico.

– Vai com calma. Tem o bastante para todos – Chisana fala mentalmente com Elisa. Só que ela esqueceu que, se não fosse por sua habilidade de fundir os outros, a comida não ia dar nem para Elisa encher o estômago.

Após ficar satisfeita, Chisana as desfunde e começamos a procurar da saída da caverna.

– AH! – Elisa toma um susto ao ver de Chisana pegar fogo.

– Chisana! Você está pegando fogo! – durante esses quatro anos ela aprende a manusear melhor seus poderes. Suas formas agora não afetavam mais uma grande área, toda vez que entrava nelas, podendo somente iluminar o caminho, sem queimar ou até mesmo refrescar, sem congelar tudo o que tocava. Agora poderia agir normalmente como se não tivesse entrado em nenhum dos três modos.

– Aonde vamos agora? – Elisa pergunta botando seus dedos da mão em sua boca, com medo do caminho que deveríamos escolher na bifurcação.

– Hum... deixa eu ver – ela revela suas asas – Aqui! – ela indica a direção.

– O que é isso? Como ela sabe o caminho? Ela marcou com alguma coisa? – ela pergunta surpresa.

– Bem... não é bem assim... é que posso sentir as emoções das pessoas que estão lá fora e o rastro espiritual por onde passamos na caverna – Chisana explica.

– Rastro espiritual? – ela pergunta.

– Todo indivíduo possui uma aura invisível de mana que deixa um rastro de si mesmo por onde passa. Mesmo aqueles que não usam ou não possuem mana,

tem uma aura, e cada uma é diferente da outra – Chisana explica, enquanto andávamos pela caverna.

– Nossa! Sério? – ela fica fascinada com a explicação.

A cada passo que Elisa dava, era possível sentir e ouvir o chão tremer um pouquinho. Era tão leve que não nos incomodamos com isso. Ao nos aproximarmos da saída, um dos demônios vem em nossa direção querendo nos matar. Chisana fica suspensa no ar de braços abertos, fazendo surgir bolas de fogo a sua volta, as lançando em direção ao monstro.

– Socorrooo! – Elisa volta correndo para dentro da caverna.

– Pode parar aí! – a seguro pela gola de sua camisa com minha super força, enquanto voava.

Chisana percebe que o monstro ainda estava vivo, mesmo sendo queimado pelas chamas dela. Então ela encosta sua mão na parte de cima do corpo do gigantesco monstro, e o empurra para baixo, enquanto o queimava sem dó e piedade, sorrindo. Após queimá-lo, ela passa a mão no corpo do monstro perto da boca, o acariciando.

Quando aprendíamos sobre a outra, percebia que sua personalidade mudava um pouco quando mudava de forma. Na sua forma de fogo, ficava mais animada e cruel, querendo causar dor aos outros para sentir prazer sexual, enquanto em sua forma de gelo, parecia ficar um pouco mais carinhosa e determinada, ajudando os outros. Isso só ocorria com fadas iguais a ela que possuíam e podiam trocar de elemento. Já outras fadas com um elemento, não ocorria isso. Mas ela sempre conseguia manter o controle de suas ações, quando se transformava. Isso me fez lembrar de quando me contou sobre o “Circulo Elemental”. Cada elemento tem uma personalidade diferente.

– Me desculpe! Acho que exagerei um pouquinho. Hihi! – ela sorri para nós com o monstro todo queimado atrás dela.

– Vamos! – puxo Elisa pela gola, enquanto voa para fora da caverna.

– Mas, eles vão nos matar! – ela ainda estava apavorada.

– Pode deixar com a gente! – tento animá-la.

– É! Vamos acabar com eles! – Chisana voa na direção dos monstros.

Percebemos que alguns gigantes ficam um pouco desconfiados dos humanos e tentam nos matar, mesmo lutando contra os demônios. Foi quando o grupo de gigantes que havíamos feito amizade na caverna, convencem a todos eles que não éramos seus inimigos.

Após a dura batalha, recolhemos os corpos, ou o que haviam sobrado dos corpos e os enterramos. Rezamos por suas almas e os ajudamos a arrumar tudo, além de nos deixarem ficar lá até podermos partir.

Novamente vejo duas espécies diferentes se dando bem, enquanto fazíamos novas amizades. Ficamos surpresas ao saber que Elisa era uma das maiores e mais fortes gigantes de sua vila. Perguntamos a eles se sabiam onde ficava o castelo do rei demônio. Foi então, pensamos em invadir logo o castelo do rei demônio, indo junto com os guerreiros gigantes.

– Você não vem, Elisa? – Chisana pergunta.

– Não. Prefiro ficar aqui e ajudar na vila – Elisa responde.

– Mas... você não é um dos maiores e mais fortes gigantes daqui? – pergunto.

– Sou sim. Mas mesmo assim, não gosto de lutar – ficamos surpresas com sua decisão, e fomos embora com o novo grupo formado por: humanos e gigantes. Fora uma fada e uma súcubo.

Em nossa nova jornada, agora para o castelo do rei demônio, estávamos mais motivados para conseguir derrotá-lo. No caminho trocamos ideias e fizemos amizades com nossos novos companheiros. Passamos por alguns perigos e desafios, perdendo alguns amigos pelo caminho, tanto dos gigantes quanto os humanos. Até avistarmos o castelo do rei demônio bem a nossa frente, numa montanha que parecia ser o próprio inferno de tão sombria que era. De longe podíamos sentir uma grande aura maligna rodeada por muitas outras menores naquele lugar.

– PRONTOS? – Raphael e o líder dos gigantes, gritam para seus grupos.

Fiquei feliz em ver que logo depois de gritarem isso, os dois líderes trocam sorrisos.

– ATACAR! – os dois gritam ao mesmo tempo.

Em nossa jornada foi sendo criado um vínculo de confiança. Então vejo que Chisana e eu não éramos as únicas que faziam ataques combinados. Eram muitos os demônios e outras criaturas das trevas vindo em nossa direção. Lutamos com todas as forças, até que...

– Vão na frente – o líder dos gigantes ordena que o pequeno grupo formado por poucos humanos, gigantes e nós duas, fosse para dentro do castelo, enquanto eles lutavam os monstros do lado de fora.

– Está bem! SIGAM-ME! – Raphael passa a comandar o pequeno grupo.

Ao entrarmos, vimos que o castelo era imenso e cheio de armadilhas, com mais demônios para nos matar. A batalha foi dura, mas conseguimos chegar até onde o rei se encontrava. Ao abrimos o grande portão que dava para o salão principal, vimos o rei demônio nos esperando sentado em seu trono. Ele tinha a altura de Steven e parecia ser bem jovem e forte, usando uma grande capa vermelha e possuía grandes chifres e um curto cabelo preto. Sua cor da pele branca meio pálida era que nem a de um vampiro.

– Sejam bem-vindos! É a primeira vez que recebo visitas de estrangeiros em minha residência – ele fala com classe e elegância com uma aura escura e tenebrosa, enquanto tomava algo vermelho em uma taça de vidro fina.

– Rei demônio! – Raphael resmunga.

– Ora, ora! Vejam só quem está aqui. Eu não disse que você seria minha? – ele começa a me provocar.

– AAAAH! – Raphael vai em direção ao rei demônio.

– Haha! Pobre rapaz! – ele segura Raphael pelo pescoço e o suspende, como se fosse de papel – Tão jovem e delicioso – ele lambe o pescoço de Raphael e depois o queima com uma chama negra.

– RAPHAEL! – Chisana e eu desesperadas, gritamos seu nome ao vê-lo queimar até virar cinzas e cair nos pés do rei demônio.

– Que pena! Ele era tão jovem – ele nos olha com desprezo.

– Seu, seu... – ficamos chateados e chorando pela sua morte.

– O que foi? Não querem vir mais para me entreter? – ele continua a zombar de nós.

– Seu, seu... – estávamos com muita raiva.

– Agora vou me divertir um pouco com vocês – ele levanta de seu trono e vem andando em nossa direção, estendendo sua mão para pegar uma espada demoníaca que surge e vem em sua direção.

– É agora! – olho para Chisana com muita determinação e fico na minha super força.

– É agora “flor”! – ela olha para mim e fica na sua forma de gelo.

A batalha começa. Ele era muito rápido e cruel. Em questão de segundos, todos caem no chão. Não tivemos a menor chance contra seus poderes. Ele poupa todo mundo...

– Pobres criaturas tolas. Nem conseguiram me entreter um pouco – ele caminha sobre nós.

– Seu maldito! – um dos gigantes fala caído olhando para ele.

– Haha. Tolo – ele o agarra pela garganta e o suspende no ar ao voar.

– Seu... seu... – sem folego o gigante ainda tenta falar.

– Morram – com uma cara de satisfação, o rei demônio pulveriza todos com uma chama sombria que cobriu toda a sala.

– Maldito – Chisana e eu fomos as únicas a sobreviver, após ela nos fundir. Mesmo assim, ainda sentíamos a dor de seus golpes que havia nos causado.

– Sobreviveram? – ele vem em nossa direção calmamente.

- Chisana Kurisutaru, a fada de gelo e fogo mais poderosa do mundo. Hasuno Hana, a súcubo mais poderosa do mundo. Esperava mais de vocês.
- Cala a boa – cada vez mais, estávamos com mais raiva dele.
- Lago das Fadas, né? – ele cria uma imagem numa esfera de luz negra do lago em sua mão – Quando terminar aqui, acho que vou fazer uma visitinha a ele e levar todas as fadas de lá para o inferno. Shhhh... – e lambe a imagem, enquanto olha para Chisana com uma cara sedutora.
- Não vai! – ela fica na sua forma de fogo e tenta acertá-lo.
- Pobre fadinha. Shhhh... – ele a segura pelo pescoço.
- AAAH! – ela grita bem alto usando todo seu poder que domina toda a sala.
- Haha. Inseto – ele aperta seu pescoço a fazendo perder as forças e parar de queimar a sala.
- Solte ela! – grito.
- Hasuno Hana. Junte-se a mim. E juntos vamos acabar com essa escória – ele olha para mim e tenta me persuadir, após jogá-la em minha direção
- “Flor” – falo ao ver o corpo dela cair na minha frente.
- Vamos, junte-se a mim. E junto poderes reencontrar seus pais – ele cria outra esfera de luz negra em sua mão e a joga em minha direção.
- Lembre de seus pais – ele desce e vem caminhando em minha direção, enquanto a esfera para na minha frente e vejo a imagem deles vivendo em uma fazenda.
- “Flor”! – ela ainda tenta falar comigo estendendo sua mão.
- Quietos! Seu inseto! – ele a chuta na costela.
- Papai. Mamãe! – fico traumatizada com a imagem deles na esfera.
- Junte-se a mim! Shhh... – ele sussurra no meu ouvido e depois lambe meu ouvido.
- “Fl-lor”! – ela ainda tenta falar comigo.
- O passarinho ainda continua cantando – ele pisa no rosto dela.
- Po-or favor... – ela chora, enquanto seu rosto era esfregado no chão por ele.
- Hihi – ele continua a admirar a tortura.
- NÃOOO! – dou um grito bem forte e dou um grande soco nele, fazendo com que ele voasse e quebrasse seu trono.
- “Flor”? – ela sorri aos meus braços.
- “Flor”! – dou um beijo bem molhado na boca dela e a curo.



– Suas, suas! – a aura sombria dele começa ficar mais forte e ele começa sair dos destroços devagar – Gostaram de sua jornada? Agora a brincadeira acabou! – ele estava furioso, seus olhos brilhavam um vermelho sangue e se preparava para nos atacar.

– Nunca irei me unir a você! – falo para ele.

– Está pronta “flor”? – pergunto para ela trocando para a minha roupa de súcubo estalando os dedos e ficando com minha super força no máximo. E sem perceber, uma aura sombria e escura começava a envolver minhas mãos até um pouco antes dos meus ombros.

– Sim, “flor”! – ela fica na sua terceira forma, com o gelo e o fogo ativos ao mesmo tempo. E ela também não percebe que seu corpo brilhava um pouco.

– AAAAAAAAH! – nós três gritamos bem alto indo para luta.

Ele balança sua espada rapidamente, tentando nos cortar ao meio sem piedade. Sua espada derramava uma fumaça escura, igual à que saiu dos “caçadores” à nove anos atrás. Ele desaparecia com sua grande velocidade, tanto no ar quanto no chão. Dou muitas sequências de golpes fulminantes, só que ele as defende com sua espada facilmente. Chisana para no ar e conjura esferas de fogo e estacas de gelo ao seu redor e as lança em sua direção. Ele estica seu braço e abre sua mão, bloqueando todos eles.

– Uahaha! – ele cria umas espadas iguais as suas e as lança no chão.

– O que é isso? – raios são disparados delas.

– Uahaha! – ele entra em um escudo feito pelos raios.

Fomos destruir cada um deles, enquanto ele invocava demônios para nos atrapalhar. Com muita dificuldade, destruimos as espadas e seus lacaios. Então ele flutua no ar e balança sua espada, criando uma névoa escura em toda sala.

– “FLOR”! – não sabíamos onde estávamos. Quase não dava para ver, a não ser, ele no centro da sala.

Ele fecha sua mão que não segurava sua espada, e uma grande explosão acontece. Suas chamas nos atingem, e nos queimam.

– AAAAHHH! – mesmo ela sendo uma fada de fogo e gelo, seu corpo sente a queimadura.

– “FLOR”! Ai! – vejo ela se remoer de dor no ar.

– Morram! – ele lança umas pequenas flechas de fogo sombrias em nossa direção com a mão que não segurava a espada.

– “Flor”! – entro em sua frente de costas para ele e recebo todas flechas em minhas costas.

– Por que fez isso?! – seus olhos estavam arregalados de tão chocada que fica ao me ver ser atingida com tudo.

– AAAAH! – ele nem dá tempo de eu olhar para ela direito vindo em nossa direção.

– AAAAH – ela rapidamente voa em sua direção e segura sua espada com as mãos.

– Hã? – olho para trás e vejo tal cena. As mãos dela estavam tomadas por uma camada grossa de gelo que iam até próximos aos seus ombros, igual aos meus. As chamas dos seus cabelos aumentavam cada vez mais, junto com sua raiva.

– Sua fedelha! – ele a olha com muita raiva, roendo os dentes.

– CALA A BOCAA! – ela quebra sua espada ao meio.

Por um momento, ele se distrai e aproveito a oportunidade para pegar a ponta caída de sua espada e a finco em seu peito.

– Hã? – ele olha surpreso para o furo em seu peito.

– AGORA! – joga ele no chão com o peso do meu corpo, o segurando, enquanto gritava para ela finalizá-lo.

– Está bem! – ela desce e pega a outra parte da espada quebrada dele e fica sobre ele.

– Hã? Sua... – ele era bem forte e tentava se libertar. Do seu peito perfurado, sai umas fumaças e um líquido escuro e sombrio.

– AGORA! – grito para ela. Mesmo imobilizado, eu podia sentir sua enorme força. Não sabia se poderia segurá-lo por mais tempo.

– Esse é seu fim – ela finca a espada no meio dos peitos dele e o prende no chão.

– Juntas! – pegamos a outra parte da espada e a seguramos juntas com um mão cada, enquanto o segurávamos com a outra.

– Malditas! – ele é rasgado de cima para baixo. E depois, ainda segurando essa parte da espada, a fincamos em sua garganta e depois cortamos seu pescoço.

Chisana e eu ficamos chocadas ao ver nossas mãos todas sujas de sangue. Olhamos uma para a outra e começamos a chorar, nos abraçando. Com um pouco de dificuldade, levantamos apoiadas uma na outra.

– Acabou – sorrio para ela.

– Sim. Snif – ela sorri.

Caminhamos em direção ao portão do salão.

– Uahaha! – escutamos uma voz diferente a do rei demônio. Mais tenebrosa e sombria.

– O que? – olhamos para trás e rapidamente, um tentáculo perfura o ombro de Chisana até chegar e quebrar uma parte do portão.

– AAAAH! – o tentáculo a suspende e a gira no ar, até soltá-la, a arremessando de volta para o chão com muita força e brutalidade.

– “FL”... – o tentáculo vem muito rápido ao meu encontro me empurrando até a parede. Caio no chão após esse golpe e começo a tossir sangue.

– Acham que já terminou? – a tal voz fala conosco. Olho com dificuldade para ele encostada na parede, toda cheia de sangue escorrendo por meu corpo.

O corpo do rei demônio vazava cada vez mais uma fumaça e um líquido escuros e sombrios das aberturas que fizemos nele. De repente, elas começam a flutuar e tomam uma forma esférica com tentáculos.

– Acharam mesmo que me derrotariam assim tão fácil – todas as partes do corpo dele são suspensas e ligadas pela fumaça e o líquido no ar – Isso daqui é só uma carcaça que arrumei. Vejam, minha verdadeira forma! – sua cabeça começa a falar transbordando mais poder sombrio.

– Como? – olho para ele.

– Testemuhem meu verdadeiro poder! – de repente, a aura sombria começa a se expandir.

– “Flor”! “FLOR”! – a pego e a carrego, enquanto voava para fora do castelo.

Em questão de segundos, o castelo é todo tomado pelo poder sombrio e é completamente destruído. Uma grande fumaça toma conta dos destroços. Chegando onde estava o que havia sobrado de nosso exército, tento reanimar Chisana.

– “Flor”, acorde – ela estava desacordada – “Flor”! Chisana, não me deixe! – ela não respondia.

– BUAAAAAAAAAAAAARRRRR! – surge da fumaça um ser monstruoso e colossal gritando e babando gosma preta. Ele era um coelho gigante e preto com mãos gigantescas e pernas pequenas em relação ao seu corpo. Seus olhos eram amarelos e pequenos, sua boca cheia de dentes afiados, com alguns para o lado de fora da boca. Suas orelhas se alongavam ainda mais a partir de sua cabeça e terminavam com três pontas. Seu grito fazia tremer tudo. Para o seu tamanho, ele andava bem devagar.

– Essa é minha verdadeira forma. E agora, vou destruir tudo! – ele começa a andar em nossa direção.

– Acorda, acorda! – não adiantava, Chisan não despertava.

– Lá vem ele! – parte de nosso exército corre em direção a ele e se prepara para sua combatê-lo.

– MMORRAMMMM...! – ele para, estende sua mão e dela surgem vários tentáculos que os perfuram. Depois de matá-los, ele os come.

– Não pode ser! Esse é o fim do mundo! – o restante de nosso exército fica apavorado ao ver tamanho poder de destruição.

- Não me deixe! – a seguro pelos braços.
- MORRAM! – ele se prepara e lança novamente seus tentáculos de sua mão para nos matar.
- É o fim – fecho meus olhos, viro o meu rosto e me preparo para morrer junto a ela.
- Hã? O que? – ele fica surpreso ao ver uma esfera de luz proteger todos nós de seu ataque.
- Mas o que está acontecendo? – eles ficam se perguntando ao verem a aura pura saindo de nós duas. O dela tinha um brilho branco, enquanto a minha tinha um brilho sombrio. Rapidamente nossas energias curavam todos que estavam ali dentro.
- É um milagre – eles ficam olhando para suas feridas sumirem.
- “Flor”? – ela acorda, meio inconsciente.
- Chisana, você voltou! – a seguro em seus ombros ajoelhadas no chão.
- AH! O que é isso? – ela fica assustada ao ver aquele monstro.
- Esse é a verdadeira forma do rei demônio. Hã? – percebo que o fragmento de asa de fada em meus peitos estava brilhando muito e nos restaurando.
- Sinto uma enorme energia fluindo sobre mim – ela olha para suas mãos sem entender nada.
- Eu também! – olho para as minhas mãos também e percebo que estávamos transbordando energia.
- O que será isso? Estou com medo – ela segura minha mão.
- Não sei – respondo. Nesse instante, a aura some.
- MORRAM! – ele tenta novamente nos atacar.
- AH! – nós duas estendemos nossas mãos para o alto.
- AHH! O que? – eles gritam, mas percebem que ainda estavam vivos.
- Que poder é esse? – olhamos bem devagar e percebemos que estávamos segurando sua mão gigantesca.
- AAH! – o empurramos e ele cai de costas no chão.
- Esse poder... Parece que vou explodir de tanta energia que estou sentindo – falo ao tentar compreender.
- Será que foi isso que sentimos quando lutávamos com o rei demônio? – Chisana fala.

– Não sei, mas quando senti raiva pela perda de nossos amigos, senti um enorme poder surgindo em meu corpo. Tanto que minhas mãos ficaram pretas com uma aura escura – explico.

– Eu também senti, quando meu corpo começou a brilhar. E agora parece que este poder oculto que dormia dentro de nós pode ser liberado – ela explica.

– Poder oculto? Por isso que me sentia meio estranha nos últimos dias no treinamento na cidade – complemento.

– Sim. Quando entrei em seu corpo pela última vez, percebi que tinha uma energia muito poderosa adormecida dentro de nossos corpos.

– Mas se você já sabia. Por que então, não me contou?

– Eu não sabia o que era. Só via que nossos poderes ficavam mais fortes cada vez mais rápido.

– É por isso que sentia que minha força estava muito acima do normal algumas vezes quando usava todo o meu poder.

– Sim. E eu também. E agora que esse poder oculto despertou, podemos utilizá-lo.

– E nossa amizade fez com que o fragmento de asa ficasse mais forte e nos curasse.

– BUAAAR! – o rei demônio se levanta.

– Pronta? – ela segura a minha mão.

– Sim! – começamos a voar de mãos dadas.

Começamos a sentir o grande poder oculto fluir por nossos corpos. Solto sua mão e começo a ser tomada por uma aura sombria, enquanto Chisana brilhava cada vez mais. No final, meu corpo é completamente tomado por uma energia sombria junto aos meus músculos de minha super força, enquanto meus chifres e calda ficaram muito maiores. Minhas asas ficaram grandes e pontudas, e minha roupa junto a minha aura e ficou com uns detalhes de espinhos bem bonitos. Meus cabelos ficaram pretos e meus olhos ficaram completamente violetas e brilhando. Enquanto o brilho do corpo de Chisana toma forma, criando pequenas e belas asas que flutuavam perto de suas duas asas normais.

– MORRAM! – ele tenta nos golpear, mas Chisana o segura com uma mão coberta de gelo.

Voo em sua direção e corto seu braço com uma velocidade e poder colossais. Chisana pulveriza a mão dele que estava segurando em sua mão de gelo. Começo a dar muitos golpes nele. Chisana cria gelo e fogo de todas as suas asas e as lança.

– AAH! – ele grita de dor.

Pego ele por baixo e o jogo para longe. Ele parecia ser de papel de tão leve que era. Chisana cria uma enorme espada de gelo que ia de uma montanha para a outra de tão grande e comprida que era. A espada começa a pegar fogo e ela o corta e o queima junto com umas montanhas e áreas.

– Não é possível! Como vocês conseguiram esse poder? Esse é o poder dos deuses – ele revela.

– Deuses? – Chisana pousa nele e começa a caminhar sobre ele o queimando a cada passo que dava.

– Deuses? – pouso também nele e caminho com ela.

– A última vez que vi tal poder, foi na presença de meus irmãos.

– Irmãos? Você é um deus? – pergunto olhando com satisfação para ele.

– Se vocês não sabem, eu não sou o rei dos demônios e sim, o deus dos demônios. E essa aura que vocês têm, é a aura que forma um deus. E por isso, vocês realmente são a fada mais poderosa e a súcubo mais forte do mundo – ele explica mesmo estando cortado no meio.

– Temos poderes de deusas? – pergunto olhando para ela.

– Somos deusas – Chisana olha para suas mãos.

– Elas são deusas?! A fada mais poderosa e a súcubo mais forte do mundo! Tem o poder de deuses? – isso foi o que os integrantes restantes ficaram falando ao escutarem o que o deus demônio disse a nós duas.

– Já que temos todo esse poder. Vamos acabar com você de uma vez por todas – voo em direção uma montanha cortada por Chisana e a levanto como se fosse de papel.

– Vai pagar por todo o mal que fez – ela voa e corta o local onde estavam nossos companheiros e os bota numa distância segura para criar uma barreira em formato de esfera em volta da área onde o deus demônios estava e o prende com nós duas lá dentro.

– Esse é seu fim. Toma essa! – arremesso a grande montanha em direção a ele.

– Deixa eu completar – Chisana transforma a montanha em uma bola de fogo.

– AAAH! – a explosão é tão grande que seria capaz de destruir o mundo inteiro se ela não tivesse criado a barreira.

Mesmo com seu corpo todo queimado, ele ainda estava vivo. Então Chisana nos funde...

– Nossa, me sinto mais forte ainda – falo em mente coletiva.

– Eu também! Vamos acabar com isso logo! Pronta? – estávamos nos sentindo ainda mais fortes juntas em um corpo só. Era tanto poder que tínhamos juntas naquele corpo que poderíamos destruir facilmente nós duas em nossas formas

separadas com a “Aura de Deuses” e também o mundo com um estalar de dedos.

– Sim! – Nós fizemos todo interior da esfera queimar, até não sobrar nada dele.

– AAAAAAH! MORGIS! HALDIAaa...! – ele grita bem alto ao ser destruído por nós.

– Elas conseguiram? – eles observam a enorme esfera queimar por dentro.

Quando vimos que tínhamos derrotado ele, desfizemos a esfera e descemos em direção aos nossos companheiros e ela nos separa.

– Ah! Ah! Conseguimos! – ofegando, sentamos no chão com as mãos para trás nos apoiando.

– VIVAAAAA! – eles gritam bem alto por nossa vitória e que a era das trevas havia chegado ao fim.

## **Capítulo 23 – Controle**

Após derrotar o rei demônio, caímos no sono por usar tanto poder de uma vez só e dormimos no que sobrou do castelo do rei demônio. No dia seguinte após dormir muito, vemos que nossos companheiros estavam tristes ao ver tamanha devastação.

– Vencemos o rei demônio, mas a que custo? Toda a vida nesse local foi destruída com a batalha. O que vai acontecer com esse lugar? Vai virar uma terra morta? Mesmo que ele tenha sido derrotado, o mundo ainda sofre com suas maldições – isso era o que eles falavam.

– Podemos resolver isso num instante – Chisana levanta confiante.

– Podemos? – pergunto desconfiada.

– “Flor”, ainda consegue ficar na sua forma de deusa? – ela pergunta.

– Acho que sim... não sei... – fico um pouco tímida.

– Vamos tentar. Eu tenho um plano – ela tenta me convencer.

– AAAH! – o chão treme a minha volta ao ficar na minha super força.

– Pronto. Essas são nossas formas normais – ela revela suas asas e antenas – agora, concentre-se e entre na forma de deusa.

De repente, o chão começa a tremer novamente, só que mais forte, por conta de minha força. Por outro lado, Chisana começa a brilhar bem forte novamente.

– Elas vão se transformar em deusas de novo. Será que vão conseguir? Espero que sim! Vão! Vocês conseguem – eles comentam.

Aos poucos, meu corpo musculoso é tomado novamente pela aura sombria. Chisana ganha novamente suas pequenas asas extras. Desta vez, sem a interferência do rei demônio ou qualquer uma ameaça, começamos a caminhar e a admirar nossos corpos de deusas.

– Nossa! Que pele estranha – Chisana puxa minha pele e acaricia meus braços para ver como eram.

– E essas novas asas? São bem lisinhas – passo a mão entre suas asas.

– A sua pele também. E essa nova calda é linda. Até ficou maior e com uns detalhes pontudos nela. E essas suas enormes asas. QUE LINDAS! – ela as agarra e começa a se esfregar nelas.

– Incrível que você não mudou nada na sua aparência. Só ganhou asas extras. Enquanto eu mudei completamente, ficando assim – toco em sua barriga.

– Nossa! É incrível mesmo, mas... o que você disse que ia fazer? – um dos homens pergunta.

– Ai, desculpe! É que essa forma é nova para mim – ela fecha os olhos, inclinando um pouquinho a cabeça para o lado e mostrando a linguinha com um pequeno sorriso.

– Qual seu plano? – pergunto.

– Bem... mesmo nessa forma... meus poderes curativos não dariam conta do mundo todo, mas... se me fundir com ela... garanto que podemos remover qualquer vestígio do rei demônio e restaurar as áreas devastadas por ele – ela explica.

– O MUNDO TODO?! – todos do exército, inclusive eu, ficamos perplexos.

– Vamos lá! Isso é bom para descobrimos qual é o nosso poder máximo juntas – ela parecia otimista.

– Está bem – ela nos funde.

– Vamos ver... agora dou o controle para nós duas do corpo. Agora tente se concentrar no meu poder de cura e lance-o – ela explica.

– Está bem, mas eu nunca tinha feito um tão grande com você antes – me concentro.

– Lá vai – liberamos o poder de cura sobre o mundo.

Rapidamente sentia nosso poder ajudar todo o mundo e os locais destruídos recentemente, por eles serem restaurados e voltando ao que eram antes. Pudemos ver as mentes de todos sendo libertadas e curadas das maldições do rei demônio. Também conseguimos ressuscitar os seres que foram mortos recentemente. Quando terminamos, vimos um vasto bosque verde em volta das montanhas. Tudo no seu devido lugar.



– É UM MILAGRE! Viva a deusa Hasuno Hana, a súcubo mais forte do mundo! VIVA! Viva a deusa Chisana Kurisutaru, a fada mais poderosa do mundo! VIVA!  
– e nesse dia em diante, nós duas ficamos conhecidas por esses títulos pelo mundo todo.

– Raphael? – vejo Raphael acordar junto aos outros ressuscitados.

– Conseguimos! – Chisana fica feliz.

– RAPHAEL! – fico feliz em vê-lo bem que vou voando em sua direção para abraçá-lo.

– Ah! Cuidado! Acabei de ressuscitar! – ele me avisa ao abraçá-lo com força.

Nesse momento, os outros guerreiros ressuscitados são recebidos a choros de emoção e felicidade, por todos os guerreiros que haviam sobrevivido. Todos ficam alegres por se reencontrarem novamente.

– Ufa! Fica calmo que eu já deixei ela com minha força – Chisana impede que eu o mate sem querer.

– Chisana? – ele pergunta.

– Nós estamos fundidas e derrotamos o rei demônio – ela conta.

– Derrotaram ele? – ele pergunta.

– Sente-se um pouco ai que te conto – ela nos separa e conta como foi a luta.

Depois de descansar mais um pouco, voltamos para a terra dos gigantes. Pelo caminho os homens e os gigantes restantes, estavam nos admirando muito, por nossos novos poderes.

– Por favor, nos mostre de novo – o homem pede.

– TÁ! – Chisana não perdia tempo e se transformava para poder se exhibir.

– Ai, ai! Que vergonha! – ficava envergonhada com a transformação, pois eles queriam me ver com a roupa que usei na luta que mostrava quase todo o meu corpo nu. Por exceção de minha vagina e meus mamilos que eram tampados por minha roupa.

– É macia – eles tocavam em meu corpo músculos e o acariciavam para ver como era um corpo com uma aura toda sombria.

– Nossa! Parecem de papel – eles tocam nas asas dela.

Nas noites que parávamos para descansar da viagem de volta para a terra dos gigantes, testávamos um pouco nossos novos poderes para nos acostarmos.

– Vamos ver... – me preparo para mandar um soco, enquanto ela criava um escudo a nossa volta para não afetar nada.

– Pode mandar! Estou preparada! – ela estende suas mãos e se prepara para meu golpe.

- Lá vou eu! – avanço rapidamente em sua direção.
  - Há! Que poder! – ela segura meu ataque com facilidade.
  - Agora minha vez! – ela se prepara para mandar esferas de fogo e estacas de gelo em minha direção.
  - Nossa! Seu poder também é impressionante – falo segurando seus poderes também com facilidade.
  - Caramba! Até outro dia, vocês estavam derrotando monstros colossais... e agora, até podem lutar contra deuses. Fico feliz por vocês serem tão fortes – Raphael fala orgulhoso do nosso desenvolvimento.
  - É! Mas, mesmo assim... não conseguimos lutar direito entre nós duas. Essa aura mágica... – Chiana fica meio chateada.
  - Que aura mágica? – ele pergunta.
  - Ela não deixa a gente sentir o verdadeiro poder da outra, sempre limitado – explico.
  - Bem... Se vocês conseguiram desbloquear esses poderes de deusas em vocês... talvez... possam dar um jeito de bloquear ou cancelar essa aura, antes que se ative... ou tente se ativar – o que ele disse fazia sentido.
- Em nossa jornada de retorno a Monastel, ficamos pensando no que ele havia dito, e percebemos que após desbloquear nossos poderes de deusas, passamos a ter um maior controle sobre nossa mana. Com poucas tentativas, conseguíamos controlar “O Ciclo”.
- Vamos tentar agora – me preparo para dar um golpe nela.
  - Estou pronta! – ela cria uma camada grossa de gelo em suas mãos, enquanto as cruzava na sua frente.
  - Lá vou eu! – vou em sua direção.
  - Ah... você é bem forte! – ela bloqueia meu golpe com um pouco de dificuldade.
  - Como se sente? – pergunto com pouco de receio de ter a machucado.
  - Isso... isso... isso... – ela fica com expressão séria.
  - Hã? – olho para ela.
  - ... É MARAVILHOSO! – ela dá um grito bem alto de felicidade.
  - Hã?! – todos, inclusive eu, ficamos espantados com sua atitude.
  - Mais! Mais! – ela parecia ser uma masoquista.
  - Está bem!? – e continuo.

Após voltarmos para a terra dos gigantes, reencontramos Elisa andando pela vila. Contamos o que houve na batalha, todos ficam felizes por saberem que nós

fomos as responsáveis pela ressurreição do povo. Mesmo assim, percebemos que nem todos estavam felizes, pois nem todos foram revividos. Depois de nos reabastecermos, saímos da vila e nos despedimos dos gigantes.

A volta foi tranquila, conversávamos sobre nossas jornadas e ficávamos um pouco bêbadas junto com eles. Algumas vezes, Chisana e eu transávamos escondidas do grupo. Às vezes, voltávamos a implicar com Raphael hipnotizando-o um pouco para ele pensar que ia fazer sexo com ele, enquanto todos riam dele.

Depois de quatro dias, chegamos a Monastel. Todos nos recebem com uma enorme festa. Éramos heroínas de verdade. Estendia minha mão para o alto sorrindo e agradecendo. Chisana era mais ousada e lançava beijos com suas mãos bem abertas gritando bem alto que amava eles. Chegamos na pousada e cumprimentamos Sebastian. Ele ficou muito feliz ao saber de nossa vitória. Contamos do encontro com os gigantes e até sobre nossos novos poderes...

– Deusas? Hihi! Quem diria. Vocês são deusas agora, mas para mim, sempre serão minhas filhas – ele se emociona e nos abraça.

Os dias foram se passando, a notícia sobre nossa vitória foi rapidamente se espalhando pelo mundo e ganhamos fama. Nosso título de deusas agora estava concretizado. Seres mágicos, demoníacos e até humanos nos veneravam. Não tinha um lugar por onde passávamos que não fôssemos paradas por alguém querendo ficar do lado de suas salvadoras em Monastel, mas ao mesmo tempo alguns não gostavam de nós.

– Oi! – Raphael vem nos chamar na pousada para irmos para nossa cerimônia de premiação.

– Sim. Eu vou... – Sebastian o atende.

– Sim! Sim! Estamos prontas! – Chisana o empurra.

– O “Flor”, cuidado! Aha... Bom dia Raphael – tento causar boa impressão.

– Oi. Vamos. Temos uma cerimônia de premiação hoje. Vamos! – Raphael estava feliz ao nos chamar.

– Vamos, meninas – Sebastian fecha a porta e nos acompanha para ver a cerimônia.

Quando chegamos no centro da cidade, vimos uma multidão feliz, só aguardando nossa chegada. Nos reunimos em frente ao palanque de madeira e recebemos as honras do rei.

– Hué? Cadê o príncipe? – Chisana pergunta para o rei.

– Há, ele está no país vizinho, porque se refugiou lá da epidemia do rei demônio. Em alguns dias ele estará de volta – o rei conta para ela.

– Que bom que ele está vivo – ela parecia estar preocupada com Pedro.

O tempo estava fechado naquele dia, mas não nos impedia de falar com o povo. Acenávamos para todos, até que...

– SUA BRUXA! – uma pessoa no meio da multidão joga uma fruta em mim.

– “Flor”, você está bem? – Chisana pergunta olhando para minha cara toda suja, da fruta.

– SUA BRUXA! – outra pessoa joga outra fruta.

– “Flor”? Por que estão fazendo isso? – grito.

– Vocês acabaram com minha família. Por que não reviveram meu marido e meu filho? – o povo jogava cada vez mais coisas em nós, algumas delas com o corpo do parente em seus braços.

– PAREM COM ISSO! – o rei tenta acalmar seu povo, mas de nada adiantava.

– ELAS NOS SALVARAM! DEVIAM ESTAR SATISFEITOS POR ESTAREM VIVOS! OLHA O QUE ELAS FIZERAM POR NÓS! PAREM DE SER EGOISTAS!  
– essas foram as palavras dos que acreditavam em nós.

De repente, começa uma briga entre o povo. Alguns sobem no palanque e tentam bater em nós. Sebastian tenta nos proteger, foi quando começou a chover. Parecia o inferno. Um homem furioso vem em minha direção e tenta me golpear com um pedaço de madeira. Na mesma hora, fico na minha super força e o pedaço de madeira quebra e não sinto nada.

– MALDITA! AAAAAH! – ele dá um soco com toda a sua força, e sua mão quebra instantaneamente.

– AH! – ajoelho e boto minhas mãos sobre a cabeça e fecho os olhos gritando, ao ver aquela mão toda mole com os ossos de fora do homem que estava gritando de dor.

– BRUXA! – uma mulher vai na direção de Chisana tentar bater nela com uma frigideira velha.

– Para! – Chisana olha bem nervosa para mulher e segura a panela com a mão coberta de gelo.

– Sua bruxAAAA... – Chisana derrete a panela junto com a mão da mulher, enquanto a queimava.

– “Flor”? – olho com os olhos arregalados e espantada para o que ela acaba de fazer: queimar uma pessoa até a morte.

Nessa hora, o rei vai embora rapidamente desapontado com nossa atitude e algumas pessoas do povo ficam contra nós e começa uma verdadeira guerra. Sebastian e Raphael tentam nos ajudar a sair dali, mas o tumulto era muito grande.

Depois de sermos humilhadas, voltamos para casa fedendo de tudo o que nos haviam jogado. Chisana estava com muitos machucados pelos objetos duros

que nos jogaram, enquanto eu só estava suja. Sebastian e Raphael nos ajudam a chegar até em casa debaixo daquela chuva toda. Ao chegarmos na pousada, Chisana cai ajoelhada no chão e começa a chorar e a urinar de tanto pavor que sentia de si mesma.

– Por quê? Snif. Por quê? – ela olha para o chão.

Daquele dia em diante, a maior parte do povo nos olhava de cara feia e com desprezo, sempre que passávamos pelas ruas. Alguns heróis que nos apoiavam, ficaram contra nós. No Ponto de Guilda, a maioria das atendentes sem vergonha nos ignoravam. Nas missões, quase ninguém queria ir conosco, Raphael era um dos poucos que sempre nos acompanhavam. Nos lugares que íamos, víamos que o ódio e os boatos sobre o que aconteceu só aumentava o número de pessoas contra nós.

Soubemos que grupos religiosos de extermínio contra os demônios estavam sendo criados por vários lugares, e revistavam as residências para encontrar e eliminar os demônios. Desde então, escondo meus chifres com medo de represaria. Por morarmos na Pousada Dois Irmãos, as pessoas deixam de ir lá e o dinheiro começa a acabar.

– Vai nos expulsar? – pergunto pensando que seria a melhor solução.

– Quer que a gente vá embora? – Chisana estava triste ao ver a pousada às moscas e suja.

– Não. Nunca abandonarei vocês, minhas filhas! – ele tenta nos sustentar mesmo com aquela situação.

Algumas vezes, Raphael ia nos acompanhar para as compras. Era muito humilhante ter que voltar a mendigar novamente. Era como quando tinha dez anos, indo em loja, em loja pedindo comida, só que desta vez, era junto com Chisana. Algumas vezes Raphael ajudava com um pouco de dinheiro que recebia como herói. Mas quase todo o povo nos olhava com desprezo e nos expulsava pedindo a nossa morte, nos chamando de bruxas amaldiçoadas. Os poucos que ainda nos apoiavam ficavam quietos para não sofrerem represaria como nós.

– “Flor”, quero morrer! Por favor, me mata! – em algumas noites, tinha que segurá-la, para não se matar.

– Pare... Snif – ficava muito triste.

– Eu quero morrer! – ela enlouquecia.

Depois de alguns dias fomos proibidas de fazer missão e sem clientes na pousada, nossa reserva de comida chega ao fim e Sebastian adoece. Raphael ia lá todos os dias para vê-lo. Nos culpávamos por estar daquele jeito. Certo dia, voltando do centro, vimos que tinha alguém lá na pousada conversando com Raphael.

– Oi... – quando vejo, era um grupo religioso com capas pretas revistando a pousada e conversando com Raphael.

– Olá – um dos homens vira, e era nada mais, nada menos que: o açougueiro da vila de onde morei.

– Você... não pode ser... – fico apavorada ao vê-lo novamente.

– Ora! Ora! O que temos aqui? E se não é aquela pivetinha – ele olha para mim com desprezo ao me reconhecer imediatamente.

– Essa garotinha? Você a conhece? – seu companheiro pergunta.

– Ela é a garotinha que mijou em mim e que mendigava quando eu trabalhava de açougueiro – ele me olha como se fosse sua presa.

– Ela é um demônio? – outro companheiro lhe pergunta.

– Oh, se não é! Ela é dos melhores tipos... uma súcubo – ele conta.

– Uma súcubo, né? – eles estavam me encarando.

– E o que é essa coisinha fofa e esquisita? – outro pergunta sobre Chisana.

– Ela é uma fada – fala o que parecia ser o líder.

– Sempre quis experimentar carne de fada – um deles vai na direção dela.

– Nem pense em encostar um dedo na minha “flor”! – seguro seu braço sem usar minha força.

– Primeiro vamos ver do que uma fada é feita e depois cuidamos de você – o ex-açougueiro fala indo em direção a ela.

– Você não vai! – de cabeça baixa, seguro sua mão também.

– Olha só, mas que atrevida! Só porque ganhou um corpo com seios fartos e uma buceta enorme, não quer dizer que ainda é madura para trepar comigo. Logo, logo tiro sua virgindade e faço filhos em você e depois os vendo por um bom dinheiro. Me solte que depois será sua vez! – o ex-açougueiro percebe que não conseguia se livrar de mim.

– É só para isso que vocês súcubos e toda sua raça de demônios servem – o outro fala.

– Então, estava escondendo um demônio – o líder encurrala Raphael na parede.

– Hasuno, não faça isso! – Rafael tenta me avisar, para que não fizesse uma besteira, vendo meus músculos se dilatarem devagar.

Nesse momento, ativo minha super força e os jogo para os lados ao ver Raphael ser morto bem na minha frente. Eles vêm em minha direção com uns porretes e me dão vários golpes fortíssimos, mas logo percebem que não faziam nem cocegas em mim. Chisana fica paralisada de medo ao ver o corpo de Raphael jorrar sangue até atingir sua roupa e me vê bater em cada um deles, até que...

- PARE AI MESMO! Se não quiser que sua amiguinha tenha o mesmo destino de seus pais! – nesse momento, me contendo e paro de socá-los, ao ver o ex-açougueiro segurar Chisana, apontando uma faca afiada para a garganta dela.
- Meus pais? O que aconteceu com eles? – arregalo meus olhos e pergunto.
- Você quer mesmo saber onde eles estão? – ele me provoca.
- Onde eles estão? – fico cada vez mais com raiva.
- Hey! Olha o que encontrei! – eles arrastam Sebastian até onde estávamos.
- Então você já ia comê-lo, certo? E essa fadinha é sua cúmplice? – ele olha para nós duas.
- Esse já foi – eles chegam a conclusão.
- Então, poupe-o de sua dor – o ex-açougueiro ordena sua execução.
- Filhas... – essa foi a última palavra de Sebastian que teve sua garganta cortada.

Minha raiva só aumentava e a aura escura começava a tomar minhas mãos até próximos a meus ombros, como quando lutei com o rei demônio. Olho para baixo e começo a chorar, me segurando para não os destruir.

- Bem... Agora vamos começar essa festa... Shhh – ele lambe o rosto dela e dá um pequeno corte no pescoço dela.
- AAAAH! – foi a gota d'água para que eu perdesse o controle e entrasse no meu modo deusa.
- Q-que que é isso? – ele fica apavorado, quando sente minha aura de ódio.

Rapidamente o seguro com minha mão e o suspendo no ar. Nesse momento, seus companheiros tentam vir na minha direção, mas num ataque muito rápido, perfuro seus corpos com minha cauda que se estendia. Na ponta dela tinha os corações de cada um deles.

- Ah! O que é isso? Seu demônio! – ele tenta jogar a faca nela, mas eu o seguro com força e quebro sua mão. A força foi tanta que sua mão explodiu em mil pedaços junto com parte de seu braço.
- “Flor”, não faça isso! – ela implora para mim.
- ONDE ESTÃO OS MEUS PAIIIIIS! – grito bem forte em seu ouvido.

Se não fosse por sua voz, eu teria o eliminado naquele instante. Então, resolvo hipnotizá-lo e descobrir onde eles estavam. Ao entrar em sua mente rapidamente, revejo o dia em que me separei de meus pais...

- Vamos filha! Mais um pouco! Você consegue! – revejo meu pai falando comigo na montanha, no meio da chuva.
- Papai, SOCORROO... – me vejo caindo.

- FILHA NÃOO... – meu pai gritando.
- Peguem eles, temos um peixe muito maior para pegar! – ele ainda como açougueiro.
- Filha... – mamãe preocupada comigo.
- Venha querida... – papai a puxa pelo braço.
- Não vão fugir – eles os perseguem por mais alguns metros à frente.
- Ai! Querido! – minha mãe bate com o pé em uma pedra e cai no chão todo enlameado.
- QUERIDA! – ele para para socorrê-la.
- TE PEGAMOS! – eles são capturados.

Na volta, pelo mesmo caminho para a vila, eles param em frente ao barranco que eu tinha caído...

– Não dá! Vamos pegá-la de manhã! – com os meus pais presos em algemas ligadas por correntes enferrujadas, eram arrastados pelo chão de lama com sérios machucados pelo corpo, enquanto a chuva só piorava.

– Se dermos sorte, ela ainda deve estar viva – um outro homem fala.

Vejo que no dia seguinte, quando a chuva havia passado, eles foram a minha procura e veem que o caminho ainda estava muito instável e que sedia muito. Voltando para o local onde mantinham meus pais presos, começam a torturá-los e usá-los como escravos. Eles ainda tentam me achar, mas os meus rastros somem na lama.

– Usem os cachorros! – quando eles chegam na neblina da floresta, os cachorros perdem meu cheiro.

– Vamos lá – eles tentam entrar na floresta mas os cachorros fogem de medo por conta da pressão espiritual que espantava os maus espíritos.

– O que houve? Esses cachorros estão com medo? – mesmo assim eles entram. Não demorou muito para se perderem e depois serem transportados por onde entraram. Tive sorte em encontrar por um acaso o caminho certo.

Avançando mais no tempo, vi que meus pais ainda estavam vivos e sendo tratados como escravos na vila. Então, me lembrei da esfera do rei demônio em que eles estavam numa fazenda, felizes. E concluo que ele havia mentido para mim. Saio da mente dele, olho para um lado qualquer e penso.

– Arf, arf! – ele estava apavorado e começa a urinar.

– Seu... você urinou em mim?! – o olho com muita raiva, sentindo seu mijo me atingir.

– “Flor”, não faça isso, por favor! – se não fossem suas palavras, provavelmente o teria matado naquele instante, mas percebo que seria que nem ele no passado.



– Vocês vão pagar! – mesmo eu não sendo uma súcubo de magia, aprendi alguns truques com ela. Boto minha mão aberta no peito dele e concentro uma grande energia escura e maligna, e a lanço em seu corpo, o deixando com medo eterno até os seus últimos dias de sua vida.

– PAPAI! MAMÃE! – saio voando perfurando e quebrando o telhado da pousada indo em direção a vila de onde meus pais estavam, ainda como deusa.

– “FLOR”, NÃO FAÇA ISSO! – Chisana fica na sua forma de deusa e me segue. Ao sair, ela percebe uma grande confusão entre os moradores de Monastel, mas ignora isso completamente tentando me seguir.

Voo o mais rápido o possível para vila, pois já sabia o caminho para lá, após vasculhar a mente do ex-açougueiro. Passo por onde comecei minha jornada ao sair da floresta, vejo o local exato de onde cai, até passar por minha velha casa. Pouso e a observo. Estava tudo ainda no seu devido lugar e vejo que minha antiga cama ainda estava lá toda empoeirada pelo tempo.

– AAAAAAH! – fico com mais raiva ainda e começo a chorar, enquanto gritava de ódio. Minha raiva era tanta que minha aura destrói completamente minha antiga casa e resolvo continuar a ir para o vilarejo.

– Ah, ah! Espera, não faça isso! – ela consegue me alcançar, mas não a escuto e a ignoro completamente pela sede de vingança.

Chegando lá, vejo que realmente não havia mudado nada. Minha velocidade e força eram tão grandes que entro na cela deles como se fosse de papel.

– Papai, mamãe? – fico feliz em vê-los vivos novamente. Saio da minha forma de deusa e fico sem minha super força.

– Fi-filha... é você? – meu pai estava cego de um olho.

– Querida... é você? – minha mãe tinha muitas marcas de cortes em sua vagina. Quando vi, ela havia sido brutalmente castrada, como meu pai sem o pênis dele. Quebro suas correntes como se fossem de papel e os ponho em meus braços, percebendo que suas costas estavam todas cheias de marcas de chicotadas.

– Olha como você cresceu... minha filha – minha mãe tentando falar com a boca toda seca e cheia de cortes.

– Está tão bonita... igual quando conheci sua mãe... – meu pai fala chorando de orgulho ao ver a mulher que havia me tornado.

– Não vou os deixar mais... não se preocupem... – tento falar com eles, mas me emociono e começo a chorar ao segurar suas cabeças e fazer um carinho nelas.

– Você já fez tanto... – minha mãe fala tossindo.

– Que foi viver... – meu pai fala tossindo.

– Papai... mamãe... – olho com felicidade e tristeza nos olhos.

– ... e ainda vai continuar dando muito orgulho... – ele tosse mais uma vez, ainda falando com mais dificuldade – você é...

– E sempre será... – ela completa. Os dois nesse momento, botam suas mãos em meu rosto.

– ...nosso maior tesouro! – e essas foram suas últimas palavras antes de falecerem. Pego seus corpos e os boto cuidadosamente no chão e passo minhas mãos sobre seus olhos, os fechando bem devagar.

– Adeus, papai e mamãe... Vou... snif... sentir muita a sua falta – fico no meio de seus cadáveres e dou um beijo em suas testas.

Levanto e ao ver seus corpos, e ouço Chisana lutar com o povo do vilarejo para eles não me atrapalhassem. Começo a sentir raiva só de ouvi-los gritar com ela.

– AAAAH! – volto para minha forma de deusa e começo a destruir tudo, matando a todos que estivessem ali, sem pensar.

– “Flor”, pare! – ela tenta me segurar.

– Cale a boca! – ignoro ela e continuo a tirar vida por vida, e destruir tudo o que havia pela frente, passando ou quebrando com meu corpo.

– Não! Não! – as pessoas que eu pegava pelo pescoço, tinham suas cabeças explodidas por minhas mãos. Outras tinham seus corações perfurados e arrancados por mim, como havia feito com os companheiros do ex-açougueiro.

– SOCORRO! – pegava outras pelas pernas e braços, as suspendendo sobre minha cabeça e quebrava suas colunas nos meus chifres, as puxando para baixo.

– AAAH! – arrastava suas cabeças pelo chão, até não sobrar nada.

– O QUE É ISSO? – pegava alguns e esmagava entre meus peitos gigantes e minha barriga.

– SE ESCONDAM – minhas garras eram tão afiadas que conseguia rasgá-los em várias tiras com um só golpe. Outros dividia em dois os puxando e rasgando para os lados.

– FUJAM! – alguns tentam escapar. Mas voou em sua direção passando por qualquer construção a minha frente, como se fossem papel e finco meus chifres tanto nas pessoas, quanto nos animais.

– HAHHAHA! – mas não adianta, minha velocidade, meu desejo e sede de sangue eram muito grandes que começava a achar graça ao matar cada um deles.

– Para... Snif... – Chisana, vê apavorada aquela carnificina. Rapidamente, o vilarejo ia dando lugar uma grande poça de sangue e um monte partes de corpos e escombros.

– CHEGAAAAAAAAAAAA! – ela vem em minha direção e me empurra para o chão.

- NÃO ME ATRAPALHE! AH, AH! – a arranho com toda a minha força, e mesmo com “O Ciclo” ativo, seu corpo era arranhado brutalmente.
- SAI DE PERTO DE MIM! – eu começo a nos levar voando pra o céu.
- NÃO! – ela continuava a me segurar sem usar o fogo ou o gelo, só estava em sua forma normal como deusas, totalmente branca.
- TENHO QUE MATAR! – caímos no chão e começo a rastejar, tentando chegar até os últimos sobreviventes, fincando minha garras na lama para tentar andar.
- PARAAAAAÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁ! – ela grita bem alto.
- Hã? – vejo quem estavam a minha frente, eram: o antigo casal de padeiros com sua filha já crescida e o neto da velha peixeira que eu havia pedido esmola no vilarejo quando tinha dez anos de idade, na minha frente apavorados pela minha fúria.
- Volta pra mim! – Chisana me abraça mais forte ainda, enquanto chorava.
- O que foi que eu fiz? – aos poucos, minha aura de deusa vai sumindo com minha super força e vou voltando ao normal.

## **Capítulo 24 – Selamento**

Após ela me soltar, olho para as minhas mãos cheias de sangue e vejo toda aquela destruição e mortes que eu causei. As quatro pessoas que estavam ali ficam apavoradas. Chisana, então entra em suas mentes com suas antenas e mostra quem era ela de verdade. E eles percebem que era a garotinha que pedia esmola há nove anos atrás. Eu estava muito apavorada com meu poder de destruição e começo a voar rapidamente para as montanhas, sem nenhuma direção.

- “FLOR”, ESPERE! – ela vem voando atrás de mim.

Vou chorando até chegar numa montanha. Chisana, ainda em sua forma de deusa, voa bem mais rápido em minha direção e me agarra, fazendo com que parássemos de voar e caíssemos em direção à floresta. Nossos poderes de deusa dela eram tão grandes que imediatamente passamos pela neblina da floresta e caímos no meio do Lago das Fadas. Na queda acabamos nos soltando e girando com as asas abertas.

- Eu... Eu... – estava muito apavorada.
- Fica calma! – ela me segura pelos ombros na borda do lago.
- Eu matei! Eu matei!
- Fica calma!
- Eu matei: homens, mulheres e até as crianças!

- Por favor... fica calma!
- Nem mesmo os idosos ou os animais escaparam.
- Você estava fora de si!
- Eles eram como animais! E eu os matei como se fossem animais! Snif – continuo a chorar na sua frente.
- Esse poder que pensávamos ser uma coisa boa, está acabando com nós duas – ela fica de cabeça baixa começando a chorar.
- Sim. Snif. Eu até matei uma pessoa com ele – ela olha para suas mãos também começando a sentir pavor de seus poderes de deusa.
- Temos que nos livrar desse poder de alguma forma! – ficou determinada.
- Sim! Esses poderes só trazem dor para nós e para todos a nossa volta! – pegando nas minhas mãos ainda chorando, enquanto saía de sua forma de deusa e voltava ao normal.
- Vamos perguntar pro meu pai se ele pode nos ajudar.
- Seu pai? – fiquei curiosa.
- Sim. Ele é a fada mais sabia e velha de minha subespécie – ela conta.
- Então voam... – sinto dor por todo o meu corpo e caio no chão.
- “Flor”, você est... – ela também cai ao sentir dor em seu corpo.

Naquele momento, sentimos que estávamos exaustas por usar tanto nossos poderes e brigarmos. Seguramos nos ombros de cada uma e fomos para sua antiga casa na árvore perto do lago. Caímos na cama e dormimos. Na manhã do dia seguinte, a vejo dormir ao meu lado como um bebê. Levanto bem devagar com um pouco de dificuldade e ando até a beira do lago para ficar observando seu brilho transparente, como um vidro, sentada na grama. Após alguns minutos, ela abre a porta e me cumprimenta vindo em minha direção mancando um pouco. Ao sentar ao meu lado, fica observando o lago como eu em silêncio e sorrindo. Ficamos por uns minutos sem falar nada, até ela pedir para tomarmos um banho, pois estávamos um chiqueiro.

- Seu corpo é tão lindo – ela massageia minhas costas com a planta com um formato de esponja branca e uma folha, como da primeira quando éramos pequenas.
- ... – fico sem falar nada com um pouco de tristeza no coração.
- Lembra da nossa primeira vez? – ela começa a relembrar do passado – Quando te dei banho aqui... você era tão pequena e magra, como eu...
- Sim... estava toda suja e cheia de sangue, como agora – relembro ainda um pouco triste, mas começando a puxar um leve sorriso.
- Você nem tinha peito... – ela relembra.

- Era plana como você... – completo.
- Tinha até dito que você iria ter os peitos maiores do que as da Rose – ela continua relembrando.
- É... rose... – relembro dos momentos bons e ruins que passamos com Rose.
- Mas agora, eles estão enormes – ela os acaricia delicadamente me dando prazer.
- E pensando agora... eles realmente estão maiores do que os dela... – comento.
- Os meus cresceram só um pouquinho – ela solta os meus e apalpa os dela.
- Mas, não importa se eles são pequenos, eu gosto deles mesmo assim, como o resto do seu corpo – acaricio sua barriga.
- Hihi! E esses seus braços e pernas – ela lambe seus lábios – Sem falar nessa sua bunda.
- Minha “Flor”... – coloco minha mão no seu rosto com uma expressão sedutora.

Nesse momento, começamos a nos beijar e a transar. Após nos limparmos, fomos procurar comida pela floresta. Ela me mostra como colher as frutas e a como escolher cada item para comer. Voltando para a casa na árvore, comemos e ficamos contando histórias engraçadas olhando para o teto, até pegarmos no sono. De noite, saímos para encontramos o pai dela.

Ela me leva para as profundezas da floresta. Estava muito escuro por conta da noite, mas ela usava suas antenas para iluminar o caminho, enquanto espantava a neblina com as mãos, como fez ao saímos da floresta para nossa jornada. De repente, percebo umas pequenas luzes coloridas ao nosso redor saindo das plantas.

- Chegamos – ela me mostra que havíamos chegado à Floresta da Harmonia.

Quando caminho, vejo um lugar lindo, maravilhoso e cheio de vida. Era cheia de cogumelos coloridos e plantas que soltavam um brilho colorido que iluminava o caminho. Fico admirada ao ver as casas brilhantes de cristal nas árvores, seu lago brilhava muito e era limpo e transparente. Ao caminhar, percebo que sua grama macia e fofinha brilhava por onde eu pisava, e vejo várias outras fadas elementais de outras cores e elementos cuidando da floresta. Elas quando me veem, ficam tímidas e se escondem ao ver um indivíduo de outra espécie caminhar sobre suas terras.

Fomos passando por toda a floresta, com todos aqueles olhares desconfiados sobre mim. Me sentia um pouco incomodada, mas lembro-me dê quando ela me contou sobre quando me encontrou e me acolheu. Nisso continuo a segui-la, até chegar em sua casa. Ao andar pela floresta, percebi que todas elas andavam descalças e por isso, resolvo tirar meus sapatinhos e entrar descalça em sua casa, para causar uma boa impressão para seus pais.

- Oi pai – ela cumprimenta seu pai.

- Filha, bem-vinda de volta – ele a cumprimenta com um sorriso, inclinando seu rosto um pouco para o lado e fechando os seus olhos.
- Irmã! – ela fala com sua tímida irmã que estava escondida atrás de seu pai.
- Irmã... quem é ela? – sua irmã pergunta toda tímida ao me ver escondida atrás da parede.
- Essa é minha amiga – ela me apresenta.
- Olá! – sua mãe nos cumprimenta com um sorriso e inclina um pouco seu rosto para o lado e fecha os olhos.
- Oi. Não tenha medo. Pode vir aqui – ele parecia não se incomodar com minha presença. Ele era vermelho claro como suas roupas e seu cabelo era curto e não parecia pegar fogo como sua filha, mas a temperatura estava fresca e agradável, mesmo ele sendo uma fada de fogo.
- O-oi! – vou um pouco tímida na direção deles.
- Oi querida. Qual seu nome? – ele era bem simpático.
- Não tenha medo – sua mãe era um doce.
- Sou Hasuno... Hasuno Hana – falo ainda tímida.
- Oi. Eu sou pai da Chisana. Hino Kagayaki – ele se apresenta.
- Que significa: brilho de fogo – Chisana explica.
- Oi. E eu sou Shira Yuki, mãe de Chisana – ela era uma fada de gelo, com a pele azul clara que nem sua filha quando se transformava.
- Que significa: neve branca – Chisana explica.
- Hihi. Essa é nossa filha! – eles ficam felizes ao ver que ela não havia mudado muito o seu jeito de explicar as coisas.
- Papai... – a irmã dela ainda estava com medo.
- Calma filha, ela é boazinha, pode ir – ele tenta a convencer.
- O-oi. Eu sou... Tsuki no Kagayaki – andando timidamente, sua irmã vem em minha direção. Ela era uma fada da escuridão com a mesma altura que Chisana tinha quando tinha dez anos. Sua cor de pele era preta e suas roupas eram como as da Chisana, só que eram pretas e com bordados roxos.
- Que significa: brilho lunar. E ela é minha irmã mais nova. Ela é cinco anos mais nova que eu – ela conta.
- Hué! Por que você nunca tinha me contado que tinha uma irmã? – pergunto.
- Bem... lembra de quando te prometi apresentar meus pais? – ela pergunta.
- Sim – respondo.

- Estava pensando em te apresentar toda a minha família de uma vez só, quando você viesse aqui – ela sorri ao explicar.
- Olá Tsuki! – a cumprimento esfregando minha mão em sua cabeça.
- Oi, muito prazer – ela parecia mais segura. Mesmo assim, me lembro do que Chisana havia me dito que as fadas da escuridão eram mais tímidas.
- Pai da “flor”... digo Chisana! Como soube que eu não era má? – estava curiosa e tímida na frente de meu sogro.
- Nós fadas, podemos sentir os sentimentos e suas intenções de quem estiver por perto. E eu vi que você era uma boa pessoa, mesmo sendo uma súcubo – sua voz era linda e gentil. Era a primeira vez que via um macho de sua subespécie, além dos que estavam na Floresta da Harmonia.
- Tal pai, tal filha! – falo isso na mesma hora.
- É. Ela é um prodígio entre as fadas, igual a sua irmã – ele se orgulhava de suas filhas, mesmo elas sendo diferentes uma da outra em vários aspectos.
- Sente-se. Acabei de fazer um chá – ele estende sua mão gentilmente mostrando a mesa de cristal – Tsuki, venha.
- Sim, papai – ela ainda estava tímida e senta na cadeira.
- Que macia – Tsuki senta ao meu lado, ficando agarrada e se esfregando em mim.
- Querida, cadê seus modos? – sua mãe lhe dá uma bronca bem gentil.
- Está bem mamãe. Me desculpe – ela vai para o outro lado agarrar seu pai.
- Aqui está – ele nos serve um chá muito delicioso e quentinho.
- Pai da “flor”... digo Chis... – sou interrompida.
- Haha... Pode me chamar apenas de: Hino – ele era muito gentil como sua filha.
- Querida, por que ela a chama de “flor”? – sua mãe pergunta para ela.
- É como nos referimos para a outra. É um apelido de afeto e carinho que criamos por conta de seu nome ser Hasuno Hana que significa “flor de lótus” – ela conta para sua mãe.
- Hino... posso te perguntar uma coisa? – estava curiosa sobre uma coisa.
- Sim? – ele continua a sorrir com aquela voz relaxante de um homem experiente e gentil.
- Por que vocês são assim tão gentis comigo, mesmo eu sendo uma demônia e vocês sendo fadas? – pergunto com receio deles ficarem chateados.
- Não é porque sou uma fada de fogo que não posso ser gentil e compreensível com os outros – naquele momento pensei que não devia ter feito tal pergunta a ele – Todos nós temos instintos primários herdado de nossas espécies, mas isso

não significa que não devemos aprender e evoluir, ou nascer diferentes para criarmos nossa própria identidade e sermos nós mesmos.

– Sério? – fico aliviada.

– Veja o caso de nossa filha: Chisana por ter dois elementos tem uma forma neutra e duas elementais. Na neutra ela não sofre nenhuma influência de seus elementos, enquanto nas suas formas ela tende a ser influenciadas por elas – ao ouvir isso de sua mãe, começo lembrar os momentos em que ela ficava na forma de fogo e tinha uma sede de causar dor aos outros para ter prazer.

– Tsuki, minha esposa e eu, por outro lado, como a maioria das fadas elementais, não temos essa forma neutra que impede de nós sermos influenciadas por nossos instintos primários. Com isso, aprendemos desde pequenos a controlá-los, criando nossa própria identidade – ele explica.

– Nunca tinha notado essa diferença entre vocês, principalmente que não tinham visto nenhuma fada além dela – conto.

– A subespécie elemental de Tsuki, é oculta e tímida, porém muito vingativa e trapaceira, por isso ela tende a ser mais agarrada a qualquer coisa ou indivíduo que a sensação de segurança e felicidade. E no meu elemento, somos gentis e procuramos ajudar aos outros – a mãe delas explica.

– Fadas de fogo como eu, tendem a serem mais impacientes e por isso são mais agressivas. Mesmo assim, passei minha vida aprendendo a conter meus instintos e ser a pessoa amável e gentil que sou hoje para minha família. Não é porque você é uma descendente de um indivíduo ou espécie que você será como ela. Todos temos o direito de escolher e viver como quisermos, seja você mesma. E é por isso que Tsuki está tão apegada a você – quase choro ao escutar suas palavras.

– O que houve? Está se sentindo bem? – Tsuki sente meus sentimentos ao deixar suas asas e antenas reveladas.

– Hã? Nada não – não me contenho em lembrar dos momentos em que Chisana me ajudava a ser independente e começo a chorar.

– Filha, já falamos para não fazer isso! – sua mãe dá uma leve bronca na Tsuki.

– Minha criança... não é bom prender tantos sentimentos, libere-os de seu coração – ele era muito compreensivo.

– ... – Tsuki fica ao meu lado e me dá um abraço.

– Tsuki. Da próxima vez que tivermos visitas, lembre-se de não fazer mais isso. Está bem? – ele pede à filha mais nova.

– Sim. Me desculpe – ela se arrepende de revelar meus sentimentos.

– Pai. Temos um pedido a fazer ao senhor – Chisana tenta ser direta.

– Sim filha – ele olha para ela.



– Machucamos muitas pessoas com nossos poderes e não os queremos mais – ela fica tímida de cabeça baixa.

– Como assim? – eles ficam curiosos.

Olhamos uma para a outra e mostramos nossas formas de deusas. Eles ficam espantados com tamanho poder e nos levam já na nossa forma normal para uma grande árvore no meio da Floresta da Harmonia. Era um lugar que as fadas chamavam de “Biblioteca Oculta”. Andando pela floresta, vimos que as fadas estavam assustadas e com medo de nossos poderes. Mesmo assim, Tsuki parecia não se incomodar com que nós fizemos e continuava a ficar agarrada a mim. Hino nos chama para entrar numa sala oval vazia e abre um livro...

– O que vocês querem, é selar esse poder. Bem... o único tipo de selamento capaz de guardar tanto poder, é o selamento dos deuses – ele explica.

– Selamento dos deuses? – perguntamos ao mesmo tempo.

– Vocês sabem o que é um deus? Ou como eles vem para o nosso mundo? Ou, como nascem? – Shira nos pergunta.

– Não! – respondemos ao mesmo tempo.

– Antes de dizer como selar seus poderes, tenho que lhes contar sobre como eles surgem, ou melhor... Como tudo começou – ficamos curiosa.

– Tsuki, por favor – nesse momento a irmã mais nova de Chisana cobre toda a sala com uma escuridão, após ele pedir gentilmente.

– Sentem-se, por favor – ele pede gentilmente.

Quando sentamos, Shira cria pequenas imagens flutuantes de gelo no ar e Hino as iluminava sem derretê-las. Ele então começa a nos contar...

– À muito tempo... quando o universo surge... três seres alados de pura energia nascem juntos a ele, esses são os deuses da criação. Jenovás, o anjo orgulhoso da terra e da água, Diablos, o demônio tímido da escuridão e fogo, e Elfas, a fada bondosa da luz e do vento. Eles foram os primeiros seres divinos a surgirem e a criarem o primeiro mundo a existir no universo. Em várias culturas de vários mundos, ele é muito conhecido, possuindo muitos nomes, como: Céu, Olimpo e Asgard, mas para nós fadas ou criaturas mágicas, a conhecemos como “Mundo Espiritual”. Onde as almas que foram boas durante suas vidas vão – ele conta. Ficamos fascinadas pelos efeitos de luz a nossa volta.

– Um dia eles começam a se relacionar e Elfas dá à luz seis filhos de Jenovás e Diablos. Cada um contendo um elemento distinto do outro. Eles eram: Dragnar, o dragão do fogo, Acos, a sereia da água, Terros, o golem gigante da terra, Harps, a harpia das asas de aço do ar, Trevus, o demônio da escuridão e Luminos, a fada da luz. Esses foram os primeiros deuses elementais a surgirem – vimos imagens lindas e coloridas que enchiam nossos olhos de fascinação.

– Após os seus nascimentos, eles criam três seres de indivíduos a partir de suas almas. Os humanos que são formados pelas espécies mais simples entre os três

seres. As principais espécies humanas são: brancas, negras, amarelas e indígenas. Os seres mágicos ou não-humanos, são formados pelas espécies de criaturas que se assimilam ou dobram elementos mágicos desde seu nascimento e que possuem várias formas distintas. Algumas delas são: fadas, elfos, dragões, sereias, harpias e golens. E por fim, os seres demoníacos que são formados pelas criaturas das trevas. Entre os mais conhecidos são: demônios, vampiros, lobisomem, zumbis, súcubos e íncubos. E nisso, os seres humanos, demoníacos, mágicos e até mesmo divinos, podem ter certas semelhanças em suas aparências, costumes, habilidades ou até nos poderes – eles nos mostram várias imagens de várias espécies de todos três tipos de seres. Estávamos fascinadas com tal espetáculo. Ver Tsuki fazer aqueles movimentos com as mãos e braços era muito divertido. Ela parecia adorar aquilo.

– Durante a criação dos três seres, os deuses da criação criam mundos onde eles possam viver. Em algumas culturas, esses mundos são chamados de: planetas, dimensões ou mundos. Que formam respectivamente: cosmos, realidades ou Yggdrasil. Assim podemos dizer que são três ou mais mundos distintos que possuem vários nomes, dependendo do mundo ou cultura em que eles são citados: céu, inferno, terra e mundo mágico ou monte olimpo, mundo inferior e mundo dos vivos. E a também os que chamam de: Asgard, Helheim, Midgard, Alfheim, Vanaheim, Svartalfheim, Jotunheim, Niflheim e Muspelheim, e a outros que digam que são planetas, sois, luas, sistemas solares e galáxias. Nós fadas, os chamamos de: Mundos dos Deuses ou Espiritual onde vivem os deuses junto com os espíritos, Mundo dos Demônios ou Inferior, é o lar das criaturas demoníacas, e Mundo dos vivos onde vivemos e lar da combinação dos três tipos de seres criados pelos deuses, onde predominam os seres mágicos como a maioria. E por fim, outro mundo, onde predomina a maior concentração de seres humanos, tendo um pouco dos outros três vivendo em segredo. De maneira geral, existem quatro tipos de seres em toda a existência: divinos, humanos, demoníacos e mágicos – eles nos mostram coisas do outro mundo que só os deuses ou poucas espécies tem ou tinham aceso. Olho para aquelas imagens de esferas ou paisagens passando por nós e percebo que os mundos lá fora eram muito maiores do que se imaginava.

– Com a evolução dos três seres, os deuses foram tendo seus filhos que se tornaram novos deuses que representariam cada nova emoção, tradição, capricho ou criação das espécies criadas. A grande razão pelo qual, as orações e as crenças de seus seguidores lhe dão mais poder, é porque as almas de nossos ancestrais foram criadas a partir das almas dos primeiros deuses. Os deuses e seus descendentes deuses em certos momentos vinham para os mundos dos três seres para procriarem. Criando assim uma nova subespécie de deuses: os semideuses. Que possuíam parte de um poder de um deus original. E para eles poderem vir para esses mundos, eles precisam comprimir seus poderes, assim criando uma forma física de algum dos três seres. Na maioria das vezes em que são vistos, tem a forma da espécie a qual são venerados. Se algum deles vier para um dos mundos na sua forma original, só trarão caos e destruição por onde passarem, pois, seus poderes são muito grandes para os

mundos suportarem. Somente em seu mundo podem assumir sua verdadeira identidade – ao ouvir isso, lembro-me do rei demônio em sua forma verdadeira.

– Mas, nós vimos um deus na sua verdadeira forma, o rei demônio – Chisana interrompe seu pai.

– Cada espécie ou subespécie cria suas próprias leis e culturas baseadas em algo. No caso dos seres demoníacos, em sua hierarquia, nomeiam como seu líder e protetor, o indivíduo mais poderoso entre suas espécies para suceder ao trono de rei demônio. Suas classes sociais são determinadas pelo nível de poder que cada indivíduo demoníaco possui. Em outras palavras, quanto maior ou maiores são os seus poderes, maior é seu status social. No caso do rei demônio, essa é a classe mais alta entre eles e antes do deus demônios que por sua vez, é a mais alta de todas – ele explica.

– Mas então, quem nós derrotamos e matamos? – pergunto.

– Pelo o que descreveram... vocês enfrentaram Trevus, o deus demônio da escuridão e das trevas – ele responde.

– Vocês disseram que mataram ele? – Shira pergunta.

– Sim – respondemos juntas.

– Deuses de descendência pura de deuses, não podem ser mortos. O único jeito deles morrerem ou desaparecerem é se todos os seus poderes forem consumidos por completo de seus corpos. Se sobrar uma única gota de poder, eles podem possuir um corpo e juntar energia o suficiente para recriar seu corpo original – ao ouvir aquilo, penso que o deus demônio possa um dia voltar.

– Resumindo, à dois métodos de um deus vir para nosso mundo e viver entre nós. O primeiro: é possuir algum ser vivo capaz de suportar seu poder e alma. E o segundo: é criar um corpo ou forma onde parte de seus poderes são selados dentro de suas próprias almas, onde eles podem liberá-los quando quiser. Como vocês não são só almas e tem um corpo físico, vocês devem usar o segundo método – ele explica um pouco chateado.

– Mas eu posso fundir meu corpo com de outra pessoa! – Chisana justifica.

– Esse tipo de selamento do poder dos deuses requer um tipo de selamento muito poderoso que só pode ser feito por eles. Você poderia destruir o corpo fundido ao teu ao liberar tal poder – Shira explica a Chisana.

– Mas como ganhamos esses poderes? – pergunto um pouco desesperada.

– Calma! – ele me dá um abraço, enquanto começava a chorar, com sua magia se dissipando ao sair da concentração – Pode ficar tranquila. Seus pais tinham algum tipo de poder muito elevado além dos poderes de algum demônio comum? – ele começa a se acalmar um pouco.

– Não – respondo um pouco desconfiada.

- A um terceiro meio de um deus vir para o nosso mundo viver entre nós que não é exatamente um selamento – ele fica cada vez mais triste.
- Qual? – perguntamos juntas.
- Não é somente um método usado pelos deuses, mas também por qualquer ser vivo... reencarnação – ele explica.
- Reencarnação? – perguntamos espantadas, enquanto ele voava para pegar outro livro.
- Quando um deus ou um indivíduo reencarna em outro, suas lembranças são quase que completamente perdidas e seus poderes ficam adormecidos até chegar o momento certo de liberá-los. Não é a primeira vez que um deus reencarna em um ser vivo de nosso mundo ou de outros. Quando isso acontece, fica um vazio ou uma ausência em sua função, sendo necessário esperar até que um novo deus nasça para suceder ao cargo, mesmo que isso dure muito tempo. Pois se torna um indivíduo mortal, faz sua alma ter o mesmo destino das almas dos mortais: ir para o mundo espiritual, ou ficar vagando pelo mundo até encontrar outro novo indivíduo para reencarnar – ele fica ainda mais triste.
- M-mas isso quer dizer que somos reencarnações de duas deusas e que não nascemos com esses poderes por um acaso? – pergunto com um certo medo.
- Sim. Podemos sentir o poder delas no interior de seus corpos. A aura de cada um dos tipos de espécie varia para cada tipo de ser que elas pertencem. Exemplo: um vampiro tem a aura das trevas por ser um ser demoníaco. Não é diferente com a “Aura de Deuses”. Só que, ela é uma aura mágica diferente das dos três tipos de seres, sendo elas mais pura e poderosa. Em outros casos, pode vir a ser um poder criado por um poder hereditário. Como não podemos ter tais condições que leve a Chisana para ter esse tal poder, isso também serve para seus pais Hasuno, percebemos imediatamente que vocês são realmente reencarnações de deusas, ao sentirmos a aura pura deles em vocês. – Tsuki explica.
- Mas então, se nós somos reencarnações de deusas... podemos saber pelo menos de qual deusas somos? – pergunto.
- “Flor”, você lembra das últimas palavras do deus demônio antes dele desaparecer? – ela pergunta para mim.
- Espera... acho que eles disse: Morgis. Haldia.
- Então... Hasuno, você é a reencarnação de Morgis, a deusa da destruição que era do elemento trevas e terra, filha de Trevus com Murfa, a deusa da terra e neta de Terros – Hino explica para mim.
- É por isso que ele tinha um certo apego por mim. Sou a reencarnação de sua filha – fico apavorada ao saber disso.

– E Chisana, você é a reencarnação de Haldia, deusa fada do gelo e fogo, filha de Luminos, deusa fada da luz com Dragnar. Pelo visto, elas também eram muito amigas... – ele para de falar.

– E o que aconteceu? – pergunto.

– E como elas morreram? – Chisana pergunta.

– Morgis era uma deusa gentil e agitada, porém tímida por dentro que possuía um grande poder físico além dos demais deuses demoníacos. Haldia era alegre e curiosa, sempre disposta explorar tudo o que visse na sua frente que possuía a habilidade de se transformar, tanto em um dragão que cuspiam fogo ou gelo, quanto numa fada que podia fazer o mesmo. Em certo momento, Haldia fica impressionada com o poder de Morgis, ela a fica a observando usar suas habilidades. Aos poucos, bem curiosa, se aproxima de Morgis até se descuidar e ser notada. Morgis fica com vergonha, mas Haldia diz que a admirava muito. Vendo que não possuía nenhum perigo, as duas começam a conversar. Dia, após dia foram se encontrando e formando uma amizade até elas se apaixonarem e se tornarem amantes – fico chocada com tamanha semelhança.

– Certo dia, Haldia pensa em viver no nosso mundo junto aos três seres e aprender mais sobre eles, Morgis já estava cansada de viver no mundo espiritual e decide acompanhá-la. Para poderem vir para nosso mundo, elas usam uma magia muito poderosa que seria capaz de conter seus poderes para poderem viver entre nós. Esse poder era um poder proibido entre os deuses que em troca de metade de suas almas criava uma chave, cujo poder selava grande parte de seus poderes, era chamada de: Chave dos Deuses. Depois de criarem suas chaves, elas foram para nosso mundo viver entre nós. A cada dia que passavam em nosso mundo, mais e mais esqueciam sobre como era a vida com os deuses. Trevus, sabendo da ida delas, tenta chamar sua filha de volta para o mundo espiritual, mas as duas estavam fascinadas com aquele mundo e decidem ficar lá. Indignado... Trevus, movido pelo ciúme decide puxá-la à força, mas as leis dos deuses não permitem que eles usem seus poderes em outros mundos além do mundo espiritual, pois traria grande caos e destruição – Tsuki me abraça de medo, enquanto sua irmã estava mais curiosa.

– Então ele a puxa à força, mas elas liberam seus poderes e lutam contra ele. Elas o vencem lutando lado a lado e dão as costas para ele e voltam para nosso mundo. Mas antes que pudessem voltar, Trevus lança seu ataque mais devastador, “os tentáculos sombrios”, quando elas estavam trancando novamente seus poderes. Seu ataque atinge suas chaves que por sua vez estavam ligadas as suas almas e faz seus poderes vazarem pela fechadura no meio de seus peitos. Luminos vê tal crueldade e pega as almas das duas para tentar recuperá-las, antes que sumissem para sempre sem nenhum poder. Trevus fica arrependido de sua ação, mas fica com raiva ao vê-la segurar a alma de sua filha e começa a atacá-la, mas seu ataque faz com que Luminos as soltasse e caíssem em nosso mundo ainda feridas. Cego por seu ciúme, ele culpa Luminos por deixar a alma de sua filha cair do mundo espiritual e que as grandes culpadas por ela ir para nosso mundo foram Haldia e os três seres

criados pelos deuses. Uma grande batalha começa... e os dois deuses ficam gravemente feridos – fico triste ao ouvir.

– Determinado a reencontrar a alma perdida de sua filha, ele desce para nosso mundo. Ao chegar aqui, seu corpo estava muito fraco para sobreviver e precisava de um corpo para poder possuir e recuperar seus poderes. Vagando pelo nosso mundo através dos milênios, sua alma foi ficando cada vez mais corrompida de dor e ódio pelas três raças, então resolve criar seu próprio exército para poder destruí-los, jogando pragas sobre o mundo e possuindo cada indivíduo existente. Os seres mágicos e os humanos logo pensaram ser obra dos demônios e passam a odiá-los e culpá-los por todo o mal causado no mundo – fico triste...

– Mas e os demônios, não tentaram esclarecer o mal-entendido? – pergunto.

– Sim. Mas algumas espécies demoníacas, mágicas e humanas, resolvem se aliar ao deus demônio e o nomeiam de “rei demônio”. Com medo de represaria e guerra, os demônios não aliados ao deus demônio resolvem ficar em seu mundo, se isolando dos outros seres – ele explica.

– E o que aconteceu com Luminos? – Chisana pergunta.

– E as almas perdidas de Morgis e Haldia? – Tsuki pergunta agarrada a mim.

– Sem um corpo para possuir ou energia para criar uma forma física, Luminos acaba falecendo e sua alma some. Quanto às almas de Morgis e Haldias... não deixam nenhum rastro e são dadas como perdidas para os deuses, até que vocês duas aparecem com seus poderes em seus corpos – ele explica.

– Mas, por que eles não nos notaram? – pergunto.

– E por que eles não levam o deus demônio para o mundo deles? – Tsuki pergunta.

– Como qualquer ser ou espécie, os deuses possuem suas leis. As mais importantes delas: eles não podem interferir com seus poderes nos outros mundos além do deles, a não ser se for para criar algo novo. Uma outra lei: deuses e semideuses em algum dos mundos dos três seres, só devem voltar para o mundo dos espíritos quando atingirem um certo nível de poder e tem que voltar por conta própria. E por fim: eles só podem guiar as almas dos mortos para reviverem em qualquer um dos mundos dos vivos ou descansarem em paz no mundo dos espíritos se assim que elas desejarem. Por isso, o deus demônio continuou vivo e vocês não tiveram contato com eles – ficamos muito tristes ao saber de toda a verdade.

– Então se quisermos selar nossos poderes, temos que criar uma “Chave dos Deuses”? – pergunto.

– E elas vão possuir parte de nossas almas para criá-las? – Chisana pergunta.

Naquele momento repensamos se era mesmo uma boa ideia fazer aquilo, até lembrarmos do que nós fomos capazes de fazer por causa deles. Mesmo

assim, decidimos seguir em frente e criá-las. Então, pedimos para Hino nos mostrar como criar a “Chave dos Deuses”. Ele parecia muito triste e nos pergunta se queríamos prosseguir com isso. Vendo nossa determinação, ele procura em um lugar secreto no fundo da biblioteca o livro de selamentos. Lá ele encontra como fazer e fomos para um chão de pedra liso e firme no meio da Floresta da Harmonia...

– Se vocês pretendem fazer isso mesmo... – ele ainda estava inconformado com nossa decisão que mudaria nossas vidas para sempre.

– Sim! Nós queremos! – respondemos ao mesmo tempo.

– Está bem! – ele engole o choro e começa a ler.

– Para se criar uma “Chave dos Deuses”, é necessário de um chifre de um indivíduo supremo ou deus da escuridão para perfurar a alma e um par de asas desde sua raiz completa e sem nenhum dano de um indivíduo supremo ou deus da luz para conter e distribuir o poder. Faça as escritas no chão e depois com as palavras certas, junte os dois itens à alma ao perfurá-la no corpo na direção do coração, criando assim uma chave e uma fechadura. Após serem criadas, todos os poderes desse indivíduo serão reduzidos às suas formas primárias base, juntamente com seu corpo. Caso queira liberá-los, basta materializar a chave e sua fechadura onde foram criadas e depois destranque-a, recebendo todos os seus poderes e a sua forma normal base de volta. Não há um número limite para trancar ou destrancar os poderes. Ao desmaterializar a chave e a fechadura elas voltam a serem parte de sua alma. Caso o poder não seja igual ou maior do que o de um deus, sua alma e corpo serão completamente consumidos e desaparecerão instantaneamente. Esse selamento não prolonga ou reduz o tempo de vida do indivíduo selado – ele lê as inscrições com tristeza no coração.

– Mas os únicos chifres que temos são os seus! – Chisana nervosa, aponta para mim.

– E você tem as asas, mas você não é uma fada de luz! – falo triste por não poder selar nossos poderes.

– Sou sim! Quando me transformo em minha forma de deusa ganho mais um elemento... a luz. E você ganha o elemento escuridão quando também fica na sua forma de deusa – ela explica toda animada.

– Mas, se removermos o seu chifre, ele não crescerá de novo! – ela fica com pena de meu corpo.

– Não se preocupe. É para o nosso próprio bem! – choro ao sorrir para ela, mesmo sabendo que serei um demônio sem chifres.

– Vamos lá – começo a me preparar para ficar na forma de deusa.

– Está bem! – e ela também.

Entramos em nossas formas de deusa, e a terra a nossa volta começa a tremer ao me transformar. Ela teve que revelar suas asas duas vezes e deixar que eu

as arranque com cuidado. Ela fica com suas mãos cobertas de gelo para conseguir forças para quebrar meus chifres. Os pais dela tinham acabado de fazer os desenhos no chão...

– “Flor” – Chisana fala comigo.

– Snif. O que foi? – pergunto chorando por não possuir mais chifres.

– Volte ao normal e se transforme de novo – ela tinha uma ideia que podia funcionar.

– Mas, por quê? – fico desconfiada.

– Só faz! – ela não queria me contar antes de ver.

Após fazer o que ela disse, todos olham para mim surpresos e fico sem saber o que era. Ela me pede para voltar ao normal...

– Perfeito! Agora toque no topo de sua cabeça – desconfiava cada vez mais.

– E-e-eles voltaram! – fico feliz ao sentir meus chifres de novo.

– Foi o que pensei... eles crescem de novo ao se transformar em deusa! – sua teoria estava certa.

– Estou pronta! – falo determinada dentro do meu círculo mágico, depois de me transformar novamente em deusa, agora que tinha meus chifres de volta.

– Eu também! – Chisana também estava determinada dentro de seu círculo mágico.

– Prontas? – ele pergunta nervoso.

– Irmã! – Tsuki chora ao ver sua irmã prestes a fazer algo que só os deuses podem fazer.

Após memorizarmos as palavras, começamos a recitá-las. Tudo começa a tremer quando eu ativo meus poderes e uma aura mágica começa a contornar os desenhos no chão e começamos a sentir algo em nossas almas.

– AH! – gritávamos ao sentir tanta dor em nossas almas, de olhos fechados.

– AGORA! – Hino grita para nos avisar.

– AH! – segurando os meus chifres e o par de asas dela, perfuramos nossas almas.

Rapidamente somos consumidas pela magia. Seguramos bem firme nossos itens, até começarmos a sentir eles se transformando na chave e na fechadura. Ao mesmo tempo em que iam tomando forma, sentíamos perder nossos poderes e nossos corpos mudarem. Após gritarmos muito e sentirmos nossos corpos mais leves, vimos que já havíamos terminado o selamento.

– Terminou? – abro lentamente meus olhos.

– Parece que sim – ela também abre lentamente seus olhos.



- AH! Chisana! – olho para ela espantada.
  - O que fo... AH! – ela também me olha espantada.
  - Vo-vocês ficaram... – Hino não sabia nem o que falar.
  - F-filha! – Shira também não sabia o que falar.
- De repente, todos a nossa volta ficam olhando para nós.
- Vo-voltamos... a ser... – ficamos gaguejando juntas – ...“CRIANÇAS”?!

## Capítulo 25 – Despedida

- Somos crianças outra vez? – olho para meu corpo.
- Parece que sim! – Chisana olha para suas mãos e depois para sua bunda.
- Meu corpo! – toco em meus seios e vejo que eles ficaram pequenos de novo, como uma tábua. Não foi diferente para ela.
- Se voltamos a ser criança... eu só vou ter a força de quando era pequena? – estava espantada.
- Vamos ver! – ela não sabia como reagir.

Testamos nossos poderes e vimos que realmente tínhamos voltado completamente ao nossos tamanhos e poderes de quando tínhamos dez anos de idade.

- Isso era o que o livro se referia como forma primária – Hino deduz.
- Ele também disse que se quisermos voltar a nossa forma normal, é só materializar e destrancar a fechadura? – perguntei a Hino.
- Sim – ele responde.
- Vamos tentar? – olho para ela determinada.
- Tá! – ela concorda.

– AH! – gritamos de dor após destrancarmos nossos poderes.  
Sentimos aos poucos nossos poderes e corpos crescerem rapidamente...

- Meus peitos! – fico feliz em poder ter meus seios gigantescos de volta.
- Meu lindo corpo – ela olha para sua bunda e seu corpo magro.

Após vermos que podíamos trancar ou liberar nossos poderes facilmente com a “Chave dos Deuses”, trancamos nossos poderes novamente e tentamos nos reacostumar com nossos corpos de criança de dez anos, novamente.

- Legal! – falamos ao mesmo tempo bem alegres.

– Aham! Meninas! – Hino nos chama a atenção colocando a ponta de seu dedo indicador em sua boca com a mão e de olhos fechados com uma expressão um pouco séria e de vergonha.

– O que fo... AH! – gritamos apavoradas ao percebermos que nossas roupas caíram e que estávamos peladas em meio àquela multidão de fadas.

– Irmã pervertida! – Tsuki apavorada, tampa os olhos com as mãos abertas em seu rosto.

– AAAH! – puxamos nossas roupas para cobrimos nossos corpos – Hihi! Conseguimos! – rimos e sorrimos olhando para a outra andando pela floresta segurando nossas roupas até a casa de seus pais.

Após aquele vexame, Tsuki nos empresta umas roupas dela...

– Obrigada, vocês duas tem o mesmo tamanho. Coube certinho em mim também – fico aliviada.

– Pode ficar, enquanto não arrumarem umas roupas para os seus tamanhos – Tsuki ainda fica um pouco envergonhada.

– Nossa. Ficou linda! – Hino fica fascinado com minha fofura.

– Que lindas! – Shira nos admira.

– Que macia! – Tsuki me agarra com um abraço carinhoso e não desgruda nem por um segundo, pela minha fofura.

– Mas... só tem uma coisa que não entendi... por que voltamos para nossas formas normais e não para nossas formas de deusas quando liberamos nossos poderes? – pergunto bebendo o chá delicioso de Hino.

– Essa forma que você está, é chamada de: “forma selada base”, onde seus poderes não estão ativos ou não estão em uso, enquanto estão trancados. E isso também vale para sua “forma normal base”, onde também seus poderes não estão ativos ou não estão em uso, enquanto não estão trancados. Por isso que quando vocês destrancam seus poderes, não ficam transformadas em deusas, e sim em suas formas normais base. Só foi necessário ficarem como deusas na hora de criarem os amuletos e de agora em diante será assim, era o que o livro dizia – ele explica.

– Eu pensei que íamos ficar com outras formas totalmente novas. Ufa! – Chisana fica aliviada.

– Amuleto? – fico preocupada ao perceber algo.

– O que foi minha “Flor”? – Chisana fica preocupada.

– Meu amuleto! – fico nervosa procurando algo.

– Que amuleto? – ela não tinha noção do que eu tinha perdido.

- O pingente com o fragmento de sua asa! – explico o procurando pelo meu corpo.
- Não precisa se preocupar, minha “flor” – ela parecia não se preocupar.
- Mas, ele é nosso símbolo de amizade! – estava muito nervosa.
- Aquilo é só um objeto – ela explica.
- O verdadeiro símbolo de amizade que se pode ter, está aqui – seu pai completa tocando e apontando para a posição de meu coração entre meus peitos.
- E nossos amigos sempre estarão conosco, mesmo que não fisicamente... aqui!
- sua mãe conclui tocando e apontando para minha testa fazendo um pequeno brilho azul claro e refrescante.
- Sim! Obrigada! – sorrio.
- Hum! – sua irmã me abraça mais forte de emoção esfregando seu rosto em meu corpo com os olhos fechados.

Depois daquele dia, passamos a viver juntas no Lago das Fadas, indo algumas vezes visitar seus pais. Nessa nossa nova vida, brincávamos e transávamos pelo lago. Em outros momentos compartilhávamos novos e antigos conhecimentos, treinando ou lendo os livros da biblioteca das fadas. Aprendo a usar meus poderes físicos e ela aprende novas magias, sendo que algumas eu não poderia utilizar, mas era bom aprender sobre cada tipo de magia e costume diferente. Aprendemos também a controlar completamente "O Ciclo", onde só nossos poderes e/ou forças são reduzidos, como quisermos, para nos equilibrar com seres, objetos e/ou áreas. Também passo a comer tudo o que uma fada comia. Apesar de não poder comer carne ou outras comidas humanas que adorava, me sentia mais pura e forte com aquilo.

Em certo dia, passeando pela Floresta da Harmonia ao visitar seus pais, ela me mostra o lago onde conheceu e viveu com a Sirena. Fizemos um piquenique divertido. Nos beijávamos e nos acariciávamos à visão daquela linda e bela paisagem, comendo as frutas e cogumelos que trouxemos, junto a um suco de frutas. Olhando com minha cabeça sobre seu ombro e a cabeça dela sobre a minha, vimos algo surgir bem devagar de dentro d'água...

- O que é isso? – pergunto.
- Será que... – ela fica desconfiada.
- Olá amigas! – de repente, surge uma sereia de dentro do lago, era Sirena.
- Oi! – a cumprimentamos.
- Conseguiu falar com seus pais? – Chisana não perde tempo de tão curiosa que estava.
- Sim – ela estava bem feliz.
- E como foi? – pergunto.

– Quando me despedi de vocês, fui direto para casa. Chegando bem devagar... vejo meus pais bem tristes comendo algas. Antes que eu pudesse dizer algo... eles, vem em minha direção e me abraçam chorando de felicidade ao me verem de novo após esses anos todos distante deles, dizendo estarem arrependidos e pedem o meu perdão. Sem hesitar, digo que os perdoo. Ouvindo isso, eles dizem que nunca mais vamos nos separar de novo, por conta das tradições das sereias. E eles disseram que me amavam – ela conta bem feliz – Desde então, tenho vindo para cá praticar meu canto ou descansar comendo ou não sobre essa linda paisagem.

– Que bom! – Chisana fica feliz em ouvir isso, começando a chorar indo dar um abraço em Sirena.

– E vocês? – Sirena pergunta.

Passamos a tarde toda contando sobre nossas aventuras e problemas que tivemos desde que nos vimos pela última vez. A partir daquele momento passamos a nos encontrar naquele lago para conversar, treinar e até brincar. Era bem divertido. Aos poucos fui esquecendo e me distanciando cada vez mais de como era viver entre humanos, passando a viver apenas entre as fadas e às vezes com a Sirena junto à Chisana. Foi o momento de maior união e felicidade ao lado de minha amada companheira.

Três anos se passam, e nós duas andávamos, pulávamos e até voávamos pelo Lago das Fadas, como duas amantes selvagens no calor do prazer. Até que...

– Haha! Você não me pega! – brincando de pique esconde com Chisana.

– Vem cá... hã? O que é isso? – ela ouve um pequeno barulho de algo próximo a nós.

– O que foi? – vou até ela e pergunto ainda animada com a brincadeira.

– Escute... – ela bota a mão em seu ouvido formando um cone para ouvir melhor.

– O que é isso? – escuto o mesmo ruído.

– Ouviu? – ela pergunta.

– Sim – respondo.

– Vamos lá ver! – curiosa, me puxa pelo braço e fomos ver o que era.

Indo bem devagar, escondidas em meio às plantas fomos rastejando e resolvemos subir na copa das árvores para ver melhor. De lá ouvimos uma voz estranha e tímida. Percebemos que cada vez mais ia chegando perto de onde estávamos, quando...

– Olha, olha... – deitada de barriga para baixo e com os ombros apoiados no chão como eu, ela me mostra o que era.

– Ai, ai. Que dia – vemos que se tratava de um macho humano que estava sozinho andando e explorando a floresta.

– Hihi – rimos como se quiséssemos tirar sarro dele do alto da árvore.

– Ai... Parar um pouco aqui! – ele parecia um pouco exausto de sua caminhada.

Ele levava uma mochila grande nas costas e um caderno onde fazia suas anotações. Suas roupas estavam sujas de sua jornada pela floresta, parecendo ser uma pessoa que não tinha muitos amigos por se dedicar aos estudos, devia ter nossa idade. Ao sentar encostado no tronco da árvore em que estávamos, deixa sua mochila pesada encostada junto a ele e bota seu caderno no chão e puxa uma espécie de marmitta e cantil de água fresca.

O observamos atentamente escondidas da copa, fazer sua refeição. Parecia ser um bom homem, mesmo ela não revelando suas asas ou antenas. Ele então tira um cochilo e cai no sono. Aproveitando a oportunidade, descemos e fomos olhar um pouco mais de perto. Abro seu livro e vejo que havia feito vários desenhos e estudos sobre plantas. Chisana vai como se nunca tivesse visto um objeto humano e começa a ver cada item que ele tinha na bolsa, sussurrando.

– O que deve ter aqui? – ela pega seu cantil e o cheira.

– O que ele deve beber? – pergunto foleando o seu caderno, impressionada com seus estudos sobre plantas.

– É álcool – ela bebe um pouco.

– Deixa eu ver aqui. Que gostoso – era vinho, o que ele bebia.

– Ah... muamua... – ele fazia uns barulhos estranhos pela boca, enquanto dormia.

– Nossa! – Chisana chega perto de seu rosto e sente seu bafo de homem adulto e maduro, e fica impressionada.

– “Flor”, o que vai fazer? – há vejo começar a revelar suas asas e antenas.

De repente, ela esbarra e um objeto, fazendo um pouco de barulho. Assustadas, subimos rapidamente para a copa da árvore para nos escondermos de novo.

– Hã? Ah? O que foi isso? – ele acorda todo atrapalhado, sem desconfiar de nada ou notar nossa presença.

– Aaaah... Parece que não deixei bem escorado – ele acorda e guarda suas coisas de volta na mochila e pega seu caderno. Ainda sentado, começa a desenhar a paisagem a sua frente em seu caderno.

Olhamos ele desenhar, atentamente. Ele era muito bom, seus traços rápidos, simples e delicados iam dando vida ao seu desenho na folha. Quando resolve dar uma pausa, ele assopra seu desenho e o põe sobre suas pernas e pega seu cantil para beber um pouco.

– Hihi – Chisana começa mover seu lápis com seu poder mágico.

– Hã? – sem perceber, ele pensa que o lápis havia caído de seu colo e o põe de volta no meio do caderno aberto.

- Hihi – ela move novamente o lápis com sua magia.
  - Hã? – sem desconfiar ainda, ele o pega e põe novamente no lugar.
  - Hihi! Olha essa – ela move um dos objetos que estavam na boca de sua mochila.
- Ela continuou a mover cada um objeto sem levantar suspeitas e rindo ao vê-lo não desconfiar de nada...
- Mas, o que está acontecendo aqui? – depois dela mover alguns objetos, ele finalmente percebe que há algo de errado.
  - Olha só – ela começa a mover cada objeto na frente dele bem rápido.
  - Hué? – ele bota seu cantil de pé do seu lado e voltava a olhar para frente, mas ela sempre o derrubava com sua magia.
  - Hihi – ela se divertia, e eu só a observava e ria junto ao vê-la brincar com ele.
  - Mas... eu o deixei ai – ele botava o cantil no lugar e voltava a olhar para frente, de novo.
  - Fique ai – de novo.
  - Arf, arf, arf! – e de novo, bem ofegante.
  - Paradinho ai – e sempre de novo.
  - Hihi! – riamos muito.
  - Olha só! – fico com um pouco de minha super força.
  - Parado ai! – ele segura seu cantil com as duas mãos, e fica deitado de barriga para baixo no chão.
  - Hã?! – ele fica assustado quando vê que o cantil começa a se mexer sozinho, enquanto ele o segurava – Há? – começo a balançar o chão, fazendo uma combinação da pressão de minha força e um pouco do pouco poder mágico que possuía, abrindo minha mão na minha frente.
  - AH! O que é isso? – ele fica apavorado.
  - Hihi... aaah... – meu poder tremia tanto o chão que fez nós duas cairmos de cima da árvore e pararmos no chão.
  - O que é isso? – ele se assusta ao nos ver cair da árvore.
  - Ai, ai! – caímos de barriga para baixo no chão, com ela por cima de mim na frente do material dele.
  - O que são vocês? – ele fica curioso ao nos ver.
  - Ai, ai! Sai de cima de mim, “flor”! – por mais que ela fosse leve, naquela forma de criança, minha força era bem pequena, como a dela. Ela parecia pesar uma tonelada.

- Desculp... – quando ia falar com ela, dou de cara com o homem nos observando bem de perto.
  - AH! – gritamos ao vê-lo tão próximo de nós duas e nos arrastamos de costas sentadas até esbarrarmos no tronco da árvore.
  - Calma! Calma! Não vou ferir vocês! – ele deveria é estar preocupado se nós fossemos feri-lo.
  - ... – ficamos abraçadas e apavoradas na árvore por ele nos descobrir.
  - Calma! Aqui, tome um biscoito – ele tira de seu bolso um biscoito em formato de tira marrom.
  - ... – nos encolhíamos cada vez mais, mas sem poder fugir.
  - Aqui... prove... é gostoso – ele se aproxima bem devagar e parte o biscoito em duas partes iguais.
  - Obrigada – Chisana pega uma parte e começa a comer bem devagar, ainda bem tímida olhando para ele.
  - Aqui, tome! – ele estende sua mão e me entrega.
  - Hum... gostoso – parecíamos dois cachorrinhos sendo treinados.
  - Hum... são cereais? – pergunto comendo bem devagar aquele pequeno pedaço.
  - Sim. Fui eu mesmo que fiz. É bem nutritivo – ele agia, como um pai tentando mostrar o que era bom para seu filho.
  - Obrigada – agradeço meio tímida.
  - O que são vocês? Nunca tinha visto tais criaturas mágicas como vocês antes – ele nos observa com seu caderno em sua mão, enquanto anotava o que via em nós duas.
  - Sou uma fada elemental de fogo e gelo, me chamo: Chisana Kurisutaru.
  - Eu sou uma súcubo, demônia do amor, me chamo: Hasuno Hana.
  - Olá, muito prazer, sou Rogers Martins, professor, médico e diretor da Universidade de Lasto e representante do Instituto de Pesquisa, Estudo e Compreensão das Espécies, o “I. P. E. C. E.” – ele se apresenta formalmente.
- Ele parecia não ter medo de mim, por eu ser uma súcubo, pelo contrário, parecia muito fascinado por nos conhecer...
- Desculpe, por brincarmos com você – falamos ao mesmo tempo.
  - Não... eu que tenho que me desculpar por entrar em sua floresta sem permissã... ai! – ele parecia cansado e ferido.
  - O que houve? – pergunto ao vê-lo pôr a mão em sua perna.

- Deixa eu ver isso! – Chisana o ajuda a sentar no chão.
- Mas... – ele não queria interferir em nada naquela floresta.
- Deixa eu ver aqui... “flor”, pode abrir aqui por favor? – ela parecia estar preocupada com ele.
- Pronto! Nossa! – fico espantada ao ver umas faixas em sua perna direita.
- É como eu pensei! Isso daqui está muito feio – ela retira as faixas e vê que eram muito graves os seus ferimentos.
- Temos que ajudá-lo. Vamos levá-lo para casa para tratarmos disso! – ela estava determinada a ajudar o homem que mal acaba de conhecer.
- Não precisa... – ele cai ao tentar se levantar.
- “Flor”, pode carregá-lo até nossa casa? – ela pergunta.
- Sim – respondo.
- Mas, você vai conseguir me levAAA... – ele fica surpreso quando o levanto, como um leve bebê com minha força, em meu colo e segurando as alças de sua mochila numa mão.

Chegando em casa, cuidadosamente o deixo na cama e busco no lago um pouco de água num pote. Quando volto, Chisana pega um pano e o molha, começando a limpar seus ferimentos na perna. Após isso, ela revela suas asas e antenas, e encosta sua mão sobre o ferimento.

- O que é isso? – ele olha atentamente a luz vinda e brilhando da mão de Chisana.
- Fique calmo, ela sabe o que está fazendo. Deixe-a se concentrar – falo para ele.
- Está bem... – ele para de falar e continua a observá-la com muita atenção.
- Ufa! Pronto... agora é só descansar um pouco – ela tinha o curado completamente de seu ferimento da perna direita.

Sáímos e o deixamos descansar na cama em nossa casa. Ficamos batendo papo, enquanto voávamos sobre as águas do lago. Quando anoiteceu, ficamos sentadas na areia a beira do lago observando o fluxo mexê-la, até pegarmos no sono. Chisana curiosa, após acordar no meio da noite, levanta cuidadosamente para não me acordar e vai até a janela de sua casa observá-lo. Acordo e vejo que ela não estava dormindo mais comigo, quando olho para cima em direção a nossa casa, percebo que ela o olhava com uma curiosidade e carinho, até resolver entrar. Espreitamente, espero ela entrar e vou até a janela para observá-la sem que perceba. Vejo que ela vai até sua mochila e começa vascular, um a um os pertences dele. Depois, fica ao seu lado e começa a observá-lo mais de perto, até começar a tocá-lo. Sentir seu bafo azedo de vinho saindo de sua boca, tocar em sua pele robusta e um pouco peluda, a fez ter mais curiosidade sobre ele, mesmo ficando um pouco tonta com o bafo que sentiu dele.



Ela vê seus óculos na mesa e os coloca, a deixando um pouco tonta por conta do grau das lentes, e começa a caminhar com os braços abertos, como se estivesse tentando se equilibrar. Ela parecia feliz ao observá-lo. Então a vejo bocejar e indo para a porta sair de casa. Rapidamente saio e me deito a beira do lago na areia onde estávamos e finjo dormir para não levantar suspeitas. Ela vem em minha direção e deita agarrada a mim.

No dia seguinte, fomos até em casa esperando ele acordar...

– Ai, onde estou? – ele acorda meio tonto olhando para o teto.

– Parece que ele dormiu bem, “flor” – ela fala comigo em pé e agarrada a mim, segurando as mãos uma da outra, enquanto o observamos atentamente em frente da cama.

– Sim, “flor”. Parece que sim – respondo com ainda nós duas agarradas uma a outra e olhando para ele.

– Ah, sim... agora que me lembro... estava andando pela floresta e acabei encontrando uma fada de gelo e fogo, e uma súcubo que estavam brincando comigo e depois me ajudaram à curar meus ferimentos – ele começa a recobrar a consciência.

– Oi – ela fala timidamente com ele.

– Oi... seu nome... é Chisana, certo? – ele pergunta meio desamparado.

– Sim – ela responde.

– Dormiu bem? – pergunto.

– Sim. E você é... Hasuno, certo? – ele pergunta, já um pouco mais consciente.

– Sim – respondo um pouco tímida também.

– O que é isso atrás de vocês? – ele se referia a cesta de frutas frescas na mesa atrás de nós que colhemos para ele.

– Ah! Isso? É para você! – soltamos as mãos e desgrudamos uma da outra, mostrando as frutas para ele.

– Tome, experimente! As colhemos hoje de manhã cedo! – Chisana parecia um pouco nervosa ao oferecer as frutas para Rogers.

– Ah, muito obrigado! Vocês são muito gentis! – ele sorri ao pegar uma maçã.

– Gostou? – ela pergunta.

– Hum... é muito boa! Posso? – ele pergunta gentilmente e sorrindo.

– S-sim! Pode pegar! – percebo que ela estava realmente nervosa e um pouco tímida em sua presença.

– Obrigado! – ele acabou pegando mais uma maçã.

– Hihhi! – ela sorri inclinando um pouco o rosto com os olhos fechados.

Após comer, damos a ele um galho de árvore para que pudesse andar melhor se segurando nele. Saímos de casa, e ele fica fascinado com tamanha beleza do lago...

– Que lugar lindo – ele admira a paisagem.

– É chamado de Lago das Fadas – Chisana conta.

– Que lindo. Posso? – ele queria sentar à beira do lago.

– Sim! – ela responde.

– Obrigado. Podem me fazer um favor? – ele pergunta.

– Sim? – pergunto.

– Não se importam de que eu desenhe essa linda paisagem? – ele pergunta.

– Não – respondo.

– Pode me trazer meu caderno e material de desenho, por favor? – ele pede gentilmente.

– Sim. Espere um instante – vou buscar o que me pede.

Vou animada para vê-lo desenhar novamente. Ao voltar com o caderno e o material em mãos, vejo que eles estavam conversando...

– Fada do fogo e gelo... nunca tinha ouvido falar nessa espécie – ele comenta.

– É que somos uma subespécie de fada, as fadas elementais, e em sua grande maioria só possuem um elemento, mas eu sou um caso raro de dois elementos – ela comenta.

– Aqui está – lhe entrego o que havia me pedido, interrompendo a conversa.

– Obrigado – ele fala.

Ele começa a desenhar com seu traço: rápido e delicado. Cada detalhe não escapava de seus olhos...

– Aqui está – e ele termina.

– Nossa! – fico espantada com tal talento.

– Lindo! – Chisana fica muito alegre ao ver tal trabalho.

– Obrigado, haha! – ele coça a cabeça, meio sem graça ao ser elogiado.

– Er... – ela estava com vergonha de dizer algo e encosta as pontas de seus dois dedos indicadores um no outro fazendo com que suas mãos balancem quase encostando uma na outra, olhando para o lado com vergonha.

– O que foi? – ele fica preocupado com sua atitude.

– Bem... pode me... digo... pode nos desenhar se não incomodar? – ela estava muito envergonha.

– Mas é claro! Como e onde querem que eu as desenhe? – ele pergunta.

– Aqui em frente ao lago! – ela me puxa para o seu lado na frente dele.

– Bem... então não se mexam – ele vira a página e começa a nos desenhar. Fico calada e não contesto a atitude dela, mesmo eu estando um pouco incomodada com aquilo.

Enquanto ele desenhava...

– Meninas, vocês vivem aqui sozinhas? Cadê seus pais? – ele pergunta.

– Bem... sim, mas meus pais vivem aqui perto, junto a outras fadas de minha subespécie – ela responde.

– Bem... no meu caso... já não tenho mais meus pais. Eles faleceram, há três anos atrás.

Após terminar seu desenho, ela fica muito feliz em se ver num desenho...

– É como olhar para meu reflexo na água – ela estava estranhamente feliz.

– Gostou? – ele pergunta.

– Amei! – ela quase grita.

Após vê-lo desenhar, o levamos para comer dentro de casa. A princípio ele não estranha a comida e acaba gostando muito, apesar de não haver nenhuma comida típica humana. Depois de comer, ele foi dormir um pouco para se recuperar. Quando a noite cai, Chisana resolve ir tomar banho no lago deixando Rogers e eu dormindo dentro de casa. De repente, ele acorda com vontade de mijar e começa a caminhar para ir para o lado de fora de casa. Ele começa a andar bem devagar pela casa e me vê dormindo na rede um pouco acima dos móveis. Abre a porta e vai até um cantinho para urinar. Quando termina, ele começa a voltar para casa, só que escuta uma voz linda e suave a cantar na noite. Ele segue a voz e chega até o Lago das Fadas e vê Chisana em sua forma normal base tomando banho e cantando pelada no lago, escondido atrás de uma árvore.

– Lalala laaa – sua voz o atraia cada vez mais.

– Aah! – ele se descuida e cai na margem do lago.

– Hã? – ela olha para atrás um pouco desconfiada botando a mão em seu peito.

– Ai, ai! Ah, me desculpe, mãe da Chisana! Eu não queria vê-la tomando banho e... – ele fica muito envergonhado.

– C-calma! Sou eu, Chisana! – ela também fica um pouco envergonhada.

– Chisana, é você mesmo? – ele pergunta tentando tampar seus olhos com as mãos e virando o rosto pro lado.

– Sim, sou eu sim. Ah! Espere um estante – ela vai até onde tinha estendido suas roupas, e se veste.

– Me desculpe, é que estou acostumada a ficar sozinha com ela, tomando banho nua à noite – ela cobre seu corpo com uma toalha fina e curta, sentando à margem do lago com ele.

– Como assim, essa é você! Ainda hoje você era uma criança baixinha e fofa, mas agora é uma mulher alta e adulta! Como isso? – ele estava confuso.

Chisana então decide contar para ele sobre nossa jornada...

– Nossa! Então vocês são reencarnações de deusas – ele fica espantando com nossa jornada.

– É... – ela estava triste e abaixa a cabeça.

– Você deve achar que sou um aproveitador e que vim aqui só espiar você, né? – ele fica triste também e de cabeça baixa.

– Não, eu não acho – ela responde.

– Mas se você ainda acha isso, então veja meus sentimentos, para ver que não quero fazer mal de vocês – ele fica nervoso.

– Glup! Seus sentimentos? Não, não precisa – ela responde engolindo a saliva.

– POR FAVOR, VEJA MEUS SENTIMENTOS! – ele insiste.

– Não precisa! – ele insiste também.

– POR FAVOR, NÃO SOU UM HOMEM MAU! ACREDITE EM MIM! – ele continua.

– AH! Está bem! – ela revela suas asas e antenas, e vira de frente para ele encostando suas antenas na cabeça dele.

– ... – ele fica admirado ao ver o brilho feito pelas antenas e asas dela.

– Ah! – ela se arrasta toda desajeitada para trás bem rápido com timidez.

– O que foi? Eu sou uma pessoa má, eu sabia! – ele fica chocado e triste, pondo suas mãos na cabeça a abaixando.

– N-não, não é isso! – ela tinha medo de explicar.

– Então, o que foi que houve? – ele pergunta olhando fixamente para os olhos dela.

– É que... nada! – ela se levanta e recolhe rapidamente suas roupas e sai correndo para ficar longe dele.

– O que foi que eu fiz? – ele não sabia o porquê da atitude dela.

– Arf, arf, arf! – escondida atrás de uma árvore ali perto, ela o observa e depois para de o observar olhando para frente, bem ofegante.

Ela volta para casa e deita na rede ao lado da minha, onde eu estava dormindo. Enquanto ele fica triste na beira do lago.

– Snif. Snif – por alguma razão, há vejo chorar, enquanto tentava dormir. Ela não parecia bem, e senti pena dela, mesmo não sabendo do que se tratava.

Na manhã seguinte, acordo e a vejo ainda dormir na rede. Quando saio de casa, vejo que ele estava no lago dormindo. Chego bem perto e o acordo cutucando seu ombro.

– Rogers, bom dia – fico sem entender o que havia ocorrido.

– Hã? Bom dia, Hasuno – ele estava meio triste.

– O que houve? Por que está aqui fora? – pergunto com um pouco de curiosidade.

– Hã... bem... Eu fui dar uma volta pelo lago e acabei pegando no sono de tanto observá-lo – ele parecia triste.

– Ah! Quem bom que gostou... – de repente, vejo Chisana abrir a porta e sair de casa.

– Oi, “flor”! Bom dia! – a cumprimento acenando levantando e balançando minha mão.

– Oi... bom dia Hasuno... – foi a primeira vez que ela me chamou pelo nome. Algo estava errado, nunca a vi tão triste.

– Olá... Chisana... – ele a cumprimenta pondo sua mão atrás de sua cabeça e com uma expressão bem tímida.

Naquele dia, percebo que eles não queriam se falar. Ela o evitava o máximo desviando o olhar triste, enquanto ele tentava se aproximar timidamente.

– Vamos ver se já está melhor – vejo que seu machucado na perna já estava sarado.

– Me sinto bem melhor – ele parecia feliz e triste deitado na nossa cama.

– Quer que façamos mais alguma coisa com seus outros ferimentos? – ela pergunta bem tímida.

– Não, não precisa. Essas são minhas marcas de minha jornada – ele responde sorrindo.

– Ah... que bom... só queria ajudar – ela vira um pouco o rosto para o lado com certa tristeza.

– Elas são a prova de nosso esforço que nunca devem ser apagadas para que possamos nos lembrar de nossas experiências passadas para se criar novas no futuro – ele explica.

– Está bem. Hihi! – ela continuava a evitar olhar para ele.

O dia passa e vejo ela bem desanimada e sempre olhando para casa. Fico pensando, o que podia fazer para ajudar, mesmo sem saber o que era. Depois que anoitece, fomos dormir. Ela decide ir tomar seu banho da madrugada e vai

até o lago com suas partes íntimas tampadas pôr panos. Rogers acorda e vai andando ainda com dificuldade se segurando no galho que demos, até a porta de casa. Ao sair, foi direto para o lago...

– Hã? Oi... é você... – ela estava bem triste.

– Chisana! Por que me ignora? O que eu fiz pra você? – ele estava inconformado e queria uma resposta dela.

– ... – ela vira de costas para ele segurando a flor branca de forma esponjosa.

– Me diz... o que você sentiu ao ver meus sentimentos! – ele aumentava seu tom de voz na beira do lago.

– Eu... eu... – ela continuava virada para ele no meio do lago.

– Me diz! Por que me ignora? – ele começa a entrar no lago.

– Eu... – ela vira bem devagar e olha para ele.

– Me di... ah! – ele tropeça e cai no lago.

– Rogers... você está bem? – ela corre para ajudá-lo.

– Eu sou um inútil mesmo. Snif. Por quê? Por quê? – ele sentado no lago.

– Eu...

– O que você viu e não quer me contar, ME DIZ, POR FAVOR!

– Amor! – ela fecha os olhos.

– Amor? – ele fica chocado.

– Eu te amo! – nesse momento ela dá um beijo na boca dele sobre o brilho azul do Lago das Fadas.

– Eu também – ele toca em suas bochechas com as duas mãos e a beija na boca.

– Vi que você é uma pessoa boa e gentil, fazendo meu coração disparar de felicidade e amor. Vamos criar uma lembrança só nossa. Juntos! – ela fica nua sobre seu corpo, voltando a beijá-lo, quando começam a transar.

Ao escutar seus gritos tentando entender o que ela estava escondendo dele, acordo e vou ver o que era. Percebo que Chisana não estava em sua rede. Olho e desço percebendo que nem ele estava na cama também. Vou até a porta e saio para procurá-los. Quando chego perto do lago, os vejo transando no meio do lago.

– Hã?! – ao vê-los, corro chorando de volta para dentro de casa e subo na rede.

Na manhã seguinte, acordo tremendo e chorando percebendo que eles não haviam voltado. Pego uma toalha úmida e seco minhas lágrimas. Abro a porta e tento disfarçar com uma expressão alegre.

- Bom dia! – falo para eles.
- Bom dia! – ele me cumprimenta.
- Oi, Hasuno! – ela passa a me chamar pelo nome.

Vejo que ela estava mostrando o lugar melhor e ele mostrando suas pesquisas. Desde aquele dia, eles ficam bem íntimos. Seguro minha vontade de chorar e continuo minha rotina como se nada tivesse acontecido. E foi assim por alguns dias, até ela resolver levá-lo para conhecer a Floresta da Harmonia. Chegando lá, ele fica maravilhado com tamanha vida e variedade naquele lugar. Ela mostra e apresenta cada tipo de fada que havia lá. Fiquei quieta e só observava, até chegarmos na casa de seus pais.

- Sejam bem-vindas! – sua mãe nos recebendo bem alegre.
- Olá, mãe – ela estava bem alegre.
- Irmã! – Tsuki vem correndo para abraçá-la – Irmã. Quem é esse? – ela pergunta sobre Rogers atrás de Chisana.
- Sou Rogers, muito prazer – ele estende sua mão.
- O-oi – ela fica com um pouco de medo ao vê-lo.
- Cadê a Hasuno? – ela se preocupava muito comigo.
- Estou aqui! Oi – estava um pouco atrás deles dois.
- HASUNA! – ela me abraça, como se não me visse há muito tempo.
- Você cresceu – estava impressiona como em três anos ela havia crescido, não tanto como a irmã quando tinha a mesma idade.
- Entrem! – sua mãe nos convida para entrar.
- Chisana – Hino abraça sua filha.

Naquela tarde, comemos com seus pais e conversamos sobre como conhecemos Rogers. Os pais dela pareciam felizes, mas ao mesmo tempo um pouco surpresos. Foi então que Chisana resolve levá-lo para conhecer Sirena no lago ali perto, enquanto ficava junto a sua irmã na casa de seus pais.

- Ai, você continua uma fofa! Sabia? – dou um cafuné em Tsuki que estava deitada no sofá com sua cabeça sobre meu colo.
- Hihi! Hasuno... – ela parecia um pouco preocupada.
- O que foi? – pergunto.
- Tem algo te incomodando? – ela pergunta.
- Filha, pode ir um pouco lá fora, por favor? – seu pai parecia saber do que se tratava.
- Venha filha – sua mãe a acompanha.

Após elas saírem, seu pai senta ao meu lado...

– Snif. O que eu faço? – apoio minha cabeça em seu colo.

– Eu sei que tem algo te preocupando. Pode se abrir pra mim – ele parecia um pai falando daquele modo.

– Pare... Shhh... ce – soo o nariz começando a chorar – ... que estou perdendo ela.

– Eu sei – ele fala.

– A cada dia que passa, ela fica mais e mais distante de mim. Shhh... Ela até passou a me chamar pelo meu nome... Sh... ao invés de “Flor”.

– A uma certa hora na vida em que temos que fazer escolhas e seguir caminhos diferentes daqueles que mais amamos ou admiramos. Se você está com medo da solidão, morra jovem. Ou então viva a sua vida, não se prendendo ao passado.

– Sério? Sh...

– Mas nunca se esqueça dele. Pois com ele é que construímos nosso futuro.

– Acha mesmo que devo me distanciar dela?

– Sim. Mas nunca se esquecendo da amizade e as aventuras que passaram juntas por todo esse tempo.

– Mas eu não quero abandoná-la!

– Não viva com esse fardo dentro de seu coração. Liberte-se e construa sua própria vida. Até o destino as unir novamente.

Depois do que ele disse, fiquei deitada em seu colo pelo resto da tarde, com ele fazendo um cafuné em mim. Vendo Chisana e Rogers voltarem, eles contam como foi encontrar com a Sirena. Quando íamos saindo, Tsuki e sua mãe voltam para casa e se despedem de nós.

Ao voltarmos para casa, observo Chisana na rede pendurada acima dos móveis, dormir feliz. Observo também ele, e desço.

– Você não vai roubar minha “Flor”! Snif... – me preparo para matá-lo ficando na minha super força.

– Morra! – quando estava prestes a esmagá-lo, paro meus braços no ar.

– Que pena! Ele era tão jovem. Pobres criaturas tolas. Nem conseguiram me entreter um pouco – começo a me lembrar do momento em que o rei demônio mata cada um de nossos companheiros – Pobre fadinha. Shhhh...

– Por quê? – fico chorando ao me lembrar daquilo, enquanto me segurava para não matá-lo.



– Vamos, junte-se a mim. E junto poderemos reencontrar seus pais. “Flor”! Queito! Seu inseto! Po-or favor... – relembro dele torturando Chisana.

– Não serei como você... – recuo minhas mãos e as abaixo.

– Sh! – soo o nariz, enquanto tirava uma ponta de meu chifre e voo ao seu lado, deixando-o ao lado dela na sua rede.

– Me desculpe, mas não posso ficar mais com você – dou um beijo em sua testa. Junto minhas coisas (que eram bem poucas) e saio de casa.

– Adeus, minha “flor”! – já do outro lado do lago, observo pela última vez a casa de onde fui acolhida e vivi com ela. Abro minhas asas, dando as costas para aquilo tudo e vou embora.

## **Capítulo 26 – Novamente com Você...**

Após eu ir embora do lago das fadas, penso no que fazer da vida a partir daquele momento. E decido viver como uma súcubo, mas sem matar ninguém e ajudando quem precisar.

Ainda era de noite e não sabia onde ia dormir e estava com um pouco de fome. Então decido ir até uma fazenda que encontro pelo caminho. Vejo que os moradores da fazenda estavam dormindo, então para não ser pega, decido hipnotizá-los para poder conseguir um pouco de comida. Penso muito no que estava prestes a fazer, mesmo assim como um pouco do que tinham na dispensa. Depois de comer, sinto meu instinto de súcubo pedir por prazer, mas não queria fazer aquilo. Olho para as minhas mãos e penso naquele poder todo que tinha e que nunca iria usá-los para causar mal a ninguém, e faço sexo com eles. Depois de arrumar tudo, tiro minha hipnose e os deixo dormir. Estava muito satisfeita e ao mesmo tempo cansada, então decido dormir no galpão que havia lá. Era um pouco desconfortável, mas era o que precisava para dormir.

Ao pegar no sono, lembro-me de quando fui em minha primeira missão e que tive que dormir num depósito que nem aquele. Penso um pouco na minha antiga amiga, mas tinha que esquecê-la e seguir meu próprio caminho. De manhã cedo, acordo e saio discretamente de lá para não ser vista. Quando tomei uma distância segura. Abro minhas asas e vou voando procurando um lugar novo para ficar.

Daquele dia em diante, passo a vagar de lugar em lugar para me alimentar tanto de energia vital, quanto comida. Às vezes dormindo em algum lugar abandonado ou não. Às vezes ficava pela mata ou pela floresta dormindo debaixo de algo que fizesse sombra ou me protegesse da chuva. Apesar de não ser a melhor vida que podia escolher, adorava ir visitar os lugares e transar com as pessoas sem que elas percebessem ou dava bons sonhos para quem necessitasse e até tirava algo que as perturbava.

Um ano depois voando pelo campo, percebo que ia começar a chover e tento ir encontrar o mais rápido possível um lugar para ficar. De repente, cai uma tempestade e minhas asas ficam encharcadas, me obrigando a ir a pé. Uso minha super força para poder andar mais rápido, não sabia onde estava indo, e a chuva só ficava mais forte.

De repente, vejo a minha frente uma cidade e resolvo ir para lá. Hipnotizo os guardas que estavam tomando conta da porta e entro. Paro num beco e entro na minha forma selada normal e escondo meus chifre, asas e calda, para fingir que era uma garotinha. E se não funcionasse, hipnotizava se fosse preciso. Chego a uma casa de dois andares bem simples e bato na porta.

– Por favor, me ajudem – imaginei que com minha voz de criança conseguiria convencer o dono da casa.

– Mas que barulheira é essa? – ouvia uma voz masculina chegar perto da porta.

– Não sei. Acho que tem alguém na porta – agora ouvia uma voz feminina.

– Papai! – agora ouvia uma voz de uma criança.

– Papai, o que é isso? – ouvia uma segunda voz de criança.

– Fiquem ai! Papai já volta – ele se aproximava.

– Alguém me ajude – continuo a bater na porta, sentindo aquela chuva forte no meu corpo.

– Olá? Quem está... – ele abre a porta.

– Por favor! – continuo fingindo ser uma criança.

– ... ai? – ele parecia me conhecer.

– Senhor, por favor me ajude – estava tão desesperada que nem percebi.

– Entre logo – ele me convida para entrar.

– Obrigada, senhor – entro em sua casa.

– Papai quem é ela? – escutava e via as crianças na minha frente falarem sobre mim.

– Por que estamos ajudando ela? – elas estavam com um pouco de medo, mas ele parecia me conhecer.

– Me desculpe... – as hipnotizo.

– HASUNO! PARE COM ISSO, JÁ! – de repente, aquele homem grita comigo.

– Como? Você me conhece? – paro ao perceber que sua voz era familiar.

– Haha. Pelo visto ainda usam fraudas! – percebo que já tinha ouvido aquilo em algum lugar.

– ROST? – pergunto olhando melhor para ele.

– Isso mesmo! Agora, liberte minhas filhas da hipnose imediatamente! – era realmente ele.

– Me desculpa – as liberto.

– Papai! – as duas correm para trás dele, com medo de mim.

– Não tenham medo, ela é um bebê que ainda usa fraudas – mesmo após esses anos, ele ainda não tinha perdido o jeito de implicar com os mais novos.

– Já disse que não uso fraud... Atchim! – grito com ele.

– Venha trocar essas suas roupas, depois você me conta tudo! Querida, pode ajudá-la? – ele queria me ajudar.

– Sim! Venha aqui! – ela me leva para a banheira segurando minha mão.

Suas filhas me observam da pequena fresta da porta tomar banho, enquanto sua mãe esfregava minhas costas.

– Me desculpe, eu não sabia se iria conseguir um lugar para ficar... Obrigada – fico de cabeça baixa arrependida de ter feito aquilo.

– Sem problemas. Agora levante seus braços – ela esfrega meu sovaco com uma esponja e sabão.

Após terminar de me dar banho, suas filhas me emprestam suas roupas para vestir e me deixam dormir junto a elas em sua cama de casal que dormiam juntas.

– Está meio apertado – uma delas fala.

– Me desculpe – já ia saindo da cama.

– Calma! Foi só brincadeira! – a outra fala me abraçando.

– Você é tão fofa! – a outra fala.

Fico feliz por dormir com elas. Algumas horas depois, no meio da madrugada, troco de roupa usando minha magia e desço bem devagar do segundo andar da casa, vendo que a chuva já havia passado.

– Já vai tão cedo? – ele pergunta vestindo um pijama e sentado em uma poltrona.

– Já... não quero incomodar – respondo.

– Cadê a Chisana? – ele pergunta.

– Ela seguiu o caminho dela, e eu o meu – respondo um pouco triste ao relembrar.

– Muito obrigado – ele agradece.

– Obrigado pelo que? – fico sem saber do que se tratava.

– Se não fosse por vocês, nunca teria mudado e conhecido minha esposa... e nem teria criado uma família – ele explica.

- Hihi. Que isso... não foi nada – fico com um pouco de vergonha.
- Se não fosse por vocês, nunca teria conhecido meu marido e provavelmente estaria morta – sua esposa desce da escada vestindo seu pijama.
- E por isso, tive duas filhas lindas e saudáveis – ele explica.
- De nada... – boto minha mão atrás de minha cabeça com um pouco de vergonha.
- Obrigado! – ele levanta e me abraça bem forte.
- Obrigada! – ela também me abraça.
- Snif. Adeus – me despeço deles.
- Espere! Antes tenho que te mostrar uma coisa – ele fala.
- Mas... – tento falar, mas sou interrompida por ele.
- É rápido, venha – ele me puxa pela mão e me guia pela cidade.

Mesmo naquela escuridão, percebo certas semelhanças, até chegar num lugar perdido em meu passado...

- Não acredito! – fico espantada ao ver a antiga “Pousada Dois Irmãos” bem na minha frente, ou o que sobrou dela.
- Depois que vocês foram embora, os corpos foram recolhidos daqui, e esse lugar ficou abandonado desde então – ele conta.

Entro por onde seria a porta da frente e vejo os buracos feitos por nós quando lutamos contra os membros da igreja. Estava tudo do mesmo jeito que estava há muito tempo, só que sujo e empoeirado. Andando sobre os escombros e vejo um copo no chão e começo a me lembrar de quando Sebastian entrava enxugando o copo, enquanto Gustaf atendia os clientes. Subo as escadas e vejo nosso antigo quarto todo destruído. Ando bem devagar tomando cuidado para não cair e vejo nosso antigo guarda-roupa quebrado, e vejo algumas de nossas roupas ali dentro rasgadas, perfuradas e sujas. Pego em nossas roupas de empregada que já tinham perdido a cor e boto na minha frente para ver se ainda serviam.

- Eram de vocês? – Rost pergunta na porta olhando para mim.
- É, snif. – soo o nariz ao começar a sentir emoção ao ver que ainda serviam em mim.

Deixando as roupas no lugar onde estavam, desço e vou até a antiga cozinha. Andando por ela, vejo algo debaixo dos escombros...

- O que é isso? – ele pergunta.
- É... é... a escritura que ele fez para nós duas – pego o papel e mostro para ele.
- Isso quer dizer que isso aqui é de vocês duas – ele analisa a escritura.

– É... – choro ao ver aquilo.

Quando saímos de dentro da pousada, ou o que já foi um dia uma pousada...

– Antes de você ir... queria te entregar uma coisa que guardei por todos esses anos... – ele pega algo de seu bolso.

– Não acredito! – vejo o meu antigo pingente com o fragmento de asa de fada em suas mãos.

– Comprei de um comerciante que encontrou caído na praça no dia da briga na cerimônia de premiação, e guardei até poder ter a oportunidade de te devolver – ele me entrega o pingente.

– Muito obrigada! Aqui tome isso daqui também – entrego a escritura para ele.

– Mas é sua... – ele fica espantado.

– Não mais... – uso uma magia que aprendi com Chisana, em que faço a ponta de meu dedo soltar uma leve gosma sombria que era usada como tinta, e escrevo o nome dele na escritura junto aos nossos e a entrego para ele.

Após isso, materializo minha chave e me transformo na frente dele, abrindo minhas asas, pronta para voar...

– Hehe! Você realmente continua usando fraudas! – esse era o seu modo carinhoso de dizer que eu havia crescido.

– Obrigada! – dou um abraço nele, enquanto chorava.

– Que isso... Eu que agradeço – ele também me abraça.

– Adeus! – me despeço dele voando.

– Até um outro dia – ele acena com a mão para o alto.

Quando começo a voar, sinto o poder do pingente entrar pelo meu corpo e me dar esperança. Foi quando pensei:

– Se eu estivesse com ele durante minha ira sobre o vilarejo, e se Rost e o comerciante não tivessem um bom coração, ele provavelmente perderia seu brilho e se desintegraria. Foi por isso que ele ainda estava inteiro e com brilho – pensando.

Depois daquilo, resolvo ir até uma cidade e criar novas roupas para eu usar. Entro discretamente na cidade na minha forma selada base, a procura de uma loja de roupas e costura.

– Olá! Pode me fazer um favor? – pergunto sorrindo de olhos fechados e inclinando um pouco o rosto para o lado.

– Sim. O que deseja? – ele não sabia o que o esperava.

– Isso! – e o hipnotizo.

– Quero umas roupas assim... e assim... com isso... – dou os comandos a ele.

- Sim senhora! – ele começa a fazer minhas roupas normais e de súcubo.
- Hihi! Que fofo! – fico o observando criá-las para mim.
- Olá! – um cliente entra em sua loja.
- Aja naturalmente – estava me divertindo ao fazer aquilo.

Depois de uma semana comendo e dormindo em sua loja/casa, ele finalmente termina as minhas roupas. Eram cinco: uma roupa grande para minha forma normal base e uma pequena para a minha forma selada base, ambas para usar quando estiver andando pelos humanos ou outros seres, enquanto outras duas para quando for fazer algo de súcubo, ambas também para cada forma base minha, e uma de empregada pequena, igual à que eu e Chisana usávamos na pousada.

- Obrigada! Seus serviços não são mais necessários – estalo os dedos para fundir as roupas a minha mana e o liberto da hipnose.

Depois daquele dia, passo a ficar mais feliz e a fazer as coisas de súcubo com mais alegria e prazer.

Dois anos se passam... sobrevoando bem feliz em minha forma normal base por um campo, após vir de um banquete sexual em uma cidade, lambendo o gozo em meus lábios, vejo um jovem rapaz em sua carroça sendo puxada por um burro velho por uma estrada. Vejo que era bem bonito e provavelmente tinha a mesma idade que eu. Então, resolvo segui-lo discretamente, escondendo minha presença com meu poder de súcubo de ficar invisível.

- Vai meu pangaré! OH! Meu pangaré! – sua música era linda, apesar de ser meio desafinada.

- Shh... esse deve ser delicioso! – falo bem baixinho lambendo meus lábios.

- Ufa! Dar uma parada aqui um pouco para descansar! Não acha, Gertrudes? – ele fala com o burro parando sua carroça em um canto na estrada, e desce para descansar um pouco encostado na árvore pegando a sombra junto com o burro.

- Hihi – voo e me escondo na copa dessa árvore e o observo dormir por um tempo, enquanto admirava a paisagem.

De repente, percebo que o tempo ia mudar rapidamente e largo uma frutinha para cair na cara dele para acordar e ir embora para não pegar a chuva.

- Hã? Nossa! Bruu! Vem uma tempestade por ai! Vamos embora Gertrudes – ele sente calafrios que o vento gelado anunciava a chegada da tempestade.

Resolvo continuar o seguindo. Ele tentava se apressar, até que...

- Ah! Essa não! E agora? – com a pressa, ele se distrai e a roda esquerda acaba quebrando ao esbarrar numa pedra no meio da estrada.

- Não se preocupe! Eu conserto rapidinho! – ele todo convencido, aponta com seu polegar para o peito e tenta consertar rapidamente a roda.

Fico o observando da copa de uma árvore perto a ele. Os minutos se passam e ele começa a se desesperar por não conseguir consertar a carroça. Rapidamente, o tempo fecha e começa a chover.

– Ah! Não consigo! – a chuva só piorava e ele tentava levantar a carroça com todas as suas força onde ficava a roda quebrada, mas era muito pesada.

– Deixa que eu ajudo – desfaço minha magia e saio da árvore para ajudá-lo.

– Q-quem é você? – ele fica assustado ao me ver.

– Fique quieto e depois você pergunta – meu corpo na forma normal base, era muito mais forte que minha forma selada com a super força ao máximo.

– Nossa! Como você é forte! – ele fica impressionado com minha força.

– Suba logo aí! – ergo a carroça na posição normal segurando-a pela madeira de onde ficava a roda quebrada.

– Vamos Gertrudes! Vai! – ele comanda o burro para andar.

A chuva só piorava e era mais difícil de se enxergar. De repente, a outra roda quebra ao esbarrar em outra pedra.

– O que nós vamos fazer? – ele estava todo desesperado.

– Não tem jeito... – quebro a parte da carroça onde o burro estava preso e o boto dentro da carroça usando minha super força.

– O que você vai fazer? – ele me pergunta sem entender nada.

– Agora, suba! – o coloco dentro da carroça com o burro.

– Lá vou eu – fico com minha super força ao máximo e ergo a carroça.

– AH! NOSSA! – ele fica impressionado.

– DIGA LOGO PARA ONDE DEVO IR! – grito os segurando sem poder ver nada, com cuidado para não perder o equilíbrio e deixá-los cair no chão.

Era muito difícil andar, pois já era noite e a tempestade só piorava...

– Está tudo bem aí embaixo? – ele pergunta preocupado.

– Não muito, mas eu consigo levá-lo! Continue me indicando! – falo um pouco exausta naquela situação.

Depois de percorrer um longo caminho...

– Estamos quase lá! Só mais um pouco! – ele me avisa.

– Está bem! – aviso.

Ao chegarmos em sua fazenda, coloco bem devagar a carroça com os dois no chão.

– Obrigado! Sem você não sei o que poderia ter acontecido comigo naquela tempestade.

– Arf, arf, arf! De nada... – bem ofegante, respondo reduzindo o tamanho de meus músculos.

– Quer entrar e ficar em casa, até que a tempestade passe? – ele pergunta.

– Não precisAAA... – caio cansada ao tentar sair do galpão.

– Deixa eu te ajudar! – ele tenta me ajudar.

– Venha e descanse na minha casa! – ele tenta me convencer.

– Está bem! – ainda, bem ofegante e cansada, concordo com ele.

Ele me ajuda a andar até sua casa que ficava próxima de seu galpão, muito determinado a me ajudar, mesmo eu não sendo uma humana como ele.

– Aqui! Deite aqui e descanse um pouco! – ele me ajuda a deitar em sua cama.

– Obrigada! Atchim! – fico resfriada.

– Espere aqui um momento. Vou preparar algo para você comer! – como se eu pudesse sair dali com meu corpo todo dolorido.

– Aqui está! – ele não demora muito e me traz um prato com sopa quentinha.

– Ah! – não conseguia me mexer.

– Deixa que eu te ajudo! – ele pega a colher – Encoste aqui! – ele me ajuda a ficar sentada com as costas escoradas na parede, deitada na cama.

– Obrigada. Snif – eu estava muito doente.

– Abre a boca – ele me dá a sopa na boca.

– Hum. Que gostoso! – fico maravilhada com tal sabor.

– Se quiser mais, é só pedir. Agora descanse – ele me põe deitada na cama e me deixa sozinha no quarto.

Ele fica cuidando de mim por uns três dias, enquanto ficava repousando em sua cama. Quando percebo que já estava totalmente recuperada, levanto e procuro ele. Saindo de dentro de sua casa ainda um pouco tonta o vejo trabalhar em sua plantação de milho.

– Olá! Já se sente melhor? – ele pergunta para mim.

– Sim! Já me sinto bem melhor – respondo.

– Hehe que bom! – ele fica feliz em me ver bem e recuperada.

– Obrigada pela sopa. Estava deliciosa – agradeço pela sopa.



– De nada. Essa era a receita secreta da minha mãe que me ensinou, e a favorita de meu pai. Sopa de cenoura! – quando ele diz aquilo, algo me chama a atenção nele.

– É mesmo, e essa fazenda? – pergunto.

– Era de meus pais. Mas depois que eles morreram, acabei herdando ela – ao falar isso, olho para os lados.

– O que foi? – ele não entende minha atitude.

– Espera um pouco... – abro minhas asas de costas para ele e sobrevooo sua fazenda.

– Hã?! – ele me observa espantado.

– Não poder ser... – começo a reconhecer o lugar: a fazenda ficava no alto de uma colina beirando o mar.

– Cabelos longos e prateados com chifres, asas e um rabo de demônio e olhos roxos... – ele começa a ver algo em mim.

– Não pode ser... – falamos ao mesmo tempo.

– HASUNO? – ele pergunta para mim.

– MATHEUS? – pergunto ao mesmo tempo que ele.

– SIM! – respondemos ao mesmo tempo.

– Hihi! – rio ao ver meu velho amigo, agora como adulto.

– Hehe! – ele também ri ao reconhecer, sua velha amiga.

– Como vai? – desço devagar com um pouco de vergonha ao vê-lo, pondo minha mão atrás de minha cabeça.

– Vou bem! Você cresceu muito! – ele fala um pouco tímido.

– E você também! – falo tímida, o mesmo a ele também.

– Nunca imaginei que aquela garotinha súcubo iria inchar tanto – esse era o modo dele me elogiar.

– Eu sei! E você também inchou bastante também, para o garotinho medroso que ficava atrás de seus pais – balanço meus seios.

– Hey! Saiba que agora sou muito corajoso! – ele aponta com seu polegar para seu peito, se vangloriando.

– Hihi! – fico feliz em ver que ainda possuía o bom humor de antes.

Ele para o seu trabalho e me convida para tomar leite fresco que tinha ordenhado de manhã cedo.

– Mas, e como vai seu corpo... já consegue controlar melhor seus poderes? – ele pergunta.

– Sim! Tanto que meus seios ficaram deste tamanho junto com outras partes de meu corpo! – levanto e acaricio meu corpo na sua frente, como uma prostituta – Ah... me desculpe. Hábitos de súcubo.

– Pelo visto você ainda é bem desajeitada. Hehe! – ele brinca comigo.

Nesse momento dilato meus músculos na sua frente...

– Nossa! Então essa é sua nova força! – ele fica impressionado com minha aparência muscular.

– Está com saudades de quando era pequena? – pergunto com um olhar atraente.

– Hã? Por que a pergunta? – ele não tinha entendido.

– Só responda – insisto.

– Bem... Sim!? – ele responde meio desconfiado.

Nesse momento materializo minha chave e tranco meus poderes...

– Nossa! Mas como? – ele fica chocado ao me ver igual a quando era criança.

Rapidamente fico em minha super força máxima...

– Que tal?

– C-como? – ele cai para trás na cadeira.

– Hihi! – caio na gargalhada.

– Hehe! – ele estava feliz em me ver de novo.

Nesse momento, começo a contar toda a minha aventura desde a última vez que nos vimos.

– Que pena! Vocês faziam uma ótima dupla – ele fala um pouco chateado.

– Escuta... e os seus pais? Você disse que eles morreram. O que aconteceu? – fico curiosa.

– Depois que vocês foram embora, nossas vidas voltaram ao normal. Até o dia em que meu pai foi chamado para lutar contra o exército do rei dos demônios. Minha mãe e eu ficamos esperando por notícia dele. Até o dia em que nós resolvemos ir na cidade procurar informações sobre ele. Mas o que soubemos, foi que o rei demônio havia sido derrotado há poucos dias, e que não havia nenhuma notícia dele. Então vimos seu nome no mural, junto a outras de pessoas que morreram na guerra. Minha mãe fica desespera, mas mesmo assim ela segue a vida. Então... pouco tempo depois por conta de depressão e saudades de meu pai, ela acaba adoecendo e falece pouco tempo depois.

– Nossa! Que pena! – fico triste.

– Que bom saber que foram vocês duas que o derrotaram – ele fica contente em saber sobre isso.

– É... Posso te ajudar em seu trabalho como nos velhos tempos? – fico empolgada.

– Está bem! Como nos velhos tempos! – e fomos trabalhar.

Após me divertir o ajudando a trabalhar, fomos tomar um banho...

– Pronto! – ele prepara um barril cheio de água para mim.

– Obrigada! – começo a me despir – Hey, Matheus! – falo entrando no barril.

– O que foi? – ele parecia meio nervoso.

– Venha tomar banho junto comigo – falo com ele, dentro do barril.

– Primeiro você, depois eu – ele estava com o rosto todo vermelho.

– Venha, pelos velhos tempos! Só tem nós dois aqui! – eu agia como uma criança.

– Mas, aquilo foi só quando éramos crianças! – ele fica virado de costas para mim.

– Por favor! – tento o convencer, sem usar meus poderes hipnóticos neles.

– Está bem! – ele vem e entra. Ficamos um pouco grudados por estar um pouco apertado no barril para nós dois. Fico logo incomodada com sua cueca ainda tampando seu pênis.

– Tire isso! – peço que nem uma criança.

– Mas... – o interrompo.

– Deixa de, mas... vai tira – insisto.

– Vocês duas quando eram crianças já faziam sexo e agora que você está adulta e mais forte, só quer que fique pelado para transar comigo? Mesmo que diga que não... – ele estava nervoso.

– Calma, eu não quero fazer nada com você. Só quero ficar mais à- vontade como nos velhos tempos – faço uma cara fofa para ele.

– Eu... – interrompo ele.

– Prometo! Por favor, tem que confiar em mim, como antes! – tento o convencer.

– Promete?

– Prometo! Já te disse antes que não quero ser como as outras súcubos.

– Está bem... – ele tira a cueca e mostra seu pênis que estava duro.

– Hihi! Shh... – rio e lambo meus lábios ao ver o tamanho daquele pênis perto de mim na banheira.

– Viu o que te falei! Você está doida para transar comigo e ... – ele fica nervoso quando toco seu pênis.

– Calma! Só mais um instante, e... pronto! – uso minha técnica que criei no navio de Rubens, e deixo seu pênis mole, após tirar sua excitação.

– Como isso? Não estou... não estou... – ele olha para seu pênis mole.

– Excitado?

– É!

– Essa é uma das habilidades de súcubo que aprendi quando estava num navio em alto mar.

Já mais calmo, começamos a brincar de tacar água no outro. Depois fomos dormir.

– Boa noite – ele ia siando do quarto.

– Matheus! Pode dormir comigo? Há muito tempo que não durmo junto a um amigo como você – ele fica um pouco nervoso, mas vendo que não tinha más intenções, vem dormir ao meu lado.

– Boa noite! – ele fica excitado novamente quando meus seios encostam em suas costas ao abraçá-lo.

– Fique calmo, não vou te fazer mal – seguro novamente seu pênis e o deixo mais calmo.

– Obrigado. Boa noite – ele realmente percebeu que não queria lhe fazer mal. É que só queria uma companhia.

– Boa noite – e dormimos.

Os dias se passam e acabamos morando juntos. Aos poucos ele ficava cada vez mais acostumado com meu novo corpo: trabalhando, tomando banho, dormindo, fazendo comida e até brincando. Algumas vezes, quando tinha que sair para vender seus produtos, me deixava tomar conta de sua fazenda. Outras vezes, saía para me alimentar de energia vital nas cidades ou vilas próximas. Depois de um ano, ele decide fazer algo inesperado, até mesmo para mim...

– Ai que dia! – estendo meus braços para espreguiçar.

– Hasuno... – ele parecia meio estranho, quando deitou ao meu lado na cama.

– O que foi, Matheus? – pergunto.

– Sabe... Nós já estamos há um ano juntos... e... bem... – ele estava nervoso com algo.

– O que foi meu menino medroso? – brinco com ele.

– Pare com isso! É sério! – ele fica muito nervoso.

– O que foi Matheus? – fico preocupada.

– Eu... eu... estou... apaixonado por você! Quer casar comigo? – e ele se declara para mim.

– Matheus! – fico chocada com seu pedido.

– Hasuno! Quer se casar comigo? – ele se ajoelha no chão em frente a cama e abre uma caixinha com a aliança – Por favor!

– Sim! – respondo.

– Hã? – ele não acreditava no que havia dito a ele.

– Sim! Sim! SIM! – pulo em cima dele de braços abertos para dar lhe um grande abraço.

Depois de aceitar seu pedido, ele pede a um padre, alguns amigos e conhecidos para fazerem um pequeno casamento na praia em frente à sua fazenda ao pôr do sol.

– Hasuno Hana, aceita Matheus como seu legítimo marido? – o padre pergunta.

– Aceito – meu vestido era simples, mas bem bonito.

– E você, Matheus Montes? Aceita Hasuno como sua legítima esposa? – o padre pergunta.

– Aceito – sua veste também era bem simples e um pouco maltrapilho, mas nós estávamos felizes e era o que importava.

– As alianças – o padre fala.

Olhávamos para o outro, sorrindo com um pouco de vergonha na frente das pessoas convidadas.

– Se há, alguém que seja contra a esse casamento que fale agora ou cale-se para sempre! – ninguém fala – Muito bem. Pelo poder da deusa a mim concedido... eu os declaro... marido e mulher. Pode beijá-la.

Foi um beijo bem molhado. Nunca me senti tão bem ao lado de um homem em toda a minha vida. Após o casamento, fomos para nossa lua de mel, nos despedindo dos convidados. Naquele momento, queria que Chisana estivesse ali para me ver casando com o homem da minha vida.

Fomos rapidamente para dentro do quarto sob o luar da noite. Ele me carrega em seu colo, me sentindo uma donzela sendo resgatada. Sentamos na cama e continuamos a nos beijar e começamos a nos despir. Começamos a transar, e balançávamos insanamente a cama, ao penetrar seu pênis grande e duro em minha vagina. Aos poucos, sentindo mais prazer, vou ficando com minha super força, até ela ficar no máximo. Ele parecia não se incomodar com o tamanho dos meus músculos que o faziam ficar pequeno perto de mim. Nesse mento, sem usar nenhum poder ou habilidade mágica, percebo que criamos nosso “O Ciclo” que me permite ir com tudo em nossa transa.

Na manhã seguinte, levantamos bem cedo para dar um passeio na praia ao nascer do sol. Caminhando de mãos dadas sobre a areia da praia, olhávamos para o lindo nascer do sol que começava a reinar sobre a escuridão da noite. Então resolvemos nos divertir como nos velhos tempos, correndo e jogando água

no outro. Caímos de braços abertos na areia e ficamos rindo olhando para o céu. Toco delicadamente em seu rosto e nos beijamos.

Duas semanas depois, de manhã...

– Bom dia, querida! – ele preparando o café da manhã.

– O-oi... bom dia – sentia uma certa tontura.

– Algum problema? – ele pergunta bem desconfiado.

– Não é nada... – me desequilibro e caio.

– QUERIDA! O QUE HOUE? – ele larga tudo e me ajuda a levantar.

– Não estou me sentindo bem – estava sentindo vontade de vomitar.

Para nossa surpresa, cinco meses depois, dou à luz a uma menina de cabelos rosa, com chifres e cauda pretos. Percebemos que era uma súcubo. Diferente de mim, ela possuía orelhas bem compridas, enquanto as minhas eram só pontudas como as da minha amiga. A chamamos de Kuroi Hana que significa: flor negra. Matheus fica muito feliz e bobo ao segurar nossa filha, e choro ao amamentá-la.

Sabendo de nosso “O Ciclo”, nossa vida sexual era bem ativa, e fico por um tempo sem ir para outros lugares sugar energia vital para poder cuidar de minha filha. Cinco anos se passam e temos nossa segunda filha. A chamamos de Shiroi Hana que significa: flor branca. Como sua irmã, ela também era uma súcubo. Ela tinha cabelos rosa bem clarinho, calda rosa-escuro e orelhinhas pontudinhas que nem eu. Mas, o que nos chamou a atenção, é que ela não possuía chifres, e sim, asinhas rosa-escuro no lugar deles. Ao contraio de mim, ambas tinham olhos rosa-escuro. Matheus não sabia, mas nem todos os demônios possuem chifres na cabeça ou asas nas costas um pouco abaixo dos ombros. Podendo ter asinhas ou nada no lugar dos chifres, enquanto a posição das asas varia muito sua posição, podendo ser na cintura das costas, nos pés ou até mesmo possuir mais de um par de asas (isso também ocorre com outros seres alados).

## **Capítulo 27 – Festival**

– Bom dia, papai! – Kuroi nos acordando bem alegre ao amanhecer.

– Bom dia, minha princesa – Matheus parecia bem cansado.

– Bom dia, mamãe! – ela vem ao meu lado me acordar.

– Oi, querida – estávamos muito exaustos depois de cuidar de Shiroi que não parava de chorar a noite toda pedindo meu leite.

– Irmãzinha! Bom dia! Gudi gudi! – ela vai até o berço de sua irmã que ficava dentro do nosso quarto.

– Ahaha! Dada! – Shiroi ergue seus bracinhos gordinhos de bebê tentando pegar o dedo de sua irmã.

Levanto bem devagar vendo e ouvindo Kuroi levar sua irmã para a sala para brincar. Molho meu rosto com a água que estava numa bacia na cozinha e começo a preparar a comida.

Desde pequena, Kuroi já sabia que era diferente de seu pai, mas decidimos contar a ela quando ganhasse suas asas. Por conta disso, evitávamos de fazer sexo perto delas, indo discretamente no galpão. Kuroi era muito agitada e esperta, sempre procurando encrenca quando tivesse chance. Mas ela tinha um carinho muito forte por sua irmã mais nova e sempre a protegia de qualquer coisa.

– Hih! Que gostoso – ela amava a comida que fazíamos com tanto carinho.

Enquanto íamos trabalhar na lavoura, ela ficava brincando de boneca com sua irmãzinha na frente de casa. Quando Matheus ia vender nossos produtos, Kuroi sempre pedia para ir junto com ele, mas tínhamos medo dela fazer algo errado. Quando ela completa dez anos, ficamos meio surpresos por ela ainda não ter ganho suas asas.

Ao contrário de sua irmã mais velha, Shiroi era tímida e reservada, sempre grudada a ela. Elas brincavam correndo para um lado e para o outro nos campos da fazenda. Sempre protegendo, uma a outra. Certa noite, quando ia para o quarto delas que era o antigo quarto de seus avós...

– Boa noite, minhas princesa... – fico preocupada por elas não estarem ali.

– Onde será que minhas gatinhas estão? – Matheus sempre ia as procurar pelo quarto brincando de esconde-esconde, e logo depois contávamos histórias para elas dormirem.

– Queridas... cadê vocês? – percebo que não estavam no quarto.

– Cadê vocês? – sempre se escondiam para podermos brincar com elas.

– Querido, elas não estão aqui! – vimos que a janela estava aberta.

– Onde você vai? – ele pergunta preocupado, me vendo voar.

– Procure elas pela fazenda que eu procuro pelos arredores! Não devem ter ido longe – começo a procurar.

Perto dali...

– Irmã. Isso não é perigoso? – Shiroi pergunta de barriga para baixo, enquanto era abraçada por sua irmã que estava voando.

– Não! Isso é divertido! – ela estava feliz voando junto com sua irmã, mesmo que Shiroi não tenha ganho suas asas ainda, por ser muito nova.

– Nossos pais não vão ficar preocupados? – Shiroi sempre foi uma garota obediente.

– Eh... bem, eles não precisam saber disso. Aproveite o passeio! – por outro lado, Kuroi era bem desobediente.

Fico desesperada a procura delas, mas não vejo nenhum rastro. Então, descido ficar em minha super força para poder ir mais rápido.

Chegando a Cidade de Morrantes, Kuroi desce e esconde suas asas...

– Nossa! Que lugar é esse? – Kuroi pergunta toda empolgada.

– Não devíamos estar aqui! Nossos pais vão ficar zangados com a gente! – Shiroi sempre pensava em nós.

– Fica calma e vem comigo! – ela leva sua irmã para ver a cidade dormir.

– Estou com medo! – Shiroi era muito tímida.

– Aqui, aqui! – Kuroi sussurra indo até uma casa com a janela iluminada.

– Está bem – ela vai timidamente.

Elas vão até uma casa de uma família que estava acordada comendo uma refeição.

– Olha! – ela olha a espreita pela janela.

– Quem são eles? – era a primeira vez que iam além da fazenda.

– Parecem muito com papai – e também, a primeira vez que veem humanos.

– Olha! – elas vão até uma padaria ali perto.

– O que é isso?

– Não sei, mas o cheiro é delicioso!

Elas grudam no vidro para poder observar melhor o que tinha na padaria.

– Hum. Parece gostoso – Kuroi baba no vidro ao ver os pães expostos.

– Parecem ser doces – Shiroi fica fascinada por tanta variedade.

– O que é aquilo? – ela vai até uma loja de roupas.

– Irmã, espere! – a acompanha com bastante medo.

– Que roupas lindas! – ela admira as roupas na vitrine.

– Não devíamos estar aqui – Shiroi sussurra.

De repente, elas escutam alguém assoviar na rua indo em sua direção.

– Rápido, se esconda! – Kuroi a puxa para se esconder num beco.

– Fififu uu... – elas veem um guarda fazendo sua ronda pela cidade.

– Não devíamos estar aqui! – sussurra.

– Shh! Fique quieta – Kuroi sussurra.



- Hã? Oi? Alguém por aí? – o guarda vai na direção delas.
  - Fica quieta! – Kuroi segura sua irmã tampando-a a boca.
  - Acho que foi coisa da minha cabeça. Tenho que beber menos. Ai, ai – e ele vai embora.
  - Ufa! – Kuroi fica aliviada.
  - Desculpa – Shiroi sempre se desculpava por qualquer coisa, mesmo que ela não tenha feito nada.
  - Nossa, os humanos como o papai são estranhos! – ela comenta o vendo ir andando.
  - Papai é mais bonito! – ela sempre nos achava melhor que tudo.
  - Mas... há algo nele que está me atraindo... – de repente, Kuroi começa a sentir um pouco de prazer ao vê-lo.
  - Hey! Espere! O que vai fazer? – Shiroi fica imóvel tentando entender o que a irmã ia fazer.
  - Seu cheiro parece tão... Shh – Kuroi cheira bem forte indo na direção do guarda.
  - Irmã, espere! Não vá! – ela tenta segurar a irmã movida pelo instinto de súcubo desabrochar em seu corpo.
  - O que é isso? Hã? Boa noite. O que duas garotinhas como vocês fazem numa hora dessas? Seus pais deve... – ele percebe que elas não eram humanas.
  - Irmã! Vamos embora! – Shiroi a puxa pelo braço.
  - V-vocês são demônios... – ele já ia começar a chamar reforços.
  - Ufa! Achei vocês! – hipnotizo o guarda para podermos ir embora.
- As pegando pelo braço, rapidamente fujo do lugar desfazendo a hipnose e apagando a lembrança do guarda quando as viu. Pelo caminho de volta...
- O que vocês estavam fazendo fora da fazenda? Já não as proibi de ir além dela? – dou uma bronca nelas.
  - Desculpe – Shiro estava triste.
  - Desculpe, mas estava tão divertido ir ver outros humanos além do papai – Kuroi fala bem alegre.
  - Ai, ai! Nunca mais façam isso! – aumento o tom.
  - Desculpa! – as duas falam ao mesmo tempo.
- Chegando em casa, Matheus estava muito ofegante e preocupado conosco.
- Ufa! Ainda bem – ele bota a mão em seu peito e fica aliviado.

- Elas estavam na Cidade de Morrontes e quase um guarda as prende – explico.
- Já dissemos que não é pra sair da fazenda! É muito perigoso lá fora! – ele briga com elas.
- Desculpe! – elas falam ao mesmo tempo.
- Mas foi tão bom sentir o vento passar por nós! – Kuroi fala bem alegre.
- Sentir o cheiro daqueles doces! Hum! – Shiroi fala sugando o ar lembrando do cheiro.
- Vento? Como assim? – ele pergunta.
- E como vocês chegaram lá tão rápido? Daqui até lá são dois dias – desconfio.
- Voando, mamãe! – Kuroi responde.
- Voando? – ficamos assustados.
- Sim! Voando como você, quando nos trouxe de volta para cá – Shiroi explica toda tímida.

Depois daquilo, Kuroi explica que já voava a uma semana e que queria mostrar para a irmã como era, mas que no caminho acabaram passando pela cidade por um acaso. Então resolveram ver como era. Fico feliz em ver minhas filhas já começando a querer explorar o mundo como minha antiga amiga.

- Kuroi, estávamos só esperando que você ganhasse suas asas para explicar – falo bem séria à mesa.
- Sobre o que – Kuroi fingia não saber do fez.
- Agora que ganhou suas asas, você se tornou uma súcubo madura. Só falta sabermos qual tipo você será e quando você fará sua primeira refeição – explico.
- Poderes, como os seus? E me alimentar de que? – Shiroi pergunta.
- Não sei... podem ser de força, velocidade ou magia. Mas sobre se alimentar... – não tive coragem de contar para ela.

Depois de conversar com elas sobre o que eram, fomos tomar banho juntos com elas, Shiroi junto com seu pai numa banheira e eu com a Kuroi na outra, todos pelados.

- Mamãe – Kuroi fala.
- O que foi querida? – fico olhando para ela começando se empolgar.
- Posso ir junto com papai quando ele for amanhã na cidade? – estava muito animada para ver os humanos novamente.
- E-eu também quero ir! – Shiroi fala empolgada e bem tímida.
- O que você acha querida? – ele pergunta olhando para mim.

– Não tem jeito mesmo! Não quero que sejam que nem seu pai que ficava atrás de seu avô com medo de mim! – falo sorrindo para ele.

– Podemos ir? – elas perguntam ao mesmo tempo ficando de pé nos barris.

– Sim! – respondo!

– EBA! – elas ficam tão felizes que saem peladas dos barris e correm para dar um abraço forte na outra.

– Hihi! Criança – fico feliz ao vê-las se abraçando.

– Hehe! Podem se preparar que nós vamos sair bem cedo amanhã! – ele explica.

– E mamãe também vai com vocês – dou a notícia a elas.

– EBAAAA! – elas ficam pulando em círculo abraçadas.

– Hey! Só que não precisa ficar lembrando de como eu era! – ele fica um pouco chateado pelo que disse sobre seu passado, ali a elas.

– Você sempre será meu menino medroso. Hihi – provoco ele.

– E você, a menina tímida que nem sabia usar seus poderes – ele me provoca.

Nesse momento, começamos uma guerrinha de jogar água no outro e elas entram na brincadeira também.

No dia seguinte, saímos bem cedo para irmos para a Cidade de Morrontes.

– Papai, mamãe, preguiçosos, ACORDEM! – elas acordam bem animadas quase nos puxando da cama, tentando nos acordar.

– Você tinha que prometer! Buaaa – ele acorda bem exausto.

– VAI, acorda! – elas insistiam.

– Está bem, querida. Mamãe já está levantando – não conseguia abrir meus olhos direito ao ouvir tanta gritaria.

– Meninas, não irrite sua mãe. Buaa. Sabe como ela fica, quando fica brava – ele tenta as avisar.

– Vai, acorda! – mas elas o ignoram e continuam a insistir.

– AH! JÁ VAMOS! ESPEREM LÁ FORA! – fico na minha super força e levanto da cama para as jogar para fora do quarto.

– Hihi! – elas riem ajoelhadas do lado de fora do nosso quarto, após expulsá-las de lá e fechar a porta com força e raiva, quase a quebrando.

– ESSAS GAROTAS! E NEM PENSE EM DIZER NADA! – fico furiosa.

Após nos aprontarmos, saímos da fazenda e fomos em direção a Morrontes.

– Kuroi... – falo.

– Sim, mamãe – ela olha para mim.

– Pode mostrar suas asas para mim? – pergunto.

– Mas, achei que você não queira que as usasse? – ela olha meio triste.

– Filha, essas suas asas são a marca e o orgulho de uma súcubo, além de seus chifres e calda. Lembre bem disso – respondo.

– Obrigada, mamãe! – ela revela suas lindas e pequenas asas pretas como sua calda, e começa a voar em volta da carroça, até parar e se sentar ao meu lado de novo.

– Nossa, mas elas são linda! – falo tocando e admirando suas asas.

– Hihi! Posso ficar voando? – ela fica feliz.

– Filha, voe e sinta orgulho, por ir até os céus – respondo.

– Obrigada! – ela continua voando.

– Quando chegarmos na cidade, as esconda. Está bem? – falo.

– Sim! Yupi! – ela fazia umas piruetas.

– Papai, não tenho asas. Quero voar também! – Shiroi pergunta um pouco triste.

– Não se preocupe, eu serei suas asas! – ele a pega e a bota sentada em seus ombros.

– EBA! Estou voando! Papai, estou voando! – ela abre seus braços bem alegre.

– Hihi! – Kuroi ri ao ver sua irmã feliz.

– Querida, você está voando mesmo! – fico feliz também.

– Vai querida – ele me olha feliz.

– Está bem – abro minhas asas e começo a voar junto a minhas filhas.

– Venha irmã! – Kuroi pega sua irmã e a leva para voar de verdade.

– Querido! – falo para ele.

– Está bem – ele para a carroça e o levo para voar junto comigo.

Nos divertimos voando. Mesmo ainda sem suas asas, Shiroi voava. Matheus e eu relembramos de quando voamos juntos quando éramos criança.

– O dia que minhas asas nascerem, eu serei suas asas! – Shirou fala para sua irmã.

– Hihi! Sim! – ela sorria a segurando, enquanto voava.

Após nos divertimos, voltamos para a carroça. Kuroi voa ao nosso lado acompanho o ritmo da carroça e Shiroi volta a sentar nos ombros de seu pai.

Depois de dois dias, finalmente chegamos a Morrontes. Sem poder esconder suas caldas e chifres ainda, Kuroi bota um pano sobre a cabeça e enrola sua calda em sua cintura, Shiroi fez o mesmo com suas asinhas da cabeça e a calda,

como fazia na mesma idade delas. Entrando lá, fomos até o centro comercial e armamos nossa barraca para vender os produtos. Elas pedem para eu as acompanhar pela cidade...

– Vem mamãe! – elas me puxam pela manga da roupa.

– Está bem. Vou dar uma volta com elas – falo para ele.

– Está bem. Bom passeio minhas princesas – ele acena para nós.

Andando pela cidade, elas ficam maravilhadas com a quantidade de humanos que haviam lá. Andando, elas pedem para irmos na padaria ali perto.

– Mamãe, mamãe eu quero esse! – Kuroi me puxando pela manga da roupa novamente, apontando para os pães na vitrine.

– Pode me ver um, por favor – e pago um pão para ela.

– O que foi querida? – vejo Shiroy lambe os beiços ao olhar para uns doces coloridos na bandeja.

– Posso pegar um? – ela me olha com a cara de coitadinha dela.

– Vou querer um desses aqui também. Pode pegar filha – e pago o doce para ela.

Ao sairmos com as duas comendo o que queriam, Kuroi pede para irmos na loja de roupas. Lá não comprei nada, elas só apenas olharam mais de perto as roupas que tanto admiraram na sua visita noturna. Ao vê-las, lembro-me dos momentos em que passei fome e que não tinha dinheiro para comprar um pão velho, e vê-las comendo algo que comprei para elas, me encheu de alegria.

Ao voltamos para barraca para ajudar meu marido, e vimos umas crianças brincando no centro comercial...

– Mamãe, posso? – Kuroi pergunta toda animada para brincar com elas.

– Papai, posso? Shiroy também pede o mesmo.

Nos olhamos e as deixamos ir brincar com as crianças humanas. Rapidamente elas fazem amizade e começam a brincar. Kuroi brincava de pique-pega, enquanto a Shiroy brinca de boneca com outras garotas mesmo não possuindo uma. Ao vê-las brincar, lembro-me que até antes de conhecer minha amiga, não tinha e nem podia ter nenhum amigo ou amiga para brincar. Depois de um dia de vendas, fomos dormir numa casa de um conhecido de Matheus. Olho para minhas filhas dormindo junto a ele e começo a me emocionar ao lembrar dos momentos que passei com minha amiga na pousada em que moramos por um tempo.

Após alguns dias de venda, soubemos que haveria um festival na cidade, e as meninas ficam muito animadas e nos pedem para irmos. Matheus e eu concordamos, e ficamos na cidade por mais alguns dias para poder participar do festival. Kuroi e Shiroy pedem para que arrumemos roupas para elas usarem, mas nosso dinheiro era muito pouco para comprar até mesmo um conjunto

completo de roupa. Foi então que o conhecido de Matheus pede para sua filha as emprestar umas roupas para poderem ir ao festival. Depois ele nos empresta as roupas de sua esposa para mim, e a dele para meu marido.

Depois de vermos que as roupas cabiam perfeitamente em todos, exceto que ficou um pouco apertado nos meus enormes peitos, fomos ver o festival.

– Nossa que lindo! – Kuroi fica de boca aberta ao ver tamanha beleza do festival.

– Aaah! – Shiroi bota suas mãos abertas na frente de sua boca e queixo, admirando tudo aquilo.

– Vamos meninas. Querida – ele fala indo de mãos dadas comigo.

Passeando pelas barracas...

– Papai... – Kuroi aponta para o joguinho de pescaria.

– Mamãe... – Shiroi pede uma maçã do amor.

Andando mais um pouco chegamos a uma barraca de arremessar argolas, administrada por dois homens gordos. Um parecia estar sério e o outro era bem animado...

– Mamãe, quero tentar! – Kuroi queria muito algum dos prêmios na estante.

– Está bem – eram três tentativas.

– Droga! Eu quero um pra mim! Eu quero! Eu quero! – ela erra feio todas as três chances – Mais uma!

Olho pra minha sacolinha com pouco dinheiro...

– Por favor! – não resisto a aquela carinha fofa me pedir tal coisa.

– Me vê mais uma rodada! – me sentia pedindo bebida alcoólica – Agora é a vez da mamãe!

– Ah! Ah! Essa eu não... – e erro todas.

– Deixa comigo! Eu sou bom nisso! – Matheus se empolga e tenta também.

– Vai, papai! – Shiroi torce por ele.

– Droga! – ele erra duas. Percebendo que não poderíamos mais pagar pelas chances, ele tenta ao máximo se concentrar em sua última tentativa.

– Papai, posso tentar? – inesperadamente, Shiroi pede para tentar também.

– Está bem, minha princesa – ele a deixa em pé em cima do balcão.

Ela se concentra e lança...

– LAMBA LAMBA LAMBA! – o homem gordo animado de trás do balcão gritava tanto que nem conseguia diferenciá-lo do sino que balança, ao ver que ela havia ganho um dos prêmios especiais dali.

– E-eu consegui? – desde pequena, Shiroi sempre foi muito boa de mira, igual a uma súcubo de velocidade do tipo mira.

– Meus parabéns meu anjo! Pode escolher qualquer um dos prêmios! – o homem gordo sério estende o braço, abrindo a mão indicando todos os prêmios.

– E-eu quero aquele – ela aponta para um pequeno coelho branco de pelúcia que abria e fechava a boca igual a um fantoche (mesmo não sendo um fantoche) que tinha um babado laranja com seu contorno e bolinhas amarelas entre sua cabeça e corpo (ele não tinha pescoço), e seus olhos eram dois botões pretos costurados por linhas brancas. Era bem bonitinho.

– Que tal dar um nome a ele? – ao andarmos um pouco, Matheus sugere.

– Momo – ela foi rápida para escolher. Todos nós ficamos sem saber e entender o porquê daquele nome.

Algo de especial à chamou a atenção naquele boneco, mesmo estando quase escondido em meio a tantos outros prêmios. Desde aquele dia, ela quase não desgrudava ou soltava daquele boneco. O que importava, era todos nós a vermos feliz.

Andando mais um pouco, vimos um mago fazendo adivinhações com imagens brilhantes no ar...

– Quem quer aprender brincado? Eu sou o mago Nostalagi, e duvido alguém conseguir acertar minhas adivinhações! – o mago se apresentando.

– Mamãe, mamãe! Posso tentar? – Kuroi pergunta bem ansiosa.

– Desculpe, filha. Mamãe não tem mais dinheiro – falo com aperto no coração ao vê-la ficar um pouco triste.

– Que isso, vamos nos divertir um pouco! Deixem que eu pago – o conhecido de Matheus aparece.

– EBA! – as duas gritam bem alto.

– Olá meninas! Vamos começar nossas aventuras na adivinhação? – ele pergunta.

– SIM! – elas respondem.

– O que essa imagem é? – ele mostra uma imagem mágica no ar com uma parte borrada.

– Um cavalo! – Kuroi responde bem animada.

– Correto! E a próxima? – ele faz outra imagem.

– U-uma carroça! – Shiroi responde.

– Correto! – ele fala.

– Hihi! – elas sorriem uma para a outra.

– Uma árvore! Um guarda! Uma espada e um escudo! Um poço! – elas acertam tudo...

– E agora, nossa última adivinhação! – ele mostra um par de chifres e uma calda.

– Mamãe! – Shiroi responde.

– Hã? Como? – o mago não entende.

– Ela quis dizer... um boi! – Kuroi consegue salvar nossa pele.

– Correto! E aqui está seu prêmio! – ele as entrega duas cestas de doces.

– Irmã, cuidado com o que diz! Sabe o que acontece se descobrirem sobre nós!

– Kuroi sussurra para sua irmã.

– Desculpe! – ela fica triste.

– Não fique assim, irmã. Só tome mais cuidado com que vai falar sobre nós da próxima vez – Kuroi sempre a consolava.

– Oh, criançaDA! Venham ver o espetáculo de marionetes dos “Irmãos Bento” – um homem fantasiado como um leão gritava bem alto – É gratuito! Podem vir e se divertir!

– Mamãe, mamãe! Vamos, vamos! – Kuroi bem agitada, me puxando pela manga.

– Papai, papai! Podemos ir? – Shiroi bem tímida, cutuca seu pai.

– Está bem! – ele concorda.

– Vamos, querida! – seguro a mão de Kuroi, enquanto Matheus fazia o mesmo com Shiroi.

Sentamos nos troncos de madeira atrás do que elas duas estavam sentadas. De repente, dois homens saem de trás de uma cortina...

– Muito bem gente! Eu sou Caslo Bento – o homem em frente a um pequeno palco de fantoches fala.

– Olá! E eu sou Costa Bento, e sejam bem-vindos ao nosso espetáculo de fantoches! – o outro irmão se apresenta.

– Prontas? – Casto pergunta.

– SIM! – nunca tinha visto tanta criança junta num lugar só na minha vida.

Eles vão para trás do pequeno palco e usam fantoches de animais coloridos.

– Olá, eu sou o senhor foca! E eu adoro muitos doces! – Caslo usava um fantoche de foca azul.

– Olá! Eu sou o senhor coruja! E adoro muito doces também! – Costa usava um fantoche de uma coruja com várias cores diferentes.



– OLÁ! – todas as crianças respondem. Eu não resisto e respondo junto com elas.

– Vamos conhecer os animais? – Costa pergunta.

– SIM! – novamente respondo junto com elas. Matheus parecia feliz, mesmo com um pouco envergonhado.

– Animais vão aparecer e fazer sons diferentes e vocês tem que dizer bem alto quem são esses animais! Beleza? – Caslo fala bem animado.

– Grom! – ele usa um outro fantoche.

– LEÃO! – ficava toda vermelha ao continuar respondendo junto com elas.

– Piupiu! – Costa pega outro.

– PASSARINHO! – todas gritam.

Era muito engraçado, apesar de ser bem bobo...

– HÃI, HÃI! HÃI, HÃI! – Caslo usa novamente o primeiro fantoche.

– FOCA! – algumas crianças resolvem imitar alguns dos sons feitos por eles.

– Cuuu... cuu... – Costa também volta pro primeiro fantoche.

– CORUJA! – apesar de ser bem óbvio, todas estavam se divertindo respondendo e acertando tudo.

– Obrigado por assistirem nosso espetáculo e até a próxima! REBUI! – apesar de não ter entendido a última parte que disseram após fazerem um gesto com as mãos em frente do seu pescoço com uma careta, achei bem divertido, e vi que todas as crianças se divertiram e aprenderam com eles.

– Aqui, tomem esses doces – o homem que estava vestido de leão distribui uns doces para todas as crianças que assistiram ao espetáculo deles dois.

– Hum! Que gostoso! – as duas se deliciavam com o que tinham ganho.

– Snif – quase choro ao me lembrar da minha época sofrida ao vê-las felizes, mesmo sendo duas súcubos como eu.

Voltando a andar pelo festival, nos deparamos com uma barraca um pouco inusitada. Ela tinha umas pequenas plantações de cogumelos comestíveis em cima de seu balcão.

– Olá, querem experimentar um doce feito de cogumelo? – era um rapaz que fazia vários pratos com cogumelos na hora.

– Bem... – ficamos um pouco desconfiados.

– Oi cogumelos! Vamos ver como ficam mais gostosas as comidas com cogumelos? – ele brinca com Shiroi mexendo dois pequenos cogumelos no balcão.

– Hihi! – ela ri bem tímida.

– Pegue, é por conta da casa! – ele a oferece um doce que acaba de fazer.

Não me preocupei com aquilo, pois sabia bastante sobre cogumelos, ao viver um tempo junto a minha antiga amiga. De repente, o mesmo grupo de crianças de antes quando as levamos na cidade pela primeira vez, estava brincando numa parte do centro comercial onde estava sendo realizado o festival.

– Podemos? – elas nos pedem para deixarmos elas irem brincar.

Nos separando delas um pouco, e fomos para um canto se beijar para aproveitar e descansar um pouco. Mesmo eu sendo uma súcubo do tipo força, sentia cansaço por acompanhá-las pelo festival, igual a meu marido humano.

– Fico muito feliz por vê-las brincar com uns amigos – conto feliz a ele.

– É, se não fosse por vocês, eu nunca teria amigos – ele conta.

– Bem... Acho que vou lá também. Posso? – tenho uma brilhante ideia, após ver as crianças brincando.

– Hehe! Pode, minha menina tímida! – ele dá um cafuné em mim.

– Já disse para não me chamar assim, meu menino medroso. Hihi – ele me olha com a bochecha inchada.

Fomos até um beco, materializo minha chave e fico na minha forma selada base. Depois da transformação, estalo os dedos e troco minhas roupas...

– Até daqui a pouco! – e vou correndo para brincar com elas.

– Oi. Posso brincar com vocês? – pergunto às crianças que estavam juntas às minhas filhas.

– Espera! Essa é nossa...? – Kuroi e Shiroi sussurram entre elas.

– Pode! Tá com você! – e começamos a brincar.

Matheus nos observa de longe, brincar com as crianças.

– Mamãe, é você mesma? – elas sussurram.

– Sim! Hihi! – tinha me esquecido de dizer do selamento para elas.

Depois do susto as duas continuaram a brincadeira como se eu não fosse sua mãe.

– Arf...! Arf...! Isso é muito divertido! – falo toda ofegante de alegria.

– Tá com você! – Shiroi encosta em mim brincado de pique-pegas.

De repente, vejo algumas pessoas dançarem ao som de uns instrumentos musicais, e decido parar de brincar, e levar Matheus para dançar junto comigo.

– Eh? Não acha meio estranho? – Matheus fica espantado ao ver que eu dançava com ele ainda em minha forma selada base.

– Hihi! – as duas param para nos ver dançando e ao mesmo tempo ri daquela situação estranha.

– Vamos lá também irmã – Kuroi a chama para dançar também.

– Tá! – Shiroi vai bem feliz dançar com sua irmã.

De repente, a música para e começamos a ver e ouvir os fogos de artifício sendo lançados nos céus.

– Obrigada, mamãe! Obrigada, papai! – Kuroi nos abraça bem feliz.

– Obrigada, por vocês serem minha família – Shiroi também nos abraça – Não tem nada melhor que vocês!

– Eu também! – as abraço começando a chorar de emoção.

– Amos todas vocês, minhas princesas e minha esposa querida! – ele dá um cafuné em nós três.

Ficamos abraçados por todo o espetáculo. Quando os fogos acabaram, vou para um beco e volto para minha forma normal base e voltamos para a casa do conhecido de meu marido, pois já estávamos bem cansadas. Na manhã seguinte, agradecemos pela hospitalidade e voltamos para a fazenda. Daquele dia em diante, elas passaram a acompanhá-lo em suas vendas para visitar a cidade e brincar com as crianças humanas, além de aprenderem a trabalhar na venda com o pai, enquanto eu ficava em casa tomando conta da fazenda, sendo que, algumas vezes ia voando com elas para comprar alguma coisa ou passear em Morrortes.

## **Capítulo 28 – Perdas e Ganhos**

Certa noite, após tomarmos a sopa de cenoura de meu marido...

– Hora de dormir! – falo para elas.

– Mas já? – Kuroi reclama.

Após a primeira ida delas em um lugar além de nossa fazenda, elas passam a nos ajudar nas tarefas e tinham que acordar bem cedo, mas sempre reclamavam, principalmente Kuroi.

– Boa noite, mamãe – Shiroi indo dormir.

– Boa noite, papai – Kuroi indo dormir.

– Boa noite, minhas princesas – ele saindo comigo do quarto delas.

Com isso, pensamos em voltar a ter uma vida sexual ativa, já que elas iriam dormir mais cedo. Então, íamos transar no galpão da fazenda. Até que...

– Papai, mamãe? – Shiroi acorda e vai até nosso quarto. Pois, às vezes, ela vinha para dormir junto conosco, por não conseguir dormir direito.

– Irmã! Não encontro papai nem a mamãe em lugar algum – ela acorda sua irmã e começam a nos procurar pela casa toda.

– Será que estão lá fora? – Kuroi resolve ir para fora de casa nos procurar.

– Será que estão no galpão? – Shiroi pergunta ao ver o galpão com uma luz acesa.

Elas vem em direção ao galpão e...

– PAPAI! – Kuroi fica chocada.

– MAMÃE! – Shiroi também fica chocada.

Pela primeira vez, elas nos veem transando. Depois de tentarmos tampar nossas partes sexuais com um pano cada, tentamos explicar para elas.

– Era disso que eu estava querendo falar pra vocês, aquele dia... mas não tive coragem... – falo chocada após parar de transar com meu marido ao vê-las paradas na nossa frente.

– Mas, você e papai estavam... estavam... – ela não sabia o que era.

– Transando? Fazendo sexo? – respondo com duas perguntas.

– Então... é isso que nós súcubos somos? – Kuroi pergunta bem nervosa.

– Me desculpe filha... – tento falar com ela.

– Papai! Snif! Mamãe! – Shiroi começa a chorar.

– Vem Irmã! Fique longe deles! – Kuroi leva sua irmã para o quarto a tampando os olhos e a puxando à força ao vê-la chorar.

– E agora, o que devemos fazer? – pergunto a Matheus enrolados em panos no chão do galpão após nossas filhas saírem correndo de nós.

– O devemos fazer? É o que “você” deve fazer! – ele fala bem sério comigo.

– Como assim, eu? – fico preocupada.

– É hora dela aprender como deve ser uma súcubo! – ele responde.

– Mas ela é muito jovem! – fico com medo.

– Você já transava quando tinha a mesma idade dela! – ele relembra.

– Faça o que seus pais não fizeram com você e mostre o caminho certo para ela. Quem melhor que você para ensiná-la sobre isso? – ele estava bem sério comigo.

– E-eu? Você acha mesmo?

– Acho!

Na noite seguinte vou até o quarto delas.

– Fique longe de mim! – Kuroi começa a voar pelo quarto tentando fugir de mim.

- Calma filha. Eu só vim aqui falar com você – ela não me ouvia se segurando no telhado dentro do quarto.
- Irmã! – Shiroi, apavorada, fica num canto do quarto toda encolhida.
- Não vai me pegar! – bem ofegante volta a voar e tenta escapar pela janela.
- JÁ CHEGA! – a seguro pela calda e a puxo para agarrá-la.
- NÃO, NÃO! SOCORRO! FUJA SHIROI! – vendo que estava totalmente imobilizada, tenta encorajar sua irmã, mas Shiroi estava muito apavorada para poder fugir.
- CALA A BOCA E ME ESCUTE! – dou um tapa em seu rosto.
- Snif! – ela me olha com desprezo.
- Já é hora de te ensinar sobre nossa espécie! E você também! – as carrego nos braços até o galpão.
- É hora de aprenderem a como ser uma súcubo! – as jogo no meio do galpão.
- Mas... – elas estavam apavoradas agarradas uma na outra.
- CALEM A BOCA E ESCUTEM O QUE VOU DIZER! – grito bem alto com elas.
- Sim! – elas me olham apavoradas.
- Primeiro... – estalo os dedos e fico com minha roupa de súcubo – Agora toquem em mim.
- Só... snif... isso? – elas vem e me tocam na barriga.
- Agora comecem a me acariciar lentamente – dou a ordem.
- Mas... – elas me olham apavoradas.
- AGORA! – grito mais uma vez – Isso. Agora, Kuroi vá descendo até minhas pernas e as acaricie. Shiroi, vá até meus peitos e os aperte, como se estivesse pegando em uma lama. Podem pegar com força. Quero que vocês sintam prazer – elas vão bem tímidas.
- Assim? – elas perguntam.
- Sim! Agora deslize suas mãos até chegar onde sua irmã está, só que um pouco mais delicado.
- Assim?
- Isso. Agora fiquem nuas.
- O QUE?!
- JÁ DISSE PRA FICAREM NUAS! AGORA!
- Tá!
- Agora repitam o que vou fazer comigo!

Me sentia mal por fazer tal ato com elas, e que para outras espécies, isso seria pedofilia, mas elas um dia iriam precisar se virar sozinhas e se alimentar de energia vital, como súcubos, naquele mundo caótico. Então resolvo as ensinar, mesmo Shiroi sendo muito nova.

– Lambam assim e peguem assim – aperto os peitos os peitos de Shiroi e lambo a vagina de Kuroi, acariciando e lambendo cada parte de seus corpos.

– Agora, é sua vez! – fico em pé esperando-as fazer o mesmo.

Elas repetem o que fiz nelas em mim direitinho. Então resolvo ir um pouco mais além...

– Agora vamos transar de verdade! Tirem minhas roupas bem devagar! – dou a ordem.

– Mas... – elas ainda não entendiam.

– AGORA! – dou um grito bem forte.

Com medo e vergonha, elas tiram minhas roupas bem devagar e nisso dilato meus músculos, mostrando minha super força no máximo.

– Caramba, mamãe! Que corpo gigante! – finalmente o que eu queria que elas sentissem começa a aparecer. Kuroi fica impressionada com meu corpo e começa a sentir vontade em me tocar, fazendo suas orelhas balançarem.

– M-mamãe! Seu corpo... está enorme! – Shiroi também fica admirada comigo, quando suas pequenas asinhas começam a balançar. Mesmo sendo cinco anos mais jovem que sua irmã, consigo despertar seus interesses de súcubo um pouco mais cedo.

– Agora ataquem meu corpo com o que já ensinei! – dou a ordem e começamos a transar entre nós três. Aos poucos elas vão se acostumando e gostando cada vez mais. Shiroi por ser mais nova ia um pouco mais tímida, mas ficava feliz em fazer aquilo entre nós.

Desde então, passamos a nos acariciar e às vezes até a transar, como uma maneira de afeto e carinho, em vários lugares: tomando banho, dentro de casa ou até mesmo na presença de Matheus, sem ele nos interferir.

– E o papai? Não vai vir? – Kuroi pergunta.

– Respeitem seu pai, mesmo ele sendo humano! Isso é só entre nós. Só eu posso fazer isso com ele, e nada de ficar espiando! Ouviram bem? – explico.

– Sim! – elas respondem, engolindo meu gozo. Shiroi por ser muito nova ainda não conseguia gozar, mas adorava engolir o meu e o de sua irmã. Ela também adorava mamar nossos seios.

– Se vocês quiserem transar ou ficarem se pegando, podem ficar à vontade, só façam isso discretamente, tanto pra seu pai e eu como pra qualquer outra espécie! Ouviram? – concluo.

– Podemos? Oba! – nunca ia imaginar que iam gostar de serem súcubos, ao contrário de mim que um dia queria até morrer por ser quem eu era.

– Amanhã, nós vamos até a cidade aprender mais com os humanos – em algumas noites as levava para diferentes cidades para mostrar como se transar com humanos.

Na maioria dos casos, Shiroy ficava brincando quietinha com Momo num canto sem incomodar, pois ainda não tinha suas asas para poder voar e não precisava sugar energia vital para sobreviver. Enquanto isso, eu mostrava para sua irmã como fazíamos nós súcubos, e nisso Kuroi fazia o que via junto comigo o que ensinava a ela. Em uma certa noite, todos nós tomando banho...

– Viu como eu fui mamãe? – Kuroi na banheira comigo, tocando em meus seios.

– Sim, mas você ainda vai precisar aprender a hipnotizá-los sem minha ajuda – elas ainda não sabiam usar nenhum de seus poderes e eu é que sempre hipnotizava as pessoas para elas irem transar e sugar a energia vital dos outros.

– Papai, qual poder eu vou ter quando crescer? – ele não sabia a resposta, mas desconfiávamos ser do tipo velocidade do tipo mira. Pois normalmente os demônios que possuem pequenas asas no topo de suas cabeças, possuem uma coordenação motora tão formidável que nem a dela e se tornam demônios de tipo velocidade do tipo mira.

– E eu, mamãe? – em Kuroi já era um pouco mais difícil de se saber, pois existem vários tipos de demônios com orelhas grandes como as dela.

– Er... não sei – não sabia mesmo.

– Devo ser forte que nem a mamãe! – Kuroi pega meu braço e minha barriga começando a apertar, mesmo eu estando na minha forma normal base.

– Eu também quero ser forte que nem a mamãe! – Shiroy levanta pelada da banheira e faz um gesto fechando a mão em sua frente, bem confiante.

– Isso aí! Fortes que nem a mamãe! – fico em minha super força. Elas começam a acariciar e a apertar meus músculos.

– Quero ter um corpão como o teu, mamãe! – tímida, Shiroy balança e aperta meus peitos gigantes com as mãos.

– Quero poder levantar o papai em cima da carroça! – Kuroi se segura e balança no meu braço, tentando abaixá-lo. Mas ela não consegue.

– Hehe! Mamãe é forte mesmo! – ele fica feliz em nos ver brincar.

Depois daquilo, fomos dormir. Em algumas noites, Kuroi saía escondida para tentar fazer sexo com alguém na cidade. Com medo de dar algo errado...

– Essa é minha chance de provar para eles que eu sou forte que nem a mamãe!

– Kuroi falando da janela para a sua irmã.

– Não acha meio perigoso? Ainda não sabemos hipnotizar as pessoas! – Shiroy agarrada o Momo na cama.

– Irmã... Vai dar certo! – e ela sai voando.

– Ela acaba de sair! Vou atrás dela! – falo com Matheus escondidos num canto do lado de fora de casa.

– Mas, você mesma não disse para elas aprendem a se virarem sozinhas? – ele estava preocupado.

– Não sou tão coruja assim, tá! Só acho que ela ainda não está pronta. Enquanto ela não puder hipnotizar, tudo de ruim pode acontecer. Por isso vou acompanhá-la – explico.

– Bem... se você diz. Eu não posso discordar de uma súcubo experiente como você! – ele sempre compreendia meu ponto de vista.

– Bem... não cometerei o mesmo erro de meus pais e não deixarei que ela se machuque – explico.

– Está bem. Só não fique muito em cima dela! – ele avisa.

– Tá. Já vou indo! – e começo a voar, após dar um beijo rápido na boca dele.

– Tome cuidado! – e acenamos um para o outro.

Uso minha habilidade de ficar invisível e vou atrás dela. No meio do caminho, rio ao vê-la determinada. Ao chegar na cidade, ela procura uma casa para começar. Ela procura e procura, até escolher uma depois de caminhar e voar pela cidade. Era uma casa bem simples. Ela abre a janela e entra, enquanto eu a observava de um telhado ali perto. Ela parecia meio nervosa, mas mesmo assim esperava que tudo desse certo. Só bastava um beijo que ela já teria conseguido seu objetivo.

– Lá vou eu... seja forte como a mamãe! Vamos, vamos! – ela sobe na cama e prepara um beijo.

– O que uma pirralha está fazendo aqui? – o homem em que ela ia beijar acorda com ela de quatro em cima dele fazendo beijo.

– AH! – ela cai sentada em cima dele.

– Espere um pouco... – ele vê sua calda e chifres – DEMÔNIO! – ele grita bem alto.

– Espera! Não é isso... – ela tenta se explicar.

– Demônio? – outro homem entra em seu quarto com uma espada.

– Esperem... Snif – ela começa a chorar de tanto medo.

– PEGU... – eles paralisam na sua frente.

– Shh... – ela enxuga suas lágrimas e percebe que algo estava errado.



– Quase, hein? – tiro minha invisibilidade e falo com ela, os congelando com minha hipnose.

– Mamãe! Me desculpe! – ela vem me abraçar.

Depois da confusão, mudo as memórias deles para não se lembrarem de uma menina súcubo ali naquela noite, e resolvo levá-la de volta para casa. Chegando lá, ela diz só ir fazer aquilo de novo quando tivesse seu poder de hipnose, e volta a dormir com sua irmã, que estava muito preocupada com ela.

No dia seguinte, quando vou fazer compras com elas na cidade, percebemos que havia uma certa movimentação no centro comercial. Algumas pessoas pareciam preocupadas com alguma coisa...

– Eu vi! Eu vi! Demônios... voando pela cidade e tentando sugar a vida dele – uma pessoa aponta para o homem que ela havia tentado sugar a vida na noite passada.

– Mas eu não sei do que você está falando. Você deve ser doido mesmo – ninguém na cidade acredita na pessoa.

Mesmo ninguém dando a mínima para ele, essa informação chega aos ouvidos de pessoas da igreja e logo grupos de extermínio contra os demônios começam a aparecer e revistar as casas pela cidade de Morrortes.

– Mamãe, estou com medo! – Shiroi me abraça ao vermos uns homens de extermínio passarem por nós.

– Calma filha! – tento acalmá-la.

Ao passarmos pela cidade, fomos vendo os grupos da igreja acharem seres não-humanos: alguns mágicos e outros demoníacos, escondidos nas casas, até os puxarem e os levarem para a execução em praça pública.

– Mamãe! Estou com medo! – Shiroi estava apavorada ao ver tantos seres não-humanos serem mortos, torturados e humilhados na nossa sua frente.

– Vamos embora daqui! – começo a apertar o passo para sair dali.

– Hey mais cuida... – hipnotizo o homem da igreja e seguimos para fora da cidade, até um lugar que possamos voar.

Os dias foram ficando cada vez mais sombrios para seres não-humanos e ficamos preocupados em que, uma hora ou outra, eles poderiam surgir lá e nos matar...

– Papai, o que é aquilo? – Kuroi mostra uma iluminação na estrada se aproximando cada vez mais da fazenda.

– Esperem aqui! – Matheus e eu fomos ver o que era.

– São eles! – vejo que eram tochas e garfos dos grupos de extermínio de demônios da igreja vindo em nossa direção, queimando nossas plantações e matando nosso gado.

- Kuroi! Shiroi! Se escondam no quarto! – elas foram se esconder num alçapão no chão do quarto escondido debaixo da cama, feito pelos pais de Matheus.
- Eles estão vindo! – fico apavorada.
- Não se preocupe querida, vamos conseguir superar isso. Já enfrentamos inimigos piores – ele estava muito confiante, mesmo vendo nossa fazenda ser destruída: queimavam nossas plantações e galpão, e matavam nosso gado.
- Sim! – dou um beijo rápido em sua boca e fico em minha super força.
- Cadê vocês demônios? – o exterminador fala ao bater bem forte na porta – Sabemos que vocês estão aí! – eles arrombam a porta.
- Você! Sabia que iria te achar de novo! – o ex-açougueiro estava bem na minha frente novamente.
- Você! Como pode estar aqui se eu o amaldiçoei? – ele parecia mais determinado a me matar.
- Sofri por muitos dias por sua causa, mas tive sorte por conseguir me libertar com os paladinos da igreja – ele responde – Agora que te encontrei, irei tirar tudo de você. E pelo visto, você formou uma família, não é?
- Se você encostar um dedo neles! – fico furiosa.
- Haha! É mesmo? E o que pretende fazer? – ele mostra que haviam capturado o conhecido de Matheus.
- Me desculpem! – ele estava todo ensanguentado por ser arrastado por todo aquele caminho desde Morrantes preso a correntes em seu pescoço, braços e pernas, junto a uns seres não-humanos atrás dele.
- Como pode! – Matheus fica furioso ao ver seu amigo naquele estado.
- Haha! Se não fosse por ele, nunca teríamos encontrado essa fazenda onde mora. E sabe o que é mais impressionante? – ele dá um chute no estômago do amigo de Matheus – MOSTRE! – fico surpresa ao ver que o amigo de Matheus era um demônio que havia escondido seus chifres e calda com uma magia.
- Eles disseram que iam poupar minha família se eu contasse onde tinha mais demônios. Recusei e eles mataram toda a minha família, mas mesmo assim eles conseguiram me obrigar a falar usando uns objetos mágicos em mim – ele conta sangrando muito.
- Bem... não precisamos mais de seus serviços – o ex-açougueiro corta sua cabeça.
- Ora, seu! – Matheus se prepara para atacar.
- Haha! – ele ri, quando meu poder hipnótico falha.
- Como? – vejo que junto a seu grupo tinha uns magos e paladinos que anulavam meus poderes mágicos.

– E se você pensa que eu vou ser amaldiçoado novamente, está muito enganada! – ele mostra que carregavam armas mágicas junto com a eles.

– AAH! – vou para cima deles com muita raiva.

Ele consegue bloquear meu golpe com um artefato mágico e lança um poder que me deixa impotente. Via meu marido tentar lutar, mas assim como eu, ele cai rapidamente. Eles nos ignoram a procura de mais demônios.

– Procurem! – ele dá a ordem.

Vasculhando a casa, destroem tudo, até chegarem ao quarto delas...

– Não encontro ninguém aqui! – eles comunicam.

– Atchim! – Shiroi espirra bem baixinho.

– Shhh... – Kuroi segura sua boca para não fazer mais nenhum barulho.

– Ouviu isso? Acho que vem daqui... – eles acham o alçapão.

– AH! SOCORRO! – Shiroi fica apavorada ao vê-los.

– Soltem minha irmã! AAAH...! – elas são puxadas pelos cabelos. Sentindo muita dor, elas gritam bem alto.

– Olha só o que temos aqui? – ele vê minhas filhas serem jogadas com muita violência na sua frente.

– As encontramos escondidas num alçapão! – o companheiro do ex-açougueiro fala.

– Kuroi! Shiroi! – Matheus as vê sendo arremessadas.

– CALE A BOCA! – um outro homem chuta Matheus.

– QUERIDO! – estendo minha mão mesmo não podendo fazer nada.

– Pelo visto, você não perdeu tempo e já fez duas crias! – ele esfrega seus rostos no chão ao pisar nelas.

– Se você fizer algo com elas... – falo para ele.

– Haha! Antes de matá-las, vou fazê-las sentir muito prazer! Não é isso que vocês súcubos adoram? – ele se prepara para estuprá-las.

– Maldito! – fico com mais raiva ainda!

– E se vocês acham que vão absorver minha energia vital, estão muito enganadas! – ele mostra um artefato muito raro que impede de nós súcubos de sugarmos energia vital.

– NÃO FAÇA ISSO! – grito bem alto, ao vê-lo segurar Kuroi pelos cabelos.

– Irmã! – Shiroi estende sua mão tentando alcançar a irmã.

– CALADA! Você é a próxima! – ele a chuta!

– SOLTE ELAAAAA! – rapidamente corro até elas depois de quebrar o feitiço que bloqueava meus poderes e dou um soco nele que o afasta delas, mesmo com os poderes reduzidos.

– FUJAM! VAI! – após lutar com todos os seus companheiros, seguro elas pelos braços e as levo para fora de casa, onde Kuroi voa segurando sua irmã pelos braços para poderem fugir.

– Mamãe... – Kuroi ainda queria que eu fosse com elas.

– VÃO LOGO! – sabendo que não poderia as acompanhar fico para dar-lhes um pouco de tempo para que fugissem.

Elas fogem voando rapidamente, enquanto choravam. Enquanto elas fugiam ali perto ainda, todos eles se levantam e vem em minha direção.

– Você é bem forte mesmo! Até conseguiu quebrar um bloqueio de poder de nível alto! – o ex-açougueiro fica surpreso ao ver como eu era poderosa.

Nesse momento, continuamos o combate mortal. Mas rapidamente sinto minhas forças serem bloqueadas novamente.

– Queimem tudo! – eles incendeiam minha casa com Matheus dentro dela.

– Cadê sua força agora? Cadê esse seu poder divino que derrotou o rei demônio? VAMOS, RESPONDA! Eu acho graça do seu poder divino! – ele me chutava bem forte, com minha força e defesa bloqueadas, sentia completamente seus golpes.

– AAAAH! AAAAAAAAH! AAAAAAH! – Matheus gritava ao ser queimado junto a nossa casa.

– Querido! – estendia minha mão, caída no chão mesmo sendo chutada por ele.

– Não! O jogo ainda não acabou! – eu tento o impedir segurando sua perna – Vou até os confins do mundo, atrás de suas duas filhas, assim como fiz com seus pais e toda a sua raça maldita! Eu irei fazer... o que devia ter feito com você a muito tempo – ele fala ao ver meu desespero.

– Kuroi! Shiroi! – estava derrotada.

– A vingança é um prato que se come frio! – ele me puxa pelos cabelos – E é muito frio na solidão! – ele olha para mim, frente a frente e me larga no chão.

– AAAAAAAAH! – ainda escutava Matheus gritar.

– QUERIDO! – uso minhas últimas forças para me jogar em cima dele quando vejo o teto de casa desmoronar sobre ele.

Fico de quatro em cima dele, usando meu corpo como escudo, mas quando levanto dos escombros ainda pegando fogo...

– Não! Não pode! – vejo seu cadáver queimar em meus braços, junto ao meu corpo.

Rapidamente, sentia meu corpo queimar, mas minha raiva era tanta que não conseguia gritar de dor... só sentir. Ao vê-los partir para pegarem minhas filhas, olho toda em chamas e quase morta...

– Não...! Não...! Você não pode escapar! Do coração do inferno... Eu apunhá-lo você... Ah...! Ah...! Pelo bem do ódio... Eu cuspo, meu último suspiro... em você...

– falo em meio às chamas que consumiam meu corpo, o vendo ficar cada vez mais distante.

– Você quer vingar ou proteger aqueles que tanto ama? – de repente, escuto uma voz falar comigo.

– Tenho que proteger minhas filhas! Kuroi! Shiroi! Não posso deixar que as alcancem! – falo quase não podendo me manter viva.

– Então vá... – a voz começa a sumir.

– Quem...? Quem está aí? – pergunto para qualquer lado.

– Minha “flor”... – e vejo minha velha amiga surgir rapidamente bem na minha frente.

– Obrigada, por sempre estar ao meu lado! Minha “flor”! – fico feliz ao vê-la, mesmo que só fosse uma rápida imagem. Então, vejo que o pingente com o fragmento de asa de fada começa a brilhar bem forte.

– AAAAAH! – sentia meu poder rapidamente voltar para mim e começo a ficar na minha forma de deusa, determinada a salvar minhas filhas – AAAAAAAAAAH!  
– a transformação fica completa.

Ando pelas chamas com meu marido em meus braços. Com meu poder divino, apago as chamas de seu corpo e o ponho bem devagar no chão. Abro rapidamente uma cova e o enterro.

– Obrigada! Não desperdiçarei essa oportunidade – falo segurando meu pingente após tampar a cova.

Em seguida, abro minhas asas e voo rapidamente na direção deles e os mato rapidamente. Um por um.

– Ela é muito forte! Nossos poderes são inúteis! AH! – um dos paladinos fala antes de morrer levando um soco na barriga.

– Ora sua... Arg... – eu estrangulo outro.

– Não tenham medo. Peguem el... – minha calda se estende e perfura seus corpos com seus corações na sua ponta.

– Qu-que poder é esse? Não vou perder pra você de novo! – o ex-açougueiro vem em minha direção com uma espada.

– Você não disse que achava graça de meu poder divino? – sua espada quebra ao se chocar com meu corpo.

– Não! Eu não vou perder pra você... ah! – ele ainda tenta me apunhalar com uma faca, mas ela também quebra ao se chocar com meu corpo. Chego perto dele com minha mão esquerda em suas costas e minha mão direita atravessando sua barriga até sair do outro lado.

– Sabe... eu não estaria aqui, se não fosse por você. Obrigada – falo em seu ouvido, antes dele morrer.

Após tirar minha mão de dentro de sua barriga, descido ir procurar minhas filhas, mas sinto meu poder se esgotar rapidamente e volto a minha forma normal base. Tento voar, mas meu corpo estava muito exausto. Então, vou caminhando bem devagar sem saber para onde elas foram pela estrada, e chego até uma floresta. De repente, uma chuva começa, mesmo assim ando por mais umas horas, até desmaiar de tão exausta que estava.

Quando acordo, a luz do dia batia em meu rosto e me vejo no que parecia ser um quarto de camponês feito de pedras, enquanto estava deitada em uma cama...

– Kuroi! Shiroi! Ai! Ai, ai! – tento me levantar para ir até elas, mas caio no chão de tão fraca que estava e começo a chorar – Onde vocês estão? – rastejo tentando sair dali.

– Lalala laaa... – uma voz familiar se aproxima de mim. Tento voltar para a cama me rastejando.

De repente, a porta se abre e quem entra ali era...

– Hey! O que está fazendo! Você ainda não está totalmente recuperada! – Chisana estava bem na minha frente, me dando uma bronca, como da primeira vez.

– Chisana? – antes de perceber, a vi rapidamente como na primeira vez. Quando olhei direito, percebi que ela estava em sua forma normal base.

– Vamos. Tem que voltar para a cama para descansar! – ela me carrega com um pouco de dificuldade e me põe sentada na cama.

– Snif... Buaaaaa...! – choro apoiada em seu ombro.

– Calma. Calma – ela me dá um cafuné e encosta seu cabeça na minha.

Depois de chorar muito...

– Hasuno, me conta... o que foi que aconteceu? – nós não nos chamávamos mais de “flor”.

– É TUDO POR SUA CAUSA! – dou um tapa na sua cara. Um empregadas que iam entrando ficam assustadas com minha atitude.

– É... eu mereço isso... – ela me abraça, enquanto fazia sinal para as empregadas saírem – ... traí seus sentimentos... e por conta disso... te fiz sofrer – ela começa a chorar junto comigo.

Ficamos abraçadas e chorando por alguns minutos...

– Me desculpe por ferir seus sentimentos. Me desculpe! Me desculpe! – ela estava muito triste por me ver naquele estado.

– Snif... Você não disse que se repetir muitas vezes a mesma palavra, ela acaba perdendo o seu significado? – relembro do que ela havia me ensinado.

– É! – ela enxuga suas lágrimas.

– Seguimos caminhos diferentes e acabei tendo mais dor e sofrimento. E por isso... – ela fecha os olhos com medo de minha resposta – Obrigada.

– Hã? Por que está me agradecendo, se eu lhe causei tanto mal assim? – ela não entende.

– Você não entende mesmo, “Chisana”? É muito mais agradável escutar um agradecimento do que um pedido de desculpa. Eu fiz isso... porque eu queria te ajudar, não porque eu queria um pedido de desculpa. Tá? – relembro.

– Então... você não está brava... comigo? – ela me olha bem triste.

– Se não fosse por você, eu nunca teria encontrado o amor de minha vida e nunca teria me casado com ele ou teria tido duas filhas com ele – explico emocionada.

– Filhas? – ela fica emocionada.

– Kuroi e Shiroi, duas lindas súcubos. Kuroi Hana, tem dez anos e seu nome significa “flor negra”, enquanto Shiroi Hana tem cinco e seu nome significa “flor branca” – conto.

– Que coincidência... eu também tenho uma filha! Ela tem seis anos – ela conta.

– E qual o nome dela? – pergunto animada.

– Chisana Koritohi que significa: pequeno gelo e fogo – ela conta.

– Ela é uma fada de gelo e fogo como você? – fico curiosa.

– Sim! Hihi! Uma linda fada de gelo e fogo como eu! E ela sempre anda grudada em sua irmã gêmea, Serena... – a interrompo.

– Irmã? Não me diga que... – fico chocada ao ver tal semelhança ao ouvir tal nome.

– Espere! – ela me interrompe – É mais fácil te mostrar do que só falar – então, ela revela suas antenas e as encosta em minha testa fazendo um pequeno brilho em suas pontas.

## Capítulo 29 – Depois de Você

Conto para a Hasuno como foi que cheguei ali. Então, mostro momentos diferentes a ela dentro da mente coletiva...

– Foi aqui que nós vimos ele pela primeira vez – mostro nós duas escondidas na copa da árvore.

– Olha lá, é o Rogers! – ela aponta.

– Sim. Mesmo com seu jeito tímido e desastrado, algo me chamou a atenção nele – mostro quando vasculhei suas coisas.

– Hihi! Éramos duas selvagens descobrindo um novo mundo como ele – ela comenta.

– Depois disso fomos cuidar dele, mas algo queimava dentro de mim, algo muito mais forte que nosso amor – explico.

Mostro os momentos em que ficava com vergonha ao vê-lo. E então, mostro o momento em que estava tomando banho nua no Lago das Fadas e ele aparece. Mostro para ela, como ele gritava comigo querendo saber o porquê de eu querer evitá-lo.

– Então foi esse o momento em que encosto minhas antenas nele e abro minhas asas para ver seus sentimentos – mostro o momento.

– Nossa! Mas então, o que você viu? – ela pergunta.

– Bem... – mostro as imagens que vi na mente dele para ela.

– Nossa! Mas ele é um homem bem importante e inteligente para os humanos mesmo! – ela fica surpresa ao ver que ele realmente era uma pessoa boa.

– Só que... quando fui vasculhando suas memórias... – mostro que um sentimento muito forte e puro surge em meu coração, e fico assustada com isso.

Mostro para ela o momento em que me arrastei para ficar longe dele correndo para trás de uma árvore. Naquele momento sorria toda ofegante mesmo o vendo triste, sentindo meu coração pegar fogo.

– Naquele momento sentia... – ela me interrompe.

– Paixão! – ela fala bem animada.

– É... foi isso! Esse foi o sentimento que sentimos naquele momento. E por isso tive medo de dizer isso para ele – explico.

– Na manhã seguinte, fico mais e mais apaixonada por ele, mas cada vez mais perdia a coragem de me declarar para ele, até aquela noite – mostro a noite em que ele transa comigo.



– Naquela noite ele veio até mim tirar uma satisfação, mas tinha medo do que ele ia falar. Resistia, enquanto ele insistia em uma resposta. Então tomo coragem e digo tudo o que sentia por ele e d... – ela me interrompe.

– Chisana! Quero que você veja algo! – ela fica nervosa – Entre na minha mente e veja esse momento.

Ela me mostra o momento em que nos viu transar no lago e ficou triste.

– Depois daquele dia, percebia que te perdia cada vez mais para ele, a partir do momento em que você me chamou pelo meu nome ao invés de “flor”, como agora! – ela explica triste.

– Bem... como você mesma disse: nossas vidas tomaram rumos diferentes – repito o que ela disse há pouco.

– Bem, só digo... que... – ela fica triste.

– Sente saudades que nos chamemos de “flor”? – completo.

– Sim, minha “flor”... digo Chisana! – ela fica toda vermelha.

– Hihi! Acho que isso deve ficar só entre nós agora, como nosso segredinho! – fico um pouco triste por ver que as coisas não seriam mais como antes.

– Sim! Nosso segredo! – e juntamos os dedinhos mindinhos.

– Bem... continuando... – volto a contar.

Mostro o momento em que fomos para a casa de meus pais. Então mostro o momento em que fui passear com Rogers no lago. Ao chegar lá, ficamos conversando um pouco até que Sirena surge do fundo do lago.

– Olá, Chisana! – Sirena cumprimenta.

– Oi, Sirena! Como vão seus pais? – pergunto a ela.

– Vão bem e... quem é esse humano aí com você? – ela fica curiosa ao vê-lo.

– Esse é Rogers, uma pessoa que eu e Hasuno encontramos pela floresta alguns dias atrás – explico.

– N-nossa! Uma s-sereia de verdade! Nunca tinha visto uma antes! – ele ficou nervoso ao vê-la.

– Ele é um humano muito diferente dos que já vi antes – ela percebe seu jeito desastrado e tímido.

– O-olá, eu sou Rogers Martins, professor, médico e diretor da Universidade de Lasto e representante do Instituto de Pesquisa, Estudo e Compreensão das Espécies, o I. P. E. C. E. M-muito prazer em te conhecer.

– Oi, sou Sirena e sou a sereia mais bonita de todas – ela brinca com ele.

– Nossa! Nunca tinha visto como uma sereia é! Posso ver sua calda! – ele fica muito curioso – E essas suas orelhas, não são como as de um humano ou outras espécies – ele mexe nas orelhas dela.

– Hihi! Faz cócegas! – ela ri.

– D-desculpe – ele para – Mas olha só, você tem guelras nas costelas.

– Atchim! – ela espirra quando ele mexe em suas guelras.

– Mas, falando sobre você Sirena... – fico com ciúmes e o impeço de continuar a ver como o corpo dela era.

– Ah, sim! E cadê a Hasuno? – ela pergunta.

– Está em casa com meus pais – falo.

– Então quero falar com ela. Há muito tempo que não nos falamos – ela se transforma na frente de Rogers e vai andando.

– M-mas... c-como? V-você está andando na superfície? – ele a vê transformar sua calda de peixe rosa em duas pernas e suas guelras desaparecerem, se tornando quase uma humana.

– Isso? Eu posso me transformar em quase-humana quando quiser. É uma habilidade muito rara entre as sereias – ela explica fazendo pose nua na frente dele, só com duas conchas tampando seus enormes seios.

– Sirena! – tento avisá-la

– O que? – ela quase não tinha contato com humanos ou outras espécies além de Hasuno e eu naquele lago.

– Suas...! – aponto para sua vagina.

– Hã? AAAAAAAH! Me desculpe! – ela pula na água voltando a sua forma de sereia e pega no fundo do lago uma calcinha que havíamos feito para ela.

Naquela tarde, ficamos conversando sobre nossas espécies. Ele estava muito curioso sobre as fadas e as sereias, nos observando com seu caderno em mãos, anotando tudo o que podia sobre nós.

Quando voltamos para casa, não percebo que Hasuno estava muito triste e que meu pai havia lhe dado conselhos para seguir sua própria vida.

– Chisana! Veja isso! – ela pede para mostrar o momento em que ela foi embora do Lago das Fadas.

– Buaaa! Que sono! BOM DIA, DIA! – mostro quando acordo no dia seguinte após a noite em que ela foi embora, estendendo meus braços para o alto com as mãos fechadas para espreguiçar – Bom dia, Rogers!

– Bua! Bom dia Chisana – ele esfrega seus olhos para tirar suas remelas dos olhos ao acordar.

– Bom dia, Hasun...!?! – e vejo que ela não estava em sua rede – Hasuno? “Flor”? Ai! – me espeto em algo.

– O que houve? – ele levanta da cama preocupado comigo.

– Não sei, mas... algo me espetou aqui na cama – procuro o que era.

– Oi, Hasuno! Bom dia! Hasuno? – ele vê que ela não estava lá.

– Mas o que é isso? NÃO...! – e vejo o pequeno fragmento da ponta do chifre dela em minha cama.

– O que foi Chisana? – ele sobe num móvel para ver o que era.

– Snif. Snif – começo a chorar pondo minhas mãos no meu rosto.

– Por que está chorando? O que é isso? – ele pega o fragmento.

– Ela foi embora! – explico.

– Quem? Hasuno foi embora? – ele percebe logo ao ver melhor que era o fragmento do seu chifre que você havia deixado na minha rede.

Depois disso, fico chorando e lamentando por uns dias por sua partida. Até...

– Chisana? – ele vem caminhando bem devagar em minha direção e senta ao meu lado a beira do Lago das Fadas.

– Ela foi embora! E tudo por minha causa! – sento com minhas pernas dobradas com meus braços sobre elas e cabeça baixa, lamentando pela ida de minha amiga.

– Eu sei que não devia me intrometer, mas... – ele tenta me consolar.

– Mas, já se intrometeu demais! – falo bem alto com ele, quase que gritando.

– Você tem que viver sua vida! – ele completa.

– Me desculpe, a culpa é minha... Snif. Não sua! – continuo triste.

– Se acha que eu atrapalho sua vida, eu vou embora – ele começa a se levantar.

– NÃO! – o agarro na barriga – Fique... eu gosto de sua companhia – e ficamos abraçados no Lago das Fadas, com ele dando cafuné em mim.

Os dias se passam e minha vida volta ao normal com ele ao meu lado. Ele pesquisando sobre a vida no Lago, na Floresta da Harmonia e no lago onde Sirena aparecia. Eu cuidava da comida e de nossas roupas, parecia uma dona de casa humana cuidando da família, enquanto o marido ia trabalhar. Curiosa, sempre o observava em suas pesquisas. Vendo meu interesse, Rogers decide me ensinar sobre tudo o que sabia para mim, e eu faço o mesmo. Era muito divertido nossas trocas de informações, ou como os humanos costumam dizer: troca de figurinhas. Estava começando aos poucos um relacionamento amoroso com ele, até aquele dia...

– Ah, você só quer saber de ver essas suas pesquisas idiotas! – jogo charme nele, andando até parar em pé ao seu lado e ver suas anotações.

– Mas eu gosto muito de você, só que também gosto de fazer minhas pesquisas idio... digo... – ele era muito bobo e caía facilmente e minhas palavras.

– Hihi! Você é engraçado – rio parada ao lado dele de rosto virado para o outro lado.

– Ahã... gosto de pesquisar novas espécies! – ele parecia nervoso.

– Novas espécies, hein? Você só pensa nessas suas pesquisas idiotas – descido ir andando em direção ao lago bem devagar com as mãos para trás e fingindo dar longos passos.

– Não são nada idiotas, pesquisas são... – ele congela imediatamente ao me ver entrar bem devagar no Lago das Fadas, enquanto eu arriava lentamente minha roupa (que era bem parecida com uma camisola humana), olhando para ele com meu charme.

– Por que não estuda meu corpo? – fico completamente nua e sento bem devagar na água, fingindo me lavar esfregando meu corpo nu.

– Er... – ele fica todo bobo ao ver minha beleza.

– Venha, me estude. Estude sobre meu corpo – faço mais charme, até que ele resolve vir.

– Eu te amo – ele começa a acariciar loucamente todo meu corpo e a me beijar.

– Eu sei – e começamos a transar pela segunda vez.

Mas o que não percebemos é que algo ou alguém estava nos observando escondido perto dali.

Quando anoitece, vou dormir junto a ele na mesma cama agarradinhos. Algumas horas depois de madrugada, ele acorda para ir urinar e sai de dentro de casa para ir num matinho ali perto.

– Aaah! Isso foi bom! – ele voltava para ir dormir.

– Lalala laaa... – ele escuta uma melodia e começa a segui-la até o Lago das Fadas, igual a como os humanos costumam chamar de zumbi ou morto-vivo.

– O que é isso? – acordo escutando a mesma melodia e vejo que ele não estava lá.

Com isso, resolvo ver o que era aquilo procurando por ele. Saindo de casa, percebo que aquela melodia me era familiar. Ao chegar no lago, vejo Rogers sendo encantado por Sirena...

– PODE PARAR AI MESMO! – dou um grito ao vê-lo ir em direção a ela no meio do lago.

– Hã? O que estou fazendo aqui? – ele sai da hipnose após ela parar de cantar.

– O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO COM ELE? – vou bem nervosa na direção dela, ao vê-la abraçar e acariciar ele.

– Espere, espere! Não é isso que está pensando! – ela se esconde atrás dele.

– Ah, é? E no QUE devo pensar que estava fazendo com ele ao usar seu canto hipnótico? – dou uma bronca nela.

– Canto hipnótico? Cadê meu caderno? Cadê meu caderno? Ah, não importa! Cante de novo para mim, por favor! – como eu, Rogers era muito curioso e queria aprender mais.

– Calado! Me diz! O que você queria fazer com ele? – olho na cara dela.

– Eu vi vocês se tocando e se beijando hoje... e tive vontade de experimentar essa sensação – ela responde toda tímida.

– Ah! Era só o que me faltava! Venha Rogers! – começo a andar de volta para casa bem irritada.

– Mas... eu quero saber como é o... – mesmo cansado, ele sempre arranjava forças para descobrir algo novo.

– Nem pensar! Pode voltar pra cama! – levito ele com uma magia até em casa.

O boto de volta na cama e vou dormir com ele na cama de novo.

– Mas eu... – ele ainda queria ir lá.

– Fica calado! – estava muito nervosa.

Quando estávamos prestes a dormir, vejo uma sombra atrás da porta e começo a escutar batidas nela.

– O que foi?! – vou até a porta ver o que era.

– Me desculpe. Aqui fora, me sinto muito solitária. Posso ficar com vocês essa noite? – ela faz uma carinha de cachorrinho pidão.

– Promete que não vai fazer nada? – pergunto meio desconfiada.

– Eu prometo! – ela queria muito ficar ao lado dele.

– Ah! Está bem! Pode entrar! Mas nada de... – falo a ela.

– EBAAA! Vou dormir do lado dele! AAAH! – ela vai correndo em direção a ele e escorrega caindo do lado dele na cama.

– ... bagunça! – e completo vendo tal cena.

– Hihi! Acho que não estou muito acostumada a andar ainda! – ela sorri mostrando a linguinha.

– Ai, ai! Chega pra lá! – vou deitar junto a eles na mesma cama.

Naquela noite ficamos disputando quem iria ficar mais abraçada com ele...

– Ai! Você é tão fofo! – ela o abraçando.

– Ele é meu! – o abraço também, mostrando a linguinha.

Ele fica olhando para nós duas até dormimos, desconfiado de como iria terminar aquela disputa. Nos dias seguintes, continuamos a disputa para ver quem conseguiria mais atenção dele, seja vendo ele nas suas pesquisas, dormindo ou até tomando banho.

– Quer ver como minhas guelras são? – ela tentando seduzi-lo com o seu corpo. Em nossas disputas, ela não usava nenhuma magia, e sim seu próprio corpo, sabendo que ele se interessaria em estudá-la.

– Olha aqui! Veja minhas lindas asas! – fazia o mesmo que ela, sem também usar uma magia sequer. Só o charme do meu corpo igual a ela.

Apesar de brigarmos pelo mesmo homem, foi bem divertido vê-la apaixonada também, até aquela noite...

– Hu! – viro a cara para o outro lado tomando banho junto a Sirena no Lago das Fadas.

De repente, ele se aproxima para tomar banho junto conosco. Decidimos continuar competindo...

– Gosta de meu corpo? – ela faz uma cara bem provocativa deslizando seu dedo indicador no peito dele, enquanto estava toda pelada.

– Ele gosta é do meu! Não gosta? – o agarro por trás botando minhas mãos nos peitos dele o acariciando.

– PODEM PARAR! – ele grita com a gente e nos põe uma do lado da outra olhando para ele na sua frente.

– O que foi? Hu! – perguntamos ao mesmo tempo com caras tristes e viramos as caras para lados opostos com ciúmes da outra.

– Ai, ai! Por que não podemos viver em paz? – ele pergunta bem ofegante botando sua mão aberta em sua testa.

– Mas eu te amo! – Sirena responde toda carinhosa.

– Eu que amo ele! – respondo da mesma forma.

– Podem parar! Só vou ficar com vocês se fizerem as pazes e acabarem com essa disputa! – ele estava nervoso.

– Mas, sou eu que te amo! Hu! – novamente falamos ao mesmo tempo e viramos as caras para lados opostos.

– Olha, eu também amo vocês duas, mas essa briguinha já está indo longe demais. Vocês são amigas desde a infância, e por que não podemos viver juntos ao invés de brigarmos? – ele tenta contornar a situação.

– Mas... – olhamos para a outra.

– Amigas não devem se odiar, e sim saber dividir e ajudar ao outro quando for preciso – ele completa.

– Está bem. Me desculpe! – falo meio triste.

– Me perdoe! Eu só queira ter a mesma sensação que vi vocês fazerem naquela noite! – Sirena estava triste também.

– Amigas? – pergunto.

– Amigas! – juntamos nossos dedos mindinhos.

– Agora sim que eu gosto de v... ver?! – ele conseguiu reaver minha amizade com Sirena, mas em compensação passamos a ficar unidas e determinadas a conseguir o amor dele.

– Como será um corpo de um humano? – Sirena novamente passando o dedo nos peitos dele com uma cara bem provocativa e sexy.

– Quer descobrir? – faço o mesmo que ela.

E nós três transamos juntos naquela noite. A partir daquele dia, passamos a viver juntos como amantes: observando, aprendendo, dormindo, trabalhando, comendo e brincando juntos uns com os outros. Meus pais já sabiam que ele era uma boa pessoa, desde a primeira vez que foi lá em casa, mas os pais de Sirena eram mais rigorosos, por conta dos costumes das sereias. Mesmo assim, eles viram que ela estava feliz e a deixaram viver com ele, com a condição de que ele fosse um bom amante para ela. Após três anos...

– Sirena! Hasuno! – ele fala conosco, enquanto a gente acabava de limpar as roupas.

– Sim, querido! Hihi! – estávamos felizes por ficarmos juntas a ele por tanto tempo.

– Querem se casar comigo? – ele abre uma caixinha que havia pedido ao meu pai para fazer, junto a duas alianças com anéis feitos de cristais brancos e transparentes, e um diamante azul cada.

– ... – olhamos para a cara uma da outra e rapidamente olhamos para a dele – ACEITAMOS!

Apesar de ser um humano, ele preferiu se casar na Floresta da Harmonia pelos costumes das fadas elementais com um leve toque humano.

– Rogers Martins, aceita Chisana Hana e Sirena Sirem como suas legítimas esposas? – meu pai a pedido de Rogers, depois da cerimônia de casamento das fadas, fez a cerimonia e a entrega das alianças como os costumes humanos (em minha subespécie não há alianças entre os pretendentes, só uma recitação de umas palavras ancestrais num banho com ervas da floresta, encerrado com um leve toque de aproximação das antenas das duas fadas).

– Aceito – vejo todas as fadas dali reunidas para a cerimonia junto aos pais de Sirena.

– Chisana Hana e Sirena Sirem, aceitam Rogers Martins como seu legítimo marido? – nossos vestidos eram muito lindos. O meu seguia as tradições das fadas elementais: usava minha roupa normal com uma capa com capuz por cima que tinha a cor da fada que ia usar e que cobria meu corpo todo. Sirena usava uma coroa de casamento das serias, enquanto Rogers usava um terno de casamento humano (ou o que meu pai havia conseguido criar a partir das informações de Rogers).

– Sim! Nós aceitamos! – nós estávamos muito bonitas e ensopadas também, após a cerimônia das fadas.

Após nosso casamento, Rogers passa a conviver com as fadas da Floresta da Harmonia, aprendendo e ensinando seus costumes (humanos, fadas e sereias). Para a surpresa de todos, seis anos depois, Sirena e eu temos o parto juntas no mesmo dia e hora, mas o mais impressionante mesmo, foi que nasce de mim uma fada branca de gelo e fogo como eu, e Sirena teve uma sereia, muito parecida com ela quando era um bebê. Por elas serem muito parecidas conosco, damos nomes a elas que nos lembrassem. Minha filha: Chisana Koritohi, que significava: “pequeno gelo e fogo”. E a de Sirena: Serena Sirem. E dois anos depois, Serena mostra que possuía as mesmas habilidades de sua mãe e mostra ser muito carinhosa, e Koritohi, ou como todos a chamavam só de Kori, pois ela era um pouquinho nervosa e protegia sua irmã a qualquer custo, sempre ficando ao lado dela. Mesmo que Serena não fosse minha filha, a considerava como tal e o mesmo ela fazia comigo, e com Kori não era diferente com Sirena.

Seis anos depois, meu marido resolve sair do Lago das Fada para poder ver sua família, mas ele não queria ir sozinho e queria nos apresentar a sua família, após todos esses anos. Sirena se recusa a sair de perto de seus pais novamente e por conta de problemas culturais das sereias com os humanos.

– Mamãe posso ir com vocês? – Serena pergunta.

– Não irmã! Não podemos sair daqui da floresta. É muito perigoso, lá fora! – Kori responde.

– Isso mesmo. Só quando tiverem idade e maturidade poderão embarcar em uma jornada como a mamãe – sorrio para elas.

– Isso mesmo. Por enquanto fiquem aqui com seus avós onde é mais seguro. Está bem? – Rogers dá um cafuné nelas duas.

– Está bem, papai! – Sirena responde meio triste.

– Deixa comigo que eu protejo minha irmã e minha família! – Kori estava bem entusiasmada.

– Que bom! Essa é a minha garota! – ele se despede dela.

– Tome muito cuidado lá fora minha querida irmã – Tsuki fala comigo segurando sua filha de um ano de idade em seus braços.

– Adeus minha sobrinha linda! – brinco com as mãozinhas dela.



– Gaga bubu – ela era uma fada da escuridão que nem a mãe dela. Ela se chamava: Yoru no Kage. Que significa: sombra da noite.

– Tchau, papai! FIQUE LONGE DELA! – Kori afasta uma fada do amor que se aproximava de sua irmã (fadas do amor costumam ser bem bonitas e atraentes, e desde pequenas costumam atrair pessoas ou outras espécies com seus poderes afrodisíacos).

Depois da despedida, fomos para fora da floresta e faço os mesmos movimentos que usei para sair dali com Hasuno. Quando chegamos em sua cidade natal, Beston, fomos direto para sua família. No início eles se abraçaram muito devido a sua volta, mas ficaram um pouco desconfiados por ele ter feito algo impuro comigo. Mas logo depois de contarmos todas as nossas aventuras, fomos para sua universidade e depois pro I. P. E. C. E., lá ele foi recebido como um herói e todos ficaram muito curiosos sobre minha espécie.

– Nossa! É a lendária fada, Chisana Kurisutaru? – os que estavam lá, ficam admirados ao me reconhecerem.

– N-não! O que vão fazer? – fico com medo de acontecer tudo aquilo de novo.

– Você é nossa heroína! – eles estavam me admirando.

Então, me mostram em livros e me explicam que, após a nossa saída de Monastel quando fui atrás de você, as pessoas que nos apoiavam, começam uma guerra civil por nossos direitos. A maioria que era contra, volta atrás em suas opiniões e passam a nos apoiar. Os poucos que ainda eram contra, saíram ou foram expulsos pelo rei de Monastel. Todos da cidade e de outros lugares voltam a nos tratar e admirar como heroínas e devolvem nosso título, após resolverem o mal-entendido. Mesmo que nós tenhamos desaparecido.

Então, passo a viver normalmente entre os humanos novamente, e com isso falo para eles sobre meu desejo de unificar as espécies num mundo sem guerras.

Então ele me propõe entrar para a política, mas que eu precisaria estudar e passar por algumas provas para poder fazer isso. São cinco anos em sua universidade para me formar e mais três anos para entrar na política.

## **Capítulo 30 – Vida**

– Ah! – ela sai da mente coletiva – E aqui estou eu! Estudando para trazer a paz entre as espécies – ela termina de contar sua história.

– É... então você está seguindo seus sonhos... – falo feliz e um pouco triste de cabeça baixa.

– Então, meu fragmento a protegeu? – ela pergunta após ter aproveitado a mente coletiva para ler minhas memórias.

– Sim... eu te vi bem na minha frente... quando estava prestes a perder tudo novamente... família... amigos... e meus poderes... – conto para ela.

– Eu sempre fui, e sempre vou ser, sua amiga – ela me dá um abraço, enquanto chorava.

– Eu também... – e a abraço também.

– Mas... onde nós estamos? – após pararmos de chorar e de nos abraçar, pergunto observando aquele quarto.

– Estamos na universidade de meu marido – ela responde.

– Então você está indo atrás de seu sonho, não é? – pergunto de novo, feliz de cabeça baixa.

– Sim – ela responde.

– Que bom... – estava muito triste.

– Está preocupada com suas filhas, não está? – ela pergunta.

– Sim... Snif – choro ao deitar minha cabeça em seu colo.

Após aquilo, reencontro Rogers e peço para que me ajude a procurar minhas filhas. Ficamos três meses a sua procura, mas não achamos nenhum sinal delas. Então perdendo as esperanças de reencontrá-las, e caio em desespero.

– Hasuno. Não fique assim – ela tentando me consolar.

– Minhas filhas... buaaa... não consigo encontrá-las! E meu marido está morto... buaaa! – chorava muito numa mesa da universidade, com ela ao meu lado.

Depois daquilo, Chisana me convence a estudar com ela para entrar na política e conseguirmos realizar seu sonho juntas, para que mais nenhuma família de qualquer espécie sofra com o que sofremos durante todos aqueles anos.

Dois anos depois, Rogers decide sair em mais uma busca por conhecimento com suas pesquisas por novas espécies...

– Não vá! – ela dá um abraço nele para segurá-lo.

– Cada um deve seguir seus sonhos, e você deve seguir o seu! – ele tenta a consolar.

– Mas, meu sonho é com você! – ela tenta segurá-lo.

– Quero que você busque e conquiste o que procura. O mesmo serve para mim! – ele estava determinado.

– Sem você, eu não sei como viver! – ela começa a chorar largando seu braço.

– Cuide dela, como eu cuidei! Está bem? – ele vem falar comigo me dando um cafuné.

– Está bem! E nada de se apaixonar por nenhuma espécie que você for estudar!  
– respondo.

– Está bem! Adeus! – ele vai embora.

– NÃO! Não me deixe! – ela se desespera caída no chão.

Um ano se passa...

– Olha! É mais uma carta dele! – durante nosso tempo na universidade, ele enviava cartas para ela, e eu sempre as levava para ela ler junto comigo.

– Vamos ver o que diz! – sempre vinham com alguma espécie de planta que ele havia acabado de descobrir. Chisana ficava feliz por ele estar sempre bem.

Um ano depois, percebemos que as cartas param de vir e ela fica preocupada.

– Sei que ele deve estar bem, não se preocupe – tentando consolá-la.

– Está certo, estou me preocupando demais com isso! – ela tenta esconder sua tristeza.

Mais um ano se passa, e não recebíamos mais nenhuma carta. Perguntamos se alguém sabia sobre seu paradeiro, mas ninguém sabia. Até o dia em que recebemos a notícia de que a vila em que estava hospedado havia sido atacada por goblins, e por conta disso seu corpo não foi encontrado. Chisana fica muito triste e decide ir até Sirena contar sobre o que aconteceu...

– Você... você o deixou ir! Sabia que não deveriam ter saído da floresta! – Sirena a culpa por tudo aquilo.

– Me desculpe, mas não pude impedi... – tento explicar.

– MENTIRA! – ela não se conforma.

– Papai! – Serena e Kori, já com dez anos de idade, estavam prestes a sair da floresta e a começar suas aventuras.

– PODEM FICAR AQUI! ESTÃO PROIBIDAS DE SAIR DA FLORESTA! – ela grita com elas, as impedindo de sair.

– Mas... – elas são interrompidas.

– MAS NADA! VOCÊS NÃO VÃO SAIR DAQUI! LÁ FORA É MUITO PERIGOSO E NÃO QUERO QUE MORRAM! – ela as leva de volta para casa.

– Sirena... – Chisana estende sua mão tentando falar com ela.

– Volte para eles que é seu lugar! Meus pais tinham razão! Não se deve confiar nos humanos! – ela dá as costas a Chisana, e desde então elas nunca mais se falam.

Depois daquilo, ela volta para a universidade para terminar seus estudos, já com um novo diretor no comando dela, pois nós não tínhamos formação para comandá-la ainda. Depois de nos formarmos e entrarmos para a política, fomos

morar no castelo de Monastel. Ela como Embaixadora da União de Espécies, e eu como conselheira do rei. Para nossa maior surpresa, quem era o rei, não era nada mais, nada menos que...

– Então vocês... – ele é interrompido, enquanto via nossas identidades.

– PEDROOOO! – Chisana dá um grande pulo em direção a ele.

– Q-que isso? – ele tenta desgrudá-la dele.

– Não se lembra? Sou eu! A garotinha que você encontrou atrás de sua carruagem! – ela conta.

– Não pode ser. É você mesma? – ele fica surpreso ao reencontrá-la.

Depois daquilo, passamos a ser parte de seu novo governo, pois ele estava acabando de assumir como rei depois do falecimento de seu pai. Ele também conta que sua mãe havia sido vítima da maldição do rei demônio e que ela tentou matar todos no castelo. Com isso ela foi morta pelos soldados. Desde então, seu pai havia entrado em depressão. Após nós três contarmos sobre nossas aventuras, uma nova chama acende em nossos corações e passamos a viver juntos, como um trio de amantes (já que estávamos solteiros), tentando recuperar o reino da era das trevas.

Um ano depois, trabalhávamos e administrávamos o reino de ferro com ele. Chisana administrava a papelada e os serviços como embaixadora, às vezes tendo que sair e ir para algum lugar para resolver algum caso diplomático, enquanto eu também me tornava a empregada chefe do castelo, administrando tudo o que acontecia nele. Quando a noite caía, nós três íamos dormir juntos na mesma cama, e algumas vezes íamos transar. Certo dia, Pedro decide fazer algo em relação a questão de eu sugar energia vital das pessoas, a pedido de Chisana. Então ele convoca vários candidatos homens de várias idades para criar meu grande harém particular, que tinha mais de trezentos homens à minha disposição. Cada noite que sentia fome, descrevia para as duas funcionárias encarregadas de administrar meu harém para acharem um pretendente entre eles (que eram todos funcionários do castelo) para transar comigo e saciar minha fome de prazer, e em algumas vezes levava-as comigo para fazer o mesmo. E assim com nossas novas vidas...

– Hasuno! – Pedro me chama sentado em seu trono.

– Sim, meu senhor! – vou até ele com minha roupa de empregada chefe e faço uma pequena reverência puxando um pouco a minha saia para os lados.

– Chisana! – ele a chama também.

– Sim, meu senhor! – ela usava as mesma roupas de fada, inclinando um pouco a cabeça para baixo com as mãos juntas em sua frente.

Olhando de frente para ele, atendemos o seu pedido e fomos de carruagem até o local que ele desejava. Na volta dentro da carruagem, passando pela cidade de Monastel...

- Ai, ai! Que dia! – meu corpo doía muito, após ficar sentada escutando o discurso de Chisana o dia todo.
- Ai! Minhas costas! – mesmo sendo uma fada, ela também sentia dores por ficar tanto tempo parada num lugar só administrando a papelada.
- Ai! Vamos chegar logo no castelo que eu quero tomar logo um banho e escolher com quem eu fico hoje? – sempre ficava ansiosa em transar com alguém de meu harém.
- Você só pensa nisso! – Chisana fica com a cara inchada e vermelha de ciúmes.
- Que posso fazer? É da minha natureza – faço um gesto com a palma das minhas mãos abertas, viradas para cima e com os braços dobrados com um leve sorriso fechando os olhos.
- Há! – ela olha para o lado toda enciumada.
- Se você quiser... eu posso fazer uma exceção – vou me aproximando dela passando levemente minha mão em seu rosto, fazendo uma expressão sedutora, fechando meus olhos, prestes a beijá-la na boca, quando olho rapidamente pela janela da carruagem...
- Não pode ser... PAREM A CARRUAGEM! – quase a beijando, vejo uma figura familiar andando pela cidade.
- O que foi, milady? – o condutor preocupado para a carruagem.
- Espere aqui! – saio rapidamente da carruagem.
- O que houve? – Chisana fica sem entender.
- Não pode ser... não pode ser... – corro bem ofegante para o que tinha visto.
- Shiroi?! – pego no braço da pessoa.
- Hã? Mamãe? – era realmente a Shiroi. Viva, crescida e saudável, bem na minha frente.
- Filha! Amor! Finalmente te encontrei! – dou um abraço bem apertado nela me ajoelhando no chão, ficando com minha cara em sua barriga.
- Snif! Mamãe! Que bom que você está viva! – ela me abraça.
- Mamãe? – de repente, o boneco Momo que ela ainda continuava carregando, fala. Mas não presto a atenção nele, pois estava muito feliz em vê-la novamente.
- Hasuno? Não acredito! – Chisana sai da carruagem e me vê abraçar minha filha.
- Milady? – o condutor não estava entendendo.
- Ela reencontrou sua filha perdida! – Chisana chora.
- Onde você esteve por todo esse tempo? – pergunto tocando em seu rosto.

– Bem... você pode vir comigo que te explico tudo – Shiroi me convida para ir até onde ela morava.

– Pode ir na frente e diga para o rei que vamos dormir fora hoje – Chisana vem me acompanhar.

– Como quiser, milady. Que bom que elas se reencontraram – o condutor fica feliz em nos ver felizes.

Andamos até uma mansão um pouco distante do meio urbano, mas ainda dentro dos arredores da Cidade de Monastel. A observo carregar umas sacolinhas...

– Posso? – me ofereço para segurar suas compras.

– Essa é sua mãe que tanto vocês falavam? – Momo pergunta para Shiroi.

Chegando lá, vejo que era uma mansão de dois andares com sótão, bem bonita. Quando entramos nela, vimos umas meninas de várias espécies diferentes: uma pequena arachne de cabelos e corpo rosa com marias-chiquinhas, uma ciclope backbeard com uma roupa azul escura de empregada, uma harpia de cabelos azuis e com uma parte em forma de crista vermelha, uma pequena vampira de cabelos loiros, uma gosma (limo) em uma forma quase-humana, uma centaura ruiva e uma garota um pouco grande de cabelos brancos com uma roupa um pouco estranha, com um garoto de mesma idade com elas apreciando uma lareira.

– VOCÊ CHEGOU! – uma garota de cabelos pretos vem correndo em sua direção para abraçá-la.

– O-oi! – ela tenta se desgrudar da garota.

– Já disse pra parar com isso! E você ainda é uma anja cupido! – de repente, Kori aparece, parecendo bem zangada com a garota.

– Calma, calma! – Serena sai da mesma porta que Kori saiu e a segura pela gola tentando a impedir de ir para cima da garota. Ela tinha um corpo igual ao da sua mãe, mas ela usava uma roupa humana com uma tiara igual à da mãe em sua cabeça.

– Oi! – Chisana entra na mansão.

– Hã? – Chisana, Kori e Serena param de falar surpresas.

– MAMÃE! – elas vão na direção de Chisana para abraçá-la.

– Minhas filhas! – elas se abraçam.

– O QUE?! FILHAS? – todos de dentro da mansão ficam chocados.

– Hehe! Oi, Momo! Quem é essa mulher com vocês? – de repente, vejo um outro coelho de pelúcia, só que ele não possuía babado e seus olhos eram duas bolinhas pretas achatadas dos lados com um pontinho branco no meio. O lado esquerdo de seu rosto e sua orelha esquerda eram roxo-claro, enquanto tinha remendos por outras partes de seu corpo, pois eram remendos de outros

bonecos nele. Sua boca era costurada, mesmo assim isso não o impedia de abri-la, conversando com Momo.

– Essa é a mãe perdida de Shiroi – quando Momo fala isso, todos ficam surpresos ao me verem.

Depois de nos apresentarmos, Shiroi, Kori e Serena ficam conversando com Chisana e eu no quintal da mansão.

– Poxa... há quanto tempo – Shiroi continuava a ser uma menina bem tímida.

– Como vocês vieram parar aqui? Sua mãe não havia as proibido de sair de casa? – Chisana pergunta as suas filhas.

– Depois que você foi embora, ficamos pensando em fugir dali, mas mamãe era muito rigorosa. Cinco anos depois, pegamos poucas coisas e fugimos de casa. Usamos umas capas com capuz que havíamos encontrado em casa para cobrir nossos rostos ao passarmos pela cidade, e acabamos esbarrando naquele garoto – ela explica com uma expressão de desprezo apontando para trás dela.

– Não aguentávamos mais ficar ali! – Serena explica.

– E depois, passamos a ter umas aventuras com ele e as outras garotas – Kori completa.

– Mas e você? Cadê sua irmã? – pergunto a Shiroi.

– Bem... – ela é interrompida.

– Ela está no trabalho e só costuma voltar bem tarde! – Momo responde.

– Kuroi ainda está viva? – fico surpresa ao saber que minhas duas filhas estavam vivas.

– Momo! Já disse para não fazer isso! – ela dá uma pequena bronca no boneco falante em seus braços.

– Desculpe – ele abaixa um pouco a cabeça se arrependendo.

– Onde ela está? Onde ela está? – fico ansiosa para ver Kuroi.

– Bem... eu te levo até lá – de repente, ela abre suas lindas asas rosa-escuro de súcubo bem na minha frente.

– Filha... suas asas... – me emociono.

– Er... você gostou? – ela toda tímida mexe um pouco com seu cabelo com os dedos.

– São linda! Vamos, quero ver você voando! – fico muito animada para vê-la voar pela primeira vez.

Enquanto voávamos em direção a cidade, fico observando-a voar lindamente. Ela era muito rápida. Ao chegarmos num beco numa área escura da cidade, vejo uma placa com uma imagem de uma súcubo desenhada que dizia: Tentação

Violeta, para todas as suas fantasias e prazer. Quando vejo, percebo que era o bordel das súcubos. Shiroi vai na frente e entra.

– Oi irmã! Trouxe alguém novo para nós? – quando escuto uma voz de uma mulher madura dizer que era sua irmã, meu coração dispara de tanta emoção.

– Bem... – por conta de sua timidez, Shiroi acabava não falando o que queria direito.

– Ah! Olá! Pode... – era mesmo a Kuroi bem na minha frente, seminua, com uma lingerie bem provocativa, com meião preto transparente e sapatinhos azuis escuros, fazendo uma pose bem atraente com seu corpo bem mais desenvolvido que Shiroi. Ela era do mesmo tamanho que eu, enquanto seus seios não eram tão gigantescos como os meus, mas eram bem grandes como o resto do seu corpo. Shiroi tinha um corpo pequeno e baixinho, um pouco parecido com o de Chisana quando tinha a mesma idade. Ao me ver, Kuroi fica chocada e para o que ia falar e o que costumava fazer.

– Kuroi? – olho bem emocionada para ela.

– M-mamãe? É você? – ela começa a tremer o corpo com os olhos arregalados na minha frente.

– Filha? – também fico me tremendo toda.

– MAMÃE! Que... sh... saudades! – ela me dá um abraço e começa a assoar o nariz chorando.

Quando nos acalmamos, fui para uma mesa conversar com elas duas...

– Há quanto tempo...? – pergunto emocionada, tocando em seu rosto.

– Hih! Mamãe – ela segura minha mão, o esfregando em seu rosto.

– O aconteceu com vocês? Não conseguia encontrá-las de jeito nenhum – conto.

– Depois de fugirmos, passamos alguns dias voando, até perder as forças e termos que ir a pé. Andamos famintas sem termos pra onde ir, até que num dia chuvoso, vimos essa cidade. Fomos pela porta da frente, mas tinha uns guardas lá. Minha irmã ficou com medo, e íamos ser capturadas, mas consigo usar pela primeira vez meus poderes hipnóticos fazendo com que eles nos deixassem passar. Andando pela cidade em meio à chuva, bato em uma porta no meio do beco após ver a placa, pensando que haveria alguém como nós para ajudar – Kuroi explica.

– Quando a porta se abriu, vimos que eram realmente súcubos como nós, e ficamos aqui desde então aprendendo e trabalhando – Shiroi completa.

– Mas... e o papai? – Kuroi pergunta.

– Ele não está morto... enquanto nos lembrarmos dele... aqui... – aponto para a testa de Kuroi - ... e aqui – aponto para o coração de Shiroi.

– Entendo...Snif – elas me abraçam.



Depois de nosso reencontro...

– Então, vocês agora trabalham aqui? – pergunto.

– Sim. Deixamos os clientes sentar ali, enquanto escrevem num panfleto que os entregamos para descreverem qual tipo de sonhos querem ter – Kurio explica.

– E estudamos o que eles pedem, para irmos em suas residências à noite dar o sonho que queriam, enquanto sugamos um pouquinho de suas energias vitais – Shiroi completa.

– Shiroi – falo.

– Sim, mamãe – ela fala toda tímida.

– Posso ver sua roupa de súcubo? – estava ansiosa.

– S-sim – ela se troca.

– Nossa! Que linda! – fico admirada com tanta fofura. Sua roupa era uma lingerie com meião preto transparente, sapatinhos azuis escuros e com babados rosa em seu sutiã.

Pedi para que ela mostrasse como fazia para atrair os clientes com seu charme e poderes. Fico impressionada com seus poderes hipnóticos e habilidades sedutoras.

– Filhas. Que tipos de súcubos vocês são? – pergunto a elas.

– Bem... eu sou do tipo magia! – Kuroi responde.

– E eu sou do tipo velocidade do tipo mira, e faço par com a anja cupido, chamada Maria, que você viu hoje – ela explica.

– Nossa! Mas, desde quando Momo sabe falar? – pergunto olhando para ele.

– Faz pouco tempo... uns meses atrás, quando resolvi me tornar uma heroína, após ver tantos heróis irem em aventuras como você mamãe, fui até a mansão onde estamos morando, tirar os espíritos que a assombravam, com o garoto acompanhado da fada e a sereia. Depois de espantarmos todos os espíritos, o seu antigo dono resolve nos dar sua mansão, pois achava que eles iam voltar lá novamente, por causa do cemitério ao lado. Quando fomos morar lá, vimos que ainda havia um espírito muito fraco ali. Então, ele possui meu boneco e pede para ficar comigo, pois se sentia muito solitário. A partir desse momento, nos tornamos grandes amigos – Shiroi conta.

– E eu tenho uma habilidade que pode guardar itens em minha dimensão reduzida dentro de minha boca – ele mostra com Shiroi abrindo sua boca e tirando um arco e flecha de dentro da dimensão que havia dito.

– E aquele outro boneco? – pergunto a Momo.

– Ele é uma outra alma que possui aquele boneco, e tem as mesmas habilidades que eu. Ele se chama: Nono. E ele está há mais tempo com a Maria do que eu e a Shiroi – ele responde.

– Mas, então você faz par com aquela anja cupido, Maria? – pergunto a Shiroi.

– Sim! Ela também usa um arco e flecha. Só que o dela é branco, enquanto o meu é preto – ela responde.

– Elas são duas amantes e ficam namorando o tempo todo! Hihi! – Momo explica.

– Eu já falei para não falar dessas coisas com os outros! – mesmo nervosa, Shiroi era uma fofa.

– Hihi! Não se preocupe. Eu também sou assim com a mãe da Kori – respondo.

Depois de passar uma noite dormindo com minhas filhas na mansão, voltei no dia seguinte com Chisana para contar para Pedro o que tinha acontecido, e depois as apresentei a ele. Após alguns dias de trabalho, saio do castelo e vou voando até o centro comercial da cidade...

– Olá mamãe! – Shiroi me cumprimentando e vindo para darmos uma volta.

– Bom dia querida! – e passeamos durante o dia todo.

Finalmente pude caminhar com minha filha de novo, e ver que ela seguia meus passos, quando tinha a sua mesma idade. Agora que estamos juntas de novo, nada poderia nos separar. E estava feliz novamente ao lado de minha amiga, Chisana.

E nisso, chegamos onde estamos agora...

Saber que você é diferente, é só o começo. Você se aproxima ou se distancia repetidamente, enquanto percebe as diferenças e então começa a encontrar os aspectos de que gosta, e até começa a ter respeito. E então, criamos confiança e laços. Acreditar que isso vai durar é que é o problema. Eu acredito que vai durar, mas e você?

# Vida, Ideias e Outros Dados

Foram vários os fatores que me levaram à criação e à construção desta história que inicialmente seria um texto de no máximo 25 páginas. Desde seu rascunho inicial, até sua finalização, foram mais de uma semana (ou meses) de trabalho e dedicação, pensando e reunindo informações, tanto de referência (filmes, mangas, animes e cartoons) como de eventos (passados e presentes) de minha própria vida. Mas para contar mais de como a história “Como te Conheci” chegou até aqui com 30 capítulos (livro digital com 361 páginas, ou formato sem edição com 344 páginas), vou contar minha história de vida, até as ideias e inspirações que me levaram a construí-la.

## Infância

Desde muito novo, sempre tive um grande contato com os videogames (consoles), pois ganhei um quando ainda era muito pequeno (um Mega-Drive 3), não muito diferente de hoje em dia (2018). E era muito viciado em jogos de sonic, junto com meu primo mais novo que me ensinou a jogar “Sonic the Hedgehog 2”. Fora isso, era (e ainda sou, mas muito menos) muito solitário, por conta de ser filho de pais separados tive muitos problemas para me relacionar ou ter apoio (orientação) das pessoas, fora problemas entre meus próprios familiares. Então, vivia trancado no meu quarto jogando videogame praticamente o dia inteiro, exceto quando tinha que ir à escola. Não tinha ou não fazia ideia do que ser quando fosse mais velho. As únicas coisas que recebia, eram em sua grande maioria, más influências (por conta das brigas ou disputas entre os familiares), e maus conselhos (muitos deles propositais, para atingir qualquer um dos lados das famílias). Em certos casos, recebia incentivos positivos de poucos, com uma pitada de segundas intenções (sempre para atingir os outros, ou mostrar que era ou eram melhores), mesmo assim, ainda não fazia ideia do que ser ou do que fazer além daquilo. Em alguns momentos, ia com algum familiar comprar algo no Shopping ou em qualquer outro lugar, e me deparava com alguma coisa que me chamava a atenção. Como uma bela pessoa capitalista, sempre pedia para ter aquilo que via pelas prateleiras de alguma loja, mas sempre recebia um não, enquanto olhava aquilo me chamar: me compre, me compre (isso até hoje).

Ainda pequeno, começo a gostar (e me apegar) de artes plásticas ou modelagem de massinha plástica. Isso foi meu meio (talvez a primeira vez na minha vida que pensei em algo de verdade) que usei como meio de distração fora dos videogames e de todos os problemas que haviam a minha volta. Em pouco tempo comecei a esbanjar meu (pequeno) talento artístico. Muitos eram contra ou achavam aquilo maluquice (e que não levaria a nada), enquanto outros achavam aquilo maravilha e me incentivavam a evoluir nisso, mas sem um

propósito e sempre com segundas intenções. Então, comecei pela primeira vez a associar a modelagem aos jogos eletrônicos e a tudo que via pela televisão (só tive poucos contatos naquela época com um computador), ou em outros lugares para poder criar meu próprio mundo imaginário (se é assim que posso chamá-lo).

Admito que ainda o tenho até hoje, relaciono qualquer coisa de algum jogo ou série com a vida real e crio meu próprio mundo (ou paraíso) para não cair no tédio. Quando criança, além disso, criava pequenos ou grandes circuitos de massa plástica pela casa de meu pai (sempre relacionando com os jogos ou algo que via na televisão), como: trilhos de trem e outros cenários em partes da casa feitos com massa plástica, em relação ao jogo “Banjo-Tooie”. Fazia uma pequena (nem tanto assim) linha de trem de massa plástica, pelos corrimões da casa (de que eu não me lembro da referência). Outro fato, que talvez seja o motivo de maior piada para a maior parte de minha família materna, é um pequeno joguinho que fiz na parede de minha casa com massa plástica e papel, em relação a um passeio que fiz na casa de meu padrinho, onde tinha um videogame (não me lembro qual era, mas era da geração do Atari) que eu resolvi recriar. Era uma brincadeira que só duraria uma vez, quando eu jogasse (e foi o que aconteceu). Ambos esses exemplos que criei, foram feitos na casa de meu pai. Outros exemplos além de lá, foram: o parque de diversões (eram como umas lombrigas sobre a outra, “risos”) por cima de uma mesa grande na casa de meus avós (tanto maternos, quanto paternos).

Além de massa plástica, comecei (não me lembro se foi influência ou por vontade própria) a brincar com peças de montar da empresa Lego. Como não possuía objetivos, eu era muito bagunceiro e descuidado, até uns cinco ou seis anos atrás, mesmo assim, tinha um talento para montar Legos. Meus primeiros foram de outras empresas que tinham peças bem grandes e depois passei a ganhar Legos. Sempre errava feio e acabava remontando eles de novo e de novo, até acertar (mesmo lendo ou não os manuais).

## **Adolescência**

Por incentivo de meu padrasto, comecei a me acostumar a tentar competir com meus primos para pegar dinheiro que ele escondia (isso durou poucos anos). Depois, ele me dava uma espécie de mesada e comecei a juntar para comprar meus Legos (nunca tinha um valor fixo), como meu objetivo (não da vida, mas sim de consumo no bom e velho capitalismo, “riso”). Cheguei até a vender um videogame (Master System) para comprar outro Lego. Algumas vezes, pegava meus Legos de submarino já montados, e colocava-os na água para ver se eles podiam funcionar ali (que genial, “risos”).

Uma época que marcou muito minha vida foi quando fui morar com meu pai, por conta de problemas escolares (e familiares). Lá aprendi um pouco (um pouco mesmo) a questão da educação. Ele me deu até um videogame para poder brincar, e dizia que eu deveria ter uma carga horária de no mínimo uma hora por dia (que lógico que não funcionava), pois ficava muito tempo no meu outro

(Mega-Drive 3) na casa de meus avós, onde morei quase minha vida toda. Ele até chegou a jogar e a estudar todo um jogo para interagir comigo (Super Mario 64) do começo ao fim. E logo depois, tive a decepção de não ter mais sua companhia em qualquer outro, mesmo pedindo para ele vir. As desculpas ou motivos sempre eram: cansaço, vontade de dormir ou, na maioria das vezes, trabalho. Para mim, isso é que nem quando meu padrasto parou de me dar dinheiro: uma ilusão de carinho e afeto, onde aquele momento seria bem curto, apenas para eu não incomodá-los com coisas que não eram do seu interesse.

As poucas vezes que ia visitar a família da minha mãe, jogava com meus primos seu recém adquirido PlayStation 1. Os jogos que eles gostavam eram de futebol (Winning Eleven), de tiro (Black, Medal Honor, GTA San Andreas) e outros. Os únicos que a gente gostava de jogar juntos, eram: Crash Bandicoot 2 e 3, e CTR (que eles, carinhosamente, chamam errado, até hoje, de Crash CTR). Antes desse videogame, eles tinham um Super Nintendo que eles não me deixavam jogar (por conta das brigas familiares), mas eu sempre os deixava jogar no meu Nintendo 64. Insistia muito, e a sensação de rejeição e tristeza aumenta cada vez mais com falsas promessas, mas mesmo assim eu seguia em frente (ou era o que achava). Desde criança, era considerado o esquisito por ter ideias diferentes e que gostava de outras coisas. Como havia dito antes, era até alvo de piada pelo que gostava (modelagem principalmente), e só descobri que haviam outros como eu logo depois de entrar no mundo da internet, e que o que eles faziam comigo era preconceito ou bullying (me sentia um mutante das histórias dos X-Men).

Em 2004, ocorre algo que mudaria minha vida para sempre, que é minha separação de meu pai (até a associao com a questão do Darth Vader ou outras passagens dos filmes de StarWars), por conta de brigas e maus tratos que sofria dele e outros problemas. Voltando a morar com meus avós maternos, ganho o meu segundo Nintendo 64, pois o outro tinha ficado na casa de meu pai junto com todos os meus Legos. Talvez a segunda vez que pensei em ter algum objetivo na vida (sem relevância nenhuma) foi quando tive que passar de ano na escola (ainda no primário) para ganhar um mísero cartucho do jogo Banjo-Tooie de Nintendo 64, no camelô do Saara, no centro da cidade do Rio de Janeiro que custava R\$ 90.

Até antes de uma viagem a Cabo Frio, sempre ficava para trás em questão de videogames atuais ou dos que todos jogavam. Nessa vez (em específico), andava com a colega de trabalho de minha mãe pela calçada, até ela avistar uma Lan House. As únicas experiências que tive com elas foram quando era bem pequeno, uma delas tinha o formato interno de um castelo medieval, na Tijuca, e a outra foi numa vídeo-locadora perto da casa de meus avós paternos, no Camorim, em Angra dos Reis. Ela insistia para que eu entrasse, mas eu era (e ainda sou um pouco) muito resistente a novas experiências, até que ela consegue me convencer. Crio uma conta e vou até a parte dos jogos que tinha, quando vejo lá no final da lista: Sonic Heroes. Esse foi meu primeiro jogo de plataforma e gráficos em 3D do sonic que joguei na minha vida. Era um jogo diferente dos de sonic que havia jogado, ele possuía ótima jogabilidade e um

sistema de usar 3 personagens simultâneos nas fases, além de alguns elementos dos jogos antigos. Com isso, passo a ir lá todos os dias de todas as vezes que ia para Cabo Frio com minha mãe. Até ela me presentear com um PlayStayon 2 junto com o mesmo jogo.

Pouco tempo depois (dois anos), ele ficou com defeito e o vendi. Nesse meio tempo jogando esse videogame, meu avô propôs de comprar um videogame novo para meus primos e para mim. Fui sozinho com ele comprar no camelô (sendo que ele ia gastar quase o mesmo preço em um original e não usado, “risos”) e compro um Nintendo WII (que seria meu último console, até hoje). Como meu primo mais novo tinha (ou ainda tem) um ódio e inveja de mim, descarrega toda sua raiva em mim, pois queria um XBOX 360. Na época, só disse que ele deveria ter vindo se quisesse o tal console, mas hoje em dia diria: “quem quer alguma coisa, vai à luta”.

Como meu pai, sou muito (ou era) agarrado às coisas, então decidi comprar a parte de meu primo do console, pois achava que ele não iria tratá-lo bem como eu (o que não deixa de ser uma verdade, até os dias de hoje). Mesmo assim, depois de terminar o ensino médio, ainda não tinha um objetivo de vida e ficava dormindo quase o dia todo, pois já estava enjoado de jogar no WII ou no computador que meu avô havia dado para meus primos (não para nós 3: meus 2 primos e eu, mas só para eles dois). Nessa época, minha mãe decidiu que eu ia vender bonecos de massa de biscuit, mas como a maioria dos membros de minha família não tinha (ou ainda não tem), isso foi só um pretexto para dizer que ela fez algo por mim, só para me ver fazendo algo, mas mesmo assim, me apego ao novo tipo de massa de modelar, além de umas poucas experiências com argila que tive em momentos anteriores.

## **Adulto**

Estava na sarjeta, como diriam os bêbados, até aquele dia. Talvez essa tenha sido a primeira e única vez em que meu padrasto tentou me ajudar e, estendendo a mão para mim (o agradeço do fundo do meu coração por isso), ele me chamou para trabalhar como prancheteiro no ponto de táxi Pereira da Silva, em Laranjeiras, onde ele trabalhava. Lá aprendi a lidar com gente de todo o tipo, e percebo que haviam pessoas de lá que gostavam ou admiravam meu trabalho (ou dos meus costumes). Ganhar meu próprio dinheiro foi muito bom para que eu começasse a ter ideias sobre o que fazer da vida. Eu considero esse momento como: o começo de minha nova vida (e foi o que aconteceu).

Após entrar na faculdade, saí do trabalho e ganhei (com muito sacrifício) um notebook de meu avô, em satisfação de eu ingressar na faculdade (paguei metade com meu salário, enquanto a outra, foi com o dinheiro do meu avô). Ao entrar na UFRJ pela primeira vez, percebo que era um novo mundo para mim, com pessoas que gostavam, odiavam, concordavam e discordavam de mim ou do que eu gostava. Não eram mais as mesmas bolhas sociais em que eu não conseguia me encaixar, e sim, uma diversidade de bolhas sociais, como as do ponto de táxi. Nesse período (que se estende até hoje), passei a entrar também

em outro mundo, onde há pessoas com as mesmas características ou não das pessoas da faculdade: os jogos online/internet. Passei então a jogar Grand Chase, da LvUp Games, e tive minha primeira experiência com jogos desse tipo no notebook. E logo depois joguei League of Legends, da Riot Games, e por último Elsword, também da LvUp Games. Mesmo estando em um quarto fechado (novamente), eu não estava mais sozinho (isso é o que chamo de: a ilusão da internet/jogos online), tinha o mundo todo para me comunicar. Passo a fazer amizade tanto na faculdade, quanto nos jogos, e finalmente tinha alguém para poder falar sobre o que eu gostava ou não. E também passo a conhecer (mais a fundo) o gênero de mundo de fantasia (nos animes, além de outras mídias).

Outra coisa que me fez mudar e ficar “feliz”, foi ter conhecido o meu amigo Roger na faculdade. A cada escola que eu passava (foram 5), tinha um ou dois únicos amigos (ou que eu achava que eram), que falavam e até se divertiam comigo ou me davam conselhos. Amigos são que nem uma antiga frase de quando o Orkut ainda existia: 999 amigos, sendo que só 50 ou menos que você conhece ou são seus amigos de verdade. Mas este era (é) diferente, ele gostava de praticamente tudo que eu gosto, e pela primeira vez tenho uma companhia para ir ao cinema ou outros lugares com um amigo de verdade. Algum tempo junto com ele, resolvi passar pela banca de jornal da reitoria de onde estudava na UFRJ, e resolvi comprar algo que nunca havia comprado na minha vida: mangá (HighSchool DXD volume 3) e alguns dias depois comprei o volume 1 de To Love-Ru e Chobits. Desse momento em diante passo a colecionar mangás (já havia tido uma experiência com gibis de meu pai) e a gostar de animes (apesar de já ter assistido alguns no meu passado). Hoje tenho quase uns 100 volumes de mangás (não parei para contar novamente, mas esse é o número aproximado). Fora que fiz uma amizade com um rapaz (outras pessoas) que havia comprado o mesmo que eu (Chobits), e passamos a conversar sobre as histórias que estávamos lendo.

Talvez, o último pontapé que faltava para realmente mudar de vida e jeito (costume), foi começar a assistir os vídeos do site YouTube. Passei a assistir vários YouTubers (como são chamados os criadores de conteúdo nessa plataforma) falando sobre coisas que eu gosto ou gostava. Com isso: meu amigo Roger, ser otaku (no japonês, ser otaku significa: ser apegado a alguma coisa ou hobby, ex.: gostar muito de pescaria) e ver Youtube (ou outras redes sociais), passo a ser uma pessoa limpa (até demais ou exagerado para muitos) ao contrário de antes, a ser mais educado, ser mais organizado (muito organizado) e compreensivo (pesquisando e vendo qualquer teoria ou assunto antes de falar para alguém sobre).

## **Ideias**

Passando por um jornaleiro, vi um mangá de edição especial, chamado: Fairy Tail Zero. E nele, algo me chamou a atenção, uma garota loira com o rosto levemente inclinado para o lado com os olhos fechados e sorrindo (que não sei o nome, pois nunca tinha lido a história de Fairy Tail). Nessa época, gostava

muito de assistir Monmusume, To Love-RU, HighSchool DXD, Renai Boukun, e outros animes de mesmo gênero, e comecei a bolar um novo mundo de fantasia para mim, onde garotas-monstro vivam num mundo de fantasia junto a um garoto que veio de nosso mundo para o delas. Pensei primeiro em uma história bem genérica com poucos personagens, uma sereia com sua irmã fada que encontram esse garoto que fazia parte do mundo do anime de Konosuba (sendo o próprio protagonista), e eu tentava continuar sua história a partir de onde parou na sua segunda temporada desse anime. A fada nem tinha uma imagem certa (biótipo) e elas viviam numa árvore (que a fada fez) dentro da mansão dele e de suas amigas do anime. Uma das súcubos que ele havia encontrado no episódio 8 da primeira temporada, faz amizade com ele e saem em várias aventuras onde vão conhecendo várias outras garotas-monstro. Depois de me lembrar de um episódio do desenho “Os Jovens Titãs”, onde estelar sofria com problemas de desenvolvimento de seu corpo, ela vai parar num planeta onde encontra uma alienígena que a engana. Então comecei a bolar melhor o design da fada com as feições da personagem da capa do mangá de Fairy Tail Zero e essa alienígena e alguns toques especiais, até chegar no que ela é hoje. Pensei em criar outros personagens baseados nos designs de outros personagens de outros animes.

Daí resolvi criar uma história só minha, separando-a do mundo de Konosuba e outros, apenas inspirados em seus designs e construções de mundo.

Primeiramente, pensei em ser uma história em quadrinhos bem simples, depois (já com o intuito de trabalho de faculdade) resolvi criar uma história separada. Mas imaginei fazer uma história que chamasse o interesse das pessoas em ler a outra (principal). Então pensei em criar um *spin off* (história derivada) bem forte e dramático com um final aberto para a história original (que ainda vou criar de garotas-monstro que ainda não tem nome, mas já tem uma história). No início, pensei que ia ser um texto de no máximo 25 páginas inspiradas em certos pontos na minha vida. E agora, tem no total 30 capítulos em 274 páginas, enquanto seu rascunho inicial tinha apenas 4 capítulos em 16 páginas. Ao longo de seu desenvolvimento, pensei em detalha-lo cada vez mais ao criar várias situações de risco (ou não para as personagens principais), chegando a mudar muitas coisas em relação ao primeiro rascunho. Comecei a usar referências de filmes e séries que já assisti ou assisto, sempre me preocupando em deixar tudo certinho sem nenhum furo de roteiro na história e em relação com a história principal (e esses extras). Essa é a primeira vez que escrevo um livro com uma história inventada por mim.



# Inspirações

Além de Konosuba, Monmusume, To Love-Ru, HighSchool DXD, Renai Boukun, Fairy Tail Zero e Jovens Titãs, tive outras inspirações durante sua produção:

- O contexto geral com as histórias de jogos de RPG e idade média.
- O cenário da primeira vila de onde Hasumo morou com seus pais foi inspirado no cenário da aldeia dos vikings, da série “Vikings”.
- As fadas elementais e sua cultura com o filme de “Senhor dos Anéis” e com o anime de “Bakugan Guerreiros da Batalha”.
- O biótipo e os poderes a uma das protagonistas (Hasuno) com o anime de “The Testament of Sister New Devil”.
- As garotas-monstro no final e as filhas de Hasuno e Chisana com anime de Konosuba e de Monmusume.
- A viagem no mar até o outro continente com o filme “Piratas do Caribe 3 e 4”.
- O Bordeu, o bar e todo o cenário do novo continente com a série Outlander e o filme de Sherlock Holmes 1 e 2.
- O design da Floresta da Harmonia com o filme de “Avatar”.
- A batalha contra o Rei Demônio com o jogo “Shadow the Hedgehog”, o anime de “Magi the Kingdom of Magic”, o jogo de “Elsword” e o anime de “Digimon 4” (Digimon Frontier).
- A criação do rei demônio e seus poderes com a história de Project Titan (além de ser uma outra criação minha) e com o jogo “Elsword”.

Muitas frases utilizadas, foram inspiradas em muitas outras obras. Exemplo: Solte ela – Titanic; Ele tem mais de... – DragonBall Z; Horizonte Verde – flash (ou clarão) de luz verde no horizonte no filme Piratas do Caribe 3: No Fim do Mundo.

Alguns nomes: Rubens – nome de uma das cidades do jogo Elsword, Sérigo – meu tio; Estela – ex-vizinha; Rogers – meu amigo (atual); Katarina – personagem do League of Legends.

Algumas pessoas do festival são inspiradas nos YouTubers que eu gosto de assistir. Mago Nostalagi – Felipe Castanhari, do canal Nostalgia. O homem da barraca de cogumelos e sua frase de brincadeira – GuilhermeOss, com sua frase “Fala ai cogumelos”, que foi mudada para “Oi cogumelos”. Os homens gordos – do canal Jovem Nerd, o homem sério seria o Azaghal, e o homem que fala bem alto quando Shiroi ganha o prêmio seria o Alotoni. Os irmãos Bento – Irmão Neto, Caslo Bento – Lucas Neto, Casto Bento – Felipe Neto.

Outros nomes foram criados com significados em japonês de algo que tivesse a ver com os personagens. No caso, isso foi aplicado apenas para os personagens

demoníacos e as fadas. Ex.: Hasuno Hana – flor de lótus, e Chisana Kurisutaru – pequeno cristal.

Tentei usar nomes referentes a europeus (ou quase). Pedro – referente a D. Pedro I. Gustaf – nome de um personagem da animação “Dragão Pilotos de Berk”. Steven – capitão américa.

Uma curiosidade em relação ao desenvolvimento da história foi em relação ao reaparecimento dos pais de Hasuno. Inicialmente, na versão de rascunho, eles iriam estar vivos, morando e trabalhando numa fazenda, e as protagonistas iriam achá-los lá. Pouco tempo depois, Hasuno se despediria de seus pais, voltando para sua rotina como heroína. Esse encontro aconteceria logo após a derrota do rei demônio, mas percebi que seria muito difícil pôr a questão do selamento dos poderes dela, pois não haveria um motivo para isso. Foi então que decidi criar uma situação totalmente oposta do original, onde, Hasuno encontraria seus pais, como escravos nos seus últimos suspiros de vida. Logo depois, dela conversar rapidamente com seus pais (em situações terríveis), eles viriam a falecer, causando assim um grande sentimento raiva e sede de vingança em Hasuno.

## **Relações com Minha Vida**

Durante a criação da história, tive a ideia e vontade de relatar como me sentia (ou me sinto) e minha vida, em uma forma figurativa, ou seja, eventos ocorridos, sentimentos ou características dos personagens. Depois fui saindo um pouco disso e começo a entrar e a criar aquele meu mundo de fantasia.

Logo no início, Hasuno apresenta sua dura e sofrida vida. Cada vez que ia escrevendo uma parte do primeiro capítulo, pensava em meus problemas atuais e sentimentos de raiva e ódio para cada situação dela. O açougueiro, por exemplo, foi criado a partir da minha visão sobre uma “certa” pessoa que, a princípio, parece ser boa, mas no final das contas, só pensa em implicar comigo, achando que tudo que faço ou fazia, é inútil e desnecessário, na maioria das vezes me pondo para baixo ou me deixando com muita raiva. Quando passei da metade da história, pensei em trazê-lo de volta, fazendo agora uma referência não só a essa “certa” pessoa, mas sim a todas as outras pessoas a minha volta que fazem o mesmo que ela, quando o açougueiro reapareceu com seus companheiros da igreja.

O grupo de extermínio dos demônios da igreja representa justamente os grupos de pessoas, tanto familiares ou conhecidos que possuem uma ou mais ideias contrárias ou diferentes das minhas e sempre querem impô-las a mim, sempre me punindo por isso (fisicamente ou psicologicamente).

O modo que os pais de Hasuno a tratavam, dando tudo o que podiam para ela sobreviver, mesmo eles dois ficando sem o que comer muitas das vezes, é uma

referência aos meus pais quando queriam que eu estudasse numa escola “boa” (particular), sempre fazendo tudo o que podiam para isso.

O costume (ou mania) de Hasuno comparar tudo que via com algo que já presenciou na vida para contar sua história é uma referência ao mesmo costume que tenho de comparar tudo (ou quase) com qualquer coisa que vejo pela frente.

A personalidade curiosa e sem noção de Chisana, que é tomada pela compreensão e determinação ao passar dos anos, também são outras características minhas que foram mudando de acordo com o tempo, sempre sendo curioso e sem noção, sendo contra, como outros indivíduos que conheço. Sempre perdendo oportunidades e chances de subir na vida ou conhecer algo que fosse bom para mim. Um exemplo disso: sempre fui e ainda sou contra as artes contemporâneas, mas passei a compreendê-las melhor, entendendo seus pontos de vista, mesmo não sendo do meu gosto. Passei também a ter determinação em procurar e a concluir objetivos.

A delicadeza de Chisana vem de meu cuidado (muita das vezes exagerado) às minhas coisas, mas sempre “tentando” respeitar o próximo, mesmo que ele não faça o mesmo por mim.

O momento em que Chisana era chata com questão de roupa, é a mesma questão tenho, principalmente quando o caso são calçados.

Os momentos em que Hasuno, Chisana e Matheus passam sozinhos na fazenda, foi inspirado em meus momentos de alegria e paz, junto a alguém ou sozinho, quando tinha (ou tenho) a sensação de liberdade.

A relação que Pedro tem com seus pais é referente a como meus familiares me veem e me tratam (na maioria das vezes).

A personalidade de Matheus quando era criança, refere-se ao meu medo que tinha de conhecer certas coisas. Já a fase adulta dele, refere-se a minha evolução em relação a isso.

O medo que Hasuno tinha em ser como os de sua espécie e como isso vai aos poucos sendo tomado pela confiança e experiência ao longo da história é como eu agia quando via algo novo a minha frente, sempre (ou na maioria das vezes) ficava desconfiado e com medo de aceitar (ex.: ao invés de chamar de *computador*, chamava de *compitador*), então passo a pesquisar e ver se aquilo é realmente bom para mim e se minhas teorias ou opiniões são válidas ou aceitas em meio a algum grupo (s).

O momento em que Hasuno recupera seus poderes e vai matar o açougueiro e seus companheiros para impedi-los de irem atrás de suas filhas, é referente ao meu mesmo desejo eliminar ou ficar longe das pessoas referentes ao açougueiro, quando estou nas piores situações com elas.

A família formada por Hasuno, marido e filhas, tem vários aspectos: quando ela e suas filhas respeitam Matheus, mesmo ele sendo um humano, Hasuno e Matheus tentando animar Kuroi e Shiroy no festival, mesmo com pouco dinheiro,

Matheus fazendo com que Shiroi tivesse uma sensação de alegria e liberdade ao voar em seus ombros, mesmo ela não podendo voar e logo toda a família começa a fazer o mesmo... é a visão que tenho de como seria minha família ideal, unida e em harmonia, sempre uns ajudando aos outros, mesmo em qualquer situação de aperto, procurando sempre respeitar os sentimentos e os costumes do outro, tentando ajudar no que for possível.

A indignação de Sirena ao saber que Rogers havia sido dado como morto, e sua atitude de impedir que suas filhas saíssem de seu lado, é uma referência aos meus pais separados, e como isso afeta minha vida.

A fuga de Kori e Serena é justamente minha liberdade em relação aos problemas que a separação de meus pais me davam.

Hasuno ver que suas filhas e as de Chisana estavam morando com outras garotas é uma referência a como eu encontrei meu próprio caminho fora daquele mundo problemático que vivia por conta da separação de meus pais.

Isso me leva a questão da homenagem a alguns YouTuberes que citei em minha história, pois com eles, juntamente com a internet, redes sociais e jogos online (Grand Chase, League of Legends e Elsword), fui tendo minha própria visão do mundo e me tornando a pessoa que sou hoje. Além, dos mangás e animes que conheci e vejo. Se não fossem por eles, ainda seria uma pessoa imunda que não se importava com nada e que estava quase caindo na sarjeta (ou tinha caído mais de uma vez). Agora sou uma pessoa limpa que compreende (não tudo, pois sou humano e não uma máquina) o que os outros dizem (ou tenta), pesquiso antes de dizer algo para alguém, procurando ver além do que as pessoas me apresentam e procuro fazer o que estiver ao meu alcance.

O desejo de possuir algo gostoso ou bonito que chamou a atenção de Hasuno, Chisana, Kuroi e Shiroi, por onde passavam, é o mesmo que sentia (ou sinto) ao ver algo nas prateleiras e que não posso comprar, somente observar.

Isso me leva a quando Hasuno hipnotiza um costureiro para criar suas roupas, é uma referência a quando posso comprar algo que tanto desejo, tanto com os meus, quanto com os recursos de alguém.

# Resumo da História

*Como te conheci* é uma história que retrata a vida de uma súcubo, chamada Hasuno Hana, com sua melhor amiga fada, chamada Chisana Kurisutaru. Durante a história, elas vivem grandes aventuras e problemas com questões de maturidade, culturais e religiosos em meio ao caos.

## Capítulo 1 – Família

Aqui vemos Hasuno com sua família tentando sobreviver em meio à miséria. Ela tenta pedir comida no vilarejo próximo ao local de onde vive com seus pais. Por causa de um “tal” problema de peste, o povo vai atrás dela e de seus pais. Em meio a correria, Hasuno acaba se separando de seus pais.

## Capítulo 2 – O Lago das Fadas

Depois de vagar pela floresta sem seus pais, Hasuno acaba desmaiando. Ao acordar, vê que foi ajudada por um indivíduo que se diz ser uma fada elemental do fogo e gelo. Ela se chamava Chisana Kurisutaru, uma menina de mesma idade e estatura de Hasuno, que estava numa casa próxima a um lago, chamado: Lago das Fadas.

## Capítulo 3 – Vou com Você

Após se recuperar, Hasuno decide sair de lá em procura de seus pais. Chisana então decide a acompanhar, dizendo que quer explorar o mundo. Pelo caminho, elas pensam em como vão entrar na próxima cidade. Chisana faz algo inusitado para poderem ter dinheiro. Após ela usar uma de suas habilidades, elas vão se hospedar em uma pousada.

## Capítulo 4 – Somos Heroínas

No dia seguinte, Hasuno se sente um pouco diferente após comer algo que não fosse migalhas de pão com água suja do poço. Depois de fazerem amizade com os donos da pousada, Gustaf e Sebastian, resolvem se alistar no Ponto de Guilda para terem dinheiro para poderem ir para outros lugares procurar pelos pais de Hasuno.

## Capítulo 5 – Nossa Primeira Missão

A primeira missão que resolvem fazer é matar lobos gigantes que estavam atacando uma fazenda próxima ao mar. Ao se dirigirem para um dos portões da cidade, encontram um moço numa carroça que as ajuda a irem para o local de sua missão. Quando chegam ao seu destino, veem que ele se chamava Sérgio, e que morava com junto com sua mulher chamada Estela, e seu filho único, chamado Matheus.

## **Capítulo 6 – O Ataque dos Lobos**

Depois conhecer a família de Sérgio, elas começam a criar laços de amizade entre elas, criando um apelido bem carinhoso: flor. De repente, elas escutam a família de Sergio lutando contra os lobos gigantes. Hasuno fica insegura quanto a seus poderes. Após Chisana ficar exausta, Hasuno a escuta dizer para ter coragem. Com determinação, ela desencadeia seu enorme poder de súcubo do tipo força. Seu corpo fica totalmente musculoso e vai para cima dos lobos.

## **Capítulo 7 – Confie em Mim...**

Após a sangrenta batalha, Hasuno fica exausta de usar seus poderes pela primeira vez. A família de Sérgio tenta ajudá-la, mas acabam vendo que seu corpo tinha um poder anormal. Mesmo assim conseguem fazer com que ela volte para sua forma normal. Após isso, ela ganha suas asas de súcubo e começa a voar bem feliz pelo galpão da fazenda, mas Chisana estava com um pouco de medo de contar qual era o papel fundamental das asas de sua amiga. Em meio a sua descoberta, Matheus vê as duas, pois antes elas estavam como uma só com os poderes de Chisana. Depois que elas provaram ser boa gente, ele começa a ficar amigo delas. Aos poucos, Hasuno começa a se acostumar com seus poderes ao lutar contra os lobos novamente.

## **Capítulo 8 – Eu te Amo, Minha “Flor”**

Chisana decide ajudar e contar para sua amiga sobre as súcubos, após vê-la ficar sem forças e faminta por sexo/energia vital. Então elas começam a fazer sexo ali mesmo no galpão da fazenda. Por alguma razão, as duas se sentiam bem ao invés de só a Hasuno. Após fazerem sexo, começam a discutir sobre os poderes oculares de Hasuno que ainda não havia utilizado, quando Matheus entra e decide ajudar.

## **Capítulo 9 – Pôr do Sol**

Após sua primeira experiência hipnótica, Hasuno passa a ajudar com as tarefas na fazenda com seus dois amigos. Sérgio e Estela decidem deixar os três jovens sozinhos na fazenda, enquanto iam vender seus produtos na cidade. Sozinhos, Hasuno, Chisana e Matheus descobrem mais sobre seus corpos, enquanto aproveitavam a juventude.

## **Capítulo 10 – Juventude**

Depois de aproveitarem mais alguns momentos sozinhos, como amigos na fazenda, Matheus constrói uns objetos que simbolizassem a amizade entre eles. Quando Estela volta com o cadáver do marido e o animal que puxava sua carroça, Chisana mostra de que seus poderes são capazes. Após ressuscitá-los, os lobos decidem atacar novamente à noite. Então Hasuno, com um golpe só,

destrói completamente o líder dos lobos gigantes, fazendo todos os outros lobos sumirem.

## **Capítulo 11 – Novo Dia, Novas Aventuras**

Após voltarem de sua primeira missão, as duas (ainda como uma só para manter o disfarce) vão para o Ponto de Guilda pegar sua recompensa. Após pegarem sua recompensa, acabam conhecendo um jovem príncipe. Era Pedro, filho único do rei da Cidade de Monastel de onde estavam. Depois foram para a mesma pousada de antes para descansar, mas para sua surpresa, os donos da pousa já sabiam de suas verdadeiras identidades e decidem deixá-las morar lá por um tempo.

## **Capítulo 12 – Os Caçadores**

Com a construção do muro em andamento para conter o avanço do grupo de assassinos que matou muitas pessoas (inclusive Sérgio e seu animal), que se chamava os “caçadores”, elas fazem mais algumas amizades, enquanto trabalhavam em sua construção. Quando eles decidem aparecer, a batalha é intensa e todos os heróis são derrotados e mortos pelos “caçadores”. Foi num momento de desespero e de sofrimento em meio à carnificina que elas decidem revelar suas identidades para poderem lutar melhor e salvar a cidade.

## **Capítulo 13 – 5 Anos Depois...**

Cinco anos se passam depois de derrotarem os “caçadores”, e elas começam a morar na pousada com seus donos e descobrem mais sobre seus corpos de adolescente. Há uma nova epidemia que afeta a mente das pessoas da cidade, que tem relação com o rei demônio. Chisana tem uma ideia que mataria dois coelhos com uma cajadada só.

## **Capítulo 14 – Independência**

Chisana diz que sua amiga precisa ser independente e começar a agir como uma súcubo, mas sem matar ninguém sugando o mínimo necessário. As duas passam a ir de residência em residência para Hasuno sugar a energia vital dos outros, enquanto fazia sexo e dava bons sonhos para as pessoas.

## **Capítulo 15 – Verdadeira Natureza**

Após as missões serem liberadas, com as pessoas livres da peste, elas decidem entrar em uma nova aventura. Elas decidem ajudar um navio a entregar seus produtos até o outro continente. Em alto mar, Chisana decide explorar mais o desejo sexual de sua amiga, a fazendo transar com todos do navio. Após isso, elas encontram uma sereia que estava prestes a atacar.

## **Capítulo 16 – Reencontro Inesperado**

Chisana vê sua antiga amiga Sirena. Sirena, descontrolada e possuída pela peste, ataca sem piedade a todos. Chisana se sacrifica para salvar a todos com a própria vida, mas o poder que Hasuno e ela tem era tão forte que ela volta a vida.

## **Capítulo 17 – Antes de te Conhecer**

Após esclarecerem tudo, Chisana decide contar como conheceu Sirena e Hasuno.

## **Capítulo 18 – Salvem Minhas Amigas**

Sirena mostra ser bem amigável com a tripulação, mostrando suas habilidades como sereia. No caminho, mais sereias surgem e uma nova batalha se inicia, mas Chisana decide prendê-las na água, enquanto as liberava da marca do rei demônio.

## **Capítulo 19 – Vamos Jogar?**

Após se despedirem das amigas sereias de Sirena, o navio chega no outro continente. Hasuno, Chisana e Sirena resolvem ver como é a nova cidade. Cansadas e perdidas, acabam ficando em um bordel. Lá fazem amizade com as prostitutas, e até foram convidadas para ir num bar. Hasuno faz sexo com as pessoas do bar, enquanto Chisana se divertia no jogo de cartas e Sirena mostrava suas canções.

## **Capítulo 20 – Dor e Desespero**

Após se despedirem de Sirena... Hasuno e Chisana já de volta a Monastel, veem que algo estava errado na cidade, mas decidem ignorar e seguir com suas vidas. De repente, uma nova marca do rei demônio, só que mais poderosa que a outra, começa a infestar todos da cidade. Uma batalha sangrenta e mortal começa.

## **Capítulo 21 – Vingança**

Após perderem muitos amigos, elas decidem treinar muito para enfrentar o rei demônio e trazer paz para o mundo. Quatro anos se passam e a determinação delas fica ainda maior que antes.

## **Capítulo 22 – Guerra**

Agora mais fortes e poderosas, passam a se juntar a vários grupos para enfrentar os exércitos do rei demônio na guerra. Elas chegam a conhecer uma terra de gigantes, e depois os acompanham, aumentando ainda mais seu grande exército



contra o rei demônio. A batalha contra ele começa. Muitos morrem, até que elas despertam seus poderes divinos.

### **Capítulo 23 – Controle**

Após a derrota do rei demônio, elas ficam conhecidas como a súcubo mais forte e a fada mais poderosa do mundo inteiro. Mas nem tudo é um mar de rosas. Problemas surgem, as forçando a viver em isolamento no Lago das Fadas.

### **Capítulo 24 – Selamento**

Desesperadas por uma forma de acabar com aqueles seus poderes divinos, elas vão até Hino, pai de Chisana. Ele explica sobre como tudo começou no universo e mostra como selar seus poderes.

### **Capítulo 25 – Despedida**

Após selarem seus poderes, elas passam a morar juntas no Lago da Fadas, até um indivíduo causar a separação delas.

### **Capítulo 26 – Novamente com Você...**

Sozinha, agora Hasuno precisa viver a própria vida longe de sua amiga. Alguns anos depois, ela ajuda um velho amigo a chegar em casa em meio a uma tempestade. Ela fica doente e, então depois de se recuperar, vê que era seu antigo amigo, Matheus, que lhe havia ajudado.

### **Capítulo 27 – Festival**

Depois de ter duas filhas e formar uma família, Hasuno tem uma nova vida de felicidade.

### **Capítulo 28 – Perdas e Ganhos**

Vendo o perigo se aproximar novamente, ela decide lutar para proteger sua família, mas ela acaba perdendo tudo. Ao acordar num quarto, revê sua velha amiga Chisana.

### **Capítulo 29 – Depois de Você**

Chisana conta como foram todos os anos sem ela, até aquele momento.

### **Capítulo 30 – Vida**

Novamente juntas, começam uma nova vida de ganhos e perdas. Anos se passam e quando menos se esperava, Hasuno reencontra quem tinha perdido.

# Seres, Espécies e Subespécies

## Seres ou criaturas

São os conjuntos de espécies com características em comum que as diferem de outros conjuntos de espécies: divinos, humanos, mágicos e demoníacos.

Divinos – são os indivíduos mais poderosos entre os quatro. Vivem no mundo dos espíritos, pois nenhum outro mundo consegue suportar seus poderes, causando assim, caos e destruição por onde passam. O único meio de ir para outros mundos é selando ou comprimindo seus poderes, criando assim uma nova forma ou não para eles reencarnarem em alguma espécie diferente da dos deuses, ou possuir algum outro ser, podendo ser também diferente da dos deuses.

Humanos – são os indivíduos mais simples entre todos os quatro, podendo possuir habilidades mágicas ou físicas através de aprendizado/treinamento ou herança. Eles também possuem a menor expectativa de vida entre todos os seres. Sua inteligência e poder físico ou outras características podem variar de acordo com seu interesse ou convívio social que há entre eles.

Mágicos – são os indivíduos que possuem a maior variedade de espécies e subespécies entre as outras. Eles também são chamados de seres ou criaturas não-humanos, pois algumas de suas espécies se assemelham muito com as espécies humanas. Exemplo: gigantes e anões. Algumas das principais espécies de seres mágicos: fadas, elfos, anões, gigantes, harpias, ciclopes, gosma, dríades, trolls, ogros, dragões, sereias, centauros, arachnes e dentre muitas outras.

Demoníacos – são indivíduos que possuem o elemento ou aura das trevas. Algumas de suas espécies são de indivíduos de mortos-vivos (exemplo: vampiros e zumbis). Os seres demoníacos costumam ter: um ou mais pares de asas de morcego ou de ave negra (ou não) em seus corpos. Podendo ser nas costas, na cabeça (elas são pequenas nesse caso) ou nos pés (também são pequenas). Eles também podem possuir ou não, um ou mais (pares) de chifres (quanto maiores forem ou brilharem mais, maiores serão seus poderes). Quando nascem gêmeos de demônios com chifres, cada um deles ganha somente um chifre no meio de sua testa. Outros tem a cor de pele pálida ou normal como a de um humano. Alguns tem a necessidade de se alimentar de energia vital (vida, sangue, alma ou mana) para poderem sobreviver. Há dois tipos de seres demoníacos: os diurnos, que podem viver como outras espécies de outros seres (exemplo: súcubos e incubos), enquanto os noturnos são aqueles que seu habitat natural tem que ser frio e com pouca luminosidade (ou luminosidade das trevas ou noturna), podendo morrer ou se ferir ao contato com a luz do sol ou qualquer fonte de luz forte, chegando a matá-los (exemplo: vampiros e lobisomens). Em alguns casos, os demônios podem ter mais de um coração (sete no máximo). Os status sociais ou classes demoníacas são determinados

de acordo com o nível de poder ou poderes o indivíduo demoníaco possuir, sendo que o mais alto é o rei (ou rainha) demoníaco.

## **Espécies**

São conjuntos de indivíduos com características semelhantes de um mesmo tipo de ser: deuses, negros e brancos (humanos), fadas, elfos, trolls, orges, demônios, vampiros, zumbis, súcubos, incubos, e dentre outros.

## **Subespécies**

São grupos de indivíduos de uma determinada espécie que possuem alguma característica que os diferencia do grupo principal de sua espécie: semi-deuses, cupido, anjo-caído, elfos negros, fadas elementais ou espirituais, súcubos e incubos.

# **Espécies que Surgiram na História**

## **Súcubo e incubo**

Característica - são duas espécies de demônios que se sugam a energia vital de outros seres vivos para poderem sobreviver e estender seu tempo de vida através do sexo ou atos sexuais, podendo ser quase considerados como seres imortais. Súcubos são demônios femininos, enquanto incubos são demônios masculinos.

Poder/habilidade – sugar a energia vital (vida, alma ou mana) dos indivíduos. Eles também usam seus poderes hipnóticos para entrarem na mente de suas vítimas e darem ou alterarem as memórias de suas vítimas. Um ponto que Hasuno deixa bem claro, em uma de suas idas para sugar energia vital, é que não é necessário usar os poderes oculares para se hipnotizar alguém. Basta um beijo ou um simples toque que já é possível entrar em sua mente e sugar sua energia vital (ou até talvez engravidar a súcubo ou a vítima). As súcubos e os incubos, como os vampiros, até os dez anos de idade (ou até alcançarem a puberdade) não precisam sugar energia vital, começando bem novos a fazer tal ato.

Costume – dizem sere demônios parasitas, pois usam, na maioria das vezes, outros seres para poderem procriar e ter filhos.

Tipos de súcubos e incubos – na história são apresentados três tipos de súcubos e incubos. São eles, dos tipos: força, magia e velocidade (ambas também podem aparecer em qualquer um dos outros seres).

Tipo força – Chisana descreve ser uma subespécie de súcubo do elemento terra, pois possui muita força física e pouco poder mágico. No caso de Hasuno, seu poder físico é graças a ela ser a reencarnação da deusa Morgis, deusa com os elementos terra e trevas. Morgis era uma deusa demoníaca com um poder físico fora do normal e que poderia derrotar facilmente seu pai, Trevus, só usando seu poder físico, como visto no “Capítulo 22 – Guerra”, onde, mesmo em sua forma verdadeira, Trevus perde para Hasuno facilmente.

Tipo magia – já a do tipo magia, tende a ser o oposto, podendo conjurar variados e grandes feitiços, além de possuir uma grande quantidade de mana máxima e poder mágico. Nas súcubos, é mais comum nascerem do tipo magia. Kuroi e os pais de Hasuno são ditos como demônios do tipo magia.

Tipo velocidade – já do tipo velocidade, possui dois tipos de subespécies: tipo velocidade e tipo velocidade do tipo mira (caso da Shiroy). Só do tipo velocidade, possui realmente uma velocidade fora do comum, podendo ser imperceptível a olho nu de tão rápido que é, além de possuir uma grande coordenação motora que faz jus ao nome. Já do tipo velocidade do tipo mira, costuma ser mais rápido do que as outras espécies demoníacas, mas sem ser como seu outro tipo. Ele possui uma grande coordenação motora e grandes habilidades em acertar quase qualquer tipo de alvo que estiver ao seu alcance. Normalmente usam arco e flecha negro com poderes semelhantes ao de um cupido (curar, ferir, hipnotizar ou até apaixonar).

Biótipo – corpo humano com características demoníacas.

## **Sereias**

Característica – espécie híbrida: de metade animal marinho (normalmente peixe) e metade humana. Como os humanos, elas têm vários tipos de classes alimentícias, sendo as mais conhecidas: carnívoras e onívoras. As sereias carnívoras são as mais mencionadas nas histórias e lendas marítimas entre os vários mundos, nas quais elas vão até os barcos seduzir com sua beleza os navegantes, pescadores ou marinheiros com sua linda voz e corpo, e os levam para o fundo do mar para devorá-los, usam a força bruta ou os enforcam com seus chicotes feitos de algas (os puxando de grandes distâncias até elas). Elas também podem tomar a forma do que dá mais prazer as suas vítimas hipnotizadas por seus cantos. As sereias onívoras são bondosas e tímidas, costumam não se misturar com outras espécies diferentes das suas (por conta disso, possuem rigorosas leis e tradições que as proíbem de qualquer contato com outras espécies, exceto as marítimas).

Poder/habilidade – canto ou voz hipnótica. Em alguns casos, podem possuir outras habilidades, como: soltar veneno ou virar um quase humano (caso de Sirena).

Costume – muitas das vezes são encontradas em rochas a noite ou em lugares que se sintam seguras e solitárias para treinar sua voz com seu canto sem que possa hipnotizar alguém (pois elas não querem fazer mal a ninguém). Elas possuem um forte vínculo de amizade com a maioria das vidas aquáticas e as fadas. Um exemplo bem claro, é quando Sirena chama um tubarão branco para ajudar a achar peixes para a tripulação do Horizonte Verde, onde ela o tratava como um cachorrinho de estimação e ele a tratava como sua dona, brincando com ela sem a machucar (podendo até entrar totalmente e sua boca para limpar seus dentes e depois sair sem que ele a devorasse ou a ferisse).

Biótipo – o tipo mais conhecido de sereia é aquela onde da cabeça à cintura, é parte humana, e da cintura para baixo no lugar das pernas possui uma calda de peixe (podendo variar para tentáculos de lula ou calda de enguia). Podem possuir guelras em suas costelas e ter as orelhas no formato de barbatana.

## Gigantes

Característica – como nos anões, os gigantes também são confundidos como uma subespécie humana, mas eles são criaturas mágicas com forma humana que possuem uma elevada força e resistência físicas a certos lugares (fogo ou calor extremo) e suas expectativas de vida são bem superiores a dos humanos.

Poder/habilidade – nesse caso depende de qual espécie o gigante está ligado. Exemplo: gigante humano (o mais conhecido), é aquele que pode esmagar tudo que puder com seu tamanho e força física bruta. A habilidade dos gigantes da vila de Elisa é: aumento do poder físico (igual ao de Hasuno, que deixa seus músculos maiores) e poder de virar pedra ou metal (sendo esse último, o de Elisa).

Costume – como nas sereias, eles possuem várias classes alimentícias. Pelo seu grande e elevado corpo, eles tendem a se alimentar muito mais que outras espécies para sobreviverem. Algumas espécies de gigantes (as mais conhecidas pelas lendas) são hostis e atacam vilas e cidades, enquanto outras, como a de Elisa, são amigáveis e costumam não se envolver com outras espécies. Há alguns tipos de subespécies de gigantes: trolls, ogros, onis, gigantes e titãs. Na história não é mencionado, mas a subespécie de Elisa é a titã, por ela ser muito alta e ser uma das guerreiras mais fortes na vila dos gigantes onde morava.

Gigantes titãs – são os tipos de gigantes mais altos e fortes entre os gigantes. Eles são uma subespécie guerreira que costuma proteger tanto seu território quanto seus semelhantes. A palavra titã também se refere a seres com alto poder físico ou mágico que superam (ou quase) qualquer outro indivíduo de sua espécie, que podem surgir em qualquer um dos seres principais: humanos, mágicos ou demoníacos (exceto seres divinos). Muitas culturas dizem que os titãs rivalizam seus poderes com os dos deuses.

Biótipo – Gigantes são em sua grande maioria, seres de estatura elevada (em relação a outras espécies) e que tem forma humana (podendo variar entre outras formas gigantes de seres mágicos). Para muitos povos, o termo gigante se refere, simplesmente, aos indivíduos muito acima da estatura média normal de uma espécie em comum.

## **Fadas**

Característica – espécie de ser mágico do elemento luz que possui uma aparência humanoide que possui poderes mágicos e que normalmente vivem em florestas. Em sua grande maioria, são jovens e pequenas, do tamanho de uma mão humana. Elas também, são ditas como espíritos da natureza ou como seres quase imortais. À vários tipos de fadas: familiar, objeto, espiritual e elemental.

Poder/habilidade – manter o equilíbrio natural das coisas usando seus poderes.

Costume – gostam de brincar quase o tempo todo.

Biótipo – Não há um biótipo exato para cada tipo de fada. Elas podem ter uma forma totalmente humana com asas de inseto pequenas ou grandes (familiar e objeto), podem ter corpo totalmente humanoide com orelhas e formato de boca com tentáculos brancos e brilhantes saindo de dentro delas (espiritual) ou uma forma de inseto (elemental).

## **Fadas Elementais**

Característica – diferente das outras fadas, elas possuem um grande vínculo com um elemento em especial que pode mudar tanto seus poderes, quanto sua personalidade.

Costume – viver junto a outras fadas de mesmo ou outros elementos em florestas fechadas. No caso da história, elas vivem na Floresta da Harmonia, próximo ao Lago das Fadas, que é protegida por uma névoa espiritual que espanta os seres de coração impuro.

Poder/habilidade – são vários tipos de fadas elementais: fogo, gelo, água, natureza, luz, escuridão e amor. É muito raro uma fada elemental possuir mais de um elemento. No caso de Chisana e Kori, elas são de gelo e fogo. Fadas com mais de um elemento ganham uma forma neutra, onde podem ficar num dos elementos por vez ou todos de uma vez só. E quando ficam em algum (s) deles, sua personalidade geralmente muda de acordo com o elemento ou os elementos usados (além de ter um maior gasto de mana com mais de um ao mesmo tempo). Nas que só tem um, seu elemento e personalidade ficam determinados desde o nascimento; somente com a maturidade pode-se mudar sua personalidade elemental, que é o caso de Hino. Suas roupas costumam ser bem simples com uma peça só, e na maioria das vezes andam descalças.

Como descrito por Chisana, ela não é uma fada da luz, mas pode virar uma esfera de luz. Mesmo que não sejam uma fada de luz ou elemental, elas possuem como elemento secundário a luz. E, por tanto, todas as fadas elementais tem a habilidade de virar luz e podem fazer pequenas ondas sonoras ao pular ou andar (quando quiserem) na água, qualquer superfície ou no ar. E suas roupas se tornam parte de seu corpo para poderem se adaptar ao elemento delas, e normalmente são roupas já com a cor de seu elemento, pois elas não têm essa habilidade de mudar as cores das suas roupas. No caso de Chisana, suas roupas mudavam de cor dependendo do elemento ou elementos que ela usava.

Uma outra habilidade interessante que as fadas elementais têm, é poder ocultar e revelar suas asas e antenas. As antenas, servem para ver os sentimentos ou entrar na mente (mente coletiva) do ser ou dos seres próximos a elas. Na mente coletiva, elas se fundem ao ou aos seres que estiverem à sua frente e podem compartilhar os poderes de ambos, formando até uma nova forma física.

Suas asas também servem para ver os sentimentos dos outros (só que de uma distância maior e com mais clareza, não como as pontas das antenas que precisam tocar o outro ser), elas mudam de cor dependendo do sentimento que veem, podendo até sentir a presença de quem estiver se aproximando (juntamente com os sentimentos), como fez Hino, quando Hasuno e Chisana se aproximavam. E elas também podem se regenerar usando um pouco de mana (pois são asas de energia como elas), e que têm o tronco das raízes das asas muito pequeno, e quando as revelam, abrem um pequeno buraquinho para cada uma, quase imperceptível na roupa onde elas saem que depois volta ao normal ao escondê-las, parecendo que fazem parte da roupa. Diferente de sua subespécie, Chisana e Tsuki fizeram sexo cedo demais, pois só quando tivessem uma idade muito elevada é que poderiam fazer tal ato. Na idade final de Chisana e Tsuki, no último capítulo, ainda são consideradas como crianças para as fadas, enquanto que para os humanos elas já eram duas mulheres adultas.

Biótipo – Elas costumam ter a estatura igual ou parecida a de um elfo ou um anão. A cor de sua pele varia de acordo com seu (s) elemento (s). Suas antenas vão afinando um pouco ao chegar na ponta, que tem um formato meio oval e peludo como uma fruta (descrição de Hasuno). Suas asas são transparentes, brilhantes e finas. Possuem dois pares de asas nas costas (um grande, em cima, e um menor, embaixo, para cada lado). Seu cabelo é um pouco careca onde suas antenas surgem e no meio há uma pequena franja em formato de triângulo para baixo na testa (ponta para baixo). À frente de suas orelhas pontudas, uma pequena parte de seus cabelos fica num formato de chocalho (em cada lado) que vai, mais ou menos, até a altura de seus ombros. A cor de seu cabelo fica um pouco mais escura chegando próximo de sua ponta.

## **Relação com os Sete Pecados Capitais e os Dez Mandamento**

Cada tipo de fada elemental possui um ou mais sentimentos que as diferencia. Cada subespécie costuma (na maioria das vezes) agir sob a influência do seu (s) elemento (s), podendo ser bons ou ruins esses sentimentos.

### **Tipos de Fadas Elementais**

#### **Fogo**

Característica – normalmente é possível sentir a temperatura aumentar ao se aproximar de uma. Seus poderes podem ser determinados (medidos) pelo tamanho ou intensidade de seus cabelos. Desde pequenas (bebês), só podem usar alguns poucos poderes de seu tipo, mesmo assim, bem limitados.

Cor – corpo todo vermelho e o cabelo arrepiado com cores de chamas.

Poder/habilidade – dobrar e criar fogo em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou o calor à sua volta.

Costume – causar dor e sofrimento aos outros para sentir prazer, ou são muito explosivas, querendo sempre muita agitação e determinação para conseguir o que querem (mesmo que isso fira alguém ou a si mesmo). No caso de Hino, ele já havia aprendido a controlar seus poderes e deixar sua temperatura corpórea “normal”.

Pecado capital – ira.

Mandamento – abnegação e fé.

#### **Gelo**

Característica – normalmente é possível sentir uma queda de temperatura ao se aproximar de uma. Desde pequenas (bebês), só podem usar alguns poucos poderes de seu tipo, mesmo assim, bem limitados.

Cor – corpo todo azul claro e o cabelo azul escuro brilhante como um cristal.

Poder/habilidade – dobrar e criar gelo em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou a baixa temperatura à sua volta.

Costume – elas têm dois tipos de personalidades distintas, podendo ser doces, gentis e sempre falando pouco, ficando reservadas num canto sempre dispostas a ajudar os outros (esse é o caso de Shira) ou também costumam ser agressivas e frias com os outros (Kori não ganha essa abreviação de seu nome à toa, pois ela é muito explosiva e fria quando o assunto é proteger sua irmã, mesmo que ela não precise, onde Kori é igual a gelo em japonês).



Pecado capital – inveja.

Mandamento – benevolência, repouso e pacifismo.

## **Água**

Características – elas são muito calmas, sempre dispostas a ouvir e compreender o que os outros dizem a elas. Desde pequenas (bebês), só podem usar alguns poucos poderes de seu tipo, mesmo assim, bem limitado.

Cor – corpo todo azul e cabelos azuis azul escuro.

Poder/habilidade – dobrar e criar água em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou qualquer fonte de água à sua volta. Elas também podem se comunicar com qualquer espécie aquática.

Costume – estar perto de lugares úmidos, cuidando sempre da vida marinha. Também são o único tipo de fada elemental capaz de respirar ou sobreviver debaixo d'água.

Pecado capital – preguiça.

Mandamento – verdade, paciência e pacifismo.

## **Natureza**

Característica – ser gentis e determinadas a manter tudo em seu devido lugar. Em certos casos, elas tendem a querer tudo para elas mesmas, fazendo com que tudo se torne um com seu ambiente, transformando os indivíduos ao seu redor em suas marionetes e as vezes os transformando em espécies de seu próprio meio, os fundindo com o corpo todo ou arrancando suas almas (ex.: um ser humano ser transformado em uma árvore ou em um animal). Por isso, se deve ter um pouco de cautela ao falar ou se dirigir a uma. Quando pequenas (bebês), só podem criar algumas pequenas plantas, ou se comunicar com algumas delas.

Cor – corpo todo verde e cabelos verde escuro (em alguns casos, se assemelham um pouco com as dríades, por terem certas partes do corpo ligadas ou com formato de alguma parte de plantas ou fungos).

Poder/habilidade – dobrar as plantas e qualquer vida animal, criar plantas ou fungos em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou qualquer fonte de vida animal ou vegetal à sua volta (isso também não descarta outras espécies de humano, demônio ou criatura mágica). Elas também podem se comunicar com qualquer espécie animal ou vegetal (exceto com espécies de animais marinhos). Também tem o poder de acelerar o desenvolvimento de um ser vivo (podendo até o matar dependendo de quanto ela o acelerar).

Costume – cuidam da vida animal e vegetal à sua volta, podendo até mesmo as influenciar por alguns meios psíquico ou persuasivo para manter a ordem onde vivem.

Pecado capital – gula.

Mandamento – pureza e fé.

### **Luz**

Característica – elas tendem a ser muito orgulhosas, pois mesmo que todas as fadas elementais possam virar ou criar luz de alguma habilidade de luz, essa é a única que pode dobrá-la completamente. Desde pequenas (bebês), só podem usar alguns poucos poderes de seu tipo, mesmo assim, bem limitados.

Cor – tem um leve tom amarelado em todo seu corpo, enquanto em seu cabelo é um pouquinho mais forte esse amarelado.

Poder/habilidade – dobrar e criar luz em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou qualquer fonte de iluminação a sua volta.

Costume – elas iludem aqueles cegos por ganancia ou de mente fraca, e não gostam muito de ficar a noite, pois seus poderes são reduzidos de acordo com o nível de escuridão que a no local, ou para haver equilíbrio com as fadas da escuridão, mas mesmo assim compartilham seus poderes com os outros, quando veem que podem ajudar em algo.

Pecado capital – orgulho.

Mandamento – fé, piedade e verdade.

### **Escuridão**

Característica – Elas são ocultas, tímidas e gentis. Iluminam a escuridão da noite com pequenas luzes coloridas e escuras que elas criam para embelezar o ambiente que estão, ou simplesmente para ajudar a guiar algo ou alguém. Desde pequenas (bebês), só podem usar alguns poucos poderes de seu tipo, mesmo assim, bem limitado.

Cor – corpo todo preto (ou escuro) com seus cabelos pretos.

Poder/habilidade – dobrar e criar qualquer fonte de escuridão ou sombras em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou qualquer ausência mínima de luz à sua volta. Também podem criar ou manipular portais para a dimensão escura que reside em tudo, podendo até criar vórtices de onde surgem lanças sombrias que elas lançam para matar ou aumentar seu território de escuridão (ou também para se esconderem).

Costume – ficarem agarradas a qualquer coisa ou ser que lhes deem a sensação de segurança e felicidade. Em outros casos, elas também podem ser vingativas ou trapaceiras, dispostas a conseguir o que querem como meio de atenção. Tsuki, por ver bondade em Hasuno, crê que ela seja um ser que lhe traz felicidade, enquanto seu pai é um indivíduo que lhe traz segurança.

Pecado capital – ganancia.

Mandamento – reticência.

## **Amor**

Característica – são as mais brincalhonas e covardes entre as fadas elementais. E elas também são muito masoquistas. Há casos muito raros em que elas ficam com medo de serem o que costumam ser. Desde pequenas (bebês), elas têm acesso a todos os seus poderes, e por conta disso, são consideradas mais perigosas, do que qualquer outra idade que tenham, por ainda não terem controle sobre seus eles.

Cor – corpo todo rosa claro e o cabelo rosa.

Poder/habilidade – dobrar e criar os desejos e emoções dos outros. Elas criam um pó mágico rosa em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou qualquer sentimento de luxúria à sua volta. Seus poderes também podem funcionar desde que as toquem. Para isso, usam a umidade de seu corpo que tem o mesmo poder mágico do amor que seu pó mágico. Seus cabelos têm cheiro de morango e também são usados para atrair outros seres (ou não).

Costume – lançar um pó mágico rosa de seu próprio corpo (principalmente de suas mãos) em suas vítimas para poder hipnotizá-las, ou aumentar suas produções hormonais (lhes dando a sensação de prazer sexual), enquanto veem uma oportunidade para cativar ou seduzir alguém só para saciar seus desejos por luxúria usando seus poderes afrodisíacos para atrair suas vítimas. Muitas vezes, são confundidas com súcubos, por causa de seus desejos sexuais (mesmo que seja só por um beijo).

Pecado capital – luxúria.

Mandamento – pureza.

## **Espécies pouco mencionadas**

### **Arachne**

Característica - espécie híbrida de aranha e ser humano, onde normalmente, da cabeça até a cintura é humana e da cintura para baixo é um corpo de aranha, possuindo seis olhos. Certas subespécies de arachne podem deslizar sobre a água.

Poder/habilidade – lançar teia de sua bunda de aranha ou pela boca (depende da subespécie de aranha).

Costume – como os humanos, elas podem ter vários tipos de sentimentos diferentes dependendo de sua subespécie. Elas também gostam de se pendurar de ponta cabeça, enquanto tecem sua teia.

Biótipo – dependendo do tipo da parte aranha dela, pode variar tanto sua aparência quanto sua personalidade. A mencionada na história é uma aranha pequena e saltadora de corpo rosa que possui veneno em suas presas, além de (normalmente) possuir um corpo humanoide bem magro e despeitado.

## **Centauro**

Característica – espécie meio-humano, onde, da cabeça até a cintura, é humana, e da cintura para baixo, é um corpo de cavalo, possuindo orelhas de cavalo.

Poder/habilidade – chutar (ou dar coice) com suas patas, atirar com arco e flecha, e carregar alguém nas suas costas (como os cavalos fazem). Eles também têm sua velocidade e força mais elevadas do que outras espécies (inclusive a humana), podendo percorrer grandes distância em pouco tempo e com grande velocidade.

Costume – não costumam se socializar com humanos (são muito poucos os centauros que se socializam com os humanos) e ficam normalmente em bando (raramente são vistos sozinhos). Eles também são conhecidos por ser uma espécie guerreira.

Biótipo – podem ter várias cores diferentes, enquanto seus cabelos são, normalmente, alongados como uma crista de cavalo. Nem todas as espécies de centauro possuem orelhas como as de cavalos, e sim, como de outras espécies (normalmente, humanas).

## **Gosma (ou limo)**

Característica – espécie de indivíduos que tem todo o corpo gosmento em forma de água. Detestam entrar completamente em águas profundas (que sejam mais profundas que seu próprio corpo), pois podem se desintegrar ao se fundir com a água, e também não suportam altas temperaturas, pois são feitos de quase 100% de água (evaporando). Muitos são bem fracos e por isso são considerados a espécie de criatura mágica mais fraca entre as outras, e por isso, são normalmente utilizadas para o treinamento de novos heróis. Algumas subespécies de gosma possuem seu corpo mais evoluído e podem até ser considerados uma ameaça pelo seu grande poder, podendo aumentar sua inteligência e/ou seu tamanho ao se fundir (ou absorver) a qualquer indivíduo ou coisa. Muitas culturas dizem que a espécie gosma (ou limo) não possui sexo (feminino ou masculino). Mas já é comprovado que cada indivíduo gosma possui moléculas sexuais femininas ou masculinas em todo o seu corpo que difere seu sexo, mesmo podendo assumir a forma de seu sexo oposto, além deles poderem se reproduzir entre eles, igual a qualquer outra espécie sexuada (exemplo: humana).

Poder/habilidade – podem assumir qualquer forma (absorvendo/fundindo ou não outro indivíduo). Elas normalmente aumentam de tamanho só de ingerir água ou qualquer coisa líquida. Também podem curar utilizando seu próprio corpo para remover algo que seja nocivo a qualquer indivíduo. Também podem identificar o que é ou não é bom para a saúde para um determinado indivíduo qualquer (ex.: sentir se uma planta é venenosa ou não para um humano), pois seu corpo não rejeita quase nada (pelo contrário, até podem se fundir/absorver se ele quiser).

Costume – para a maioria fraca, elas andam em bando. Para as que possuem o corpo mais desenvolvido, se encontram sozinhas em qualquer lugar (e dependendo da subespécie, podem ser tanto hostis ou amigáveis).

Biótipo – na forma mais fraca, eles são simples bolhas, tanto grandes quanto pequenas. Na sua forma evoluída, já podem ter a forma de qualquer coisa, onde normalmente usam uma forma humanoide. Em ambas as formas, podem possuir cores diferentes, dependendo de que tipo sejam (ex.: veneno, ácido, água, poluição, dentre outros).

### **Ciclope Backbeard**

Característica – subespécie de ciclope ou mono olho, onde divide sua alma com um Beholder (ou observador como é mais conhecido), e por conta disso, são irmãos gêmeos desde seu nascimento pelo mesmo feto de sua mãe. Normalmente o sexo de cada um dos dois é oposto do outro, e não há problema se cada um faz sexo ou tem relações sexuais com outros indivíduos, individualmente. Não podem ficar muito distantes um do outro, pois perdem sua sincronia e acabam morrendo.

Poder/habilidade - possui o poder de hipnotizar e lançar raios laser pelo olho ou por portais que criam à sua volta. Seu Beholder possui as mesmas habilidades que eles. E também podem dividir pensamentos e sentimentos entre si.

Costume – ficar vagando por qualquer lugar sombrio (ou à noite) sozinhos, pois são muito tímidos, mas quando se sentem ameaçados, usam seus poderes ao máximo para pulverizá-los. O ciclope e o Beholder, na maioria das vezes, costumam ser muito amigáveis entre si.

Biótipo – a única coisa que diferencia esse tipo de ciclope dos humanos é seu grande olho no meio do rosto, ao invés de dois, no lugar. Esse Beholder, ao contrário de outras espécies de Beholder, não possui olhos em cada tentáculo e seu corpo tem uma pele macia e escura sem pelos ou gosma (até é considerado bem limpo e fofo).

### **Harpia**

Característica – espécie híbrida de humano com ave. Ela possui um corpo que envelhece bem devagar (principalmente em relação aos humanos). Dependendo do tipo de harpia, podem pôr um ou mais ovos de uma vez. Algumas delas podem correr bem rápido, podendo alcançar (ou até ganhar) um centauro.

Poder/habilidade – além de voar, algumas harpias podem lançar suas próprias penas (podendo ser de metal ou qualquer material resistente).

Costume – viver em lugares altos e não gostam de se socializar muito com outras espécies (principalmente a humana, que costuma caçá-las para vender suas penas por um alto preço), e que são uma espécie de criatura mágica, que em sua grande maioria, não possuem uma “boa” inteligência, e por isso, muitas delas, são apelidadas de: cabeça de passarinho.

Biótipo – há várias formas de harpia diferentes: a mais comum é a que possui as asas juntas com os braços e pernas de ave. Poucos tipos de harpia podem esconder ou revelar suas asas.

## **Vampiro**

Característica – espécie demoníaca que suga sangue de outros indivíduos (vivos) para poder sobreviver, aumentando ou regenerando seus poderes. Demônios de aura das trevas do tipo noturna (espécie noturna), possuem fraqueza contra a luz do sol, pois seus organismos só sobrevivem em lugares frios e escuros ou com pouca luminosidade (ou com iluminação das trevas ou noturnas) e com umidade, onde é o seu habitat natural. Outra característica é que os vampiros não podem ver seu próprio reflexo em nenhum objeto, pois a aura das trevas do tipo noturna não é refletida por nada que reflita a luz, somente em objetos das trevas ou noturnos que eles podem ver seu reflexo. Como nas súcubos, os vampiros só precisam se alimentar de sangue quando chegam na puberdade ou a uma certa idade (aproximadamente dez anos), podendo tomar suco de tomate ou oxicoco (cranberry), como substituto. Quando ficam sem sangue por um certo período, podem perder ou ter a diminuição de seus poderes, até que bebam sangue (isso também serve quando eles estão mortos, bastando uma gota em seus corpos para voltarem à vida). Quando um indivíduo vivo é mordido por um vampiro, vira em pouco tempo (ou em questão de segundos) um deles. Isso se trata de um veneno em suas presas que é injetado no momento da mordida, que muda completamente seu organismo para ficar como o deles, mas se o sangue for totalmente sugado, o indivíduo acaba morrendo. Vampiros que não são de linhagem pura (herdeiros), costumam ser mais fracos que os vampiros de linhagem pura.

Poder/habilidade – super força, super velocidade, poder de se regenerar rapidamente e inteligência muito superior em relação a outras espécies ou seres. Além de possuírem um olfato mais aguçado que outras espécies (principalmente a humana).

Costume – a grande maioria dos vampiros são muito inteligentes e possuem um alto nível de educação e classe, sempre se vestindo e se apresentando bem para outros vampiros (raramente para outras espécies ou seres). Eles costumam ficar descontrolados e muito violentos quando sentem cheiro de sangue ou veem alguma espécie mortal por perto. Eles também cativam ou seduzem indivíduos de sexo oposto de espécies vivas (ou do mesmo sexo), até o momento em que eles sugam o sangue de sua vítima.

Biótipo – podem tanto possuir uma forma 100% humana quanto uma forma mais pálida. Nem todos os vampiros podem virar morcego (gigante ou pequeno), como segunda forma. Eles podem ficar com partes humana ou de morcego, em qualquer uma de suas formas (ex.: forma totalmente humana com pequenas ou grandes asas de morcego, ou forma totalmente de morcego com braços ou qualquer outra parte humana).

## **Cupido**

Característica – tipo de subespécie de indivíduo celestial (anjo), que promove o amor usando um arco e flecha. Costumam possuir muito poder mágico e às vezes carregam um caderno para anotar os pares (ou vítimas) formados. Por seus poderes serem equivalentes aos de espécies de outros seres, algumas espécies de anjo vivem nos outros mundos entre eles. Suas flechas também podem curar ou fazer vários outros tipos de magia, dependendo do que queiram.

Poder/habilidade – quando suas flechas atingem alguém, fazem os hormônios desse indivíduo aumentarem, criando assim uma sensação de amor e prazer pela primeira pessoa que ele ver pela frente.

Costume – são simpáticos e brincalhões. Costumam não se importar com os sentimentos dos outros, fazendo o que querem como bem entendem.

Biótipo – possuem corpo humano com asas grandes (ou gigantes) de aves brancas em suas costas. Como outras espécies de humanoides que possuem asas, eles podem escondê-las ou revelá-las, quando bem entenderem.

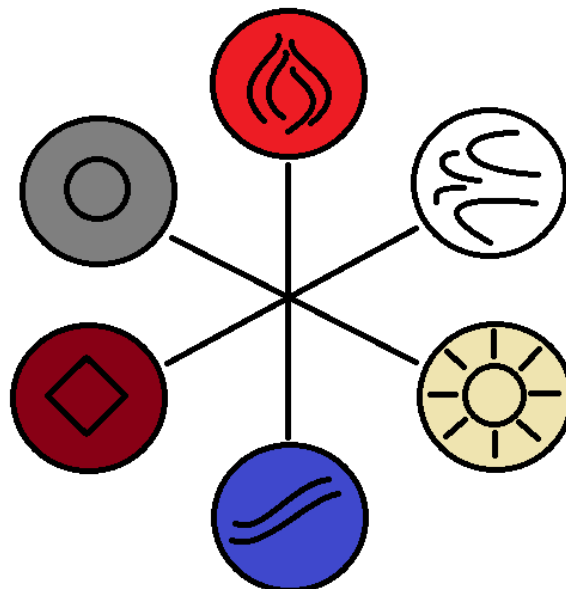
## Elementos

Na história, Chisana faz uma relação entre os elementos e as emoções. Os elementos são o que tornam a vida possível entre os quatro seres: divino, humano, demoníaco e mágico. Ela também cita que há dois tipos de elementos, tanto em seres vivos quanto no círculo elemental: primário e secundário. Elementos são os tipos de energias que constituem a vida.

No círculo, os elementos primários são: fogo, terra, água, ar, luz e escuridão. Eles são os elementos principais para que haja vida nos mundos. Os secundários são: natureza, trevas, amor, destruição, cura, tempestade, gelo, veneno, metal. Já esses, são a união de dois elementos, formando um novo.

Nos seres vivos, os elementos primários são aqueles que fazem parte da sua natureza interior, onde eles podem facilmente influenciar o ser de maneiras diferentes e também é a principal fonte de seus poderes podendo dobrá-los e manuseá-los facilmente (dependendo de seu nível de experiência). Os secundários são aqueles que são herdados de sua espécie de maneira que não influenciem seu comportamento ou sentimentos, ao contrário do primário. Nesse caso, o ser só poderá ter acesso a poucas habilidades de tal elemento sem poder dobrá-lo, somente manuseá-lo.

### Primários



São os elementos principais do círculo elemental e também pertencentes a cada um dos seis filhos deuses (deuses elementais) dos três primeiros deuses no universo (deuses da criação). São eles: Jenovás, o anjo o orgulhoso da terra e da água (o primeiro entre os humanoides), Diablos, o demônio tímido da



escuridão e fogo (o primeiro entre os demônios), e Elfas, a fada bondosa da luz e do vento (a primeira entre as fadas ou criaturas mágicas). Os seis deuses elementais primários originam outros sub elementos, criando assim várias ramificações diferentes deles mesmo. Exemplo: os dragões primários (espécie) são os de fogo, agora os dragões secundários (subespécie) são os de gelo, vento, água, trevas e outros.

Fogo – fonte de calor para maioria das espécies. Sem ele, “quase” não haveria vida na maioria dos mundos. O fogo é forte, conquistador e orgulho, passando por cima de tudo ou todos para conquistar seus objetivos. Se originou a partir do nascimento do deus Dragnar, o dragão do fogo. Ele também foi primeiro dragão a surgir em toda a existência.

Água – fonte essencial de vida, crescimento e desenvolvimento onde muitas espécies necessitam tanto para viver (seres aquáticos) quanto para sobreviver (seres que precisam se hidratar com ela). A água é muito preguiçosa e delicada. Se originou a partir do nascimento da deusa Acos, a sereia da água. Ela foi o primeiro indivíduo marinho a surgir em toda a existência. Muitas culturas acreditam que a vida surgiu da água.

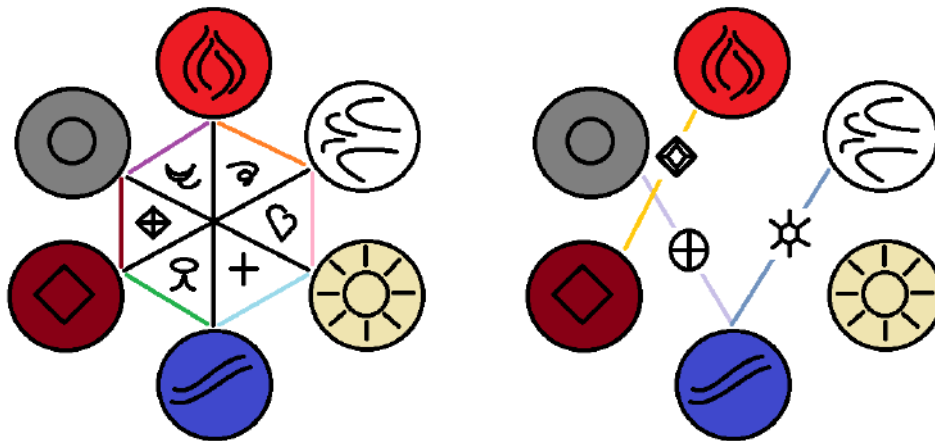
Terra – fonte essencial para a sobrevivência de muitas espécies e o elemento natureza. Ela é constituída de vários tipos de solos, onde seres ou plantas terrestres de várias espécies diferentes necessitam para viver. A terra é força bruta e sempre determinada a conquistar seus objetivos. Se originou a partir do nascimento do deus Terros, o golem gigante da terra. Ele foi o primeiro indivíduo terrestre a surgir em toda existência.

Ar – para muitas espécies, é o elemento mais precioso que podem necessitar para viver, junto com o fogo, a água e a terra. Muitas espécies necessitam de oxigênio ou de uma atmosfera para poderem viver em qualquer lugar onde predominem os outros elementos primários. O ar é suave e puro, porém imprevisível. Se originou a partir do nascimento da deusa Harps, a harpia das asas de aço do ar. Ela foi o primeiro indivíduo aéreo a surgir em toda a existência.

Luz – é a fonte de energia que ilumina lugares com a ausência dela. Para muitos, é essencial para poder se viver, e em muitas culturas, ela é considerada sagrada. A luz guia e instrui, mas sempre seduz aqueles de mente fraca ou cegos por ganância. Se originou a partir do nascimento da deusa Luminos, a fada de luz. Ela foi o primeiro indivíduo a carregar e ser feito de luz em toda a existência.

Escuridão – é a ausência ou a falta de luz. Em muitas culturas ela é confundida com as trevas, mas por outro lado, algumas espécies usam para viver ou sobreviver. A escuridão é oculta e tímida, porém muito vingativa e trapaceira, guardando dor e ódio dentro de si. Se originou a partir do nascimento do deus Trevus, o demônio da escuridão. Trevus era o único deus entre os seis que possuía um segundo elemento (e o primeiro elemento entre os secundários a surgir), as trevas. Que dá origem a sua aparência, aura demoníaca e nome, como seu pai.

## Secundários



São todos os elementos gerados a partir da união (ou fusão) entre os elementos primário. Podendo tanto ser elementos, sentimentos ou condições. Exemplo: o amor pode ser tanto um sentimento quanto um elemento.

### Elementos da Imagem à Esquerda

Natureza – é o elemento que constitui principalmente a vida animal e a vegetal, com os outros seres, podendo variar de espécie dependendo de qual mundo estiver. Se originou quando Jenovás nasceu e é a união dos elementos terra e água. Muito bondosa e cheia de energia, sempre vive feliz, mas quando algo acontece com ela, isso acaba afetando a todos ao seu redor (muitas vezes as consequências são irreversíveis). Em algumas culturas, a união desses dois elementos primários da origem à madeira.

Trevas – é o elemento ou aura que pertence somente aos seres demoníacos. Se originou quando Diablos nasceu e é a união dos elementos fogo e escuridão. Esse elemento foi herdado por seu filho Trevus, que possuía a escuridão a com ele como seus elementos principais. Muitas culturas o associam a qualquer coisa ou ser ruim de aparência demoníaca. Ela pode possuir duas formas: a primeira e a mais conhecida é de uma chama negra, enquanto a segunda é de uma gosma negra. As trevas são determinadas a conquistar algo tanto para se engrandecer quanto para sobreviver sem pensar nas consequências, mas é sempre injustiçada por suas aparências e por isso a faz tomar certas medidas drásticas. Elas também sempre estão dispostas a lutar ao lado de quem for só para ajudar ou simplesmente ficam vivendo sua vida sem se intrometer nas dos outros.

Amor – é o elemento dos desejos e emoções, principalmente afrodisíacos. Se originou quando Elfas nasceu e é a união dos elementos ar e luz. O amor é bondoso e gentil, em certos casos podendo até mesmo seduzir e enganar só para conseguir ficar próximo de seus objetivos. Ele pode ser considerado tanto um elemento quanto um sentimento.

Destruição – é o elemento que põe o fim (ou quase) em qualquer coisa, sendo por causas naturais ou não-naturais. Ele se originou a partir do nascimento de

Morgis, filha de Trevus com Murfa, a deusa da terra e neta de Terros. E é a união dos elementos: terra e escuridão. Muitas vezes é confundida com o elemento tempestade.

Cura – é o elemento da ressurreição, que tira qualquer dano feito a qualquer indivíduo. Ele é a união dos elementos água e luz. Esse elemento também é o oposto de veneno.

Tempestade – é o elemento da renovação ou mudança de elementos ou seres em algum lugar ou ambiente para se criar um novo, ou como é mais conhecido: para se criar o novo devesse extinguir o que é antigo primeiro. Ele se originou dos elementos: fogo e ar. Muitas vezes é confundida com o elemento destruição.

### **Elementos da Tabela à Direita**

Gelo – é o elemento que forma o equilíbrio de temperatura com o elemento fogo, deixando o ar mais fresco (e até congelante). Ele se originou da união de água e ar.

Veneno – é o elemento de tudo que não seja compatível com algo (ou alguma coisa), ou que cause a degradação e a morte de algo (ou alguma coisa). Ele se originou com a união de água e escuridão.

Metal – é o elemento que representa os minerais. Ele se originou da união de terra e fogo. É também conhecido como: o elemento da ganância e da ilusão entre todos os seres.

### **Compatibilidade e rejeição**

Ao ligar os elementos, pode-se perceber que alguns reagem bem (aumentando suas intensidades), uns surgem ou se originam de outros, podendo haver aqueles que são eliminados (rejeitados) por outros elementos.

Exemplos de elementos que reagem bem a outros: fogo com vento e amor com trevas.

Exemplos de elementos que surgem de outros: luz se origina do fogo e amor das trevas.

Exemplos de elementos que são rejeitados: fogo com água, escuridão com luz, luz com escuridão e terra com luz.

# Ficha técnica dos personagens

Aqui, mostro as características de cada personagem da história por: ser, espécie, subespécie, sexo, idade, poder/habilidade, personalidade, costume, biótipo e característica. Em relação a certos personagens, explico o que significam os seus nomes.

## Personagens principais/protagonistas

### Hasuno Hana

Ser – demoníaco.

Espécie – súcubo.

Subespécie – súcubo do tipo força.

Sexo – feminino.

Idade – 10 a 46 anos.

Poder/habilidade – aumento extremo e anormal de força física, hipnotizar e mudar os sonhos de algum ou alguns indivíduos, sugar energia vital (vida, alma ou mana) e ficar na forma de deusa.

Personalidade – gentil e simpática, em certos casos chegava a ser bem medrosa (infância), gentil, simpática e insegura (adolescência), gentil, simpática e tarada (adulta).

Costume – procurar sobreviver ou fazer sexo com sua melhor amiga (infância), procurar compreender a si mesma (adolescência), procurar ser a melhor mãe que puder, ser uma súcubo bem safada e brincalhona (adulta).

Biótipo – corpo de criança magra e baixa que podia ficar altamente musculoso além do “normal” de uma criança (infância), seios, bunda e outras partes do corpo um pouco maiores e ficar toda musculosa como na sua infância (adolescência), corpo extremamente volumoso e definido, com peitos gigantescos (sem barriga de tanquinho), ao ficar com o corpo com força máxima ou em super força, ele fica mais definido (com tanquinho) e é capaz de destruir uma cidade inteira com um único golpe. Já na sua forma normal é superior que sua super força no máximo quando era criança (adulta). Ela possui cabelos longos e prateados, olhos de cor vinho, pele branca com orelhas pontudas, pequenos e grossos chifres redondos com uma pequena ponta e calda preta e comprida com um formato de coração na ponta. Suas asas, chifres e calda são pretos.

Característica – filha de súcubo e incubo, ela era muito pobre quando era criança, mas ao longo da vida foi conquistando mais coisas que a ajudaram a viver, como uma súcubo e uma pessoa boa e gentil (infância), tinha medo de ser o que sua espécie é (adolescência), uma súcubo e mãe madura (adulto). Ela é a reencarnação de Morgis, deusa das trevas e da terra, filha de Trevus, deus demônio, com a neta de Terros, a deusa da terra Murfa.

Nome – seu nome em japonês significa: Flor de Lótus.

## **Chisana Kurisutaru**

Ser – mágico.

Espécie – fada.

Subespécie – fada elemental de gelo e fogo.

Sexo – feminino.

Idade – 10 a 46 anos.

Poder/habilidade – poder dobrar gelo e fogo, ficar na forma de luz, sentir os sentimento e personalidade dos indivíduos, fundir-se com um ou mais indivíduos (mente coletiva), curar e ficar na forma de deusa.

Personalidade – curiosa, gentil e simpática.

Costume – explorar o mundo e trazer a paz entre as espécies e seres (forma normal), sentir prazer em causar dor nos outros para sentir prazer sexual (forma de fogo), ajudar os outros (forma de gelo).

Biótipo – corpo de criança baixa e magra (infância), corpo um pouco mais alto e quase sem peito (adolescência), corpo magro e alto com um pouco de seios e bunda bem redondinho e pequenos (adulto). Seu corpo pode ficar na forma toda branca (forma neutra), com o corpo todo vermelho, com os cabelos arrepiados em chamas (forma de fogo), com o corpo todo azul claro (forma de gelo), ou com as duas formas de uma vez só. Suas antenas vão afinando um pouco ao chegar em sua ponta, que tem um formato meio oval e peludo como uma fruta (descrição de Hasuno). Suas asas são transparentes, brilhantes e finas. Ela possui dois pares de asas nas costas (um grande em cima e um menor embaixo para cada lado). Seu cabelo é um pouco careca onde suas antenas surgem e no meio há uma pequena franja em formato de triângulo para baixo na testa (ponta para baixo). À frente de suas orelhas pontudas, uma pequena parte de seus cabelos fica num formato de chocalho (em cada lado) que vai, mais ou menos, até a altura de seus ombros.

Característica – seu pai é uma fada de fogo e sua mãe é uma de gelo. Ela é a reencarnação de Haldia, deusa fada do gelo e fogo, filha de Luminos, deusa fada da luz com Dragnar, deus do fogo e dos dragões.

Nome – seu nome em japonês significa: pequeno cristal.

## **Personagens principais/antagonistas**

### **Açougueiro**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – açougueiro e um dos membros de um dos grupos religiosos de extermínio contra os demônios.

Personalidade – agressivo, impaciente e vingativo.

Costume – não gosta de crianças, sendo capaz de matar alguma que venha falar com ele por qualquer motivo.

Biótipo – homem grande, gordo e forte.

Característica – por ter problemas familiares no seu passado, ele passa a odiar tudo que é tipo de criança.

### **Rei demônio**

Ser – divino.

Espécie – deus.

Subespécie – deus das trevas.

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – lançar maldições, lançar tentáculos do corpo, hipnotizar os outros e lançar raio das trevas.

Personalidade – frio, calculista e persuasivo.

Costume – destruir e conquistar tudo para si mesmo.

Biótipo – filho dos três primeiros deuses (da criação), é um grande ser gigante de pura energia das trevas em forma de coelho demoníaco. Seu corpo é puro lodo das trevas que destrói imediatamente toda forma de vida que toca. Por conta de quase morrer, por anos, troca de corpo de qualquer indivíduo mortal para outro, a fim de recuperar seus poderes e forma natural. Ele cria um grande exército e é confundido com o rei demônio.

Característica – tendo ciúmes, de que sua filha havia encontrado um amor, ele tenta ficar com ela, mas é derrotado e a atinge. A deusa Luminos tenta ajudá-las, mas ele a golpeia fazendo suas almas caírem do mundo dos espíritos e virem para o mundo mágico. Depois de lutar com ela, Trevus procura pela alma de sua filha, mesmo com o corpo todo ferido. Então decide possuir um indivíduo qualquer para poder restaurar suas energias e voltar a procurar pela alma perdida de sua filha.

## **Personagens secundários**

### **Rost**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – mestre de obras ou açougueiro.

Personalidade – arrogante e amigável.

Costume – ajudar em qualquer trabalho pesado que estiver a sua disposição para ganhar uns trocados e para não cair no tédio e se sentir um inútil.

Biótipo – homem alto e forte.

Característica – por conta de uma lesão na perna quando era jovem, Rost teve que abandonar sua vida de herói e quebrar a promessa que fez a seu antigo amor, que acaba perdendo-o para a morte. Por conta disso, ele implica com os novos e jovens heróis.

## **Steven**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – mestre de obras e açougueiro, e depois guarda real do castelo de Monastel.

Personalidade – amigável e gentil.

Costume – ajudar o seu amigo Rost em seus trabalhos.

Biótipo – rapaz loiro, jovem e bonito (opinião das mulheres), com porte físico médio.

Característica – sempre tenta impedir que Rost implique com os mais novos, enquanto os ajuda em seus deveres e trabalhos.

## **Sirena Sirem**

Ser – mágico.

Espécie – sereia.

Subespécie – ?

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – voz hipnótica e poder ficar quase totalmente em forma humana (exceto suas orelhas de barbatana).

Personalidade – brincalhona, gentil e sem noção das coisas (podendo ser facilmente enganada). Em sua idade adulta, ela passa a ser protetora e rigorosa, impedindo que Kori e Serena saiam do Lago das Fadas.

Costume – ela tem alguns animais marinhos de estimação. O preferido dela é um tubarão branco, Gusmão, que ela costuma limpar a boca dele, tanto fora quanto dentro dele. Por ser uma sereia, ela não tem a cultura de aquisição de bens e gosta de apostar, mesmo perdendo quase sempre na maioria dos jogos que participa (Chisana diz que ela é muito azarenta). Ela costuma estar cheia de



jóias preciosas pelo corpo (principalmente, uma tiara de espinhos na cabeça que era passada de geração em geração em sua família) e sempre fica em algum lugar sozinha ou com Chisana para poder praticar seu canto.

Biótipo – cabelos e calda de peixe rosa, e guelras nas costelas. Ela sempre usa muitas jóias.

Característica – por ser uma rara sereia que pode se transformar em uma humana quase completa, seus pais a banem de casa por causa dos costumes de sua espécie.

Nome – referente ao nome Serena.

## **Matheus Montes**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – 10 a 37 anos.

Poder/habilidade – fazendeiro, agricultor e ordenhador de vaca

Personalidade – tímido e bobo (infância), destemido e confiante (adulto).

Costume – ficar atrás dos pais quando vê alguém diferente deles (infância), ajuda sua família e aos outros como puder com seu bom humor e confiança (adulto). Sua especialidade é o bolo de carne com pedaços de frutas com suco de frutas.

Biótipo – garoto magro e baixo de cabelos escuros (infância), homem de estatura e físico médio (adulto).

Característica – por morar sozinho com seus pais numa fazenda longe de outras civilizações, ele fica sozinho a maior parte do tempo, até conhecer Hasuno e Chisana.

## **Rogers Martins**

Ser – humano

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino

Idade – ?

Poder/habilidade – professor, médico e diretor da Universidade de Lasto e representante do Instituto de Pesquisa, Estudo e Compreensão das Espécies, o I. P. E. C. E.

Personalidade – muito inteligente, educado, muito curioso e desajeitado.

Costume – siar pelo mundo para explorar e conhecer novas espécies.

Biótipo – homem de estatura média, que usa normalmente uma roupa e equipamentos de exploração. Cabelos castanhos e que usa óculos de grau. Ele não gosta de lutar e não possui um físico que o permita lutar por muito tempo com alguém.

Característica – apesar de ser muito inteligente e respeitado na sua Universidade e Instituto, ele é bem atrapalhado quando o assunto são novas espécies. Quando ele vê as garotas, fica todo bobo com os poderes e aparência que elas têm.

Nome – homenagem ao nome do meu amigo da faculdade.

## **Sérgio**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – fazendeiro, agricultor e ordenhador de vaca.

Personalidade – bobo, brincalhão e gentil.

Costume – cuidar da família e da fazenda, saindo algumas vezes para vender o que produz em sua fazenda. Além de amar sua família, ele gosta de pregar peças com quem leva em sua carroça.

Biótipo – homem de estatura e físico médio.

Característica – apesar de não ter muito dinheiro, ele consegue tocar uma vida de felicidade e harmonia junto com sua família.

Nome – referência ao nome de meu tio.

## **Estela**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – dona de casa.

Personalidade – doce e gentil.

Costume – cuidar de sua família. Ela é conhecida por sua família por sua deliciosa sopa de cenoura.

Biótipo – mulher adulta de estatura média e que sempre está com roupas simples de fazendeira.

Característica – mesmo vendo seu marido pregar peças nos outros, como uma criança, e Matheus se esconder atrás deles quando vê alguém além deles, ela consegue tocar uma vida tranquila ao lado deles, mesmo que tenha que dar um puxão de orelha nos dois.

Nome – referência ao nome de uma ex-vizinha.

## **Hino Kagayaki**

Ser – mágico.

Espécie – fada.

Subespécie – fada elemental do tipo fogo.

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – dobrar o fogo ou qualquer temperatura elevada.

Personalidade – educado e simpático.

Costume – ajudar a quem precisar, principalmente em casos extremos.

Biótipo – alto e magro como um elfo normal, cabelo vermelho curto, como chamas, e corpo vermelho.

Característica – mesmo sendo uma fada de fogo, ele consegue mudar sua personalidade com experiência e determinação ao longo dos anos.

Nome – seu nome em japonês significa: brilho de fogo.

## **Shira Yuki**

Ser – mágico.

Espécie – fada.

Subespécie – fada elemental do tipo gelo.

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – dobrar o gelo ou qualquer temperatura baixa.

Personalidade – gentil e compreensiva.

Costume – ajudar os outros com seu marido e não costuma falar muito ficando sozinha ou ao seu lado.

Biótipo – alta e magra como um elfo normal, cabelo azul claro e corpo azul um pouco mais claro.

Característica – vendo que Hino era uma boa pessoa (ou fada), mesmo ele sendo uma fada de fogo, ela se apaixona por ele e tem duas filhas.

Nome – seu nome em japonês significa: neve branca.

## **Kuroi Hana**

Ser – demoníaco.

Espécie – súcubo.

Subespécie – súcubo do tipo magia.

Sexo – feminino.

Idade – 5 a 19 anos.

Poder/habilidade – magia.

Personalidade – bondosa e sedutora.

Costume – cativar e seduzir homens para saciar sua sede por sexo.

Biótipo – corpo magro de criança e pequenos chifres (infância), corpo cheio de curvas com seios bem grandes e fartos (adolescência/adulta). Desde criança, ela possui orelhas compridas e pontudas, junto a seu cabelo rosa. Suas asas, calda (com a ponta em formato de coração) e chifres são pretos.

Característica – apesar dela querer se aproveitar dos outros com seu charme, ela é muito gentil e simpática com quem a ajudar com alguma coisa, e ela sempre pensa em ajudar sua irmã quando for necessário (mesmo que seja por algum método que sua irmã não aprove).

Nome – seu nome em japonês significa: flor negra.

## **Shiroi Hana**

Ser – demoníaco.

Espécie – súcubo.

Subespécie – súcubo do tipo velocidade do tipo mira.

Sexo – feminino.

Idade – 5 a 14 anos.

Poder/habilidade – atirar com arco e flecha ou acertar alvos.

Personalidade – tímida, gentil e carinhosa.

Costume – ficar segurando pelos braços um coelho de pelúcia, chamado Momo, possuído por um espírito.

Biótipo – ao contrário de sua irmã, seu corpo não é tão cheio de curvas e ela possui seios bem pequenos (quase planos). Além de ser baixinha e possui duas asinhas de morcego em sua cabeça no lugar de chifre rosa-escuro como suas asas das costas e calda (com a ponta em formato de coração).

Característica – namorar com uma anja cupido, chamada Maria (que é seu verdadeiro amor).

Nome: seu nome em japonês significa: flor branca.

## **Rubens**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – capitão do navio Horizonte Verde.

Personalidade – dedicado, destemido e justo.

Costume – comandar sua tripulação e administrar as vendas e ganhos do porto de Monastel.

Biótipo – homem grande e forte (um pouco gordo) que possui uma grande barba

Característica – com sua forte liderança, todos da sua tripulação, ou quem trabalha para ele, o respeitam (ou até o veneram).

Nome – nome de uma das cidades do jogo Elsword.

## **Katarina**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – dona de bordel.

Personalidade – justa e grossa.

Costume – comandar com mãos de ferro um bordel onde mora, sempre fazendo todos a respeitarem, junto com sua filha Jéssica.

Biótipo – uma velha senhora prostituta.

Característica – para manter a ordem e o respeito entre as prostitutas de seu bordel, ela muitas vezes é bem dura e rígida com elas.

Nome – referência à personagem do jogo League of Legends.

## **Jéssica**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – fazer sexo e atender a todas as ordens de sua mãe.

Personalidade – gentil e curiosa.

Costume – ficar no bordel de sua mãe ou ir para um bar e fazer sexo em seus programas.

Biótipo – uma jovem mulher com um corpo mediano.

Característica – mesmo que sua mãe seja grossa, ela sente orgulho de tê-la como tal.

Nome – referência a uma colega do ensino fundamental.

## **Elisa**

Ser – mágico.

Espécie – gigante.

Subespécie – gigante titã.

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – aumento de força física (aumento dos músculos de todo o corpo) e virar metal.

Personalidade – tímida, medrosa e simpática.

Costume – ajudar nos afazeres de sua vila igual a uma dona de casa.

Biótipo – ela é uma gigante titã com um corpo bem volumoso e magro, com os seios gigantescos e de cabelo púrpura claro.

Característica – apesar de ser um dos guerreiros mais altos e fortes entre os gigantes de sua vila, ela prefere ficar fazendo trabalhos de dona de casa e ajudar aos outros ao invés de entrar para o grupo de guerreiros de sua vila. Ela tem pavor de violência e tenta evitá-la o máximo que puder.

## **Figurantes**

### **Serena Sirem**

Ser – mágico.

Espécie – sereia.

Subespécie – ?

Sexo – feminino.

Idade – 6 a 15 anos.

Poder/habilidade – voz hipnótica e poder ficar quase totalmente em forma humana (exceto suas orelhas de barbatana).

Personalidade – simpática, calma e gentil.

Costume – ficar ao lado de sua meia irmã gêmea Kori. E costuma ser sem noção como sua mãe.

Biótipo – corpo bem parecido com o de sua mãe, apenas usando uma tiara de espinhos de ouro como ela.

Característica – mesmo sabendo das boas intenções de sua irmã, ela tenta timidamente impedi-la de ser violenta, mas normalmente não funciona.

Nome – referência ao nome da personagem do anime de Pokémon XY e XYZ.

## **Chisana Koritohi**

Ser – mágico.

Espécie – fada.

Subespécie – fada elemental de gelo e fogo.

Sexo – feminino.

Idade – 6 a 15 anos.

Poder/habilidade – mesma de sua mãe, exceto que ela não pode virar uma deusa, pois não possui (ou é uma reencarnação) uma “Aura de Deuses”.

Personalidade – fria e explosiva (nervosa).

Costume – apesar de ser fria e muito explosiva, quando o assunto é proteger sua irmã de qualquer perigo (mesmo quando só sendo frescura dela, a maioria das vezes), ela é bem simpática e compreensiva.

Biótipo – é igual a sua mãe quando tinha a mesma idade.

Característica – desde que se deu por gente, ela criou um vínculo especial de amizade tão forte pela irmã que ela se acha no direito de brigar com tudo e todos que ameacem sua irmã. As fadas elementais a chamam apenas de Kori (gelo), por sua personalidade fria com os outros.

Nome – seu nome em japonês significa: pequeno gelo e fogo.

## **Tsuki no Kagayaki**

Ser – mágico.

Espécie – fada.

Subespécie – fada elemental de escuridão.

Sexo – feminino.



Idade – 15 a 41 anos.

Poder/habilidade – dobrar qualquer fonte de escuridão ou sombra e criar escuridão ou sombras em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou qualquer ausência mínima de luz à sua volta.

Personalidade – oculta, tímida e gentil.

Costume – ficar agarrada a qualquer coisa ou ser que lhe dê a sensação de segurança ou felicidade.

Biótipo – como sua irmã, ela possui um corpo magro e baixinho.

Característica – mesmo vendo aquela situação onde Sirena proíbe suas filhas de saírem da Floresta da Harmonia, ela fica apavorada num canto só observando com sua filha.

Nome – seu nome em japonês significa: brilho lunar.

## **Yoru no Kage**

Ser – mágico.

Espécie – fada.

Subespécie – fada elemental de escuridão.

Sexo – feminino.

Idade – 1 a 10 anos.

Poder/habilidade – dobrar qualquer fonte de escuridão ou sombra e criar escuridão ou sombras em si mesma ou à sua volta utilizando o próprio poder ou qualquer ausência mínima de luz à sua volta.

Personalidade – oculta, tímida e gentil.

Costume – ficar agarrada a qualquer coisa ou ser que lhe dê a sensação de segurança e felicidade.

Biótipo – como sua mãe e tia, ela possui um corpo magro e baixinho, como o de uma criança.

Característica – um pouco diferente da mãe, ela é mais curiosa e esperta.

Nome – seu nome em japonês significa: sombra da noite.

## **Pedro Dontin**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – 11 a 47 anos.

Poder/habilidade – príncipe e depois rei de Monastel.

Personalidade – sarcástico e determinado.

Costume – mimado e curioso (infância), comanda a mãos de ferro a sua cidade de Monastel com Hasuno e Chisana.

Biótipo – garoto magro com roupas da realeza (infância), homem de estatura média e gordo (adulto). Seus cabelos são louros.

Característica – desde pequeno, tem um sonho de governar com mãos de ferro e ser o melhor rei de todos de Monastel.

Nome – referente ao imperador D. Pedro I.

## **Donald**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – mordomo/criado do rei que cuidava de Pedro quando era criança.

Personalidade – educado e elegante.

Costume – andar junto, ensinando, brincando e participando da vida de Pedro, como um pai.

Biótipo – homem de meia idade com uma pequena barba em seu rosto, e que vestia um smoking.

Característica – seus pais trabalham há muitas gerações para a família do rei. Por conta do rei e da rainha não darem a atenção necessária a Pedro, ele decide cuidar dele desde os três anos de idade.

Nome: nome muito usado nos EUA.

## **Rose**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – trabalhar como atendente no Ponto de Guilda de Monastel.

Personalidade – gentil, simpática e compreensiva.

Costume – andar vestida com um minishort mostrando suas largas e grossas pernas, uma camisa que mostrava um grande decote que exibia seus vastos seios do tamanho de uma melancia (como Hasuno descreve) e que segurava uma prancheta em suas mãos. Ela também pensava no namorado que talvez fosse conseguir (além de outras besteiras).

Biótipo – mulher jovem e bonita com um corpo grande e magro, de vastos seios e pernas grossas, usando uma roupa de atendente.

Característica – mesmo em meio ao trabalho, tentava ajudar quando via alguém com problemas.

Nome – nome de uma personagem do jogo Elsword.

## **Anna**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – ?

Personalidade – gentil e experta.

Costume – ficar próxima de Rost.

Biótipo – garota jovem e loira.

Característica – gostava de ficar perto de Rost, brincado ou ouvindo suas histórias de como seria um grande herói.

## **Maria**

Ser – divino.

Espécie – anjo.

Subespécie – cupido.

Sexo – feminino.

Idade – ?

Poder/habilidade – atirar com arco e flecha para dar a sensação de amor aos outros, quando uma de suas flechas os atingirem. Suas flechas também tem o poder de curar ou utilizar outras habilidades (e também podem ser usadas como flechas comuns).

Personalidade – alegre, impulsiva e descontraída.

Costume – fazer com que os outros se apaixonem loucamente uns pelos outros ao serem atingidos por suas flechas do amor. Ela também gosta muito de pregar peças em alguém, pois acha isso muito divertido.

Biótipo – estatura meio baixa com corpo médio, andando com uma camisa curta e preta sem manga e gola (que tampa seus seios e vai até uma parte da barriga, a deixando um pouco exposta com o umbigo) com um espartilho que fica por cima da camisa (ele vai desde onde a camisa tampa o seu corpo) e é fechado na frente do corpo, e um short preto bem curto, usando uma bota de pano. Ou ela usa uma roupa de princesa rosa (garota mágica) quando quer ir de cupido.

Característica – ela ama ficar ao lado de sua amante, Shiroi, se beijando, fazendo sexo ou conversando olhando para algo bonito (paisagem ou quando Shiroi vai fazer sexo com alguém para sugar a energia vital).

## Momo e Nono

Ser – mágico.

Espécie – espírito.

Subespécie – ?

Sexo – ?

Idade – ?

Poder/habilidade – possuir outros indivíduos para poder se comunicar e tocar em objetos ou indivíduos sólidos. Possuindo um boneco, é possível criar uma outra dimensão dentro de sua boca, que serve para guardar qualquer coisa.

Personalidade – gentis e curiosos.

Costume – falar o que não devem e ficar ao lado de suas amigas Maria e Shiori. Momo com Shiori e Nono com Maria.

Biótipo – Momo, seu boneco de coelho branco de pelúcia, abre e fecha a boca igual a um fantoche (mesmo não sendo um fantoche), que tem um babado laranja com seu contorno e bolinhas amarelas entre sua cabeça e corpo (ele não tem pescoço), e seus olhos são dois botões pretos costurados por linhas brancas. Nono, seu boneco de coelho de pelúcia, é igual ao de Momo, só que ele não possui babado e seus olhos são duas bolinhas pretas achatadas dos lados com um pontinho branco no meio. Seu rosto e orelha esquerdos são roxos, enquanto tem remendos por outras partes de seu corpo, pois são remendos de outros bonecos nele. Sua boca é costurada, mesmo assim isso não o impede de abri-la.

Característica – agirem que nem crianças, querendo saber de tudo.

Nome – Momo é um nome muito usado em animes. Ex.: a irmã de Lala em To Love-Ru, bichinho de estimação do desenho animado de Avatar: A Lenda de Aang. Nono é o nome usado por um pequeno robô na Cidade de Atlas no jogo Elsword.

## **Caslo Bento**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – animador de crianças, usando marionetes. Principalmente o de foca azul.

Personalidade – alegre e bobo.

Costume – fazer apresentações de marionetes com seu irmão e amigo para crianças.

Biótipo – ?

Característica – gosta de ver os sorrisos das crianças em seus espetáculos, sem se importar com a classe social de cada uma delas.

Nome – Caslo Bento, em referência a Lucas Neto.

## **Carlos Bento**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – animador de crianças, usando marionetes. Principalmente a de coruja colorida.

Personalidade – alegre e boba.

Costume – fazer apresentações de marionetes com seu irmão e amigo para crianças.

Biótipo – ?

Característica – gosta de ver os sorrisos das crianças em seus espetáculos, sem se importar com a classe social de cada uma delas.

Nome – referência a Felipe Neto.

## **Mago Nostalagi**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino.

Idade – ?

Poder/habilidade – magias de ilusão.

Personalidade – alegre e gentil.

Costume – fazer apresentações de adivinhações com sua magia para ganhar uns trocados.

Biótipo – ?

Característica – gosta de mostrar como a magia pode ser utilizada como meio de aprendizagem das coisas.

Nome: referência a Felipe Castanhari do canal Nostalgia do site YouTube.

## **Pais de Hasuno**

Ser – mágico.

Espécie – súcubo e incubo.

Subespécie – súcubo mágica e incubo mágico.

Sexo – feminino e masculino (segue a mesma ordem de subespécie e espécie)

Idade – ?

Poder/habilidade – magia.

Personalidade – gentis e compreensivos.

Costume – tentavam sobreviver junto com sua filha em meio a miséria.

Biótipo – estaturas médias e corpos desnutridos pela fome.

Característica – mesmo não tendo o que comer, eles davam quase tudo o que tinham para sua filha poder sobreviver.

## **Pais de Pedro**

Ser – humano.

Espécie – branco.

Subespécie – ?

Sexo – masculino e feminino (ou vice-versa).

Idade – ?

Poder/habilidade – rei e rainha (respectivamente como o sexo acima).

Personalidade – frios, calculistas e perfeccionistas.

Costume – não dar a atenção necessária para o filho, por conta do trabalho ou por que só o veem como um herdeiro para o trono.

Biótipo – ?

Característica – eles são muito rígidos com seu filho nos estudos e no treinamento para quando ele se tornar o rei de Monastel, sem se importar com seus sentimentos ou juventude.



## Referências e Outros Dados

### Referências

As referências foram necessárias para dar ritmo à história. Aqui segue a lista completa com todas as referências encontradas na história.

1ª – SAIA DAQUI! Seu rato imundo! (página 3) – é uma adaptação de uma frase dita pelo personagem Dio, no jogo de Grand Chase. Frase original: Ah! Some daqui! Verme imundo!

2ª – ... enquanto urubus comiam lenta e dolorosamente meu corpo. (página 5) – é uma referência a um episódio do desenho animado da Liga da Justiça, onde eles veem Lorde Reims (pai de Diana/Mulher Maravilha) ser comido por urubus, enquanto estava acorrentado num lago cheio do seu próprio sangue, enquanto seu corpo se regenerava.

3ª – Já são vinte pessoas mortas só essa semana. (página 6) – é uma referência ao número de pessoas que uma súcubo matou no anime de Kyonyuu Fantasy.

4ª – ALI, ALI! (página 7) – fala do grupo de personagens chamados: ganados, do jogo Resident Evil 4.

5ª – ... rumo ao desconhecido. (página 8) – trecho da frase dita nos finais dos filmes de Jornada nas Estrelas.

6ª – Nossa! Você é mesmo um espanto! (página 15) – homenagem a Zulmira (amiga de trabalho de minha mãe), que normalmente fala isso o tempo todo: você é um espanto!

7ª – E quando percebi, estava dentro de um espaço vazio com uma janela de luz na minha frente que dava para ver o local em que nós estávamos. (página 18) – referência ao terceiro arco da segunda temporada do anime de Sword Art Online, quando a personagem Asuna foi visitar sua amiga, vítima de AIDS, no hospital. E sua amiga fala com ela dentro de uma sala virtual escura, onde só tinha uma janela de luz na frente dela, onde via Asuna pela câmera.

8ª – ... quase cai de tanto virar a cabeça para trás de tão altas que eram as construções, e também de ficar girando de tanto olhar para tudo. (página 22) – referência ao corredor de palmeiras no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

9ª – Sim. Agora espere o escaneamento – nunca tinha ouvido tal frase em minha vida. Quando o símbolo em que minha mão começa a se iluminar cria um pó

brilhante que caia numa espiral em forma de funil, e alimentava um pequeno feixe de luz que saía de uma pequena agulha fazendo uns desenhos numa folha. (página 28) – referência ao mesmo método de escaneamento no anime de “Konosuba”.

10ª – De repente, ela começou a chamar as outras garçonetes – Olhem, olhem! – No mesmo instante, todas as outras pessoas ali dentro do bar escutaram e começaram a comemorar, e nós ficamos meio envergonhadas. (página 29) – referência ao anime de Konosuba, onde a deusa (idiota) Aqua é recebida em uma grande festa na guilda após se registrar e todos verem seus atributos, até começarem a comemorar.

11ª – Vim de um vilarejo próximo às montanhas – Chisana respondeu uma meia verdade. (página 35) – referência a Obi Wan Kenobi, dos filmes de Star Wars, onde ele é conhecido pelos fãs por contar meias verdades para o jovem Luck Skywalker.

12ª – Depois de nos mostrar tudo, fomos descansar um pouco após a viagem. “A noite cai”. Chisana e eu batemos papo deitadas em cima do trigo, rindo e brincando, como duas bobas. (página 37) – o nome em destaque é o mesmo nome de uma coleção de livros no anime de Little Witch Academia.

13ª – AHH... – de repente, os músculos de meu braço começam a dilatar, fazendo um pequeno barulho, como uma batida de tambor. Quando parei de gritar, fui em direção aos monstros e comecei a dar uma sequência frenética e descontrolada de golpes. (página 41) – referência às transformações de super sayajin do anime de DragonBall Z.

14ª – Minha “flor”. Isso é o sinal que você está se tornando uma súcubo completa, e é hora de se alimentar – ela foi curta e grossa. (página 47) – referência à mesma explicação (ou parecida) do anime de Astarotte no Omocha.

15ª – Não! Não! Nunca pensei que esse dia chegaria. Não quero fazer aquilo com ninguém! – fiquei apavorada. (página 47) – referência ao medo e raiva que a personagem Astarotte Lotte Ygvar, do anime de Astarotte no Omocha, tinha com os homens, e por conta disso ela não queria fazer sexo e nem sugar a energia vital deles, mesmo que ela precisasse, mais cedo ou mais tarde, por conta de ser uma súcubo.

16ª – Meus pais só falaram disso uma vez, quando perguntei de onde viam os bebês, mas não explicaram como era feito isso: os bebês nasciam de plantas mágicas ao desabrocharem – Chisana fica tímida e me conta aquilo sem perceber que havia caído na mentira de seus pais. (página 47) – adaptação do que os pais normalmente diziam (alguns ainda devem dizer) aos seus filhos, quando seus filhos perguntavam: de onde veem os bebês? Enquanto os pais respondiam: os bebês são trazidos pela cegonha.

17ª – Eu só vi aquilo uma vez, numa noite em que fiquei sem sono. Vi meus pais fazendo tal ato selvagem bem na minha frente. Gritei muito e tentando correr, pensando que eles iam me pegar para fazer o mesmo, mas depois eles me

explicaram tudo. Que um dia, quando estivesse na puberdade e meus poderes começassem a surgir, eu teria que fazer isso para sobreviver – conto sobre o que tinha presenciado. (página 48) – referência ao momento em que a personagem Astarotte Lotte Ygvar, do anime de Astarotte no Omocha, vai falar com sua mãe, mas quem ela encontra é um dos homens do harém de sua mãe, e que vai na sua frente. Nisso ela presencia sua mãe fazendo sexo e sugando a energia vital dele, bem na frente dela.

18ª – Ela parecia lamber uma folha, como uma abelha tentando abrir suas pequenas camadas até chegar ao pólen. Com a outra mão, pega minha calda e começa a repetir o mesmo, (página 50) – mesmos movimentos que o personagem Rito (ele estava dormindo) fazia na calda da personagem Momo, quando ela deitava ao seu lado, após entrar de mansinho no quarto dele para dormir ao seu lado à noite (sem ele perceber), no anime de To Love-Ru Darkness.

19ª – Eu? Com esse aí? – respondemos com um tom de desgosto. (página 58) – referência às várias vezes em que vários personagens do anime de Pokémon perguntavam para os personagens Ash e Misty se eles eram namorados. E eles ficavam envergonhados e respondiam o mesmo na maioria das vezes: Eu? Com esse aí?

20ª – Ah! Que linda manhã! – ela estica os braços abertos para se espreguiçar e põe um chapéu de palha que Matheus havia lhe dado. (página 64) – referência a quando acordava na casa de meu pai. Ele, na maioria das vezes, abria a janela e dizia: bom dia, dia! Mesmo com o muro do vizinho bem a nossa frente tampando tudo (risos).

21ª – Dim dim dim! – ela, em sua forma de pequena luz, começa a fazer pequenos sons, como as de um sininho. (página 68) – referência a como os humanos escutam a personagem Sininho, das histórias de Peter Pan, falar.

22ª – “Flor” – falei mentalmente com ela. Pensei no verdadeiro significado da palavra: herói. Não era apenas alguém que sempre está lá a disposição para salvar as pessoas quando o chamassem, sempre esperando ou ganhando algo em troca: dinheiro, recompensa, riqueza, título ou honra. O herói de verdade ajuda os necessitados quando puder, sem esperar algo em troca, a não ser saber que ajudou e que fez a diferença. (página 72) – referência à mesma questão aborda em certas obras de filmes, desenhos animados e livros de fantasia e aventura.

23ª – Com um único golpe, a criatura colossal é esmagada por meu punho e “*explode em mil pedaços*”. (página 75) – a frase em destaque é muito usada no anime de DragonBall Z.

24ª – Tenha paciência. Eles são bem fortes e experientes, e podem nos ajudar a levantar esse muro – “*calmo, como a brisa do mar*”, o garoto continua a tentar acalmar o homem. (página 84) – a frase em destaque é adaptação da frase redublada do personagem Sieghart, do jogo de Grand Chase. Frase original: seus ataques são gentis, como a brisa do mar.

25ª – Sim. Mas você deve tomar cuidado com eles. Você pode acabar machucando alguém. Uma coisa que meus pais sempre me diziam, era: “*grandes poderes, grandes responsabilidades*” – ela me dá mais bronca, como se fosse meus pais. (página 85) – a frase em destaque é usada em muitos filmes e séries de super heróis.

26ª – Que calda maravilhosa – ela massageia a ponta de minha calda que tinha um formato de coração. (página 89) – baseado no mesmo formato da ponta de calda das personagens: Lala, Momo e Nana, do anime de To Love-Ru.

27ª – Está gostosinho? – ela pergunta. (página 89) – essa pergunta foi criada durante um passeio que fiz com minha mãe e outros parentes, em que um deles (uma prima) vinha descendo as escadas de casa comendo que nem uma porca, e minha mãe faz essa pergunta a ela.

28ª – Sim. Está muito gostosinho. (página 89) – resposta à pergunta da referência 27, que minha prima de boca cheia deu a minha mãe.

29ª – UOO... OS “CAÇADORES” ESTÃO SE APROXIMANDO DA CIDADE! – a sirene faz um grande barulho, enquanto uma das atendente do Ponto de Guilda anunciava –TODOS OS HERÓIS DISPONÍVEIS, VÃO PARA O PORTÃO PRINCIPAL DA CIDADE, E NOS PROTEJAM! (página 89) – referência à sirene usada para avisar que o inimigo se aproximava, no episódio 10 do anime de Konosuba.

30ª – Garota boba. “*Nem deu pro cheiro*” – ele diz isso apontando sua espada entre os peitos dela. Depois de olhar para ela, ele vai em direção à cidade. (página 91) – a frase em destaque é originária do personagem Sieghart, do jogo de Grand Chase.

31ª – “*Seu verme*”. Vou te quebrar e devorar cada parte do seu corpo, até não sobrar nenhum osso! – ele fica com muita raiva e parte em minha direção. (página 93) – frase em destaque é usada pelo personagem Vegeta, do anime de DragonBall Z, na maioria das vezes que se refere a alguém desprezível.

32ª – HEY, MAGO! Qual é o poder de luta dessa garota? – ele pergunta espantado a seu companheiro. (página 94) – referência à pergunta feita pelo personagem Nappa, do anime de DragonBall Z, para o personagem Vegeta, após testemunhar o grande poder do personagem Goku.

33ª – HÃ?! É de mais de... – Chisana o interrompe, enquanto luta. (página 94) – adaptação da resposta do personagem Vegeta ao personagem Nappa, citada na referência 32, após quebrar o seu comunicador, vendo o grande poder do personagem Goku. Frase original: Hã? É de mais de oito mil!

34ª – Pessoas podem viver sem amigos. Amigos não são como o ar ou a água, eles estão mais para bens de luxo. Se você tem amigos, você terá uma vida plena, e se você não tiver, você pode ainda administrar isso de alguma maneira. Não é diferente do café ou do charuto... em outras palavras, seus amigos de hoje, podem até mesmo te prejudicar. Você não precisa se preocupar com os amigos que estão ao seu redor. Se você está com medo da solidão, morra jovem.

Gaste seu tempo com outras preocupações. Pense e reflita sobre o que você quer – ela respira fundo e fala para mim olhando para o alto. (página 103) – frases ditas por uma personagem (uma senhora) do anime de Denpa Onna to Seishun Otoko, no episódio 6, para o rapaz (protagonista).

35ª – Pensamento positivo! – fico confiante, mas com um leve toque de desconfiança. (página 105) – fala da personagem Lux, do jogo de League of Legends.

36ª – Quando me deparo com suas memórias, percebo que estava dentro de uma sala igual a de Chisana. Só que desta vez, eu estava flutuando e vendo esferas luminosas mostrando suas memórias passando por mim. (página 107) – referência na qual a personagem Akko vê suas memórias em esferas luminosas no anime de Little Witch Academia.

37ª – Solte ela! – ele é arremessado e humilhado, enquanto via sua amiga sendo estuprada e sufocada até a morte pelos heróis que riram dele antes. (página 110) – frase dita pelo personagem Jack, para um homem que estava sobre o corpo da personagem Rose, para poder usar, como salva-vidas, na água fria e mortal onde todos os sobreviventes do navio Titanic estavam, no filme de Titanic. Jack dá um soco e resgata Rose.

38ª – Tá! – não tinha escolha. *“Quem sai na chuva, é para se molhar”*, era o que meu pai sempre me dizia. (página 112) – a frase em destaque foi dita pelo personagem Leonard McCoy, após o personagem almirante Kirk receber a notícia da personagem Uhura sobre uma mensagem de uma antiga companheira, no filme de Star Trek 2: A Ira de Kan.

39ª – Vocês súcubos são especialistas em entrar discretamente – ela queria me convencer a ir na *“toca do leão”*, de qualquer maneira. (página 112) – a frase em destaque é dita pelo pai de Indiana Jones quando ficaram decidindo para onde ir olhando para as placas. Indiana diz para seu pai que era loucura e que iriam parar na toca do leão se fossem para Berlin, no filme de Indiana Jones e a Última Cruzada.

40ª – Eu sou Rubens, o capitão desse navio, “Horizonte Verde”– ele se apresenta. (página 120) – Rubens é o nome de uma das cidades do jogo de Elsword, enquanto Horizonte Verde é uma referência ao clarão verde que surge no horizonte quando se sai do mundo dos mortos para o mundo dos vivos pelo mar, no filme de Piratas do Caribe 3 no Fim do Mundo.

41ª – Você não entende mesmo, “flor”? É muito mais agradável escutar um agradecimento do que um pedido de desculpa. Eu fiz isso... porque eu queria te ajudar, não porque eu queria um pedido de desculpa. Tá? – ela sorri para mim deitada, como uma linda margarida. (página 127) – fala dita pela personagem Emilia para o personagem Subaru no episódio 8 do anime de Re: Zero.

42ª – Sabia que se você repetir muitas vezes a mesma palavra, ela acaba perdendo o seu significado? – sua gentileza, seu carinho e sua voz me deixavam muito feliz. (página 127) – frase dita pela personagem Kazuki, irmã mais velha

de Yuuji, para a personagem Amane, após um incidente de ônibus no episódio 10, no anime de Grisaia no Kajitsu. Frase original: quanto mais você se desculpa, menos valor tem cada desculpa. Obs.: não só no anime, como em qualquer lugar, normalmente se diz também isso: dizer (ou repetir) uma palavra muitas vezes seguidas, a faz perder seu significado (ou sentido).

43ª – MONSTRO! MONSTRO! – o marinheiro pendurado no alto do maior mastro do navio avisa. (página 127) – referência ao ataque do submarino Náutilus ao navio onde estavam os protagonistas do filme de 20.000 Léguas Submarinas, de 1954.

44ª – Eu estou com um mau pressentimento sobre isso – um marinheiro fala. (página 127) – frase dita (pelo menos uma vez) em todas as mídias de StarWars que existem.

45ª – N-n-não pode! Snif! Não pode! – Chisana fica desesperada com a atitude de sua antiga amiga domada pela marca do rei demônio. (página 129) – referência a frase dita pelo personagem Obi Wan Kenobi, após ver pelas gravações de segurança o personagem Anakin Skywalker matar a sangue frio todos os jedi e padawans do templo jedi de Coruscant, no filme de Star Wars episódio 3: A Vingança dos Sith. Frase original: Não... não pode.

46ª – Não se lembra de mim? Por que está fazendo isso? “*Você era como uma irmã para mim*”. E você era gentil, não matava e nem feria nenhum ser – ela tenta trazê-la de volta. Ao mesmo tempo tenta congelá-la. O poder congelante era tão grande que o tempo fecha e começa a congelar rapidamente. (página 130) – a frase em destaque é um adaptação a quando o personagem Obi Wan Kenobi vê o personagem Anakin Skywalker caído no chão do planeta Mustafar, após ser cortado pelo sabre de luz. Frase original: você era como um irmão para mim!

47ª – Pode dormir – papai era muito gentil. Ele lança uma pequena esfera de luz no meio do lago, para poder visualizar melhor. (página 138) – referência à cena do filme de Harry Potter e o Enigma do Príncipe, onde o personagem Dumbledore lança uma pequena esfera de luz no meio do lago dentro de uma caverna onde achava ter encontrado mais uma horcrux.

48ª – É bem simples: coloco esses três dados dentro desse copo e chacoalho. Boto o copo virado para baixo na mesa e tentamos adivinhar quais os números que vão estar nos dados. Caso ninguém acerte, valerá os ou o valor mais próximo. Entendeu? – ele explica ainda um pouco desconfiado. (página 144) – mesmo jogo que a tripulação do navio Holandês Voador jogava, no filme de Piratas do Caribe 2 e 3.

49ª – O que? Eu venci? – apesar de possuir um corpo bem desenvolvido, Sirena tinha a mentalidade de uma criança boba. (página 144) – mesma personalidade (tirando a inteligência) da personagem Lala,, do anime de To Love-Ru.

50ª – Haha! Muito fácil – ele zomba dela ao vencer. (página 146) – frase dita pelo personagem Lass, do jogo de Grand Chase.

51ª – É sim. Esse daqui é meu amigo, Gusmão. Foi sorte ele ter ouvido meu chamado e estar próximo – ela acaricia aquela criatura assassina. (página 149) – mesmo nome do gato vira-lata (preto e branco) de minha falecida avó paterna.

52ª – Procuramos algo que não fosse tão ruim quanto aquilo tudo. Vimos na fachada “*Hotel Beizola*”... (página 159) – o nome em destaque é uma referência ao nome de um dos personagens da série “A Grande Família”.

53ª – Me desculpem pelas atitudes dela. Eu sou Katarina, dona e chefe desse bordel. Jéssica, as acompanhe até seu quarto – ela botava respeito nas suas prostitutas, e mesmo assim conseguia ter empatia conosco. (página 162) – Katarina é o mesmo nome de uma personagem do jogo de League of Legends, enquanto Jéssica é o nome de uma colega do ensino fundamental.

54ª – Ficamos com vergonha com todos aqueles olhares sobre nós. Ao terminarmos, Jéssica nos leva para nosso quarto. Ele ficava no segundo andar. Quando entramos vimos que estava um pouco bagunçado. Provavelmente alguém havia terminado de transar ali e cheirava à umidade. Tinha uma cama de casal num canto e uma mesa com cadeiras num outro lado. Ao nos aproximarmos da mesa para sentarmos sentimos um forte odor de vinho. Suas janelas eram tampadas por uns pedaços de madeira que só dava para ver umas pequenas frestas. (página 163) – referência ao bordel em que o casal de protagonistas foi, na série Outlander.

55ª – Contamos mais algumas histórias sobre nós três para Jéssica, até chegarmos num bar escondido num beco. Era cheio de esgoto e lama, mas mesmo assim entramos. Quando entramos, vimos várias pessoas gritando e bebendo ao som de música. Outras estavam jogando cartas ou sinuca. (página 164) – referência ao bar onde o personagem Sherlock Holmes e seu companheiro Watson estão, no filme Sherlock Holmes 2: O Jogo de Sombras.

56ª – Você? Uma garotinha? Essa ninfeta não dá nem pro cheiro! – ele me ofende no meio da multidão. (página 170) – adaptação da fala do personagem Sieghart, do jogo de Grand Chase. Fala original: nem deu pro cheiro!

57ª – Dor e Desespero (página 174) – referência à sequência de ataques (ou combo) realizadas pelo personagem Ain Chase Ismael, em sua classe alternativa “apostasia”, no jogo de Elsword.

58ª – Oi, meu amor – Chisana faz “*dengo*” com a menina. (página 187) – a palavra em destaque é uma expressão íntima de felicidade entre minha mãe e eu, quando eu era mais novo (criança).

59ª – Hum... Huum... ah! – ela revela suas asas, dobrando seus braços para trás, encostando seus cotovelos em suas costelas, com as mãos e olhos fechados, parecendo que ia cagar em pé. (página 190) – referência à mesma pose que os personagens de DragonBall Z fazem para liberar ou conseguir mais poder. Isso também é feito em várias outras obras.

60ª – Por favor, NÃO! – ela implora desesperada. (página 195) – fala dita pelo personagem Darth Sidious, que estava caído não chão e encurralado na parede

pelo personagem Mace Windu, que iria executá-lo. Mas é salvo por Anakin Skywalker, que corta as mãos de Mace Windu com o sabre de luz, no filme de Star Wars episódio 3: A Vingança dos Sith.

61ª – Isso, minha criança! “Ótimo! Ótimo!” – ele insiste. (página 198) – palavras ditas pelo personagem Darth Sidious, quando vê o personagem Luke Skywalker lutar contra o personagem Darth Vader, no filme de Star Wars episódio 6: O Retorno de Jide.

62ª – Isso! seus pensamentos a traem. (página 198) – adaptação da frase dita pelo personagem Drath Vader ao ler a mente do personagem Luke Skywalker na torre da segunda estrela da morte, no filme de Star Wars episódio 6: O Retorno de Jide. Frase original: sim... Os seus pensamentos o traem.

63ª – Venha para o lado sombrio e juntos vamos descobrir o paradeiro de seus pais – a cada momento que passava, caia mais e mais, em suas palavras. (página 198) - adaptação da frase dita pelo personagem Darth Sidious, que tenta convencer o personagem Anakin Skywalker a ir para o lado sombrio da força, no filme de Star Wars episódio 3: A Vingança dos Sith. Frase original: Aprenda o lado sombrio... e você será capaz de salvar sua esposa... de uma morte certa. ... mas se nós trabalharmos juntos... sei que poderemos descobrir o segredo.

64ª – Pobre garotinha! Se não você não se converter, irá morrer! – ele me ameaça. (página 198) – adaptação da frase dita por Darth Sidious, quando vê que Luke Skywalker não iria se juntar a ele, no filme de Star Wars episódio 6: O Retorno de Jide. Frase original: se você não se converter... então, será destruído.

65ª – Que seja, sua pirralha! – ele tenta me prender em suas correntes sombrias. (página 198) – continuação da cena anterior retratada na referência 64. Frase original: então, que seja, jedi!

66ª – Pobre súcubo! Só depois de morrer vai compreender o quão grande é o lado sombrio! Você será minha, uhaha! – sua aura maligna some aos poucos. (página 198) – continuação da mesma cena retratada na referência 63 e 64. Frase original: jovem tolo. Só agora, perto do fim... entendera.

67ª – Eu vou te procurar... eu vou te achar... e vou te matar! – falo bem ofegante ainda na mente de Sebastian. (página 199) – frase dita no telefone pelo personagem Bryan Mills para o sequestrador de sua filha no filme: Busca Implacável.

68ª – “Boa sorte”! UHAha... – essas foram suas últimas palavras antes de sumir completamente. (página 199) – a frase em destaque foi dita pelo sequestrador da filha de Bryan Mills ao telefone, logo após a frase da referência 67.

69ª – Até você, “Flor”? Minha amiga! BUAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA! – ela grita bem alto ajoelhada no chão com as pernas quebradas. (página 199) – adaptação da frase dita por Júlio Cesar (imperador de Roma), após reconhecer seu filho entre os homens que o matavam. Frase original: Até tu Brutus, filho meu!



70ª – O acompanhamos, mas quando chegamos, vimos uma aura sombria sair de sua boca. De repente, um tentáculo preto sai perfurando sua barriga e começa a rodeá-lo. O tentáculo abre um olho no meio dele mesmo e nos observa rapidamente. O corpo de Gustaf é então rasgado ao meio, mesmo assim ele parecia estar vivo. O monstro começa a tomar forma e cria uma boca e dentes onde seria o ombro dele. No final, quando já estava todo desenvolvido, só restou uma parte do rosto de Gustaf com a boca aberta e quebrada, parecendo uma espinha do ombro do monstro. Seus braços eram de tentáculos e seus olhos surgiam da boca que ficou na barriga. (página 200) – referência às pessoas que se transformaram em monstros na primeira temporada do anime de 7 Pecados Capitais.

71ª – Não! Não pode! – ela fica ajoelhada inconformada, tremendo seu rosto com o choque emocional. (página 202) – referência à frase dita pelo personagem Obi Wan Kenobi, após ver pelas gravações de segurança Anakin Skywalker, matar a sangue frio, todos os jedi e padawans do templo jedi de Coruscant, no filme de Star Wars episódio 3: A Vingança dos Sith. Frase original: Não... não pode.

72ª – O que houve? – ela acorda com suas mãos segurando minha calda, enquanto a lambia, abrindo-a como se fosse uma flor. (página 208) – mesmos movimentos que Rito (ele estava dormindo) fazia na calda da personagem Momo, quando ela deitava ao seu lado, após entrar de mansinho no quarto dele para dormir ao seu lado à noite (sem ele perceber), no anime de To Love-Ru Darkness.

73ª – Vocês demoraram muito de novo – Raphael, um jovem guerreiro forte e experiente, que sempre nos chamava na pousada quando tínhamos que combater o exército do rei demônio de manhã cedo. Algumas vezes era para irmos em missões normais junto a um pequeno grupo formado por ele. (página 208) – nome do meu primo mais velho. Na história, troquei a letra “F” pelo “PH” (popularmente conhecido como: “PH” de farmácia).

74ª – É! E QUAL SUA PROFISSÃO? – ela grita bem alto no meio da multidão – HAU! HAU! – ela fica bem empolgada. (página 210) – mesma frase dita pelo personagem Leônidas, e logo depois, seus 300 soldados gritam: hau! Hau!, no filme de 300.

75ª – Ao chegarmos na terra dos gigantes, percebemos que estava tudo desértico. Eles moravam nas altas montanhas de Mumbos. (página 211) – mesmo nome do feiticeiro caveira dos jogos de Banjo-Kazooie.

76ª – Agora vou me divertir um pouco com vocês – ele levanta de seu trono e vem andando em nossa direção, estendendo sua mão para pegar uma espada demoníaca que surge e vem em sua direção. (página 220) – mesmos movimentos feitos pelo personagem Solace, quando vai enfrentar o Grupo de Busca de El, no jogo de Elsword.

77ª – Haha. Inseto – ele aperta seu pescoço a fazendo perder as forças e parar de queimar a sala. (página 221) – frase muitas vezes dita por Vegeta a indivíduos que ele considera desprezíveis no anime de DragonBall Z.

78ª – O passarinho ainda continua cantando – ele pisa no rosto dela. (página 221) – frase dita no anime de Happy Sugar Life, pela tia (maluca) da protagonista de cabelo rosa.

79ª – Suas, suas! – a aura sombria dele começa ficar mais forte e ele começa sair dos destroços devagar – “*Gostaram de sua jornada*”? Agora a brincadeira acabou! – ele estava furioso, seus olhos brilhavam um vermelho sangue e se preparava para nos atacar. (página 222) – a frase em destaque foi dita pelo personagem Solace, no jogo de Elsword, antes de atacar o Grupo de Busca de El.

80ª – Nunca irei me unir a você! – falo para ele. (página 222) – frase dita pelo personagem Luke Skywalker para o personagem Darth Vader, no filme de Star Wars episódio 5: O Império Contra-ataca.

81ª – Uahaha! – ele cria umas espadas iguais as suas e as lança no chão. (página 222) – ataque usado pelo personagem Solace em sua batalha no jogo de Elsword. Só que as dele eram vermelhas, e outras brancas.

82ª – Ele fecha sua mão que não segurava sua espada, e uma grande explosão acontece. Suas chamas nos atingem, e nos queimam. (página 222) – outro ataque do personagem Solace, do jogo de Elsword.

83ª – BUAAAAAAAAAAAAARRRRR! – surge da fumaça um ser monstruoso e colossal gritando e babando gosma preta. Ele era um coelho gigante e preto com mãos gigantes e pernas pequena em relação ao seu corpo. Seus olhos eram amarelos e pequenos, sua boca cheia de dentes afiados, com alguns para o lado de fora da boca. Suas orelhas se alongavam ainda mais a partir de sua cabeça e terminavam com três pontas. Seu grito fazia tremer tudo. Para o seu tamanho, ele andava bem devagar. (página 241) – inspirado na forma vírus de cherubimon do anime de Digimon 4 (Frontier).

84ª – O que houve? Esses cachorros estão com medo? – mesmo assim eles entram. Não demorou muito para se perderem e depois serem transportados por onde entraram. Tive sorte em encontrar por um acaso o caminho certo. (página 241) – referência a Woods of Mystery, do jogo de Zelda Majora's Mask, onde Link tinha que descobrir qual era a passagem certa, e se errasse, ele sairia por onde entrou. No caso dessa história, o labirinto era formado por uma névoa, e não por passagens.

85ª – Você já fez tanto... – minha mãe fala tossindo. (página 243) – referência a quando a mãe do personagem Anakin Skywalker o revê dentro da casa de seus sequestradores, no filme de Star Wars episódio 2 Ataque dos Clones.

86ª – O que foi que eu fiz? – aos poucos, minha aura de deusa vai sumindo com minha super força e vou voltando ao normal. (página 245) – fala dita pelo personagem Anakin Skywalker, após ver que matou o personagem Mace Windu, no filme de Star Wars episódio 3: A Vingança dos Sith.

87ª – Eles eram como animais! E eu os matei como se fossem animais! Snif – continuo a chorar na sua frente. (página 246) – mesma fala dita por Anakin

Skywalker, após matar todo o grupo do povo da areia que havia feito sua mãe de refém, no filme: Star Wars episódio 2: Ataque dos Clones.

88ª – Ao caminhar, percebo que sua grama macia e fofinha brilhava por onde eu pisava (página 248) – referência à grama do filme Avatar, que também brilhava à noite por onde os indivíduos pisavam.

89ª – Deuses de descendência pura de deuses, não podem ser mortos. O único jeito deles morrerem ou desaparecerem, é se todos os seus poderes forem consumidos por completo de seus corpos. (página 256) – referência à morte dos deuses gregos no filme: Fúria de Titãs 2.

90ª – Olá, muito prazer, sou Rogers Martins, professor, médico e diretor da Universidade de Lasto e representante do Instituto de Pesquisa, Estudo e Compreensão das Espécies, o “I. P. E. C. E.” – ele se apresenta formalmente. (página 273) – homenagem ao nome de meu amigo da faculdade, de mesmo nome: Roger. Só acrescentei um “S” para dar uma pequena diferença.

91ª – Parece que ele dormiu bem, “flor” – ela fala comigo em pé e agarrada a mim, segurando as mãos uma da outra, enquanto o observamos atentamente em frente da cama.

– Sim, “flor”. Parece que sim – respondo com ainda nós duas agarradas uma a outra e olhando para ele. (página 275) – referência à mesma pose feita pelas empregadas demoníacas Ram e Rem, toda vez que Subaru acaba de acordar na cama da mansão, após voltar no tempo, logo após ser morto (de novo) no anime de Re: Zero.

92ª – Vai meu pangaré! OH! Meu pangaré! – sua música era linda apesar de ser meio desafinada. (página 292) – referência à mesma música cantada pelo personagem pica-pau, nos episódios em que ele aparecia feliz com seu cavalo, no desenho animado de Pica-pau.

93ª – Papai, mamãe, preguiçosos, ACORDEM! – elas acordam bem animadas quase nos puxando da cama, tentando nos acordar. (página 309) – costumava fazer isso com minha mãe, quando era criança.

94ª – EBA! Estou voando! Papai, estou voando! – ela abre seus braços bem alegre. (página 310) – referência à cena do filme de Titanic, onde o casal Jack e Rose vão até a proa do navio, imaginar que estão voando.

95ª – Andando mais um pouco chegamos a uma barraca de arremessar argolas, administrada por dois homens gordos. Um parecia estar sério e o outro era bem animado...

– LAMBA LAMBA LAMBA! – o homem gordo animado de trás do balcão gritava tanto que nem conseguia diferenciá-lo do sino que balança, ao ver que ela havia ganho um dos prêmios especiais dali.

– Meus parabéns meu anjo! Pode escolher qualquer um dos prêmios! – o homem gordo sério estende o braço, abrindo a mão indicando todos os prêmios. (página 312) – homenagem ao canal Jovem Nerd, do site: YouTube. O homem gordo e

sério é uma homenagem ao Azaghal, enquanto o homem gordo animado é uma homenagem ao Alottoni. O que o homem gordo animado diz, é uma adaptação do que Alottoni diz ao começar um vídeo em seu canal, no qual a frase original é: LAMBA, LAMBA, LAMBA, NERDS! Bem-vindos a mais um Nerdplayer (NerdOffice ou qualquer outro tipo de entretenimento no canal Jovem Nerd).

96ª – E-eu quero aquele – ela aponta para um pequeno coelho branco de pelúcia que abria e fechava a boca igual a um fantoche (mesmo não sendo um fantoche) que tinha um babado laranja com seu contorno e bolinhas amarelas entre sua cabeça e corpo (ele não tinha pescoço), e seus olhos eram dois botões pretos costurados por linhas brancas. Era bem bonitinho. (página 313) – referência ao fantoche usado pela personagem Yoshino, no anime de Date a Live.

97ª – Quem quer aprender brincado? Eu sou o mago Nostalagi, e duvido alguém conseguir acertar minhas adivinhações! – o mago se apresentando. (página 314) – homenagem ao apresentador Felipe Castanhari do Canal Nostalgia, do site: YouTube. Para chegar a esse nome, basta pôr o último “A” depois da letra “L”.

98ª – Oh, criançaDA! Venham ver o espetáculo de marionetes dos “Irmãos Bento” – um homem fantasiado como um leão gritava bem alto – É gratuito! Podem vir e se divertir!

Muito bem gente! Eu sou Caslo Bento – o homem em frente a um pequeno palco de fantoches fala.

Olá! E eu sou Costa Bento, e sejam bem-vindos ao nosso espetáculo de fantoches! – o outro irmão se apresenta. (página 315) – homenagem aos irmãos Neto, dos canais Felipe Neto, Lucas Neto e Irmão Neto, do site: YouTube. O homem fantasiado de leão é uma homenagem a todos os assistentes dos dois que aparecem em seus vídeos (Bruno, Ninguém Liga e Roni). Lucas Neto, é representado pelo Caslo Bento. Para chegar a esse nome, basta trocar o “LU” de posição com o “CAS”, e depois trocar o “U” pelo “O”. Felipe Neto é representado pelo Costa Bento. Esse nome foi totalmente aleatório (só para rimar com o outro), enquanto que para seus sobrenomes basta trocar a letra “N” com a letra “E” e acrescentar um “B” na frente do sobrenome, sendo uma referência ao nome “Chico Bento”.

99ª – Obrigado por assistirem nosso espetáculo e até a próxima! REBUI! – apesar de não ter entendido a última parte que disseram após fazerem um gesto com as mãos em frente do seu pescoço com uma careta, achei bem divertido, e vi que todas as crianças se divertiram e aprenderam com eles. (página 316) – referência ao mesmo gesto feito e criado por Felipe Neto. A palavra original seria: rebuliço. Que foi encurtada para: rebui.

100ª – Oi cogumelos! Vamos ver como ficam mais gostosas as comidas com cogumelos? – ele brinca com Shiroy mexendo dois pequenos cogumelos no balcão. (página 317) – homenagem ao canal GuilhermeOSS, do site: YouTube. A frase dita pelo rapaz da barraca de cogumelos é uma adaptação da frase dita pelo GuilhermeOSS, sendo a frase original: fala ai, cogumelos. Só troquei o “FALA AI” por “OI”.

101ª – Irmã... Vai dar certo! – e ela sai voando. (página 325) – referência à frase muitas vezes dita pelo personagem Kirk para o personagem Spock, na série de Jornada nas Estrelas (Star Trek). Frase original: Spock... Vai dar certo.

102ª – Cadê sua força agora? Cadê esse seu poder divino que derrotou o rei demônio? VAMOS, RESPONDA! “*Eu acho graça do seu poder divino!*” – ele me chutava bem forte, com minha força e defesa bloqueadas, sentia completamente seus golpes. (página 331) – frase adaptada da fala do personagem Kirk ao personagem Khan, no filme de Jornada nas Estrelas 2: A Ira de Khan. Frase original: Acho graça do seu poder divino.

103ª – “*Não! O jogo ainda não acabou!*” – eu tento o impedir segurando sua perna – Vou até os confins do mundo, atrás de suas duas filhas, assim como fiz com seus pais e toda a sua raça maldita! Eu irei fazer... o que devia ter feito com você a muito tempo – ele fala ao ver meu desespero. (página 331) – a frase em destaque foi dita pelo personagem Khan, ao ver a nave de Kirk na sua frente, após a dele ser duramente atingida, no filme de Jornada nas Estrelas 2: A Ira de Khan.

104ª – A vingança é um prato que se come frio! – ele me puxa pelos cabelos – E é muito frio na solidão! – ele olha para mim, frente a frente e me larga no chão. (página 331) – frase dita pelo personagem Khan, quando revê a nave de Kirk, antes de atacá-la, no filme de Jornada nas Estrelas 2: A Ira de Khan.

105ª – Não...! Não...! Você não pode escapar! Do coração do inferno... Eu apunhá-lo você... Ah...! Ah...! Pelo bem do ódio... Eu cuspo, meu último suspiro... em você... – falo em meio às chamas que consumiam meu corpo, o vendo ficar cada vez mais distante. (página 332) – últimas palavras do personagem Khan, antes de morrer na explosão de sua nave, pela bomba que ele mesmo ativou para matar todos nas duas naves na nebulosa, no filme de Jornada nas Estrelas 2: A Ira de Khan.

106ª – Depois da despedida, fomos para fora da floresta e faço os mesmos movimentos que usei para sair dali com Hasuno. Quando chegamos em sua cidade natal: Beston, fomos direto para sua família. (página 347) – referência à cidade americana de Boston.

107ª – Então ele convoca vários candidatos homens de várias idades para criar meu grande harém particular que tinha mais de trezentos homens a minha disposição. Cada noite que sentia fome, descrevia para as duas funcionárias encarregadas de administrar meu harém para acharem um pretendente entre eles (que eram todos funcionários do castelo) para transar comigo e saciar minha fome de prazer. (página 347) – referência ao mesmo sistema usado pela mãe da personagem Astarotte Lotte Ygvar, no anime de Astarotte no Omocha. Obs.: sendo que o harém da mãe de Lotte possuía mais de 3.000 homens, enquanto o da Hasuno possuía mais 300.

108ª – Hehe! Oi, Momo! Quem é essa mulher com vocês? – de repente, vejo um outro coelho de pelúcia, só que ele não possuía babado e seus olhos eram duas bolinhas pretas achatadas dos lados com um pontinho branco no meio. Seu rosto

e orelha esquerdos eram roxos, enquanto tinha remendos por outras partes de seu corpo, pois eram remendos de outros bonecos nele. Sua boca era costurada, mesmo assim, não o impedia de abri-la, conversando com Momo. (página 355) – referência ao boneco que a personagem Lala, do anime de To Love-Ru, ganha do personagem Rito, quando vão dar um passeio pela cidade.

109ª – Ela era muito rápida. Ao chegarmos num beco numa área escura da cidade, vejo uma placa com uma imagem de uma súcubo desenhada que dizia: Tentação Violeta, para todas as suas fantasias e prazer. Quando vejo, percebo que era o bordel das súcubos. Shiroi vai na frente e entra. (página 356) – referência ao nome da casa noturna no cartão dado (aleatoriamente), durante o jogo Paper Please, no vídeo do NerdPlayer.

110ª – Sim. Deixamos os clientes sentar ali, enquanto escrevem num panfleto que os entregamos para descreverem qual tipo de sonhos querem ter – Kurio explica.

– E estudamos o que eles pedem, para irmos em suas residências à noite dar o sonho que queriam, enquanto sugamos um pouquinho de suas energias vitais – Shiroi completa. (página 358) – referência ao mesmo sistema usado pelas súcubos no anime de Konosuba.

111ª – Saber que você é diferente, é só o começo. Você se aproxima ou se distancia repetidamente, enquanto percebe as diferenças e então começa a encontrar os aspectos de que gosta, e até começa a ter respeito. E então, criamos confiança e laços. Acreditar que isso vai durar é que é o problema. Eu acredito que vai durar, mas e você? (página 361) – discurso dito pela personagem Kobayashi ao tentar impedir que sua dragão-empregada Tohru, confrontasse seu pai (pai de Tohru), no anime de Kobayashi-san Chi no Maid Dragon.

## Glossário

Mana – é como a energia vital de todos os seres vivos ou de tudo a nossa volta. Só que ela é a fonte de energia essencial para magos, fadas ou outras criaturas mágicas poderem conjurar seus poderes mágicos. Há dois tipos: mana interna, que vem de nós mesmos, e a mana espiritual ou externa que vem do ar ou de outros seres ou objetos inanimados. Como na energia vital, se nós a esgotarmos, podemos desmaiar, ficar fracos ou até mesmo morrer. Cada criatura ou espécie tem seu próprio modo de utilizar mana. O modo mais comum, de liberar ou absorve mana, é através de um portal que criamos em nossos corpos. Existem seis tipos elementais básicos de mana que formam o “Circulo Elemental”: fogo, água, ar, terra, luz e escuridão.

Ponto de Guilda – é uma associação onde são administrados os vários trabalhos exercidos por heróis: guerreiro, mago, arqueiro, espadachim, artesão, vendedor, ferreiro, alquimista, cozinheiro, banqueiro, garçom, dentre outros. Na guilda

também é onde são registradas as missões que os heróis podem fazer para ganhar recompensas, status, títulos e fama.

Monastel – é a maior cidade do continente Mest e capital de um dos reinos humanos, chamado Frast, onde Hasuno e Chisana moraram durante toda sua infância e adolescência, sendo que depois voltam a morar em seu castelo junto ao rei Pedro. E é nela que a central principal e sede das guildas do continente fica.

## Curiosidades

Diversas curiosidades sobre eventos futuros ou sobre coisas do presente da narradora/personagem Hasuno que foram postas de propósito e que quase ninguém deve ter reparado. Bem... aqui estão todas elas:

1ª – Mesmo? Quem bom. “*Tenham*” um bom dia – e os irmão acenam, enquanto saímos de sua pousada. (página 25) – a palavra em destaque refere-se ao momento em que os irmão da pousada mostram já saberem delas duas, mas Hasuno e Chisana nem desconfiam ou prestam a atenção em nada. Futuramente no capítulo 11, eles revelam já saber para elas.

2ª – Se quisermos continuar procurando pelos meus pais, temos que ter dinheiro para irmos para vários lugares – expliquei. (página 25) – elas poderiam ir voando, mas elas preferem ir se alistar, como heroínas, pois não tinham malícia o suficiente para pensar nisso.

3ª – Hihi. Calma. Ainda somos jovens. Quando ficarmos mais velhas, nossos corpos irão crescer e ficar bem grandes – Chisana tentou me animar – E de repente, eles até podem ficar maiores do que os dela – mal sabia ela que estava certa sobre isso em relação ao meu corpo. (página 27) – Hasuno fala de seu próprio corpo atual, enquanto conta a história, e de como ele realmente ficou maior nos seios (e em outras partes).

4ª – Pronto, aqui está seu certificado de herói – informava, enquanto começava a ler as informações que aquele pequeno pedaço de papel continha. (página 27) – elas ganham uma identidade dupla (que servia para ambas), a qual tinha dois símbolos dividindo o mesmo espaço do desenho referente ao herói (igual a foto).

5ª – Você tem muito poder mágico e físico. Fora que possui um grande poder intelectual e possui uma grande facilidade de aprendizado. Sem falar nos seus atributos: fogo, gelo, terra e escuridão, e sua secundária: luz – explicou quase sem ar – É quase como se você fosse duas pessoas num mesmo corpo. Inacreditável! (página 27) – Rose estava tão animada que não terminou de ler o documento e ver o elemento secundário de Hasuno: trevas. Pois seu dedo estava bem encima do nome do elemento dela, mesmo quando chamou as outras para verem. Se ela tivesse lido isso, provavelmente iria ficar apavorada e chamar as pessoas para matá-las.

6ª – Já que você é uma novata... que tal estas missões mais simples para iniciantes? – sugeriu a vaca. (página 30) – Hasuno, mesmo em sua fase adulta, tem uma inveja muito grande pelos enormes seios de Rose. Sempre (ou quase) a chamando na história de vaca ou atendente sem vergonha.

7ª – Continuamos a trabalhar o resto da manhã. Estávamos tão cheios de energia da juventude que não queríamos parar. Apesar de que eu conseguiria arrancar mais espiga e fazer mais rápido do que nós três juntos naquela época com minha força atual. A Chisana, nem tanto, quanto eu, mas faria um pouco mais que ela mesma daquela época. (página 62) – Hasuno sempre gostou de se gabar de sua força, mesmo na história.

8ª – Matheus nos oferece um almoço após o despertar de Chisana: bolo de carne com pedaços de frutas com suco de frutas. Era sua receita secreta. Nunca havíamos comido algo igual. Cada pedaço era mais delicioso a cada mordida e sua vitamina era uma verdadeira cesta de frutas. Sinto saudades de sua culinária e principalmente dele: meu querido e amado Matheus. (página 64) – ela se emociona ao referir-se a quando era casada com ele na sua fase adulta, e que sentia saudades dele, mesmo após sua morte, no capítulo 28.

9ª – Bem... não é bem assim. Se parte do corpo principal estiver intacto, posso restaurá-lo. Mas se o corpo já estiver bem decomposto ou só restarem os ossos, a magia não irá funcionar, – ela explica – e se o indivíduo estiver morto há vários dias ou mais, não poderei ressuscitá-lo, pois a alma demora uns dias ou menos para sair do corpo e ir para o mundo dos espíritos ou ficar vagando pelo nosso mundo esperando reencenar ou possuir alguém ou algo. Mas dependendo de seu estado, gasto mais mana para a magia. Seria bem mais fácil se fosse só um ser, mas dois: um homem e um animal grande. Tive que esgotar toda a minha mana. Por isso desmaiei. (página 70) – essa explicação é essencial para entender o porquê que algumas pessoas ou outros indivíduos não foram ressuscitadas, quando elas usaram seus poderes de deusas para restaurar o mundo no capítulo 23.

10ª – Infelizmente, Chisana não pode ressuscitar ninguém, pois sua mana máxima era muito baixa para fazer isso. Se com uma pessoa e um burro já foi muito difícil a deixando exausta, imagine com várias. (página 92) – Chisana prefere não ajudar, pois teria que escolher entre poucos para poder ressuscitar, e isso (poderia) causaria uma grande confusão entre os escolhidos e não escolhidos por ela.

11ª – É mesmo. Logo, logo, os nossos seios vão ficar gigantescos. Vão ficar até maiores do que aquelas atendentes da guilda – falou isso com uma expressão prazerosa, tocando os seus próprios seios. Em relação aos meus, ela acertou, mas os dela não cresceram muito até agora. (página 95) – Hasuno em meio à história, comenta sobre seu corpo e o da Chisana atuais.

12ª – Eu já até falei com o capitão sobre isso quando zarpamos do porto, e ele disse que não tem problema. Se quiserem um sonho bem gostoso e sexy, é só pedir que ela faz pra vocês, tá? Mas eu não posso me intrometer nisso. Só



assistir. Pensem em mim, como se eu fosse sua dona. Podem transar com ela, como quiserem – essa fada era uma verdadeira safada. (página 115) – Hasuno não perde tempo para falar alguma coisa em relação aos sentimentos, aparência, ou costumes de Chisana. Principalmente, esse que faz um trocadilho com os nomes fada e safada.

13ª – Snif. Obrigada. Snif. Por ser minha amiga! – começo a chorar de emoção ao ouvir suas palavras leves e refrescantes, como o vento. (página 121) – uma coisa que Hasuno costuma fazer é comparar tudo ao seu redor com algo ou alguma coisa que já encontrou ou vivenciou em sua vida.

14ª – Tinham aquelas que possuíam mais de um elemento, como eu que são muito raras. Meus pais sempre diziam que eu era uma benção da deusa Luminos depois que nasci, por ter dois elementos: fogo e gelo. (página 129) – Hino e Shira mal sabiam sobre a reencarnação da deusa Haldia, filha da deusa Luminos, em sua filha mais velha Chisana.

15ª – Os carnívoros possuem todos os dentes pontudos e afiados, enquanto os onívoros só possuem dois dentes caninos pontudos. Esses daqui, oh – Chisana abre sua boca para mostra seus dentes caninos – “*corm porntars*” – ela explica quase não conseguindo falar de boca aberta. (página 143) – a frase em destaque, que Chisana disse com o dedo dentro da boca aberta dela, foi: com pontas. Somente foi acrescentado a letra “r” entre as palavras.

16ª – O que é isso? Festival de ninfetas? Não aceitamos criança! Vamos, saiam daqui! – me sentia sendo expulsa pelo açougueiro. (página 151) – mesmo depois de anos sem revê-lo, Hasuno ainda tinha sequelas da época em que foi humilhada pelo açougueiro.

17ª – Aaaa... aaa... – Rose tenta dizer algumas palavras – aaama mataaa... – ela consegue pedir para matá-la. (página 193) – o que Rose tentou dizer foi: me mata.

18ª – Aaabragada... – a cabeça de Rose cai em frente de sua amiga e lhe diz suas últimas palavras. (página 193) – o que Rose tentou dizer foi: obrigada.

19ª – Babonde babos? – Chisana não escondia seus maus hábitos e falava de boca cheia como eu. (página 199) – o que Chisana tentou dizer foi: aonde vamos?

20ª – Ao pegar no sono, lembro-me de quando fui em minha primeira missão e tive que dormir num depósito que nem aquele. Penso um pouco na minha “*antiga amiga*”, mas tinha que esquecê-la e seguir meu próprio caminho. (página 273) – Hasuno passa a chamar Chisana de: antiga amiga, após se separar ela. Mas depois de reencontrá-la, no final do capítulo 28, volta a chamá-la somente de: Chisana.

21ª – no capítulo 17 (Antes de te Conhecer) e no capítulo 29 (Depois de Você), é possível perceber que quem narra a história não é mais Hasuno, e sim, Chisana.

22<sup>a</sup> – após receber o conselho de Rogers, Chisana guarda no fundo de uma gaveta de sua casa da árvore, o fragmento da ponta do chifre de Hasuno, e nunca mais o vê, ao sair do Lago das Fadas com Rogers. E ela esquece completamente dele (Capítulo 29 – Depois de Você).

23<sup>a</sup> – Usamos umas capas com capuz que havíamos encontrado em casa para cobrir nossos rostos ao passamos pela cidade e acabamos esbarrando naquele garoto – ela explica com uma expressão de desprezo apontando para trás dela. (página 340) – Kori havia usado a roupa de casamento de sua mãe.